

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

WILMA MARIA PEREIRA

**O USO AGRESSIVO DA LINGUAGEM: UM ESTUDO DISCURSIVO-
INTERACIONISTA DA IMPOLIDEZ NOS COMENTÁRIOS DA INTERNET**

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2022

WILMA MARIA PEREIRA

**O USO AGRESSIVO DA LINGUAGEM: UM ESTUDO DISCURSIVO-
INTERACIONISTA DA IMPOLIDEZ NOS COMENTÁRIOS DA INTERNET**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso (2).

Linha de Pesquisa: Estudos do texto e da textualização (2A).

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Ximenes Cunha.

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2022

Pereira, Wilma Maria.
P436u O uso agressivo da linguagem [manuscrito] : um estudo discursivo-interacionista da impolidez nos comentários da internet / Wilma Maria Pereira. – 2023.
1 recurso online (330 f. : il., tabs., p&b.) : pdf.
Orientador: Gustavo Ximenes Cunha.
Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso.
Linha de Pesquisa: Estudos dos Textos e da Textualização.
Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.
Bibliografia: f. 234-240.
Anexos: f. 241-330.
Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Linguística aplicada – Teses. 2. Análise do discurso – Teses. 3. Internet – Aspectos sociais – Teses. 4. Cortesia (Linguística) – Teses. 5. Interação social – Teses. I. Cunha, Gustavo Ximenes. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 418



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

**O USO AGRESSIVO DA LINGUAGEM: UM ESTUDO DISCURSIVO-INTERACIONISTA DA IMPOLIDEZ NOS
COMENTÁRIOS DA INTERNET**

WILMA MARIA PEREIRA

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA DO TEXTO E DO DISCURSO, linha de pesquisa Estudos do Texto e da Textualização.

Aprovada em 25 de fevereiro de 2022, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Helcira Maria Rodrigues de Lima – Presidente da banca/representante do orientador
UFMG

Prof(a). Alexandre José Pinto Cadilhe de Assis Jácome
UFJF

Prof(a). Paulo Roberto Gonçalves Segundo
USP

Prof(a). Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira
UFMG

Prof(a). Jairo Venicio Carvalhais de Oliveira
UFMG

Belo Horizonte, 25 de fevereiro de 2022.

Documento assinado eletronicamente por **Ana Larissa A Marciotto Oliveira, Professora do**



Magistério Superior, em 03/03/2022, às 10:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jairo Venício Carvalhais de Oliveira, Professor do Magistério Superior**, em 03/03/2022, às 11:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Roberto Gonçalves Segundo, Usuário Externo**, em 07/03/2022, às 12:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Helcira Maria Rodrigues de Lima, Professora do Magistério Superior**, em 07/03/2022, às 13:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alexandre José Pinto Cadilhe de Assis Jácome, Usuário Externo**, em 07/03/2022, às 14:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1224689** e o código CRC **7EF394DF**.

AGRADECIMENTOS

Em especial, agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Gustavo Ximenes Cunha, pela generosidade, atenção e parceria na condução deste trabalho de pesquisa. O professor Gustavo Ximenes Cunha é um exemplo de dedicação, competência e excelência!

À Prof.^a Dra. Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira e ao Prof. Dr. Jairo Venício de Oliveira, pelas relevantes e generosas contribuições teóricas, no âmbito dos encontros do Grupo de Estudos sobre Pragmática, Texto e Discurso (GEPTED/UFMG), que auxiliaram o desenvolvimento desta pesquisa.

À minha família, em especial, à minha mãe, que sempre me incentivou e apoiou nos momentos em que mais precisei.

Ao meu namorado, Cláudio Alexandre de Souza, por todo apoio afetivo, orientações, conversas, reflexões sobre a vida e pela parceria de longa data.

Aos meus amigos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas (IFNMG) – Campus Pirapora, Paulo Evaristo Cabral, Jacqueline Alves, Keu Silva, Daniel Bulhões, Regina Vieira e Sônia Serra, por todo apoio, carinho e por sempre acreditarem no meu trabalho.

Ao Instituto Federal de Educação de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas (IFNMG), pela concessão da licença para que esta pesquisa fosse realizada.

Aos meus amigos do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos: Ariana de Carvalho, Sineide Gonçalves, Maíra Santanna e Daniel Martins, pelo apoio, reflexões teóricas e agradável convivência na FALE/UFMG.

RESUMO

Considerando os comentários on-line como um gênero de potencial polêmico propício à materialização de atos impolidos, por geralmente apresentarem pontos de vistas antagônicos, este trabalho tem como objetivo a análise da potencialidade do Modelo de Análise Modular do Discurso (MAM) como abordagem que, articulada a proposições de Culpeper, pode se constituir como uma alternativa significativa para o estudo da impolidez nessa modalidade discursiva. Subjaz a essa proposta de estudo a noção de que a impolidez é um fenômeno social relevante para a compreensão de como os indivíduos se relacionam e, conseqüentemente, de como são estabelecidas as interações humanas no meio digital. Reconhecida a sua relevância, partimos da hipótese de que a impolidez pode ser investigada de forma sistemática a partir do Modelo de Análise Modular do Discurso, considerado apto para o desenvolvimento da pesquisa aqui proposta, por oferecer um aparato teórico-metodológico que permite extrair sistemas de informações simples que, ao serem combinados em formas de organização complexas, possibilitam uma investigação mais abrangente de todo o processo da constituição discursiva das intervenções impolidas. Por isso, na aproximação com a abordagem de impolidez de Culpeper, que oferece relevantes categorias descritivas para o estudo da impolidez, a abordagem modular pode fornecer uma explicação mais efetiva em relação ao impacto que elementos constitutivos das várias dimensões do discurso podem promover na forma como os interactantes agem e reagem na defesa/ataque de suas faces na interação. O nosso objeto de investigação são os comentários impolidos publicados no site G1 de notícias que versam sobre o contexto político. De forma pontual, busca-se analisar de que maneira aspectos situacionais e de composição textual podem ser manejados estrategicamente como dispositivos para a promoção da impolidez. Sendo assim, buscamos demonstrar como os recursos constitutivos do discurso, apurados na análise modular, podem ser utilizados pelos interactantes no gerenciamento impolido das relações de face, lugares e territórios. Para isso, evidenciamos em nossa pesquisa não só as estratégias de impolidez, como propostas por Culpeper, mas também os elementos resultantes do estudo das dimensões situacional e hierárquica e das formas de organização relacional, enunciativa, polifônica e estratégica que são utilizados para promover a impolidez e a gestão de faces na interação. Os resultados obtidos indicam que o fenômeno da impolidez é muito mais complexo do que admite um olhar mais célere em relação à sua constituição e que, sim, o estudo dos mecanismos que a constituem podem ser melhor captados a partir de um modelo de análise mais abrangente, como o Modelo de Análise Modular do Discurso, que possibilitou, por meio da articulação dos diversos planos da constituição discursiva, precisar melhor os efeitos da impolidez para as faces que estão em jogo na interação.

Palavras-chave: Impolidez; Comentários *on-line*; Modelo de Análise Modular do Discurso; gestão de faces, lugares e territórios.

ABSTRACT

Considering online comments as a genre of controversial potential that favors the emergence of impolite acts—as it generally presents antagonistic points of view—, this paper aims to assess the potentiality of the Modular Approach to Discourse Analysis, which, combined with Culpeper's propositions, may become a significant alternative when studying impoliteness in this discursive modality. Underlying the objective of this study is the notion that impoliteness is a relevant social phenomenon for understanding how individuals relate to each other and, consequently, how human interactions are established in the digital environment. After acknowledging its relevance, our initial hypothesis is that impoliteness can be systematically investigated using the Modular Approach to Discourse Analysis. We consider it suitable for carrying out our proposed research since it offers a theoretical and methodological device that enables extracting simple information systems, which, when combined into complex forms of organization, allows for a more comprehensive investigation of the whole discursive constitution process. When approaching Culpeper's model—which offers relevant descriptive categories to study impoliteness—, it is possible to better explain the impact that constitutive elements of the several discourse dimensions may have on how interactants act and react to defend/attack their faces in interaction. Our object of investigation are impolite comments published on the news website *GI* about the political context. Specifically, this study seeks to analyze how situational and textual composition aspects can be strategically handled as devices for promoting impoliteness. We seek to demonstrate how discursive resources, ascertained during the modular analysis, can be used by interactants in the impolite management of relationships between faces, places, and territories. To do so, the research will highlight not only impoliteness strategies, as proposed by Culpeper, but also the elements resulting from the study of the situational and hierarchical dimensions and the forms of relational, enunciative, polyphonic, and strategic organization which are used to promote impoliteness and the management of faces in interaction.

Keywords: Impoliteness; Online comments; Modular Approach to Discourse Analysis; Management of faces, places, and territories.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	As estratégias de polidez de Brown e Levinson	42
Figura 2	O comportamento polido de acordo com o trabalho relacional	50
Figura 3	Arquitetura do Modelo de Análise Modular do Discurso	95
Figura 4	Constituintes e função da dimensão situacional	97
Figura 5	Esquema do processo de negociação	110
Figura 6	Constituintes da forma de organização relacional	114
Figura 7	O esquema para escolha de estratégias segundo Roulet (1980)	124
Figura 8	Esquema geral do processo de negociação no site de notícia G1	142
Figura 9	A estrutura conceitual do comentário 57	153
Figura 10	Estrutura hierárquico-relacional do comentário 57	154
Figura 11	Disposição de informações na estrutura hierárquico-relacional do comentário 177	157
Figura 12	Descrição da análise enunciativa	159
Figura 13	Descrição da ação do comentador no comentário 56	164
Figura 14	Estrutura conceitual do comentário 56	167
Figura 15	Descrição da análise enunciativa do comentário 56	169
Figura 16	Estrutura hierárquico-relacional do comentário 56	170
Figura 17	Relevância das informações no comentário 56	172
Figura 18	As relações discursivas no comentário 56	176
Figura 19	Descrição da ação do comentador no comentário 5	179
Figura 20	Descrição da análise enunciativa do comentário 5	183
Figura 21	Estrutura hierárquico-relacional do comentário 5	184
Figura 22	A hierarquia de informações no comentário 5	188
Figura 23	Descrição da ação do comentador no comentário 225	191
Figura 24	Descrição da análise enunciativa do comentário 225	193
Figura 25	Estrutura hierárquico-relacional do comentário 225	194
Figura 26	Descrição da ação do comentador no comentário 131	200
Figura 27	Estrutura hierárquico-relacional do comentário 131	201
Figura 28	Descrição da ação do comentador no comentário 177	205
Figura 29	Descrição da análise enunciativa do comentário 177	207
Figura 30	Estrutura hierárquico-relacional do comentário 177	208
Figura 31	Aspectos socioeconômicos negociados no comentário 177	211
Figura 32	Descrição da ação do comentador no comentário 67	214
Figura 33	Descrição da análise enunciativa do comentário 67	215
Figura 34	Estrutura hierárquico-relacional do comentário 67	217
Figura 35	Relevância das informações no comentário 67	218
Figura 36	A hierarquia de informações no comentário 67	219
Figura 37	A objeção representada no comentário 67	219
Figura 38	Descrição da ação do comentador no comentário 57	223
Figura 39	Estrutura hierárquico-relacional do comentário 57	224
Figura 40	Estrutura conceitual do comentário 57	226

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	As máximas conversacionais de Grice	27
Quadro 2	As máximas de polidez de Leech	36
Quadro 3	As estratégias de saída de impolidez da abordagem de Culpeper	54
Quadro 4	Revisão da noção de face de Spencer-Oatey	58
Quadro 5	Fórmulas convencionais de impolidez	59
Quadro 6	As formas de organização no Modelo de Análise Modular do Discurso	92
Quadro 7	Componentes da dimensão referencial do discurso	99
Quadro 8	Constituinte da forma de organização enunciativa	121
Quadro 9	<i>Ranking</i> de acesso dos sites de notícia no Brasil	134
Quadro 10	Sistematização de notícias para coleta de <i>corpus</i> no site G1	137
Quadro 11	Notícias selecionadas preliminarmente para constituição do <i>corpus</i>	138
Quadro 12	Organização das estratégias de impolidez para tratamento do <i>corpus</i>	141
Quadro 13	Cômputo dos comentários impolidos	143
Quadro 14	O quadro interacional dos comentários	146
Quadro 15	Representação do quadro acional	149
Quadro 16	Sistematização das relações discursivas e suas respectivas marcas	156
Quadro 17	Sistematização das categorias de análise da forma de organização enunciativa	158
Quadro 18	O quadro interacional do comentário 5	181

LISTA DE ABREVIATURAS

A – Ato

Ap - Ato principal

Arg - Argumento

As - Ato subordinado

C-a - Contra-argumento

Com - Comentário

I - Intervenção

IN - Iniciativa

Ip - Intervenção principal

Is - Intervenção subordinada

Prep - Preparação

RE - Resposta

Ref - Reformulação

Suc - Sucessão

T - Troca

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: ABORDAGENS DE ESTUDO DA IM/POLIDEZ	
1.1 As contribuições de Ervin Goffman para os estudos da im/polidez	21
1.2 A teoria das implicaturas de Paul Grice	26
1.3 As abordagens da chamada “primeira onda” dos estudos da polidez	30
1.3.1 As contribuições de Robin Lakoff	30
1.3.2 A abordagem de im/polidez de Geoffrey Leech	34
1.3.3 A teoria da polidez de Penelope Brown e Stephen Levinson	40
1.3.4 Considerações sobre as abordagens tradicionais de im/polidez	44
1.4 As abordagens da chamada “segunda onda” dos estudos da im/polidez	46
1.4.1 A abordagem discursiva de Richard Watts e Miriam Locher para o estudo da im/polidez	46
1.4.2 A abordagem de Jonathan Culpeper para o estudo da impolidez	51
1.4.3 Considerações sobre a abordagem de impolidez de Culpeper	61
2 A IMPOLIDEZ NOS COMENTÁRIOS EM SITE DE NOTÍCIA	
2.1 O gênero comentário <i>on-line</i> : descrição e definição	64
2.1.1 Os comentários como expressão de opinião	66
2.1.2 Os comentários como modalidade de discurso polêmico: as marcas de impolidez	67
2.2 Panorama dos estudos da impolidez nos comentários em sites de notícias	69
2.3 Considerações sobre as pesquisas de impolidez sobre os comentários em sites de notícias	84
3 O MODELO DE ANÁLISE MODULAR DO DISCURSO: UMA ABORDAGEM COGNITIVO-INTERACIONISTA PARA O ESTUDO DA IMPOLIDEZ	
3.1 Apresentação do Modelo de Análise Modular do Discurso (MAM)	87
3.2 Os módulos e as formas de organização na abordagem modular: descrição do sistema modular	90
3.3 O estudo da dimensão situacional	96
3.3.1 O módulo referencial: os aspectos contextuais da interação	97
3.3.1.1 O quadro acional: o engajamento mútuo dos interactantes	100
3.3.1.2 O componente conceitual: representação e estrutura	103
3.3.2 O módulo interacional: elementos para descrever a materialidade da interação	106
3.4 O módulo hierárquico: descrição dos constituintes da estrutura textual	110
3.5 A forma de organização relacional: as relações ilocucionárias e interativas	114
3.6 As formas de organização enunciativa e polifônica: a representação de vozes no discurso	118
3.7 A forma de organização estratégica: o estudo das relações de face, lugares e territórios	122
3.8 Considerações sobre o Modelo de Análise Modular do Discurso para o estudo dos comentários	129
4 METODOLOGIA	

4.1	Seleção e coleta de <i>corpus</i>	132
4.1.1	Critério para a seleção do <i>site</i> de notícia: a representatividade	133
4.1.2	Critérios para a seleção de notícias: a temática política	135
4.1.3	Critério para a seleção da notícia e sua respectiva cadeia de comentários	137
4.2.1	Critério para a seleção dos comentários: as marcas de impolidez	139
4.2	Percurso de análise: descrição dos módulos e formas de organização para o estudo dos comentários	144
4.2.1	O estudo da dimensão situacional: os aspectos referenciais e interacionais dos comentários	145
4.2.2.1	O estudo do módulo interacional: o quadro interacional	145
4.2.2.2	O módulo referencial: o <i>quadro acional</i> e a <i>estrutura conceitual</i>	148
4.2.2.3	O quadro acional: considerações sobre as ações dos comentadores	149
4.2.2.4	A <i>estrutura conceitual</i> : considerações sobre os conceitos mobilizados nos comentários	152
4.2.2	O estudo do módulo hierárquico: a hierarquia das informações	154
4.2.3	A forma de organização relacional: o estudo das relações discursivas	155
4.2.4	O estudo das formas de organização enunciativa e polifônica	157
4.2.5	O estudo da forma de organização estratégica	159
5	ANÁLISE	
5.1	Análise do comentário 56: as estratégias de nomeação depreciativa/xingamento	163
5.1.1	O emprego de nomes depreciativos/xingamentos: a representação conceitual	165
5.1.2	A apropriação de outras vozes: as informações enunciativas e polifônicas	168
5.1.3	A acoplagem das informações hierárquica, relacional, referencial e enunciativa	170
5.1.4	A forma de organização estratégica: a gestão das faces	173
5.2	Análise do comentário 5: a estratégia de acusação/suspeita	178
5.2.1	O enquadre interacional: considerações sobre a materialidade da interação	180
5.2.2	Análise da forma de organização enunciativa e polifônica: apropriação e função de outras vozes no discurso	182
5.2.3	A acoplagem das informações hierárquica, relacional e enunciativa	184
5.2.4	A organização estratégica: considerações sobre as faces	187
5.3	Análise do comentário 225: a crítica	190
5.3.1	A informação enunciativa e polifônica: a apropriação do discurso alheio	192
5.3.2	A acoplagem das informações hierárquica, relacional, enunciativa e polifônica	194
5.3.3	A forma de organização estratégica: estudo da gestão de faces no comentário 225	197
5.4	Análise do comentário 131: a estratégia de provocação	199
5.4.1	A acoplagem de informações hierárquica, relacional e referencial	201
5.4.2	O estudo da forma de organização estratégica no comentário 131	202
5.5	Análise do comentário 177: a ordem como estratégia de impolidez	204
5.5.1	As informações do quadro acional no comentário 177	206
5.5.2	O estudo da forma de organização enunciativa	207
5.5.3	A acoplagem de informações hierárquica, relacional e enunciativa	207
5.5.4	Análise da organização estratégica: considerações sobre as faces no comentário 177	209
5.6	Análise do comentário 67: a refutação	213
5.6.1	A organização enunciativa e polifônica: a representação de vozes no discurso	215
5.6.2	A acoplagem de informações hierárquica, relacional e enunciativa/polifônica	216
5.6.3	A forma de organização estratégica: estudo de faces no comentário 67	220

5.7	Análise do comentário 57: a estratégia de animalização do outro	221
5.7.1	A estrutura hierárquico-relacional do comentário 57	224
5.7.2	A estrutura conceitual do comentário 57	225
5.7.3	A forma de organização estratégica: considerações sobre as faces no comentário 57	226
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	230
	REFERÊNCIAS	234
	ANEXO 1 - A notícia selecionada para coleta de <i>corpus</i>	241
	ANEXO 2 – Classificação dos comentários impolidos	247
	ANEXO 3 – Estrutura hierárquico-relacional dos comentários impolidos	271
	ANEXO 4 – Estudo da forma de organização enunciativa nos comentários	316

INTRODUÇÃO

Na atualidade, a comunicação realizada no meio digital foi adotada Como modalidade preponderante de interlocução entre as pessoas. Impulsionada pela popularização das diversas redes sociais, essa modalidade comunicativa atualiza de forma cada vez mais dinâmica as atividades cotidianas, as relações de trabalho e de aprendizagem (BARTON; LEE, 2015; RECUERO, 2014; CRYSTAL, 2005), promovendo o contato entre diversos grupos e pessoas que buscam por meio da linguagem atuar nas diversas esferas sociais, negociando os seus sentidos em relação aos eventos do mundo. Nesse sentido, a comunicação no meio digital propiciou “uma nova “forma” conversacional, mais pública, mais coletiva” (RECUERO, 2014, p. 17) e, conseqüentemente, mais propícia às divergências, à disputa de pontos de vista diversos, à discussão de valores e crenças que traduzem as realidades daqueles que dialogam nesses espaços conversacionais.

Para definir esse contexto de múltiplas possibilidades, Crystal (2005, p. 77) fala em ciberespaço¹, buscando capturar “a ideia de um mundo de informação, presente ou possível, em forma digital” que conecta as pessoas, permitindo que elas realizem transformações não só em suas práticas sociais, mas também na forma como utilizam a linguagem. Trata-se de um espaço virtual cujas formas de apropriação ajudam a refletir os “sentimentos coletivos, tendências, interesses e intenções de grandes grupos de pessoas” (RECUERO, 2014, p. 17). A esse respeito, a autora considera que

são essas conversações públicas e coletivas que hoje influenciam a cultura, constroem fenômenos e espalham informações e memes, debatem e organizam protestos, criticam e acompanham ações públicas. É nessa conversação em rede que nossa cultura está sendo interpretada e reconstruída (RECUERO, p, 2014, p. 17-18).

Dessa conversação em rede, depreende-se a ideia de que “o meio eletrônico oferece peculiaridades específicas para usos sociais, culturais e comunicativos que não se oferecem nas relações interpessoais face a face” (MARCUSCHI, 2010, p.23). Essa questão se torna relevante porque reflete o fato de que no meio digital as possibilidades são ampliadas em todos os sentidos e que a linguagem tem um papel fundamental nesse contexto, situando os seus agentes uns em

¹¹ Recuero (2014, p. 41) define o ciberespaço como ambiente de conversação, construído enquanto ambiente social e apropriado enquanto ambiente técnico.

relação aos outros na construção e na negociação de sentidos. A negociação de sentidos implica a presença de indivíduos que operam por meio da linguagem, buscando estabelecer consensos e/ou dissensos no meio digital. É particularmente essa possibilidade de “negociação”, de “diálogo”, propiciada e ampliada pelo meio digital, que demanda uma observação mais pontual, pois constitui a apropriação que os indivíduos fazem do meio digital para estabelecer interações sociais efetivas de distância/proximidade, hierarquia/igualdade, conflito/harmonia.

De forma geral, as intervenções realizadas no meio digital são reconhecidas como formas que possibilitam a livre expressão de pontos de vista. No entanto, os vários pontos de vistas que frequentemente se entrecruzam no meio digital formam uma rede de opiniões e posicionamentos marcados quase sempre pelo dissenso e, conseqüentemente, pela polêmica. O teor polêmico não necessariamente implica a assunção de comportamentos impolidos (AMOSSY, 2017). Para esse efeito, é necessário que os participantes reconheçam que os pontos de vistas que defendem são inconciliáveis com os pontos de vistas de seu interlocutor (*dicotomização*) em grau suficiente para torná-los ameaças uns para os outros. Ao transformar o outro em uma ameaça, há paralelamente a construção de um inimigo que precisa ser combatido em função dos pontos de vistas divergentes que defende. Nessa lógica fundamentalista, prevalece a ideia de que há apenas uma “verdade”, o que torna inviável o diálogo e o debate, que se constituem, neste contexto, de formas extremadas de posicionamentos nas quais a impolidez é a regra. A impolidez surge então, nesses contextos, como produto emergente da interação, resultado da ação de indivíduos que buscam fazer prevalecer o seu ponto de vista em detrimento do ponto de vista alheio.

Os estudos sobre a impolidez linguística tornaram-se mais representativos a partir dos postulados teóricos de Culpeper (1996, 2005)², que abriu espaço para muitos investigadores que se propuseram a investigar as várias facetas da impolidez. A relevância de seus estudos reside no fato de, no âmbito dos estudos linguísticos e pragmáticos da polidez, ter chamado a atenção para o fenômeno da impolidez como elemento constitutivo das interações sociais e não como evento marginal relacionado a uma falha ou à ausência de polidez. Para o autor, em oposição às teorias tradicionais da polidez que visavam, sobretudo, ao emprego de estratégias para promover a polidez, a interação não está restrita à ação de uma *pessoa modelo*³ que objetiva mitigar ataques à face de um outro participante da interação. A esse respeito, Culpeper (2005)

² O nosso enfoque será dado à abordagem de Culpeper, embora se reconheça a relevância dos estudos de outros autores que se propuseram a investigar a impolidez como Kienpointner (1997), Mills (2003), Bousfield (2008) e Bousfield e Locher (2008), entre outros.

³ Termo proposto por Brown e Levinson (1987) para definir um agente ideal e racional que busca, por meio de estratégias de polidez, a manutenção das faces que estão em jogo.

considera, especificamente, que há casos em que a impolidez se configura como evento central da interação, podendo exercer diferentes funções⁴ na relação estabelecida entre participantes. Dessa forma, entendê-la é também uma forma de entender as ações individuais e os espaços nos quais são efetivamente realizadas.

Para descrever a impolidez no contexto britânico⁵, Culpeper (1996, 2006) propôs um conjunto de estratégias de impolidez configuradas em termos de ações realizadas pelos interagentes quando buscam o *face-attack*, isto é, quando buscavam promover algum tipo de dano à face alheia. Ao passar em revista o emprego das estratégias de impolidez, Culpeper (2010; 2011) propõe o tratamento dessas estratégias sob a ótica da convencionalidade, sustentando que o contexto é fator preponderante na investigação de como a impolidez é materializada. Em suma, a abordagem de Culpeper propõe um mecanismo descritivo para a impolidez que deve ser considerada a partir de contextos específicos em que muitas variáveis podem estar em jogo.

Considerando a especificidade de um contexto particular e as interações que trazem como marca os eventos impolidos, elencamos os comentários realizados no meio digital como objeto para a nossa investigação. Nesse sentido, admitimos os comentários como uma forma de participação pública de caráter opinativo que possibilita aos leitores a expressão de crenças, pontos de vista e opiniões sobre determinado assunto a partir de um texto inicial. Por isso, dada a natureza diversa desses elementos, os comentários podem se configurar como espaços de construção e de veiculação de impolidez e de dissenso entre interlocutores, o que justifica o nosso interesse em estudar esse objeto, reconhecendo-o como possível fonte de impolidez no meio digital.

Nesse sentido, para investigar os comentários como modalidade discursiva de alto potencial polêmico, propícios à materialização de insultos e agressões verbais, este trabalho tem por objetivo a análise da potencialidade do Modelo de Análise Modular do Discurso – MAM (ROULET *et al*, 1985; ROULET, 1999; ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001) como proposta que, articulada a proposições de Culpeper (1996, 2005, 2011, 2016), pode constituir uma alternativa relevante para o estudo da impolidez. Para isso, partiremos da hipótese de que a impolidez pode ser investigada de forma sistemática a partir da abordagem do Modelo de Análise Modular do Discurso por se tratar de uma abordagem que oferece os recursos teórico-metodológicos, configurados em módulos e formas de organização, que

⁴ A impolidez pode ser utilizada como marca de identificação de grupo, intimidade, como forma de entretenimento, como elemento de disputa de poder *etc*.

⁵ Culpeper analisou a impolidez realizada em séries de Tv, programas televisivos e romances, por exemplo.

permitem descrever de forma precisa as intervenções impolidas, articulando os níveis linguístico, textual e situacional de que se constituem, ainda que essa abordagem não tenha se debruçado sobre o fenômeno da impolidez, tal como feito por Culpeper.

Dessa forma, estamos considerando a potencialidade do modelo modular para o desenvolvimento da pesquisa aqui proposta por, diferentemente das abordagens clássicas da polidez e mesmo abordagens mais recentes⁶, a exemplo da de Culpeper, oferecer um aparato teórico-metodológico que permite extrair sistemas de informações simples que, ao ser combinadas em formas complexas, possibilitam uma investigação mais abrangente de todo o processo de constituição discursivo. Como parte de nossa hipótese, entendemos assim que, na aproximação com a abordagem de impolidez de Culpeper, a abordagem modular pode fornecer uma explicação mais efetiva em relação ao impacto que elementos constitutivos das várias dimensões do discurso podem promover na forma como os interactantes agem e reagem na defesa/ataque de suas faces e territórios na interação.

O MAM é um modelo cognitivo-interacionista que se propõe a descrever e explicar os discursos autênticos, com base em um quadro unificado dos componentes linguístico, situacional e textual. Essas três dimensões, propostas pelo MAM, possibilitam o estudo de todos os aspectos ligados à interação verbal, explicitando a relação entre o contexto, a construção discursiva e o papel do sujeito nessa construção. Isso porque o MAM está fundamentado em aspectos dialógicos e interacionais que o caracterizam como uma abordagem que demonstra preocupação com a relação entre a ação dos indivíduos, os aspectos da organização textual e a situação de comunicação, oferecendo ferramentas substanciais para esse tipo de análise.

Nessa abordagem, cabe à forma de organização estratégica o estudo das relações de faces, lugares e territórios e, por isso, é parte substancial da análise desenvolvida nesse trabalho. A partir da articulação de conceitos herdados de Goffman [1959]/(2014)⁷, os proponentes do modelo modular buscaram articular, nessa forma de organização complexa, elementos gerais do discurso a aspectos relacionados à forma como os interactantes agenciam os discursos para estabelecer relações que lhes sejam favoráveis na interação. Embora não tenha sido amplamente utilizada para o estudo de aspectos ligados à im/polidez, a abordagem modular se mostra potencialmente apta para esse tipo de investigação, fornecendo um aparato metodológico pertinente para a análise do discurso conflituoso.

⁶ Um panorama dessas abordagens será proposto no próximo capítulo.

⁷ A data entre colchetes indica o ano de publicação da obra *The Presentation of Self in Everyday Life* (1959). Para a nossa revisão teórica, utilizamos a reimpressão/tradução de *The Presentation of Self in Everyday Life* lançada em 2014.

Nessa perspectiva, o objetivo geral desta pesquisa é investigar a potencialidade do MAM como uma abordagem que, articulada a proposições de Culpeper, pode constituir uma alternativa teórica e metodológica para o estudo sistemático da impolidez nos comentários da internet. Para alcançar esse objetivo geral, será preciso:

- ✓ Investigar o papel do contexto na constituição dos sujeitos e de suas práticas comunicativas no meio digital;
- ✓ Descrever a estrutura textual dos comentários, considerando o módulo hierárquico para a investigação dos processos de negociação realizados pelos interactantes nos comentários;
- ✓ Descrever, com base na dimensão situacional, os aspectos referentes a ações dos interlocutores nos comentários, identificando as suas representações conceituais nessa atividade;
- ✓ Descrever a ação dos interactantes na apropriação que fazem de outras vozes em seu discurso;
- ✓ Analisar, com base na forma de organização relacional, a articulação das estratégias de impolidez com as demais informações constitutivas da intervenção impolida;
- ✓ Analisar a ação dos interactantes na construção da representação de si e do outro na interação conflituosa;
- ✓ Analisar, a partir da acoplagem de informações das dimensões situacional e textual e das formas de organização relacional, enunciativa e polifônica, a ação dos interactantes na gestão de faces e territórios;

Como se pode observar, cada um desses objetivos contribui para nortear a nossa investigação no sentido de alcançar o nosso objetivo principal de pesquisa que é averiguar a potencialidade do modelo modular como proposta para um estudo mais sistemático da impolidez nos comentários digitais. Consideramos relevante esse estudo, pois nos permite refletir sobre a forma como os indivíduos mobilizam e articulam os recursos tecnológicos e linguísticos para administrar as suas relações com os outros.

De forma a refletir o nosso trabalho de pesquisa, estruturamos esta tese da seguinte forma:

- ✓ No primeiro capítulo, apresentamos a fundamentação teórica que elencamos como substancial para refletir as principais tendências nos estudos da im/polidez. Dentre elas, destacamos a abordagem de Culpeper, reconhecendo a possibilidade de

articulá-la à abordagem modular para constituir uma proposta mais abrangente para o estudo da impolidez;

- ✓ No segundo capítulo, apresentamos, a fim de precisar o nosso objeto de pesquisa, uma breve consideração sobre o gênero comentário *on-line*, bem como o levantamento que fizemos em relação a estudos de vários pesquisadores que, assim como nós, demonstraram interesse pela investigação de comentários em sites de notícias.
- ✓ No terceiro capítulo, fizemos uma apresentação geral do Modelo de Análise Modular do Discurso, descrevendo os módulos e as formas de organização que, na nossa concepção, são relevantes para a descrição da impolidez e, conseqüentemente, para a atingir o objetivo principal desta pesquisa;
- ✓ A metodologia adotada para este estudo será apresentada no quarto capítulo no qual descrevemos os procedimentos adotados para a seleção e coleta e *corpus*. Posteriormente, apresentamos também o percurso de análise, configurado a partir da metodologia modular, que permitiu analisar os comentários impolidos;
- ✓ O quinto capítulo apresenta o resultado do tratamento dos nossos dados a partir da metodologia modular. Neste capítulo, acreditamos ter demonstrado com as análises apresentadas que os recursos fornecidos pela abordagem modular são representativos para a ampliação dos estudos da impolidez.
- ✓ Por fim, nas considerações finais apresentamos uma sistematização dos resultados alcançados a partir do percurso de análise adotado.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao abordar a im/polidez como um fenômeno inerente às relações humanas, é relevante refazer o percurso teórico de autores que contribuíram para a sedimentação desse campo de investigação. O objetivo desse capítulo é revisar a abordagem sociológica de Goffman [1959]/2014; [1967]/2011, 1971)⁸ e os estudos pragmáticos de Grice (1975; 1989), enfatizando as suas contribuições para o surgimento dos estudos e teorias da im/polidez. Além disso, neste capítulo, revisaremos também as teorias tradicionais da im/polidez, revisitando autores mais representativos nesse domínio de investigação como Lakoff (1973), Leech (1983; 2014) e Brown e Levinson (1987), da abordagem discursiva como Watts (2003, 2005) e Locher (2006) e, especificamente, da abordagem da impolidez como Culpeper (1996, 2005, 2010, 2011, 2016). A intenção não é apresentar uma revisão sistemática, crítica e/ou comparativa entre elas⁹, mas sim pontuar as contribuições e os recursos de análise oferecidos por cada uma delas para os estudos da im/polidez.

1.1 As contribuições de Ervin Goffman para os estudos da im/polidez

Erving Goffman foi um dos teóricos que substancialmente influenciaram o surgimento das teorias da im/polidez. Com os seus estudos sobre a emergência das relações face a face, Goffman voltou-se para a análise dos eventos sociais em um nível microssociológico (locais públicos, instituições médico-hospitalares, asilos, conventos, manicômios) e um dos objetivos visados por ele foi a compreensão dos mecanismos que estruturam as ações individuais nas interações (NUNES, 2005). Para esse fim, o sociólogo utilizou diferentes metáforas (teatral, ritos, face, territórios, quadro, cinematográfica, etc.), reunindo um conjunto de conceitos básicos para a análise da interação face a face (NIZET; RIGAUX, 2016).

Conforme mencionam Nizet e Rigaux (2016), a metáfora teatral é uma das mais representativas na obra de Goffman e perpassa toda a sua produção. Essa metáfora invoca a noção de representação que irá influenciar todo o campo dos estudos da im/polidez. Utilizando-se da metáfora teatral, Goffman (2014) busca explicar de que maneira os indivíduos

⁸ As datas especificadas entre colchetes representam o ano de publicação das obras *The Presentation of Self in Everyday Life* (1959), *Interaction Ritual: essays on face-to-face behavior* (1967), *Relations in public* (1971). Para a nossa revisão teórica, utilizamos a reimpressão/tradução de *The Presentation of Self in Everyday Life* e de *Interaction Ritual: essays on face-to-face behavior* publicadas em 2014 e 2011, respectivamente.

⁹ Um estudo comparativo pode ser encontrado no livro *A Critique of Politeness Theory* (2001), de Gino Eelen.

se comportam quando estão na presença um dos outros, quais representações são desempenhadas por eles a fim de mobilizar as impressões do público e quais mecanismos são acionados para que os atores consigam desempenhar publicamente um determinado papel. O objetivo dessa articulação por parte do indivíduo, segundo Goffman (2014), é a constituição de uma imagem válida socialmente com a qual persegue os seus objetivos na interação.

A ideia de representação remete à noção de uma imagem que será apresentada publicamente. Essa imagem pública forjada socialmente em função das ações dos indivíduos e suscetível aos possíveis riscos da interação implica um conceito fundamental da obra de Goffman: a noção de *face*. O termo *face* é definido por ele como “um valor social positivo que uma pessoa efetivamente invoca para si pela linha que os outros assumem e que ele assume durante um determinado contato” (GOFFMAN, 2011, p. 15). Nessa concepção, a *face* é um construto social erigido sobre valores sociais que “não está alojada dentro ou sobre seu corpo, mas sim algo localizado difusamente no fluxo de eventos no encontro” (GOFFMAN, 2011, p. 17). Assim, se no desdobramento dos eventos sociais a pessoa reconhece que os valores reivindicados por ela para sua *face* estão sendo validados, ela provavelmente se sentirá bem. Se o contrário ocorre, ela se sentirá mal. É nesse sentido que Goffman considera que a pessoa tende a experimentar uma resposta emocional à *face*, pois os seus “sentimentos” estão de alguma forma ligados a ela. Além dessa “natureza individual” da *face*, o indivíduo também pode demonstrar “sentimento” pela *face* alheia. Sendo assim, os interactantes precisam constantemente buscar um certo equilíbrio, evitando ações que possam ser interpretadas como ameaças a seus interlocutores¹⁰. Essa ação regulatória invoca um conjunto de práticas para “salvar as faces” nas situações em que os interagentes estão contato.

Esse trabalho realizado pelos interagentes remete a outro conceito fundamental dos postulados de Goffman que é a noção de trabalho de *face* (*face-work*). Segundo Goffman, o trabalho de *face* são “ações tomadas por uma pessoa para tornar o que quer que esteja fazendo consistente com a *face* e serve para neutralizar - isto é, minimizar o efeito de eventos cujas implicações simbólicas efetivas ameaçam a *face*” (GOFFMAN, 2011, p. 22). Para evitar as possíveis ameaças que podem surgir na interação, os interagentes podem recorrer a dois processos: a *evitação* (estratégia de se evadir de uma situação que possa ser comprometedora para a *face* dos interactantes) e a *reparação* (estratégia que visa a amenizar ou a corrigir os efeitos de um evento embaraçoso ou ameaçador para os interactantes). Essas estratégias

¹⁰ Haugh (2007, p. 5) pontua que a noção de *face* de Goffman é destinada a examinar as interações no contexto norte-americano e, portanto, está enraizada em um ator social preocupado com a autoimagem e a autopreservação.

possibilitam mutuamente não só a proteção de faces, mas também a defesa de territórios quando se pretende sinalizar para o interlocutor os limites que não devem ser ultrapassados por eles.

Na esteira da elaboração de conceitos para analisar a interação face a face, Goffman cunhou também o termo *território* para se referir ao âmbito “inviolável” de atuação do indivíduo. Essa noção de territorialidade não está precisamente relacionada a um espaço físico. Diz respeito a uma série de reservas que um indivíduo pode reivindicar para si. Sendo assim, Goffman (1971, p. 29 - 41) especifica oito tipos de reservas que estão relacionadas à noção de territorialidade (egocêntrica e situacional): a) o espaço pessoal (qualquer espaço em torno do indivíduo que ao ser adentrado faz com que o indivíduo se sinta invadido); b) o compartimento (espaço bem delimitado que o indivíduo reivindica temporariamente); c) o uso de um território (espaço reivindicado para uso instrumental); d) o turno (a ordem em que o indivíduo recebe uma mercadoria de algum tipo em relação a outros reclamantes na mesma situação); e) a túnica (revestimento, o invólucro do corpo); f) território de posse (conjunto de objetos que podem ser identificados com o *self* e dispostos ao redor do corpo onde quer que esteja), g) reserva de informação (o conjunto de fatos sobre si mesmo aos quais um indivíduo espera controlar o acesso enquanto está na presença de outras pessoas); h) reserva da conversa (direito de um indivíduo de exercer algum controle sobre quem pode chamá-lo para conversar e quando ele pode ser convocado). Na vida prática, alguns elementos ajudam a precisar os limites de um “território”, por exemplo, as divisórias em um escritório, os encostos de braço entre poltronas em ônibus ou avião, as cortinas separando ambientes, etc. Ainda em relação a essas noções, Goffman (1971, p. 40) considera que uma característica dessas formas de territorialidade é a sua variabilidade socialmente determinada, isto é, a amplitude dos territórios e o controle dos territórios do “eu” dependem do poder econômico, da posição social do indivíduo e da hierarquia de classes.

Se a noção de territorialidade implica a reivindicação de um espaço que não deve ser violado, Goffman (1971, p. 45-47) se preocupou também em descrever os vários tipos de violação desses espaços: (a) violação do espaço pessoal no que diz respeito a ignorar uma distância cultural estabelecida por hierarquias distintas, (b) a violação do corpo, por exemplo, o toque das mãos; (c) o olhar invasivo, a penetração dos olhos; (d) a interferência sonora representada por ruídos emitidos por um indivíduo para violar o “sossego” do outro; (e) dirigir a palavra a outro sem estar devidamente autorizado; (f) a violação feita por meio de secreções corporais excretadas, como muco, cuspe ou partículas emitidas por espirro ou tosse ou ainda algum tipo de odor (hálito, cheiro de suor etc). Goffman (1971, p. 48) postula ainda alguns tipos de autoviolação de território (auto-depreciação - beijar pés alheios em sinal de humildade);

autocontaminação (chupar o próprio sangue em caso de ferimentos); autoexposição (perder o controle em público, gritar, chorar, portar-se de maneira a depreciar a própria imagem, demonstrar sentimentos). Assim, é considerada uma invasão ou autoviolação de território qualquer atividade que exponha as reservas pessoais ou de outros, causando desequilíbrio e estranheza na interação. A violação de território é considerada uma ameaça, pois desestabiliza as aparências “normais” e altera a ordem social estabelecida.

A ordem social está diretamente relacionada à ordem da interação¹¹. Goffman (1971, p. 29) considera que quando as pessoas se envolvem em algum contato interpessoal, elas passam a empregar rotinas, práticas sociais e padronizações que incluem ajustes, desvios com as quais buscam manter uma certa normalidade na ordem da interação, que depende desse tipo de sistematização para a sua existência e regulação.

Essas formas convencionalizadas possibilitam, por exemplo, a orientação dos indivíduos no que se refere à organização do fluxo de mensagens na conversação: iniciar e terminar uma conversa, salvar as faces que estão em contato etc. Para explicar esse fenômeno das formas convencionalizadas, Goffman (1971, p. 65-66) propõe as trocas de apoio (*supportive interchanges*) e as trocas reparadoras (*remedial interchanges*) como formas de rituais interpessoais. As *trocas de apoio* são formas de “simpatia identificatória” e estão relacionadas a expressão de algum tipo de civilidade, como perguntar se alguém vai bem, como está a família, a saúde, sua experiência de viagem etc. Mas podem também estar relacionadas à estrutura da troca, marcando o início ou o fim do contato comunicativo: saudações, despedidas, rituais de ratificação etc. Por sua vez, as *trocas reparadoras* dizem respeito às rotinas rituais que são utilizadas para amenizar os efeitos danosos de um ato ofensivo, ou seja, “a função do trabalho corretivo é mudar o significado que, de outra forma, poderia ser atribuído a um ato, transformando o que poderia ser visto como ofensivo no que poderia ser visto como aceitável” (GOFFMAN, 1971, p. 109). Nesse jogo de consideração, a sacralidade da face é assegurada e, por consequência, a ordem social é mantida.

Ainda em relação à identificação dos intercâmbios interacionais, Goffman (2011, p. 32) abordará ainda as trocas ou intercâmbios agressivos. Esses intercâmbios estão relacionados à noção de jogos em que os interlocutores, orientados por representar-se em uma arena simbólica da qual a plateia é elemento capital, buscam marcar o maior número de pontos sobre seus

¹¹ A ordem da interação refere-se ao estabelecimento de um domínio específico de estudo, o domínio da interação face a face, como especifica Goffman ao afirmar que “eu pretendo me referir, em primeira instância, a um domínio de atividade – um tipo particular de atividade, como na expressão “a ordem econômica” (GOFFMAN, 1983, p. 5).

supostos adversários e ganhar o máximo de pontos para si mesmos. Nesse jogo, a relevância é dada à habilidade de salvar a própria face em detrimento das informações que são veiculadas. Esclarece Goffman (2011, p. 33) que “o método geral consiste na pessoa apresentar fatos favoráveis sobre si mesma e fatos desfavoráveis sobre os outros”, explicitando claramente na interação que o locutor cuida melhor de si do que seus adversários e isso é dado como prova de sua superioridade em relação a seu oponente.

Além das metáforas do teatro e das regras e dos ritos, Goffman (2012, [1974]) apresenta ainda uma terceira: a cinematográfica. Nessa perspectiva, as ações humanas são observadas pela lente das “experiências vividas” e configuradas sob a orientação do conceito de quadros. A noção de quadro refere-se às “definições da situação pelas quais organizamos o conhecimento e a percepção do que acontece em nossa volta” (NUNES, 2005, p. 145). Com essa noção, segundo Nizet e Rigaux (2016, p. 84), a experiência é delineada em termos de modelo que remete umas às outras, suscitando nos indivíduos a impressão de que as coisas e eventos do mundo estão se desenvolvendo sob uma determinada ordem.

Para se referir às percepções dos indivíduos, Goffman (2012) estabelece uma distinção entre quadros primários (aqueles que não fazem referência a nenhum outro) e os quadros transformados (aqueles nos quais operam algum tipo de “falseamento” do real). Segundo Nunes (2005), o que interessa a Goffman com essas noções é a “compreensão de que há sempre uma forma de organizar a percepção e a experiência, que pode se convencionalizar, assumindo padrões, mas que se atualiza, ou se efetiva, a cada instância em que são realizadas” (NUNES, 2005, p. 155).

Finalmente, as noções e os conceitos aqui apresentados a respeito dos estudos de Goffman não pretendem ser exaustivos, buscam somente revisitar os conceitos centrais dos estudos de Goffman que sedimentaram noções relevantes para os estudos da im/polidez. O que se observa de comum a partir das três principais metáforas segundo as quais Goffman desenvolveu as suas observações, é uma preocupação recorrente relacionada à manutenção do equilíbrio dos encontros sociais por meio de propriedades estruturais da vida social. Nesse sentido, a sociologia de Goffman pode ser compreendida como uma “sociologia de ocasiões” que se interessa pela interferência humana na emergência dos eventos sociais (NUNES, 2005). É essa emergência do contato face a face e os possíveis conflitos gerados a partir dela que sugerem a necessidade de elementos que possam regular a interação para que ela se desenvolva de forma harmoniosa. A manutenção da harmonia no meio social é o elemento central dos estudos da im/polidez.

1.2 A teoria das implicaturas de Paul Grice

Outro nome de destaque que influenciou o surgimento das teorias da im/polidez foi Paul Grice. Em sua obra, Grice (1989) ofereceu explicações fundamentais para a compreensão da linguagem e da comunicação humana. De forma geral, os estudos de Grice podem ser considerados tomando como base dois momentos de sua produção teórica: o primeiro, refere-se à teoria do significado e, o segundo, à teoria das implicaturas¹² (NEALE, 1992).

Em relação à teoria dos significados, Grice (1989) dedica-se, sobretudo, a explicar o processo de significação nas línguas naturais, propondo uma distinção importante entre a *significação natural* (não associada à intenção do locutor) e a *significação não natural* (equivalente à noção de comunicação intencional). Com a noção de significado natural, Grice busca explicitar a significação que aponta para uma conexão factual entre eventos, ou seja, naturalmente associada, como mostra com o seguinte exemplo¹³: “Essas manchas significam sarampo”. Neste caso, há uma relação natural entre a ocorrência da doença sarampo e as manchas na pele como resultado dessa patologia. Ao contrário dessa relação factual, o sentido não natural aponta para uma conexão diferente, um tipo de conexão convencional, como apresentada por Grice (1989, p. 214) com o exemplo: “Esses três toques na campainha (do ônibus) significam que o ônibus está cheio”. Neste caso, segundo Grice, o som emitido pela campainha do ônibus não tem uma ligação “direta” ou natural com a fato de o ônibus estar cheio. Trata-se uma convenção ou de um “quadro real” modificado pela conveniência dos indivíduos.

Considerando que a intenção é constitutiva do significado não natural, intui-se que a preocupação central de Grice foi com esse tipo de significado (NEALE, 1992). A partir de seus estudos sobre a *significação não natural*, Grice considera que os indivíduos participam de uma conversação, operando simultaneamente a produção e a materialização de suas intenções para os seus interlocutores ao mesmo tempo em que produzem significados com base na interpretação que fazem das intenções de seus interlocutores no processo comunicativo, buscando ser maximamente informativos. Percebe-se, dessa forma, que há nos postulados teóricos de Grice uma tendência acentuada em explicar o fenômeno comunicacional em termos de intenção do locutor e, por isso, a definição de *significação do locutor* parece assumir uma

¹² Não se pretende aqui apresentar uma distinção entre as duas perspectivas, mas sim, como sugere Neale (1992, p. 2), considerá-las como complementares em um arranjo de continuidade e apoio mútuo.

¹³ Esse exemplo consta no artigo *Meaning* (1989) e foi reformulado a fim de simplificar a explicação. Os exemplos completos podem ser consultados em Grice (1989, p. 213).

posição central nas observações do autor (NEALE, 1992). Sendo assim, é possível considerar que o processo comunicativo, segundo Grice, se dá por meio de um jogo entre o locutor e interlocutor em reconhecer, inferir e interpretar procedimentos que expressam atitudes proposicionais de ambos no processo comunicativo. Segundo Grice (1989), o processo comunicativo depende de regras implícitas que governam a conversação e, por isso, há um esforço cooperativo no sentido de garantir a troca de informação o mais efetivamente possível, em função do propósito de se fazer “legível” na interação.

Com base nessa intenção cooperativa entre os falantes, Grice (1989) estabelece o ponto central de sua teoria que é o Princípio de Cooperação (PC) que comporta a seguinte orientação: “faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção da troca conversacional em que você está engajado” (GRICE, 1982, p. 86). Com esse princípio, Grice (1982, p. 87-88) sistematiza quatro categorias fundamentais de máximas e suas respectivas submáximas. São elas:

Quadro 1 – As máximas conversacionais de Grice

Máxima da quantidade	Máxima da qualidade	Máxima de modo	Máxima da relevância
<ul style="list-style-type: none"> • Faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto requerido para a conversação • Não faça sua contribuição mais informativa que o necessário. 	<ul style="list-style-type: none"> • Não diga o que você acredita ser falso. • Não diga senão aquilo para o qual você não possa fornecer evidência adequada. 	<ul style="list-style-type: none"> • Evite obscuridade de expressão. • Evite ambiguidade • Seja breve • Seja ordenado 	<ul style="list-style-type: none"> • Seja relevante

Fonte: GRICE, 1982, p. 87-88.

Conforme especificado pelo próprio Grice (1975), as máximas foram pensadas com o propósito de tornar a troca de informação maximamente efetiva. Ele prossegue assegurando que embora um de seus princípios seja analisar a fala como um caso específico do comportamento intencional, racional, pode ser interessante notar que as expectativas específicas relacionadas às máximas podem ter os seus precedentes paralelos na esfera das transações que não são diálogos. Assim, ele estabelece os seguintes paralelos para exemplificar os referentes de cada

categoria conversacional¹⁴: (a) Quantidade: se um indivíduo presta auxílio a outra pessoa para consertar um carro, espera-se que a sua ajuda não seja nem mais nem menos do que o necessário para a ocasião; (b) Qualidade: espera que a ajuda oferecida seja genuína. Se o indivíduo que está fazendo o reparo do carro pede um alicate, não espera receber do outro um martelo, por exemplo; (c) Relação: espera-se que a ajuda oferecida seja apropriada às necessidades da transação, ou seja, se o que está em questão é o conserto do motor do veículo, não se espera do ajudante a oferta de um produto para limpeza do para-brisa; (d) Modo: espera-se de quem está ajudando clareza, rapidez e organização em relação à ajuda que está ofertando.

Ao operacionalizar o *Princípio de Cooperação* e suas respectivas máximas, Grice objetiva alcançar o processo pelo qual os indivíduos compartilham informações e negociam sentidos na interação, ou seja, ele considera que “deve haver algum tipo de regra que possibilita dizer algo e implicar uma outra coisa. Para explicar esse processo, Grice (1989) postula a teoria das implicaturas, isto é, um tipo de inferência captada na emergência na interação com a qual se diz que é possível a um interlocutor “significar mais” para além do que permite uma significação literal do enunciado. Em outras palavras, as implicaturas “geram inferências que ultrapassam o conteúdo semântico dos enunciados” (LEVINSON, 2007, p. 129). Segundo Grice (1989) há dois tipos básicos de implicatura: as *implicaturas convencionais* e as *implicaturas conversacionais*. Resumidamente, a implicatura convencional é aquela que mantém relação com a significação convencional das palavras e a implicatura conversacional é aquela que não depende da significação usual (COSTA, 2009). É determinada pelo contexto e por certos princípios básicos do ato comunicativo e está conectada com traços mais gerais do discurso.

Ao estabelecer uma conexão entre o Princípio de Cooperação, as máximas conversacionais e as implicaturas, fica marcada nos postulados de Grice a sua preocupação no que se refere a ser cooperativo e informativo ao mesmo tempo. Essa consideração está relacionada ao fato de que os falantes sabem que a interação está condicionada à existência de regras (máximas) e que uma das exigências mutuamente reconhecida está relacionada à ação de ser cooperativo em função dos objetivos estabelecidos para a interação (compartilhar informação). Dessa forma, mesmo que alguma máxima seja desrespeitada em sua essência, os interlocutores reconhecem esse desvio como uma forma elaborada de se manter o fluxo e a informatividade da interação.

É nesse jogo de significações produzidas pelo locutor que se encontra um aspecto importante da teoria de Grice que deu margem às teorias da im/polidez, como a de Lakoff, a de

¹⁴ Os exemplos foram retirados de Grice (1982) e adaptados para a finalidade desta exposição. A íntegra pode ser consultada em Grice (1982, p. 89) e em Grice (1989, p. 89).

Leech e a de Brown e Levinson, por exemplo. Ao analisar o que o locutor significou e implicou convencionalmente e o que o locutor significou e implicou conversacionalmente, escapa o que ele poderia significar de modo não conversacional ou convencional (OLIVEIRA, 2016), isto é, o que o locutor poderia comunicar no sentido de demonstrar apreço por seu interlocutor. É aqui que Grice deixa em aberto os aspectos relacionados ao funcionamento social das relações humanas, ou seja, os aspectos relacionados à dimensão ritual das interações. Embora não tenha desenvolvido máximas ou regras para se referir a esse aspecto da interação, Grice (1982) menciona a existência “de outras máximas (de caráter estético, social e moral), tais como “seja polido”, que são normalmente observadas pelos participantes de uma conversação” (GRICE, 1982, p. 88).

Nesse sentido, é possível considerar que essa lacuna teórica em relação aos aspectos rituais da interação foi o gatilho para a ampliação do estudo dos comportamentos humanos, como fez Lakoff (1973), no que diz respeito não só a ser efetivo em compartilhar informações (transmissão eficaz de informação), mas também que ao fazê-lo, o falante possa assegurar a manutenção das relações sociais (princípio de polidez). Sendo assim, o *Princípio de Cooperação* postulado por Grice abre condições para a existência das teorias da im/polidez na medida em que concebe o jogo comunicativo como a materialização intencional da racionalidade dos indivíduos no que diz respeito a se fazer claro e objetivo nos seus interesses comunicativos, devendo para isso trabalhar a materialidade linguística a fim de garantir a informatividade na comunicação. Se um indivíduo segue esta ou aquela regra imposta pelas máximas conversacionais, ele está de certa maneira “agenciando” o seu comportamento linguístico para se adequar às exigências da interação, demonstrando consideração por seu interlocutor.

Nessa perspectiva, as máximas conversacionais podem ser consideradas mecanismos por meio dos quais os indivíduos buscam relacionar com seus interlocutores, demonstrando a sua “normalidade”, representando a imagem de alguém que não irá fazer o outro perder tempo com informações vazias (máxima da quantidade) em função do respeito que lhe é devido, ou que é um indivíduo que se compromete com a verdade, criando a imagem de ser alguém em quem se pode confiar (máxima da qualidade), pode ainda se portar como uma pessoa “normal” em função da pertinência com que lida com os conteúdos informacionais de que é portador. Assim, observa-se que as considerações de Grice podem ser consideradas também em um quadro mais geral com vista a esclarecer que o jogo comunicativo entre interlocutores não depende apenas do valor das informações negociadas, mas também da forma como as regras de respeito ao outro são materializadas na interação.

1.3 As abordagens da chamada “primeira onda” dos estudos da polidez

Neste item, vamos abordar as teorias componentes do que Culpeper (2011) denomina a primeira onda dos estudos da polidez ou estudos clássicos da polidez. Essas teorias foram propostas por Lakoff (1973, 1973b, 1975), Leech (1983) e Brown e Levinson (1987) e serão apresentadas a seguir, a fim de complementar as considerações sobre as teorias que contribuíram efetivamente para a constituição de um quadro de estudos da im/polidez.

1.3.1 As contribuições de Robin Lakoff

A autora Robin Lakoff figura na lista dos estudiosos que contribuíram para os estudos da polidez. Em seu artigo de 1973, *Language and Woman's Place*, Robin Lakoff antecipa a sua noção de polidez ao discutir o uso da língua a partir da análise das diferenças entre os comportamentos de homens e mulheres na sociedade norte-americana. Para a autora, os comportamentos que são valorizados para os homens (liberdade, agressividade, força, agentividade) e imputados às mulheres¹⁵ (sujeição, fragilidade, brandura, resignação) ajudam a definir um contexto social no qual a linguagem é avaliada em termos de aceitação e adequação¹⁶. É a partir dessas considerações entre linguagem e contexto social que Lakoff (1975) postula as suas considerações sobre a polidez. A esse respeito, Eelen (2001, p. 2), ao se referir aos estudos de Lakoff, afirma que a autora pode ser considerada a mãe da teoria moderna da polidez, pois “as regras de polidez que ela propõe são vistas como parte de um sistema de regras pragmáticas” (EELLEN, 2001, p. 48) que relacionam o uso da linguagem e a situação em que foi materializada¹⁷, refletindo sobre a adequabilidade dos comportamentos.

A sua consideração em relação ao contexto está sustentada no reconhecimento de que a situação é parte primordial para a compreensão dos significados pretendidos pelos falantes.

¹⁵ Em artigo mais recente *Civility and its discontents: Or, getting in your face*, Lakoff (2005, p. 30), ao discutir as mudanças sociais que implicam o uso da polidez, sinaliza que as orientações de que certos tipos de linguagem eram considerados impróprios para serem usados na frente de “mulheres”, porque as mulheres nem deveriam conhecer essas palavras, e muito menos o que elas queriam dizer, parecem cair em desuso, resultando em que qualquer um pode dizer o que quiser na frente de qualquer pessoa.

¹⁶ Lakoff menciona uma situação que faz referência a adjetivos relacionados a cores: imagine um homem e uma mulher olhando para a mesma parede, pintada de um tom rosado ou roxo. Uma mulher pode dizer “A parede é lilás”, ou ainda fazer uma distinção mais pormenorizada sobre os tons das cores em questão sem causar “estranheza” ou uma “impressão especial” nas pessoas com quem dialoga. No entanto, o mesmo comportamento linguístico não surtiria o mesmo efeito de “normalidade” se mencionado por um homem. Lakoff (1973) considera que se um homem fizer as mesmas observações em relação à cor da parede, “pode-se concluir que ele estava imitando sarcasticamente uma mulher, ou um homossexual, ou um decorador de interiores” (LAKOFF, 1973, p. 49).

¹⁷ Para as considerações da autora sobre o contexto ver *Language in Context* (1972).

Segundo a autora, é “apenas apelando para o contexto que poderíamos explicar a não aceitação, sob algumas condições, de sentenças que sob outras condições seriam irrepreensíveis” (LAKOFF, 1973b, p. 42) e complementa afirmando que “descobrimos cada vez mais que uma sentença que era perfeitamente aceitável sob um determinado conjunto de condições pode ser inaceitável em outro, ambos perfeitamente concebíveis no mundo real” (LAKOFF, 1973b, p. 43).

A partir da consideração de que as ações reais são desenvolvidas em contextos específicos, Lakoff (1973b, p. 46) propõe duas regras de competência pragmática que os indivíduos devem observar a fim de garantir a efetividade da comunicação: (a) seja claro (formalizada nos termos do *Princípio Cooperativo* de Grice (1975); e (b) seja polido (formalizada em termos de um *Princípio de Polidez*). Infere-se que o objetivo dessas regras de competência é duplo: primeiro, ajudam a sustentar a natureza informativa do contato comunicativo; segundo, orienta os interlocutores a observarem as possibilidades de que seus atos podem ser considerados ofensivos por seus interlocutores. Essa dupla articulação implica que a situação definirá a ação do indivíduo no sentido de que, se alguém busca comunicar uma mensagem diretamente, se seu principal objetivo ao falar é a comunicação, tentará se expressar de forma clara, sem ambiguidades, evitando causar qualquer tipo de inferência contrária à sua intenção. Ao contrário, se na interação o objetivo é o agenciamento das relações, o indivíduo estará inclinado a produzir atos de fala que demonstrem essa intenção para o seu interlocutor.

No entanto, considera Lakoff (1973) que na conversação real há uma tendência à sobreposição das regras de polidez em detrimento das máximas conversacionais do *Princípio Cooperativo*, conforme propôs Grice (1975). Lakoff (1973b, p. 47) considera que, quando a clareza entra em conflito com polidez, na maioria dos casos, a polidez prevalece. Assim, “é considerado mais importante em uma conversa evitar ofensas do que alcançar clareza” (LAKOFF, 1973b, p. 47). Essa preocupação com o aspecto ritual das relações é demonstrada em Lakoff (1973b, p. 48)¹⁸ com a formulação de três regras de polidez que podem ser consideradas como estratégias para amenizar o efeito impolido e ameaçador dos atos produzidos na interação:

1. Não imponha;
2. Dê opções;
3. Seja amigável.

¹⁸ *The Logic of Politeness: or, minding your p's and q's* (1973b).

Segundo a autora, essas regras de polidez, quando formuladas completa e corretamente, devem: (a) prever por que, em uma determinada cultura, uma ação específica em determinada circunstância é polida, ou não polida; (b) ser válidas tanto para o comportamento linguístico polido (dizer "por favor"; ou usar de pronomes "formais" em idiomas que tenham tais formas) quanto para a polidez não linguística (abrir a porta para outros; levar vinho ao anfitrião do jantar) (LAKOFF, 1975, p. 64). Essas regras são retomadas de maneira diferente pela autora em *Language and woman's place* 1975¹⁹, quando ela aborda as distinções culturais na aplicação das regras de polidez. Sendo assim, Lakoff (1975, p. 65) propõe a existência de várias regras, trabalhando em conjunto ou separadamente, que são assim apresentadas:

1. Formalidade: mantenha-se distante;
2. Deferência: dê opções;
3. Camaradagem: mostre simpatia.

A primeira regra está relacionada à manutenção de uma certa formalidade na interação, pois busca estabelecer e manter a distância entre orador e interlocutor, entre o locutor e o seu dizer, ou ainda pode ser utilizada para demonstrar superioridade do orador em relação a seu interlocutor. Já a segunda regra sinaliza para uma possível superioridade do destinatário em relação ao locutor. Isso porque a noção que está relacionada à regra da deferência diz respeito a deixar transparecer uma suposta liberdade do destinatário, ou seja, fazer “parecer que a opção de como se comportar ou o que fazer está sendo deixada em aberto para o destinatário” (LAKOFF, 1975, p. 66). Por sua vez, a terceira regra está relacionada à formação e à manutenção de vínculos entre os interlocutores, ou seja, trata-se de uma “regra que produz um senso de camaradagem entre falante e destinatário” (LAKOFF, 1973b, p. 51). Sendo assim, ao contrário do que acontece com a primeira regra, o objetivo dessa regra é “fazer com que o destinatário sinta que o orador gosta dele e que quer ser seu amigo, está interessado nele, e assim por diante” (LAKOFF, 1975, p. 67). Assim, nas relações que se estabelecem com base na camaradagem está excluída qualquer tipo formalidade, predominando uma linguagem mais coloquial, o contato físico (tapinha nas costas, abraços), o emprego de apelidos, o uso de primeiro nome²⁰ e de brincadeiras. Na metáfora dramática de Goffman (2014, p. 143), esses

¹⁹ Livro publicado com o mesmo título do artigo de 1973: *Language and woman's place* (1975).

²⁰ Segundo Lakoff (2005, p. 30), “o uso de um primeiro nome é, pelo menos por convenção, uma abertura à intimidade e uma expressão de conexão pessoal entre locutor e destinatário”.

elementos fazem referência à “linguagem de bastidores” em que alguns comportamentos suprimidos e até considerados impolidos ganham expressão, como as gargalhadas, as queixas, o uso de gírias, a vestimenta informal, contar piadas etc.

Observa-se nos postulados de Lakoff que as Regras de Polidez têm o objetivo de estabelecer um “aparato acional” que orienta as ações individuais a fim de amenizar os supostos atritos que os encontros sociais podem promover. Lakoff (1975, p. 68) considera que a articulação dessas três regras é necessária para se chegar a uma definição mínima de polidez, compreendida pela autora como “um sistema de relações interpessoais projetado para facilitar a interação minimizando o potencial de conflito e confronto inerente a toda interação humana” (LAKOFF, 1990, p. 34). Sendo assim, ao erguer limites simbólicos para a ação dos indivíduos na interação, a principal função dos sistemas de polidez que a autora propõe é “permitir que as pessoas atuem em estreita relação sem consequências perigosas” (LAKOFF, 2005, p. 32).

O que está presente nesta noção de aplicabilidade das regras é o fato de que em contato uns com outros, os indivíduos não estão necessariamente ou somente interessados no “conteúdo” de seus enunciados, estão interessados também em gerir as suas relações com base no que está estabelecido socialmente. É por isso que a ênfase nem sempre será o conteúdo informacional, mas sim a forma como o material linguístico é agenciado a fim de garantir o desenvolvimento e a estabilidade nas relações. Com essas noções, Lakoff (1973b) antecipa a ideia de que as relações sociais se desenvolvem orientadas, de um lado, por uma preocupação com o conteúdo da informação, ou seja, a clareza, objetividade, relevância e, por lado, com o aspecto ritual das relações, que tem a ver com o agenciamento das relações e com a proteção das faces na interação.

Além disso, a autora considera que a polidez é dependente da forma como cada sociedade ou cultura utilizará essas regras, determinando quais serão preferencialmente aplicadas e em quais circunstâncias. Dessa forma, é possível considerar que as regras são universais no sentido de que existem em todas as culturas. O que difere, segundo a autora, é a ênfase hierárquica que é dada em cada cultura para uma das regras e não necessariamente a outra²¹. Isso implica dizer que ao se apresentarem diante uns dos outros, “todos querem causar

²¹ Para clarificar a questão, Lakoff (1975) menciona o seguinte exemplo: “Considere o que acontece num encontro entre americanos, alemães e japoneses. A menos que os membros do grupo sejam muito sofisticados e tenham tido exposição prévia às outras culturas, o americano parecerá aos outros excessivamente ousado, familiar e curioso; os japoneses parecerão alegremente deferentes; os alemães parecerão distantes e desinteressados para os outros” (LAKOFF, 1975, p. 69-70). No entanto, segundo a autora, o que está em questão é que os americanos tendem a priorizar a regra 3, os japoneses a regra 2, enquanto os alemães enfatizarão a regra 1, ou seja, as culturas tenderão a considerar as regras com prioridade diferente e em condições de aplicabilidade também diferentes (LAKOFF, 1970).

boa impressão e ser ‘polidos’ de acordo com seus próprios padrões” (LAKOFF, 1975, p. 69), o que não implica a existência de regras diferentes, mas sim o fato de que as diversas culturas “têm condições diferentes para a aplicabilidade das três regras que compartilham” (LAKOFF, 1975, p. 70). Em suma, os postulados teóricos de Lakoff permitem refletir sobre a natureza interacional dos encontros sociais a partir da perspectiva do locutor que organizará a sua ação considerando o contexto e as ações que podem ser apreendidas no sentido de amenizar riscos aos participantes da interação.

A seguir, apresentaremos os postulados teóricos de Leech que reconhece a polidez como um sistema de expressão de crenças que orienta as ações dos indivíduos no sentido de manifestar o que é potencialmente favorável a um interlocutor, mas não para o agente da ação, o locutor.

1.3.2 A abordagem de im/polidez de Geoffrey Leech

Geoffrey Leech foi um estudioso extremamente influente na área dos estudos da linguagem (CULPEPER, 2014). Leech se dedicou sobretudo à análise de aspectos do comportamento linguístico relacionados à realização da polidez e foi responsável pela elaboração de um dos primeiros estudos pragmáticos²² mais abrangentes que visavam substancialmente à análise da comunicação polida. Suas considerações de base sobre a polidez foram publicadas, em 1983, no livro *Principles of pragmatics (POP)*, um texto clássico fundacional sobre a comunicação humana e a polidez linguística. Nessa obra, Leech (1983) apresenta o que ele chamou de *Princípio de Polidez (PP)*.

Assim como Lakoff (1973), Leech elabora o seu *Princípio de Polidez (PP)* com base no *Princípio de Cooperação* de Grice (1975) e nas máximas conversacionais, mas, ao contrário de Grice (1975), o que Leech (1983) propôs foi uma teoria capaz de acrescentar um fator explicativo ao *Princípio de Cooperação*. O seu objetivo foi alcançar a realidade de eventos im/polidos, fornecendo uma teoria específica de polidez, o que, segundo Leech (2014, p. 86), o *Princípio de Cooperação* de Grice não faz. Como o próprio autor especifica, apesar de algumas diferenças, o PP é análogo ao *Princípio de Cooperação* de Grice (1975), pois, segundo ele,

ambos são princípios regulatórios, que podem ser violados, observados em diferentes graus de força e usados para gerar implicaturas. Além disso, tanto o PP quanto o PC,

²² Culpeper (2014, p. 846) considera que Lakoff (1973b) já havia abordado a polidez sob uma perspectiva pragmática. No entanto, “Leech (1983) é uma abordagem de polidez baseada em máximas muito mais desenvolvida” (CULPEPER, 2014, p. 846). Ainda figura nesta lista de textos fundacionais o trabalho seminal de Brown e Levinson: *Politeness: some universals in language usage* (1987).

têm máximas constituintes que podem colidir entre si. As máximas do PP também podem colidir com as do PC (LEECH, 2014, p. 86).

O *Princípio de Polidez* de Leech (1983, p. 81) é definido por ele como uma forma de minimizar a expressão de crenças²³ impolidas e de maximizar a expressão de crenças polidas. Assim, Leech concebe a polidez como uma forma de *altruísmo comunicativo*²⁴ que implica a realização de ações que são benéficas para outros, mas não para o agente da ação. Nesta concepção, ser polido significa “falar ou comporta-se de forma a (parecer) dar benefício ou valor não a si próprio, mas à outra pessoa” (LEECH, 2014, p. 3). Considerando o objetivo do PP de oferecer formas de agenciar a redução de crenças impolidas e a maximização de crenças polidas, Leech (1983, p. 132) propõe um conjunto de seis máximas que são assim especificadas:

- (a) máxima de tato: minimizar o custo para *0*; maximizar o benefício para *0*²⁵;
- (b) máxima de generosidade: minimizar o benefício para *S*; maximizar o custo para *S*;
- (c) máxima de aprovação: minimizar as críticas a *0*; maximizar o elogio a *0*;
- (d) máxima de modéstia: minimizar o elogio a *S*; maximizar as críticas a *S*;
- (e) máxima de acordo: minimizar a discordância entre *S* e *O*; maximizar a concordância entre *S* e *0*;
- (f) máxima de simpatia: minimizar a antipatia entre *S* e *O*, maximizar a simpatia entre *S* e *0*.

Na obra *The pragmatics of politeness* de 2014, Leech revisa a sua obra de 1983²⁶, respondendo a algumas críticas²⁷ em relação à sua abordagem e também ampliando explicações sobre o fenômeno da im/polidez. Em relação à ampliação, Leech (2014, p. 92) acrescentou mais

²³ Culpeper (2011, p. 120-121) considera que a noção de crença “não é uma formulação ideal, pois a polidez não diz respeito essencialmente às crenças”. No entanto, adverte o autor que ela tem o mérito de jogar o peso na *expressão* e propõe reformular a noção da seguinte forma: escolha expressões que minimamente menosprezem o *status* do ouvinte.

²⁴ A noção de altruísmo para Leech (2014) não deve ser interpretada como “altruísmo genuíno, em que alguém faz ou diz algo benéfico a outra pessoa sem segundas intenções. O altruísmo comunicativo diz respeito apenas ao fenômeno comportamental observável e não está relacionado aos sentimentos internos.

²⁵ Cf. Leech (2014): S = *SPEAKER* (falante), 0 = *OTHER* (outro), H = *HEARER* (ouvinte).

²⁶ Leech (2014, p. 87) esclarece que a obra de 2014 é uma reformulação da obra de 1983 com a qual o autor pretende uma atualização e uma ampliação de conceitos tratados anteriormente.

²⁷ Leech (2014) faz um resumo das críticas que foram direcionadas à sua obra de 1983, mencionando Wierzbicka (1991, 2003); Huang (2007); Spencer-Oatey (2009). Algumas dessas críticas fazem referência a uma visão “universalista” e tendenciosa da polidez em relação aos valores da sociedade ocidental, aos conceitos de *polidez relativa* e *polidez absoluta*, ao excesso do número de máximas, a um suposto viés voltado para uma excessiva preocupação com outros, etc.

quatro máximas ao seu quadro conceitual²⁸: duas máximas de *obrigação* de *pos-polidez* (contabilizando agradecimentos, desculpas e as respostas) e duas máximas de *neg-polidez*²⁹: as máximas de reticência de opinião e reticência de sentimentos. O quadro a seguir explicita a visão atual de Leech (2014) sobre as máximas de polidez.

Quadro 2 – As máximas de polidez de Leech

Máximas (expressas de modo imperativo)	Par de máximas relacionadas	Marca para esta máxima	Tipo (s) de evento de fala típico (s)
(M1) atribuem um alto valor aos desejos de <i>O</i>	Generosidade/tato	Generosidade	Condescender
(M2) atribuem um baixo valor aos desejos de <i>S</i>		Tato	Diretivas
(M3) valorizam muito as qualidades de <i>O</i>	Aprovação/modéstia	Aprovação	Elogios
(M4) atribuem um baixo valor às qualidades de <i>S</i>		Modéstia	Auto-desvalorização
(M5) dar um alto valor à obrigação de <i>S</i> para com <i>O</i>	Obrigação	Obrigação (de <i>S</i> para <i>O</i>)	Desculpas, agradecimentos
(M6) atribuem um baixo valor à obrigação de <i>O</i> com relação a <i>S</i>		Obrigação (de <i>O</i> para <i>S</i>)	Respostas a agradecimentos e desculpas
(M7) valorizam muito as opiniões de <i>O</i>	Opinião	Concordância	Concordância
(M8) atribuem um baixo valor às opiniões de <i>S</i>		Opinião reticente	Dar opiniões
(M9) valorizam muito os sentimentos de <i>O</i>	Sentimento	Simpatia	Parabenizar, solidarizar-se
(M10) atribuem um baixo valor aos sentimentos de <i>S</i>		Sentimento reticente	Suprimir sentimentos

Fonte: LEECH, 2014, p. 91.

Todas essas máximas, segundo Leech, operam como sub-máximas de uma super-máxima denominada “Estratégia Geral de Polidez” (*General Strategy of Politeness - GSP*). Segundo a *GSP*, para ser polido “*S* expressa ou implica significados que associam um valor favorável ao que pertence ao *O* ou associa um valor desfavorável ao que pertence a *S*” (LEECH, 2014, p. 90). Destaca-se com essas máximas que elas não são de caráter prescritivo. São formas de descrever o que acontece na comunicação “por padrão”, ou seja, “se não houver outros princípios, máximas ou outros fatores limitantes intervindo” (LEECH, 2014, p. 35).

²⁸ As seis primeiras máximas foram sistematizadas em Leech (1983), as demais em Leech (2014).

²⁹ Os termos *pos-polidez* e *neg-polidez* são utilizados por Leech (2014) para estabelecer uma distinção com os termos polidez positiva e polidez negativa de Brown e Levinson (1987). Na obra de Leech (2014, p. 12), a *pos-polidez* é uma forma de dar ou atribuir valor positivo ao destinatário, ampliando ou fortalecemos a expressão de valor positivo e a *neg-polidez* tem a função de mitigar, reduzir ou diminuir a expressão de valor negativo na transação.

Para o autor, algumas máximas como a máxima de tato e a máxima de modéstia representam o que os interactantes perseguem para manter a concórdia comunicativa. A fim de alcançá-la, os interactantes buscam manter o equilíbrio entre os objetivos ilocucionários (pedir permissão, dar conselhos, elogiar, *etc*) e, também, objetivos sociais como manter boas relações com os demais interlocutores. Nesse sentido, o autor postula que os objetivos ilocucionários podem apoiar ou competir com os objetivos sociais, por exemplo, ao fazer um elogio, o objetivo ilocucionário de uma pessoa é comunicar a H sua alta avaliação a H ou a alguma qualidade de H. Neste caso, o objetivo ilocucionário apoia o objetivo social (dizer algo polido, a fim de manter boas relações). Mas em um pedido, ou em uma crítica a H, por exemplo, o objetivo ilocucionário compete, ou está em desacordo, com esse objetivo social. Para especificar melhor como se dá essa relação, Leech (2014, p. 90) dividi os atos de fala pela sua função ilocucionária em quatro categorias:

- ✓ Competitivo: o objetivo ilocucionário compete com o objetivo social, por exemplo, ordenar, pedir, exigir, implorar.
- ✓ Convivial: o objetivo ilocucionário coincide com o objetivo social, por exemplo, ofertas, convidar, cumprimentar, agradecer, felicitar.
- ✓ Colaborativo: o objetivo ilocucionário é indiferente do objetivo social, por exemplo, afirmar, relatar, anunciar, instruir.
- ✓ Conflitivo: o objetivo ilocucionário entra em conflito com o objetivo social, por exemplo, ameaçar, acusar, amaldiçoar, repreender.

Leech afirma que “os dois primeiros tipos são os que mais envolvem polidez” (LEECH, 2014, p. 89). Os atos de fala mencionados em (a) estão sujeitos à polidez negativa porque são atos reconhecidamente impolidos (inerentemente impolidos) por materializarem um alto grau de imposição dos desejos de S em relação ao seu interlocutor. Daí, a necessidade da polidez negativa a fim de mitigar ou diminuir o grau da imposição. Os atos mencionados em (b) envolvem a polidez positiva, isto é, a atribuição de alto valor à face positiva do interlocutor. Para Leech, esses atos são considerados polidos por natureza uma vez que estão relacionados ao estabelecimento e à manutenção dos vínculos sociais. Por sua vez, os atos colaborativos não têm razão especial para envolver a polidez porque são neutros, ou seja, não contribuem nem competem para o objetivo social. Finalmente, os atos conflitantes não envolvem a polidez, exceto em casos de ironia, pois o objetivo é o *face-ataque* e, assim, “não há razão para ser polido quando o objetivo é causar ofensa deliberada” (LEECH, 2014, p. 90).

Um outro ponto relevante da abordagem de Leech (1983, p. 10) é a divisão apresentada por ele entre a pragmática geral (condições gerais do uso comunicativo da língua), a pragmalinguística (condições “locais” mais específicas sobre o uso da língua) e a sociopragmática (recursos particulares que uma determinada língua proporciona para transmitir ilocuções particulares). Apesar dessa distinção, Leech ressalta que a *pragmalinguística* e a *sociopragmática* não devem ser estudadas de forma isolada, pois “ambas são facetas da pragmática: uma voltada para a linguagem e a outra para a sociedade” (LEECH, 2014, p. 15). Sendo assim, Leech argumenta que “uma parte fundamental do estudo da polidez é investigar como elas se interconectam: como os recursos pragmalinguísticos de uma língua permitem que os valores culturais sejam expressos” (LEECH, 2014, p.15).

A partir dessa distinção, Leech (1983, p. 83 - 84) estabeleceu os conceitos de *polidez absoluta* e *polidez relativa*, reformulados em 2014, utilizando-os sob o conceito de *polidez pragmalinguística* e *polidez sociopragmática*, respectivamente. Com o conceito de *polidez pragmalinguística*, o objetivo de Leech é indicar que existem certas expressões que tendem a ser consideradas im/polidas, independente do contexto (*polidez absoluta*). Essa noção foi alvo de vários questionamentos³⁰, pois muitos comentadores da teoria de Leech alegaram que o autor fazia referência à existência de expressões que eram inerentemente polidas ou impolidas.

Na verdade, o posicionamento de Leech a esse respeito, como fica explícito em seu texto de 2014, é que seria possível ordenar afirmações numa escala de polidez, mantendo o contexto invariável. Segundo o autor, há uma razão semântica para isso: “em um sentido padrão, quanto mais um pedido oferece escolha para H [hearer], mais polido ele é” (LEECH, 2014, p. 88). Por sua vez, a *polidez sociopragmática* é dependente do contexto, ou seja, uma atitude é considerada polida em relação às normas de uma dada sociedade, grupo ou situação. Com essa noção, Leech (2014) sugere que “os juízos sociais de polidez dependem não só das palavras usadas e dos seus significados, mas também do contexto em que são usadas” (LEECH, 2014, p. 17). A noção primordial da *polidez sociopragmática* é a *polidez* considerada “normal” ou “apropriada” a cada contexto.

Paralela às questões relacionadas à *polidez*, Leech (2014) discute também questões específicas relacionadas à *impolidez*. Segundo o autor, a reivindicação recorrente de que a *impolidez* não recebia a devida atenção em comparação com a *polidez* começou a ser superada com os trabalhos

³⁰ Cf. Leech (2014, p. 15), discordaram da noção de *polidez absoluta* autores como Locher (2006); Locher e Watts (2008); Wierzbicka (1991; 2003), Watts (2003) e Mills (2003). Watts (2003). O principal argumento apresentado contra a noção de *polidez absoluta* e *polidez relativa* é que não haveria comportamento linguístico que seja inerentemente polido ou impolido.

de Culpeper e outros autores³¹ que se propuseram a investigar especificamente os eventos impolidos. Na esteira desses estudos, Leech menciona a polidez e seus “opostos” (*Politeness and its “oppositives”*), nos quais estão enquadrados os diversos tipos de comportamentos impolidos: a não-polidez (formas de enunciado isentas de qualquer marca de polidez ou de impolidez), a impolidez (processo de violação de máximas do PP)³², a ironia³³ ou sarcasmo (estratégia que usa a polidez para promover a impolidez) e a brincadeira (estratégia que usa a impolidez para promover a polidez e o vínculo social). Segundo o autor, todos esses fenômenos contrastam com a polidez, no entanto, cada um de uma forma diferente. Uma das distinções aparentes apresentadas é que os comportamentos impolidos seriam “marcados” e menos recorrentes em relação ao seu oposto polar, a polidez. É importante destacar a noção de “oposto polar” porque essa noção está sustentada na avaliação escalar proposta por Leech (escala pragmática e sociopragmática) para avaliar o grau de polidez e não na suposição de que a impolidez é o oposto da polidez.

De forma geral, o *Princípio de Polidez* proposto por Leech (1983) busca estabelecer por meio das máximas uma estratégia geral com o objetivo de evitar discórdia e promover concordância na interação. Assim como o Princípio Cooperativo de Grice, o *Princípio de Polidez* se constitui de máximas que, se violadas, geram implicaturas. Essas implicaturas veiculam sentidos que devem ser menos ofensivos aos destinatários, uma vez que para ser polido é necessário que o falante expresse ou implique significados que associam um valor favorável ao que pertence ao outro ou ainda associar um valor desfavorável ao que pertence a si mesmo. Ainda segundo o PP, “os interagentes, em geral, preferem expressar ou implicar crenças polidas em vez de crenças impolidas³⁴” (LEECH, 2014, p. 34).

Isso porque, segundo o autor, a polidez é geralmente considerada algo positivo, uma qualidade socialmente desejável e, por isso, desde cedo a socialização das crianças, geralmente, inclui aprender a ser polido (LEECH, 2014). Dessa forma, a polidez é considerada uma estratégia de convívio social que visa a estabelecer e a manter boas relações entre os membros de uma sociedade, contribuindo para evitar a discórdia e para a coesão de grupos sociais. Além

³¹ Culpeper (1996; 2005; 2011a, 2011b; 2011c); Culpeper *et al.* (2003); Bousfield, (2008); Bousfield e Locher, (2008).

³² A impolidez implica a violação de máximas do PP, ou seja, “tirar valor de outra pessoa e dar valor a si mesmo” (LEECH, 2014, p. 220).

³³ Leech estabeleceu o “Princípio de Ironia” com base na seguinte orientação: “Se você deve causar ofensa, pelo menos faça-o de uma forma que não entre em conflito evidente com o PP, mas permita que o ouvinte chegue ao ponto ofensivo da sua observação indiretamente, por meio de implicação” (LEECH, 1983, p. 82).

³⁴ Leech (2014) não descarta a existência dos comportamentos impolidos e dos contextos em que este tipo de comportamento é predominante, ou ainda, situações em que as pessoas escolhem, por algum motivo, ser impolidas umas com as outras.

disso, Leech considera que a tendência do grupo em evitar a discórdia e buscar a concórdia tem a ver com atos de polidez individualmente motivados. O comportamento motivado para a polidez pode remeter ao conceito de face e a ações que são desenvolvidas mutuamente para a manutenção das faces que estão em contato, ou seja, “manter a face dá aos indivíduos a motivação para serem polidos” (LEECH, 2014, p. 27). Essa noção relacionada a um interesse do locutor motivado para a manutenção da face é considerada também na teoria de polidez de Brown e Levinson (1987) da qual trataremos no tópico seguinte.

1.3.3 A teoria da polidez de Penelope Brown e Stephen Levinson

A teoria da Polidez proposta por Brown e Levinson (1978/1987) representa, desde o seu aparecimento em 1978, uma das teorias mais influentes e sofisticadas nos estudos da polidez (EELLEN, 2001, KERBRAT-ORECCHIONI, 2006; LEECH, 2007), de forma que é impossível tratar dessa temática sem revisitar os conceitos postulados por esses autores (KERBRAT-ORECCHIONI, 1997; WATTS, 2003; LOCHER, 2006). Ainda sobre a relevância dessa teoria, Eelen (2001, p.3) afirma que “Brown e Levinson se tornaram quase sinônimo da palavra “polidez” dada a sua influência não só para os estudos no campo da pragmática, mas também para muitas outras áreas como a Linguística Interacional, Análise do Discurso etc. que de alguma forma dialogam com os seus postulados.

Inspirados nos estudos de Goffman (1959;1967), Brown e Levinson adotam o conceito de face elaborado pelo referido sociólogo como constituinte central da teoria que propuseram, reelaborando-o sob uma perspectiva mais individualista³⁵. Assim como Goffman (1959;1967), Brown e Levinson fazem referência a uma imagem pública compartilhada socialmente da qual dependem o desenvolvimento e o equilíbrio da interação. O efeito emergente dessa imagem social compartilhada é que a face se configura como elemento de interesse mútuo entre interactantes, determinando as ações de cada um deles no que se refere a sua preservação. Esses autores argumentam que todo indivíduo reivindica para si essa imagem pública (face) que pode ser “perdida, mantida ou aprimorada” e, por isso, deve também ser preservada (território). Sendo assim, o que se estabelece na interação é um jogo em que a face de cada um dos envolvidos depende da manutenção de todas as outras e, por isso, em geral, é do interesse de cada participante manter a face um do outro, isto é, “agir de maneira a assegurar aos outros

³⁵ Brown e Levinson (1987) adotam uma perspectiva mais individualista do conceito de face que atende melhor à noção de pessoa modelo racional da teoria que propuseram, enquanto Goffman (1959;1967) postula o conceito de face como resultante de uma construção mútua entre interagentes.

participantes que o agente está atento às suposições relativas à face” (BROWN; LEVINSON, 1987, p. 61).

Na teoria de polidez elaborada por Brown e Levinson (1987), a face se constitui de duas dimensões: a face positiva e a face negativa:

- a) **Face negativa:** a reivindicação básica de territórios, preservação pessoal, direitos a não distração - isto é, liberdade de ação e liberdade de imposição.
- b) **Face positiva:** a autoimagem positiva consistente ou “personalidade” (incluindo crucialmente o desejo de que esta autoimagem seja apreciada e aprovada) reivindicada pelos interagentes

Além da face, há um outro conceito relacionado à interação: a *racionalidade*, que consiste em “certas capacidades racionais, em particular modos consistentes de raciocínio dos fins e dos meios que alcançarão esses fins” (BROWN; LEVINSON, 1987, p. 64). Assim, essa noção postula a existência de uma certa individualidade, personificando uma pessoa modelo ideal portadora de raciocínios que “regulam” a sua atuação na vida social. Segundo Eelen, a “pessoa-modelo é vista como a personificação de características sociais humanas e princípios de raciocínio (lógica) social universalmente válidas” (EELLEN, 2001, p. 5). Isso significa que para Brown e Levinson, essas duas características - face e racionalidade – são reconhecidamente universais, ou seja, os autores consideram que todas as pessoas em todas as culturas são investidas de uma necessidade de reconhecimento mútuo que regula as suas ações de forma a manter e a preservar, não só a sua imagem como a imagem dos demais participantes da interação e isso “ inclui o desejo de ser ratificado, compreendido, aprovado, apreciado ou admirado” (BROWN; LEVINSON, 1987, p. 62).

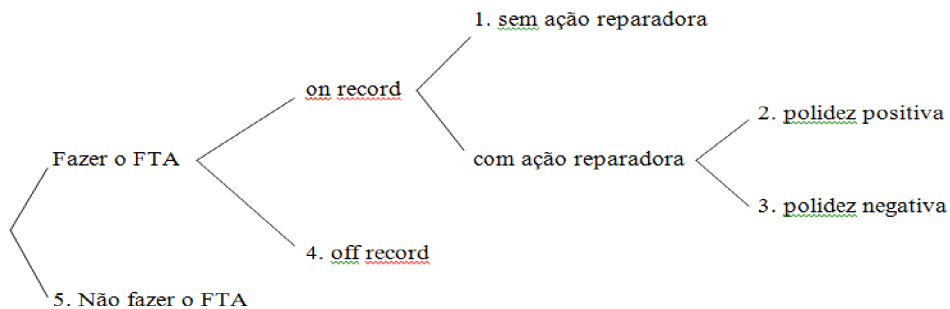
A partir do reconhecimento desses dois elementos (face e racionalidade), Brown e Levinson consideram, assim como Goffman (2011), que as relações sociais colocam as faces em risco e que os atos de fala ameaçam os desejos de face (*face-want*) dos interactantes. Para isso, eles postulam, a existência dos *FTAs* (*face-threatening acts*), reconhecendo que os *FTAs* incidem sobre a face positiva e também sobre a face negativa dos interactantes e, assim, de acordo com o direcionamento dos interactantes na interação, os *FTAs* se dividem em quatro categorias:

- ✓ Atos ameaçadores da face negativa do emissor: os atos que afetam o território daquele que realiza o ato (aceitar ofertas, promessa, expressar agradecimento);

- ✓ Atos ameaçadores da face positiva do emissor: atos que colocam em risco a face positiva daquele que realiza o ato (autocrítica, pedido de desculpas, confissão, aceitação de elogio, perda de controle físico e/ou emocional);
- ✓ Atos ameaçadores da face negativa do destinatário: todos os atos que afetam o território do destinatário (perguntas, interpelação, conselho, sugestão, proibição, ordem, pedido);
- ✓ Atos ameaçadores da face positiva do destinatário: todos os atos que colocam em risco a imagem do outro (a crítica, a refutação, a censura, a reprovação, a chacota, o insulto).

Segundo Brown e Levinson, a consideração de que os atos de fala são intrinsecamente ameaçadores e que a polidez está envolvida na correção dessas ameaças sugere que o interactante tem a possibilidade de escolha no que diz respeito a efetuar ou não um *FTA* e, na ocorrência dele, fazer uso de estratégias a fim de minimizar esse potencial ofensivo. Dessa forma, os parceiros da conversação podem agir, pautados nas seguintes nas opções, conforme figura abaixo:

Figura 1 – As estratégias de polidez de Brown e Levinson



Fonte: BROWN; LEVINSON, 1987, p. 69.

Esse esquema apresenta as estratégias postuladas por Brown e Levinson (1987) para a realização dos *FTAs*. Segundo Brown e Levinson (1987, p. 68), qualquer agente racional procurará evitar os atos ameaçadores, recorrendo a certas estratégias para minimizar a ameaça. Para isso, o indivíduo irá considerar o peso relativo de pelo menos três desejos: (a) o desejo de comunicar o conteúdo do *FTA*; (b) o desejo de ser eficiente e urgente; e (c) o desejo de manter a face do outro.

Para Brown e Levinson, as estratégias realizadas *on-record* são aquelas em que os falantes deixam clara a sua intenção de fazer um *FTA*, sem reparação (estratégia 1: ato realizado de forma clara, direta e concisa) ou com ação reparadora (indica claramente que nenhuma ameaça à face do outro é pretendida), enquanto as estratégias realizadas *off-record* privilegiam os atos de fala indiretos e que precisam ser inferidos no contexto.

As estratégias realizadas *on-record* com ação reparadora podem ser materializadas por meio de estratégias de polidez positiva, demonstram que o falante quer ou considera os desejos do outro, tratando-o como amigo, uma pessoa do grupo cujos desejos devem ser reconhecidos e apreciados. Trata-se de uma estratégia que tem como objetivo “untar a face” do outro o que corresponde a valorizar e reconhecer a imagem e os atributos do outro. Ou por meio de estratégias *on-record* de polidez negativa que tem como base a evitação, no sentido de demonstrar que o falante não pretende interferir no comportamento do outro no sentido de restringir a liberdade de ação de seu destinatário.

Conforme postula Eellen (2001, p. 4), nesta base estão inseridas as três principais estratégias para a realização de atos de fala: a polidez positiva (a expressão de solidariedade, atendendo às necessidades do ouvinte), a polidez negativa (a expressão de moderação, atenção aos desejos negativos do ouvinte) e a polidez *off-record* (evitar fazer imposições). Para Kerbrat-Orecchioni, nessa perspectiva, “a polidez aparece como um meio de conciliar o mútuo desejo de preservação das faces, com o fato de que a maioria dos atos de fala são potencialmente ameaçadores para uma dessas faces” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p.80). Além disso, o agenciamento das estratégias de polidez em consonância com o contexto comunicativo pode ser explicado em termos de *face-work* ou trabalho de face, como postulou Goffman (1967), noção que engloba tudo o que uma pessoa empreende para que as suas ações não impliquem perda de face para os envolvidos em uma interação (*saving-face*).

Brown e Levinson (1987, p.74) acrescentam ainda que a quantidade e o tipo de polidez que são aplicados a um determinado ato de fala podem ser mensurados na consideração de três variáveis sociais:

- (1) a distância social entre o falante e o ouvinte (D);
- (2) a diferença de poder entre o falante e o ouvinte (P) e;
- (3) o peso ou força de imposição do ato (R).

A variável D é uma dimensão social simétrica de similaridade/diferença, ou seja, refere-se ao grau de intimidade ou familiaridade entre falante e ouvinte e ao tipo de bem material ou

não que é transacionado. Essa estratégia interfere na escolha dos interactantes de uma estratégia de polidez negativa, por exemplo, se há um grau elevado de distanciamento social entre os interlocutores. Em relação a variável P, trata-se de uma dimensão social assimétrica de poder relativo que indicia o grau com que O [ouvinte] pode impor seus próprios planos e sua própria autoavaliação (face) à custa dos planos e da autoavaliação de F [falante] (BROWN; LEVINSON, 1987, p. 77).

Finalmente, a variável R é um ranking definido em termos cultural e situacional que define o grau de imposição direcionada ao outro. Essa variável refere-se ainda a “se os atores têm direitos ou obrigações específicas para executar o ato, se eles têm razões específicas (rituais ou físicas) para não executá-lo, e se os atores realmente se sentem bem ao ser impostos de alguma maneira” (BROWN; LEVINSON, 1987, p. 77). Ainda segundo os autores, com o emprego dessas variáveis, os falantes selecionam uma estratégia específica com a qual estruturam as suas contribuições comunicativas e realizam os seus atos de fala. Nessa perspectiva, a polidez é entendida como uma forma de prevenção estratégica de conflitos que será acionada e calculada por uma pessoa modelo racional capaz de avaliar, no fluxo da interação, as melhores estratégias para evitar possíveis danos à face dos envolvidos. Dessa forma, a polidez funciona como um mecanismo estratégico capaz de regular a potencial agressão e rudeza entre os participantes da conversação (BROWN; LEVINSON, 1987, p. 1) por meio de um investimento individual executado pelos participantes denominado trabalho de face.

Com base nessa orientação, destaca-se que a preocupação central da teoria proposta por Brown e Levinson (1987) é apresentar não especificamente uma teoria de polidez, mas um aparato racional orientado para o trabalho de face com o fim específico de mitigar possíveis ameaças às faces que estão em jogo (CULPEPER, 2011). Essa orientação central da teoria é limitadora, pois exclui as possibilidades de que as interações humanas podem ser orientadas para fins contrários à manutenção ou ao estabelecimento de polidez.

A seguir, apresentaremos os postulados teóricos das chamadas abordagens tradicionais de im/polidez.

1.3.4 Considerações sobre as abordagens tradicionais de im/polidez

De forma geral e sistematizando as abordagens discutidas aqui, o que se observa é que as teorias tradicionais dos estudos da polidez e, sobretudo, a teoria de Brown e Levinson, apresentam algumas inconsistências que comprometem o seu potencial como ferramenta para

a descrição do funcionamento da im/polidez. Parte das inconsistências dessas teorias recai sobre elementos herdados das orientações teóricas nas quais se basearam. Por exemplo, as máximas conversacionais, sobre as quais Lakoff (1973) e Leech (1983) apoiaram as suas abordagens, têm um foco maior na ação do falante, desconsiderando a participação mútua dos interlocutores como “produtores” de significados e não apenas como “decodificadores” de processos. Dessa forma, a compreensão de como os eventos comunicativos se realizam fica comprometida por estar fundamentada sob uma perspectiva unilateral.

Um segundo elemento que indica a limitação dessas teorias para o estudo da impolidez diz respeito à avaliação do significado da implicatura conversacional, ou seja, de que maneira é possível afirmar se um determinado evento é considerado polido/impolido quando não há uma referência adequada ao papel do contexto sociocultural dos falantes. Outro limitador é o fato de que essas teorias concebem uma realidade muito “estática” dos eventos de fala no sentido de limitar a ação dos indivíduos, restringindo a sua participação à escolha de regras pré-postuladas para a realização dos atos de fala. Essa noção implica a perda da dinamicidade inerente à toda interação e torna-se um limitador para a avaliação de eventos que fogem à estaticidade de regras em função da “intencionalidade” dos falantes. Além disso, essa estaticidade implica também variantes sociais como distância/poder ao delimitar *a priori* posições fixas para os interactantes na interação, desconsiderando que variações suscitadas pela situação de comunicação podem ocorrer e interferir na forma como os falantes se avaliam mutuamente no curso das ações comunicativas.

Destaca-se também que as teorias tradicionais de polidez se concentram no estudo de atos de fala isolados e, às vezes, descontextualizados cujo foco é a análise de enunciados ou turnos únicos, desconsiderando a análise de textos ou de trocas comunicativas mais extensas. A análise de textos mais longos ou de trocas comunicativas mais extensas podem ser favoráveis à investigação de como os interactantes se constroem mutuamente na interação, como respondem a ações consideradas por eles como polidas/impolidas. Finalmente, outro ponto limitador das teorias tradicionais da polidez é a pouca atenção destinada aos estudos da impolidez, às suas formas de realização e aos fenômenos que ela invoca como a rudeza, a falsa polidez, a subpolidez, a hiperpolidez e a não polidez. Esses fenômenos e a própria impolidez passaram a ser investigados de forma mais pontual com as abordagens de im/polidez da “chamada segunda onda”, dentre elas, Watts (2003), Locher e Watts (2005, 2008) e Culpeper (1996, 2005) que buscaram reelaborar os estudos nessa área como será apresentado no tópico a seguir.

1.4 As abordagens da chamada “segunda onda” dos estudos da im/polidez

Neste item, abordaremos as teorias componentes do que Culpeper (2011) denomina de “a segunda onda” dos estudos da im/polidez. Essas teorias foram propostas por Watts (2003; 2005); (Locher, 2004, 2006), Locher e Watts (2005) e Culpeper (1996, 2005, 2010, 2011) entre outros³⁶. Pontuaremos, em especial, a abordagem de Watts e Locher, no item, 1.4.1, pelo enfoque dado ao aspecto relacional das interações com a noção de trabalho relacional que acomoda não só aspecto de polidez, mas também de impolidez e suas variações. Em seguida, apresentaremos a abordagem de Culpeper, no tópico 1.4.2, a mais representativa para a nossa pesquisa, pois é a partir dela que postulamos uma articulação com o Modelo de Análise Modular do Discurso, almejando constituir um quadro mais preciso para o estudo da impolidez.

1.4.1 A abordagem discursiva de Richard Watts e Miriam Locher para o estudo da im/polidez

Ancorados na percepção da im/polidez como uma questão de avaliação intersubjetiva, situada e submetida à luta discursiva, os autores representantes da abordagem discursiva da im/polidez como Watts (2003,2005); Locher e Watts (2005, 2008); Locher (2006) adotam uma perspectiva diferente das teorias clássicas da polidez, como Brown e Levinson (1987) e Leech (1983), por exemplo. Esses autores condenam, sobretudo, “as formas pelas quais os cientistas sociais retiram o termo “im/polidez” do âmbito do discurso cotidiano e o elevam ao *status* de conceito teórico no que é frequentemente chamada de Teoria da Polidez” (WATTS, 2003, p. 9). Segundo os autores, essa postura deixa de lado as noções leigas sobre o que é o comportamento social adequado, como são discutidas discursivamente e como essas noções constituem as próprias relações entre os sujeitos (WATTS, 2003). Em outros termos, isso implica dizer que, para os teóricos da abordagem discursiva, a im/polidez é um efeito emergente da interação captado por indivíduos socialmente situados e que está submetida a disputa discursiva entre interactantes e não um conceito puramente estático e constituído para fins teóricos. Sendo assim, adotar essa orientação é também reivindicar que a im/polidez deve ser estudada sob a perspectiva de como os indivíduos a percebem no jogo discursivo, isto é, a

³⁶ Além dos autores mencionados, consideramos a relevância dos estudos de Spencer- Oatey (2000, 2002, 2005) em relações aos aspectos relacionais e à ampliação do conceito de face e de Terkourafi (2001, 2002, 2003) com a noção de enquadramento. O conceito de face de Spencer-Oatey foi incorporado às reflexões de Culpeper desde os seus trabalhos iniciais e a noção de quadros de Terkourafi em revisões mais recentes de sua abordagem (CULPEPER, 2011, 2016).

pesquisa discursiva deve abordar “uma compreensão de como o termo é usado e a natureza da luta sobre seu uso” (WATTS, 2003, p. 9). Sendo assim, a polidez é considerada

um conceito dinâmico, sempre aberto à adaptação e mudança em qualquer grupo, em qualquer idade e, de fato, em qualquer momento. Não é um dado sócio-antropológico que pode ser simplesmente aplicado à análise da interação social, mas na verdade surge a partir dessa interação (WATTS; IDE; ELICH, 1992, p. 11)

Nessa perspectiva, Watts considera que uma “teoria de polidez deve ser capaz de localizar possíveis realizações de comportamento polido ou impolido e oferecer uma maneira de avaliar como os próprios membros podem ter avaliado esse comportamento” (WATTS, 2003, p. 20). Para explicar essa perspectiva situacional e emergente da im/polidez, uma questão relevante apresentada por Watts (2003) refere-se à distinção entre polidez 1 e polidez 2. Para Watts (2003, p. 4), as diversas interpretações sobre polidez e impolidez que ocorrem na interação verbal não são da mesma ordem. Por esse motivo, segundo o autor, é necessário distinguir a polidez 1 (polidez de 1ª ordem), “interpretações populares” ou “interpretações leigas” com as quais os falantes avaliam se o comportamento de um participante é “polido” ou “impolido”, ou ainda se o comportamento “polido” é positivo ou negativo, da polidez 2 (polidez de 2ª ordem), utilização teórica dos termos “polidez” e “impolidez” feita por estudiosos como conceitos técnicos voltados para a análise da interação social, ou seja, quando são sistematizados dentro de uma teoria de im/polidez. Ao apresentar essa distinção, Watts argumenta que “a investigação da polidez de primeira ordem é o único meio válido para desenvolver uma teoria social de polidez” (WATTS, 2003, p. 9), pois materializa as formas como a im/polidez é apreendida e negociada na emergência do contato social.

Para compreender o que acontece no fluxo de interação social, a fim de identificar os tipos de comportamento que parecem justificar a atribuição do termo “polido” ou “impolido”, Watts (2003) considera que as avaliações pessoais do comportamento polido ou impolido variam de uma pessoa para outra, de uma comunidade de prática para outra e que essas avaliações podem ser reconhecidas em uma escala segundo a qual os indivíduos reconhecem os comportamentos como polidos, impolidos ou apenas como adequados em uma situação particular. Para Watts (2005), a variação depende de uma ampla gama de variáveis sociais e contextuais. Para conceituar o comportamento adequado, Watts utiliza a expressão comportamento diplomático (*politic behavior*) que se refere ao “comportamento, linguístico e não-linguístico, que os participantes constroem como sendo apropriado para a interação social em curso” (WATTS, 2003, p. 20) ou ainda como o “comportamento linguístico que é percebido

como adequado às restrições sociais da interação em curso, ou seja, como não-saliente” (WATTS, 2003, p. 19).

A noção de comportamento diplomático adotada na abordagem discursiva implica que serão avaliados como polidos ou impolidos apenas os comportamentos que os participantes da interação entendem como violando os limites do comportamento apropriado para a situação, ou seja, o comportamento saliente que “deve ser chamado de polido ou impolido, dependendo se o próprio comportamento tende para o extremo negativo ou positivo do espectro da polidez” (WATTS, 2003, p. 19). É dessa forma que um indivíduo que utiliza marcas de polidez além do que é considerado apropriado para a interação, por exemplo, pode ter o seu comportamento avaliado negativamente pelos outros participantes.

Nesse sentido, Locher e Watts (2005) argumentam que “a adequação é orientada pelo quadro (*frame*) ou *habitus* dos participantes dentro do qual a face é atribuída a cada participante pelos outros, de acordo com as linhas tomadas na interação” (LOCHER; WATTS, 2005, p. 17).

Como se pode observar, a noção de comportamento adequado está ancorada na ideia de *habitus* herdada de Bourdieu e adotada por Watts (2003) para se referir a formas incorporadas de modos de ação e de avaliação fundamentados em uma “cultura” de grupo (campo social de inserção, posição social do indivíduo) que perpassa a história particular de cada indivíduo, moldando sua maneira de perceber e de se relacionar com o mundo. Para Bourdieu,

o habitus é, com efeito, princípio gerador de práticas objetivamente classificáveis e, ao mesmo tempo, sistema de classificação de tais práticas. Na relação entre as duas capacidades que definem o *habitus*, ou seja, a capacidade de produzir práticas e obras classificáveis, além da capacidade de diferenciar e de apreciar essas práticas e esses produtos (gosto), é que se constitui o mundo social representado, ou seja, o espaço dos estilos de vida (BOURDIEU, 2006, p. 162).

Compreendido dessa forma, o *habitus*, segundo Bourdieu, é um princípio unificador e gerador de práticas que permite ao indivíduo incorporar maneiras socialmente estáveis que o capacita a agir no meio social. Em outras palavras, para Bourdieu, o *habitus* pode ser compreendido como “um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações [...]” (BOURDIEU, 1983, p. 65), ou seja, refere-se a estruturas de expectativa evocadas dentro do quadro da interação.

Na abordagem discursiva, o conceito de *habitus* ajuda a esclarecer dois pontos

fundamentais: a noção de “adequabilidade”³⁷ a partir da qual os indivíduos avaliam as suas ações e as dos demais participantes de uma interação e a luta de poder que subjaz às relações sociais quando são observadas sob o prisma da distinção entre classes sociais. Dessa forma, se o *habitus* faz referência a uma espécie de capital cultural/social simbólico que pode ser mobilizado pelos interactantes para distinguir classes sociais atribuindo a elas traços relacionados a prestígio e honra, pode também ser mobilizado como instrumento de dominação ao propiciar que determinados grupos dominantes limitem o território de ação e de atuação de outros grupos por considerá-los menos aptos em função dos traços de desprestígio que a eles são atribuídos ou de que supostamente são portadores. É dessa forma que Watts (2005) considera que a polidez é uma questão de disputa discursiva, pois está relacionada a forma como os interactantes constroem e representam as suas identidades no meio social.

Nessa concepção, ganha destaque o conceito de *trabalho relacional*, indicando que a luta pela im/polidez está relacionada “ao fato de que as pessoas são seres sociais que utilizam a linguagem não apenas para comunicar fatos, mas também para moldar suas identidades em relação a seus parceiros na interação” (LOCHER, 2006, p. 251). O trabalho relacional, conforme proposto por Locher e Watts (2005) e Locher (2006), refere-se ao “ao “trabalho” que os indivíduos investem na negociação de relações com outros” (LOCHER; WATTS, 2005, p. 10). Trata-se de uma noção mais abrangente do que a noção de trabalho de face (*face-work*) postulada por Brown e Levinson (1987), noção excessivamente focadas na forma e centradas no falante, porque faz referência não só a ações ou estratégias que podem mitigar a ameaça de determinados atos de fala, mas também às “manifestações de agressão, a negociação de conflitos, a gestão de situações formais nas quais se exige etiqueta linguística, brincadeiras amigáveis, provocações *etc.*, são todos aspectos do trabalho relacional” (LOCHER; WATTS, 2005, p. 28).

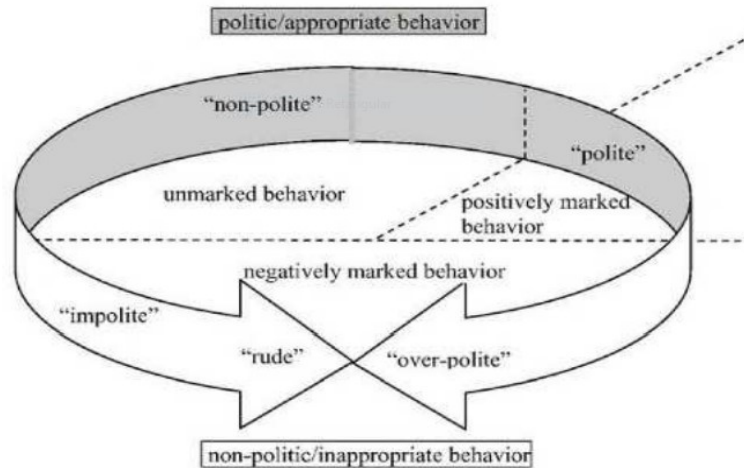
A esse respeito, Locher (2006, p. 250) considera que o trabalho relacional é preferido, porque compreende mais do que apenas atenuação. Segundo a autora, o trabalho relacional abrange todo o espectro de comportamento, desde o rude e impolido, passando pelo normal, apropriado e não marcado, até o marcado e polido e, dessa forma, se mostra mais apropriado para a investigação do que os interactantes estão fazendo na interação em curso³⁸. Para

³⁷ Locher e Watts (2005) consideram as noções de quadro (Bateson, 1954; Goffman, 1974) e de *habitus* (Bourdieu) para “explicar a estruturação, emergência e existência contínua de normas sociais que orientam tanto as instâncias verbais quanto as não verbais do trabalho relacional” (LOCHER; WATTS, 2005, p. 11).

³⁸ Haugh (2007, p. 3-5) formula alguns pontos que, segundo o autor, se constituem como problemáticos conforme postuladas na abordagem discursiva: a distinção feita pelos autores entre a polidez de primeira ordem e segunda ordem, a validade e a utilidade das quatro categorias constitutivas do trabalho relacional, as intenções dos falantes e os ouvintes e, por fim, a noção de face. Segundo o autor, trata-se de “uma série de questões epistemológicas e

demonstrar esse espectro sob o qual os comportamentos podem ser analisados em determinada situação, os autores apresentam o esquema abaixo:

Figura 2 – O comportamento polido de acordo com o trabalho relacional



Fonte: WATTS, 2005; LOCHER, 2006, p. 257.

Dessa forma, o emprego da noção de trabalho relacional, segundo Locher (2006), abrange uma gama maior de comportamentos, possibilitando o afastamento da dicotomia entre polidez e impolidez que deixava de fora variações do comportamento im/polido que surgem na emergência das avaliações dos interactantes em uma interação em curso, como o comportamento diplomático, por exemplo. É, dessa forma, que a noção de trabalho relacional se constitui como um conceito útil para ajudar a investigar a luta discursiva sobre a im/polidez (LOCHER; WATTS, 2005).

Assim como a maioria significativa dos estudos que relacionam polidez e comunicação humana, a noção de trabalho relacional evoca ainda a noção de face. Na abordagem discursiva, esse conceito se distancia um pouco do apresentado nas abordagens clássicas que considera a face como um atributo individual e pré-definido. Para Locher (2006), a face deve ser vista como uma imagem que é negociada discursivamente no fluxo da interação e dependente crucialmente da aceitação dos destinatários, isto é, “a noção de face refere-se assim a uma construção instável, externa, que é continuamente renegociada na construção da identidade” (LOCHER, 2006, p. 251). Nesse sentido, os autores da abordagem discursiva se alinham à noção a partir de uma

ontológicas levantadas pela abordagem discursiva e pelo programa pós-moderno mais amplo que ainda precisam ser resolvidas” (HAUGH, 2007, p. 13).

visão mais abrangente, conforme proposta por Goffman (1959; 1967), que considera a face como construto da interação, e não como um construto individual.

Em resumo, a abordagem discursiva argumenta a favor do estudo do comportamento im/polido a partir da observação cuidadosa das instâncias de interação, considerando a ação dos interactantes a partir de *frames* ou expectativas que orientam, a partir de experiências anteriores, a avaliação presente dos eventos e dos fatos do mundo. Assim, todo o aparato sociocultural que os interactantes investem na sua avaliação em determinada interação faz parte do *trabalho relacional* compreendido como uma forma de articulação coconstruída de ação que sustenta o que os interactantes fazem quando disputam o significado do que consideram im/polido. Sendo assim, na abordagem discursiva, é na emergência da interação que se situa o significado do comportamento im/polido do qual subjaz a noção de que o incentivo para ser polido, além de ser meramente apropriado, é reconhecido na luta de poder em que os interactantes constantemente se envolvem. Por fim, o foco geral da abordagem discursiva está no micro, ou seja, nas avaliações dinâmicas e situadas dos participantes sobre a polidez e não no compartilhamento de formas ou estratégias convencionais de polidez (CULPEPER, 2011).

Ao contrário de Watts e Locher, as formas e as estratégias convencionais de polidez são o foco da abordagem de Culpeper. A perspectiva teórica do autor para o estudo da impolidez será apresentada no tópico a seguir.

1.4.2 A abordagem de Jonathan Culpeper para o estudo da impolidez

A maioria das abordagens de im/polidez apresentadas anteriormente, de forma geral, tem como foco as estratégias de mitigação de ofensas, as formas diplomáticas a que recorrem os interactantes para lidar uns com os outros, a preocupação com as imagens pessoais negociadas na interação. Isso demonstra que a impolidez ocupou menor espaço nas considerações da maioria dos estudos, que se preocuparam com a investigação da polidez, em investigar o fenômeno da impolidez. Alguns autores a consideraram um evento marginal (LEECH, 1983) e outros sequer lhe deram a atenção devida (BROWN; LEVINSON, 1987). Na contramão dessas posturas, Culpeper (1996; 2005) foi um dos primeiros teóricos a se preocupar substancialmente com o fenômeno da impolidez, propondo conceitos, estudando a sua relação com as emoções, o seu impacto nas relações sociais e a intencionalidade dos interactantes na realização de atos impolidos. Embora o próprio Culpeper (2017) mencione outros autores³⁹ que

³⁹ Cf. Culpeper e Hardaker (2017), Lachenicht (1980) e Craig *et al.* (1986).

anteriormente se debruçaram sobre algum aspecto da impolidez, a ele é atribuída de forma geral a elaboração de um estudo mais sistemático sobre a impolidez linguística.

A abordagem de Culpeper⁴⁰ (1996; 2005) se desenvolve, como o próprio autor menciona, a partir de reflexões sobre o modelo de polidez proposto por Brown e Levinson (1987). Trata-se, conforme menciona o autor, de uma estrutura “paralela” *flip-side* às estratégias de polidez de Brown e Levinson (1987), ou seja, para cada uma das estratégias de polidez elaboradas por Brown e Levinson (1987), Culpeper elaborou uma estratégia de impolidez “oposta” que, segundo ele, são opostas em termos de orientação para a face porque em vez de amenizar ou mitigar ameaças, as estratégias de impolidez são um meio de potencializar ou de materializar ataques à face de interlocutores (CULPEPER, 1996).

Para demarcar um campo específico de estudo, Culpeper buscou delimitar alguns aspectos e traços característicos da impolidez. Essa preocupação de Culpeper já aparece em seus trabalhos iniciais, demonstrando a sua preocupação em evitar “dar a impressão de que a impolidez é algum tipo de falha de polidez, uma consequência de não fazer algo, ou comportamento incomum, indigno de consideração” (CULPEPER; HARDAKER, 2017, p. 2007). Portanto, para abordar o fenômeno da impolidez, Culpeper (2005, p. 36) menciona o que não deve ser considerado impolidez, estabelecendo quatro tópicos sobre a sua natureza:

- (1) impolidez não é ameaça de face incidental;
- (2) a impolidez não é involuntária;
- (3) impolidez não é uma brincadeira e
- (4) a impolidez não é *bald on record*.

Com base nessas orientações mais gerais da impolidez, Culpeper (1996; 2005) elabora a sua abordagem fundamentada na noção de que “o fenômeno da impolidez tem a ver com a forma como a ofensa é comunicada e interpretada” (CULPEPER, 2005, p. 36). Essa concepção da impolidez enfatiza um aspecto central de sua abordagem ao destacar que a “impolidez, como na verdade a polidez, é construída na interação entre o falante e o ouvinte” (CULPEPER, 2005, p. 38). A natureza interacional da impolidez enfatizada nessa definição amplia a compreensão dos fenômenos que envolvem a participação dos falantes na produção/interpretação dos atos

⁴⁰ Em Culpeper (2005), o autor afirma que “no meu trabalho, evito me referir a uma "teoria" de impolidez. Na medida em que as teorias têm poder preditivo, o modelo de impolidez que tenho desenvolvido ainda não é uma teoria” (CULPEPER, 2005, p. 41).

ditos impolidos e na sua intencionalidade na realização desses atos, ou seja, não se trata somente de analisar a ocorrência de atos para posteriormente classificá-los como impolidos ou não. O que essa abordagem aponta é que a impolidez deve ser analisada no fluxo da interação e na observação de como os interactantes percebem os seus efeitos e como reagem a eles.

Em seu trabalho de 1996, Culpeper estabeleceu um conjunto de superestratégias para designar os atos impolidos e também as estratégias de saída (*output*) de impolidez. Segundo Culpeper e Hardaker (2017), “as primeiras são de ordem superior e envolvem a orientação geral do ato; as segundas são os meios mais específicos pelos quais as superestratégias são alcançadas” (CULPEPER; HARDAKER, 2017, p. 208). As superestratégias de impolidez são assim especificadas por Culpeper (1996;2005)⁴¹:

- ✓ *Impolidez bald on record* - o FTA é realizado de maneira direta, clara, sem ambiguidade e de forma concisa em circunstâncias em que a face não é irrelevante ou minimizada;
- ✓ *Impolidez positiva* - o uso de estratégias destinadas a prejudicar a face positiva do destinatário;
- ✓ *Impolidez negativa* - o uso de estratégias destinadas a prejudicar a face negativa do destinatário;
- ✓ *Sarcasmo ou falsa polidez* - o FTA é realizado com o uso de estratégias de polidez que são obviamente insinceras, e assim permanecem realizações superficiais;
- ✓ *Retenção da polidez* - a ausência de polidez em situações em que é esperada, por exemplo, não demonstrar gratidão ao receber uma gentileza de alguém.
- ✓ *Impolidez off-record*: o FTA é realizado por meio de uma implicatura, mas de tal forma que uma intenção atribuível supera claramente qualquer outra.

Além desse conjunto de superestratégias, Culpeper descreve ainda as estratégias de saída (*output*) de impolidez positiva e de impolidez negativa⁴² que materializam em uma interação específica os comportamentos impolidos que podem ser elaborados com a finalidade de atingir à face positiva ou à face negativa de um interlocutor. Como mencionado, as estratégias *output* são um meio de satisfazer os fins estratégicos de uma superestratégia. As

⁴¹ Culpeper (1996, p. 356) elenca as cinco primeiras estratégias. Em Culpeper (2005, p.44), o autor acrescenta a sexta estratégia de impolidez ao seu modelo.

⁴² Cf. Culpeper (1996): *Positive impoliteness output strategies e Negative impoliteness output strategies*.

estratégias *output* de impolidez estão sistematizadas no quadro abaixo, segundo Culpeper (1996; 2005).

Quadro 3 - As estratégias de saída de impolidez da abordagem de Culpeper

<i>POSITIVE IMPOLITENESS OUTPUT STRATEGIES</i>	<i>NEGATIVE IMPOLITENESS OUTPUT STRATEGIES</i>
Ignorar, esnobar o outro - não reconhecer a presença do outro. Seja desinteressado, despreocupado, antipático	Assustar - instale a crença de que uma ação prejudicial ao outro ocorrerá
Excluir o outro de uma atividade	Condescender, desprezar ou ridicularizar - enfatize seu poder relativo. Seja desdenhoso.
Desassociar-se do outro - por exemplo, negar associação ou base comum com o outro; evite sentar-se juntos	Não levar o outro a sério. Diminuir o outro (por exemplo, use diminutivos).
Ser desinteressado, despreocupado, antipático	Invadir o espaço do outro - literalmente (por exemplo, posicionar-se mais perto do outro do que o relacionamento permite) ou metaforicamente (por exemplo, pedir ou falar sobre informações que são muito íntimas, dado o relacionamento)
Usar marcadores de identidade inadequados - por exemplo, usar título e sobrenome quando houver uma relação de proximidade ou apelido quando se tratar de uma relação de não proximidade	Associar explicitamente o outro a um aspecto negativo - personalizar, use os pronomes "eu" e "você".
Usar linguagem obscura ou secreta - por exemplo, mistificar o outro com jargão, ou usar um código conhecido por outros no grupo, mas não pelo alvo	Colocar o endividamento do outro em destaque, etc.
Buscar discordância – selecionar um tópico delicado/controverso.	
Fazer o outro se sentir desconfortável - por exemplo, não ficar em silêncio (quando desejável), fazer piada ou dizer futilidades	
Usar palavras tabu – xingar ou usar linguagem abusiva ou profana.	
Chamar por outros nomes – usar nomeações depreciativas. etc.	

Fonte: CULPEPER, 1996, p. 356.

Com base na utilização das estratégias para investigar a interação impolida, Culpeper (1996; 2005) concebe a impolidez como o uso de “estratégias comunicativas concebidas para atacar a face, e assim causar conflito e desarmonia social” (Culpeper *et al.* 2003, p. 1546). Buscando refinar esse conceito e apresentar respostas a algumas inadequações apontadas por

comentadores⁴³ de sua obra, Culpeper (2005) propôs uma definição reformulada para o conceito de impolidez. Nesse sentido, o autor passa a considerar que “a impolidez surge quando: (1) o orador comunica o *face-attack* intencionalmente, ou (2) o ouvinte percebe e/ou constrói o comportamento como um *face-attack* intencionalmente, ou uma combinação de (1) e (2)” (CULPEPER, 2005, p. 38). O que se observa nesta definição elaborada por Culpeper (2005) é a inferência de que a impolidez é um fenômeno interacional de duas camadas, isto é “a informação ofensiva sendo expressa no enunciado e a informação de que essa informação está sendo expressa intencionalmente” (CULPEPER, 2005, p. 39). Além de resgatar o papel da ação conjunta do orador e do ouvinte na realização e na percepção do comportamento impolido, esse conceito invoca uma outra questão primordial e problemática para a investigação da im/polidez: a intencionalidade.

Como o próprio Culpeper (2005) menciona, “reconhecer intenções é altamente problemático: elas têm de ser inferidas na comunicação” (CULPEPER, 2005, p. 39). Inferir a impolidez na interação é avaliar os seus efeitos a partir da ação dos interagentes ou na forma como eles reagem aos supostos ataques⁴⁴. Isso ajuda a excluir, segundo ele, os subprodutos, os casos incidentais e os tipos simulados de ameaça à face. O resultado dessa “inferência” é reconhecer nessas categorias não apenas sinalizações, mas apresentar uma distinção pontual no tocante a casos intencionais de impolidez, por exemplo, a atuação de alguém que pretendia ofender, traçou um plano para realizar essa ofensa e executou-a em plena consciência; de casos em que a ofensa foi realizada acidentalmente, por exemplo, um “*faux pas*” (CULPEPER; HARDAKER, 2017). Para Culpeper e Hardaker (2017), “o que é certamente claro é que a intencionalidade não é uma condição necessária de impolidez” (CULPEPER; HARDAKER, 2017, p. 203). Isso porque para esses autores, os indivíduos podem construir um ato que é, ao mesmo tempo, não intencional, mas cujo efeito é predominantemente ofensivo.

Nesse sentido, Culpeper (2011; 2017) apresenta uma explicação para o fato de que nem toda impolidez é intencional, porque (a) às vezes o produtor da impolidez não tem consciência dos efeitos de impolidez que está causando e (b) o ato é considerado impolido, no entanto, porque o produtor é culpado por não antecipar os seus possíveis efeitos. A questão da intencionalidade evoca mais uma vez a importância do contexto para a análise dos atos impolidos, ou melhor, “a impolidez surge na interação entre os sinais linguísticos e não

⁴³ As principais questões apontadas dizem respeito ao foco apenas no orador, a não consideração devida ao contexto e a inexatidão da expressão “desarmonia social” etc.

⁴⁴ Em Culpeper e Hardaker (2017), são apresentadas as formas geralmente utilizadas para responder um ato impolido. Sendo assim, após a realização de um ato de impolidez, o interlocutor tem as seguintes opções: responder/não responder; responder/ contestar ou responder/aceitar; contestar de forma ofensiva ou defensiva.

linguísticos e o contexto, pelo que o contexto deve ser totalmente considerado” (CULPEPER, 2005, p. 41). Isso porque um único comportamento pode ser considerado impolido em uma situação e em outra não. Essa assimetria ajuda a entender a impolidez como um efeito da desconstrução das expectativas dos interactantes sobre o que reconhecem como violando as suas crenças e os seus desejos. Nessa perspectiva, pode-se considerar que “uma maneira pela qual o grau de impolidez varia é de acordo com o grau de polidez esperado” (CULPEPER, 2011, p. 11). Em outros termos, a impolidez pode ser considerada como a assimetria que se estabelece entre o que os interlocutores acreditam merecer em termos de deferência em relação à sua face e o que eles efetivamente recebem na interação.

Em Culpeper (1996), há ainda a referência à falsa polidez e à impolidez entendida como brincadeira (*banter*). Segundo Culpeper (1996), há os casos em que a impolidez se manifesta como “brincadeira” ou como uma falsa impolidez para promover a proximidade de grupos e de pessoas, pois não teriam o objetivo de ameaçar a face do interlocutor. Culpeper (2005) afirma que “nesse tipo de atividade, os insultos não devem ser tomados como impolidos⁴⁵, mas sim como forma de agir socialmente para reforçar o grupo” (CULPEPER, 2005, p. 66). Essa ideia está alinhada ao pensamento de Leech (1983) que afirma que a “brincadeira” reflete e promove a intimidade social, ou seja, a impolidez estaria relacionada à intimidade e à manutenção de laços entre interagentes. No entanto, para provocar esse efeito de “manutenção de intimidade”, a “brincadeira” precisa ser reconhecida pelos participantes como falsa, uma vez que qualquer deslocamento de interpretação poderia ser danoso aos participantes ao compreendê-la como uma impolidez *off-record* ou, como sarcasmo, por exemplo.

Na esteira dessas considerações, Culpeper (1996) afirma que “o sarcasmo (falsa polidez para a desarmonia social) é claramente o oposto da brincadeira (falsa polidez para a harmonia social)” (CULPEPER, 1996, p. 357). Dessa forma, o autor ressalta também a necessidade de uma distinção entre a “falsa impolidez” e a “impolidez genuína” uma vez que a falsa impolidez deve ser entendida em contextos particulares como não sendo verdadeira (CULPEPER, 2005), enquanto a impolidez genuína refere-se a atos que intencionalmente objetivam o ataque à face de um dos interlocutores, promovendo algum efeito danoso à interação.

Esses efeitos danosos são inferidos na reelaboração de seu conceito de impolidez a partir da consideração de comportamentos com “consequências emocionais” ou que presumem “causar ofensa”. A fim de sistematizar o fenômeno da impolidez a partir de um conceito mais apurado, Culpeper (2011) concebe a impolidez como

⁴⁵ Em Culpeper (2005), o autor faz referência ao fato de que as brincadeiras ritualizadas não devem ser consideradas como impolidez por não terem o objetivo de causar ofensa.

uma atitude negativa em relação a comportamentos específicos que ocorrem em contextos específicos. É sustentada por expectativas, desejos e/ou crenças sobre a organização social, incluindo, em particular, como as identidades de uma pessoa ou de um grupo são mediadas por outros na interação. Comportamentos situacionais são vistos de forma negativa - quando entram em conflito com a forma como se espera que sejam, como se quer que sejam e/ou como se pensa que devem ser. Tais comportamentos sempre têm ou presume-se que têm consequências emocionais para pelo menos um participante, ou seja, causam ou presume-se que causam ofensa (CULPEPER, 2011, p. 23).

Com essa definição, Culpeper (2011) não só responde a pontos controversos das definições iniciais no que diz respeito à perspectiva do orador e de sua intencionalidade, mas abarca também a presença do interlocutor e o contexto como elemento fundamental para a noção de impolidez. O que o autor propõe a partir dessa consideração, é a necessidade de um esquema descritivo apropriado para dar conta dos comportamentos impolidos, considerando que a suposta marginalidade com que alguns se referem a esses comportamentos não se sustenta diante de contextos em que a sua operacionalização parece bastante central, como são os casos de discussões em tribunais, nas redes sociais, nos debates políticos, *etc.*

Outro ponto que merece destaque na abordagem de Culpeper diz respeito à noção de face. Muitos autores já haviam condenado a forma individualista e, às vezes, simplista adotada por Brown e Levinson no tratamento desse conceito (cf. LEECH, 2014). Para Culpeper, a noção de face não está apenas relacionada aos aspectos individuais, afetivos e emocionais resultantes da perda de face ou aos comportamentos que causam algum efeito com impacto direto nas emoções (dor, sofrimento, humilhação), mas como um conceito dentro de uma teoria interacional que deve ser abrangente o suficiente para dar conta da relação entre os atos impolidos e os vários aspectos que envolvem a figura dos interactantes, a sua relação com o outro e a sua ação no meio social. Sendo assim, desde os seus primeiros trabalhos, Culpeper (2005) adotou a conceito de face elaborado por Spencer-Oatey (2002) por considerá-lo apto para o estudo da impolidez no sentido de que oferece uma explicação mais ampla que vai além da dicotomia face positiva e face negativa proposta por Brown e Levinson (1987). Dessa forma, o autor complexifica a noção de face para dar conta das múltiplas “identidades” que podem constituir um indivíduo quando está em contato com o outro.

De forma pontual, a noção de face em Spencer-Oatey (2002; 2005) é dividida em dois componentes: um relacionado ao aspecto pessoal/individual e o outro relacionado à identidade de grupo, como se pode observar no quadro abaixo, segundo Culpeper (2005).

Quadro 4 – Revisão da noção de face de Spencer-Oatey

<p>Face Definida com referência a Goffman em (1972: 5): "o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma [<i>sic</i>] pela linha que outros assumem que ela tomou durante um determinado contato"</p>	<p>Qualidade de face: "Desejo fundamental de que as pessoas nos avaliem positivamente em termos de nossas qualidades pessoais, por exemplo, nossa confiança, habilidades, aparência, etc."</p> <p>Face relacional: Desejo de ser avaliado positivamente pelo modo como nos relacionamos com os outros. "Por exemplo, ser um líder talentoso e/ou um professor de coração bondoso implica um componente relacional intrínseco à avaliação"</p> <p>Identidade social da face: "Temos um desejo fundamental de que as pessoas reconheçam e defendam nossas identidades ou papéis sociais, por exemplo, como líderes de grupo, clientes valiosos, amigos íntimos."</p>
<p>Direitos de sociabilidade (definidos como "direitos pessoais/sociais fundamentais que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma em suas interações com os outros"</p>	<p>Direitos de equidade: "Temos uma crença fundamental de que temos direito à consideração pessoal dos outros, para que sejamos tratados com justiça, para que não sejamos indevidamente impostos ou injustamente ordenados, para que não sejamos usados ou explorados, e para que recebamos os benefícios a que temos direito."</p> <p>Direitos de associação: "Temos uma crença fundamental de que temos direito à associação com outros que está de acordo com o tipo de relação que temos com eles".</p>

Fonte: SPENCER-OATEY, 2002, p. 538-539 *apud* CULPEPER, 2005, p. 40.

Como se pode observar, a estrutura de gestão de relacionamento (*rapport management*) de Spencer-Oatey comporta três tipos de face: a “qualidade de face”, a “face relacional” e a “identidade social de face”, e dois tipos de direitos de sociabilidade: os “direitos de equidade” e os “direitos de associação”. Dessa forma, a noção, conforme postula Spencer-Oatey (2002, p. 529), se mostra mais adequada para o estudo da impolidez já que amplia a restrita visão de face positiva e negativa proposta nos trabalhos das abordagens clássicas de im/polidez e atende bem aos aspectos interacionais de uma maneira mais global.

A partir de 2010, inspirado nas considerações de Terkourafi (2001; 2005), Culpeper (2010, 2011, 2016) revisou criticamente seu modelo inicial, propondo uma estrutura ascendente de gatilhos de impolidez ou formas convencionalizadas de impolidez que se referem a itens convencionalizados para um contexto particular de uso. Nesse sentido, Culpeper (2016) adota o termo "gatilhos" para substituir o termo "estratégias", considerando-os como meios

linguísticos rotineiros e compartilhados que são reconhecidos dentro de determinadas comunidades para materializar a impolidez. Com essa consideração sobre a impolidez, Culpeper (2016) atualiza a sua compreensão em torno das estratégias de impolidez, isto é, ele situa as estratégias como “como formas de alcançar objetivos particulares na interação que são convencionais para uma determinada comunidade” (CULPEPER, 2016, p. 424) e acrescenta uma informação relevante a ser considerada na análise dos eventos impolidos. Segundo o Culpeper (2016, p. 426), “a ênfase não está no mapeamento de uma estrutura lógica de escolhas de meios para depois de testá-la contra os dados, mas em analisar os dados e deixar as “estratégias” emergirem a partir deles.

Para sistematizar esses dados, capturados no contexto de língua inglesa, Culpeper (2011, 2016) propõe nove categorias (insultos⁴⁶, críticas/queixas pontuais, perguntas impertinentes/desagradáveis e ou pressuposições, condescendência, executores de mensagem, dispensas, silenciadores, ameaças, maldições/maus desejos). As três primeiras correspondem à superestratégia de impolidez positiva e as seis restantes correspondem à impolidez negativa. As fórmulas convencionalizadas são assim organizadas, com base em Culpeper (2011, p. 135).

Quadro 5 - Fórmulas convencionais de impolidez

Exemplo	
Insulto (Vocativos negativos personalizados)	[seu] idiota de merda, sujo, perdedor, mentiroso
Insulto (Asserções negativas personalizados)	[você é] uma vadia, um grosso, você me dá nojo
Insulto (referências negativas personalizadas)	[seu][fedorento/insignificante] [boca/ato/corpo/mãos/hálito/etc.]
Insulto (Referências negativas personalizadas de terceira pessoa na audiência alvo)	[a] [idiota] [estúpida] [ela] [é] [maluca]
Críticas/Queixas pontuais	[isso] [é/foi] uma porcaria total, péssimo, um lixo..
Perguntas desafiadoras/desagradáveis e/ou pressuposições	[por que você torna minha vida impossível?] [você quer discutir comigo ou quer ir para a cadeia?]
Condescendência (arrogância, superioridade)	[isso] [é/está sendo] infantil, imaturo, etc.
Executores de mensagem	[escute aqui], [você me entendeu?]
Dispensar /repelir	[Cai fora] [Vá embora]
Silenciadores	[Cala a boca]; [Cala a droga dessa boca]
Ameaças	[Vou arrebentar a sua cabeça]; [Vou esmagar a sua cara]
Maldições e maus desejos	[vá] [para o inferno/se foder/se danar]

⁴⁶ Os insultos são subdivididos em quatro subgrupos: vocativos personalizados, asserções negativas personalizadas, referência negativa personalizada e referências negativas personalizadas de terceira pessoa na audiência alvo e são definidos por Culpeper (2011, p. 256) como formas de “produzir ou perceber uma exibição de baixo valores para algum alvo”.

Fonte: CULPEPER, 2011, p. 135.

As fórmulas convencionalizadas propostas por Culpeper (2011) não significam uma espécie de verificação de comportamentos impolidos independentes do contexto, elas fazem parte de uma rede esquemática que possibilita o reconhecimento de ações impolidas e de suas implicações sociais, isto é, “expressões de impolidez” podem ser vistas como parte de uma rede esquemática relevante para o esboço de atitude impolida, uma rede que inclui esquemas relacionados a emoções (se o interlocutor sentiu dor, raiva, vergonha) e metalinguagem (como você foi rude)” (CULPEPER, 2011, p. 125). O autor acrescenta ainda que “uma expressão im/polida convencionalizada não garante uma interpretação de im/polidez (que pode ser cancelada por uma característica contextual), e a im/polidez pode ser alcançada de outras formas além do uso de tais expressões” (CULPEPER, 2011, p. 129). As formas convencionalizadas tem a ver com o fato de que funcionam como implicaturas generalizadas e que são mais facilmente reconhecidas em contextos específicos.

Além das formas convencionalizadas, Culpeper (2011, p. 155) aborda também a impolidez “implicacional”, ou seja, a impolidez que envolve uma inferência particularizada. Segundo Culpeper (2011, p. 17) a impolidez implicacional pode ser definida como “um entendimento de impolidez que não corresponde à forma de superfície ou semântica da expressão ou ao significado simbólico do comportamento” (2011, p. 17). Nesses casos, adverte o autor que “os informantes interpretaram o que foi dito (ou feito) ou não dito (ou feito) em um contexto particular como impolido, apesar do fato de que o que foi dito (ou feito) não foi "pré-concebido" para impolidez”. O que se observa no cerne da impolidez implicacional é um certo “descompasso” entre o que foi realizado e o efeito produzido. Assim, a ideia de “descompasso” ou de “incompatibilidade” é relevante na classificação desse tipo de impolidez, pois cada categoria difere na forma como a implicação da impolidez é desencadeada (CULPEPER, 2016; RABAB'AH; NUSIEBAH ALALI, 2020).

Culpeper (2011, p. 155) apresenta a sua classificação para a impolidez não convencional da seguinte forma:

- ✓ Orientado pela forma: a forma de superfície ou o conteúdo semântico de um comportamento é marcado.
- ✓ Orientado por convenção: (a) Interno: o contexto projetado por parte de um comportamento não combina com o projetado por outra parte; ou (b) Externo: o contexto projetado por um comportamento não combina com o contexto de uso.
- ✓ Orientado pelo contexto: (a) Comportamento não marcado: um comportamento não

marcado (com relação à forma de superfície ou conteúdo semântico) e não convencional não combina com o contexto; ou (b) Ausência de comportamento: a ausência de um comportamento compatível com o contexto.

Em síntese, o que Culpeper propõe com a sua abordagem é um mecanismo descritivo para a análise dos comportamentos impolidos, que devem ser considerados a partir de contextos específicos em que muitas variáveis podem estar em jogo. Dessa forma, é possível perceber que a impolidez pode ser “estratégica, sistemática, sofisticada e não incomum, dada a importância dos eventos impolidos no meio social, a quantidade de discussão pública que eles atraem e os possíveis efeitos negativos para as faces que estão em confronto” (CULPEPER; HARDAKER, 2017, p. 206). Além disso, é possível considerar que a abordagem de impolidez proposto por Culpeper (1996, 2005, 2011) amplia a compreensão da impolidez ao definir com mais exatidão um conceito de impolidez, ao estabelecer um conjunto de superestratégias ou gatilhos específicos para a análise da impolidez, ao mencionar a importância de relacionar a impolidez a fatores contextuais, ao inserir claramente a participação do ouvinte na interpretação dos atos ditos impolidos, ao considerar o papel da intencionalidade dos falantes na interação. Todos esses pontos são fundamentais para a compreensão da im/polidez e invocam de forma pontual a complexidade de que ela se constitui o que implica a necessidade de um quadro de análise mais amplo que abarca a diversidade de fenômenos que ela implica.

1.4.3 Considerações sobre a abordagem de impolidez de Culpeper

Apesar do reconhecimento da relevância da abordagem de Culpeper (1996, 2005, 2011) para o estudo da impolidez, percebe-se que algumas questões relevantes para o seu tratamento podem ser ampliadas ou examinadas em um quadro mais abrangente de análise. Uma dessas questões se refere ao contexto. Ao mencionar a questão situacional ou contextual como um elemento primordial para a investigação da impolidez, Culpeper (2005, p. 41) menciona que a impolidez deve ser analisada no fluxo da interação e que “o contexto deve ser totalmente considerado”. No entanto, do nosso ponto de vista, a sua abordagem não desenvolve a contento e de forma precisa os recursos necessários para fazê-lo. Fazemos referência aqui a recursos descritivos capazes de precisar a materialidade da interação e aos aspectos referenciais da interação na qual o evento de impolidez se realiza.

Outra lacuna de sua abordagem refere-se ao fato de que, para Culpeper (2005, 2011), a impolidez é um efeito de duas vias, englobando a ação dos interagentes na produção e na

interpretação da impolidez, mas não explicita de que maneira a impolidez pode ser produzida⁴⁷, ou seja, não especifica quais elementos do discurso podem ser manejados para a sua produção e, conseqüentemente, captados na interpretação de eventos impolidos. Dessa forma, as estratégias de impolidez na abordagem de Culpeper parecem ser mencionadas de forma isolada e sem a devida relação a outros aspectos do discurso. Além disso, parece faltar um recurso capaz de relacionar (aspecto relacional) as estratégias de impolidez a outros aspectos da constituição dos discursos a fim de abarcá-las de uma forma mais abrangente, o que contribui de forma significativa, na nossa percepção, para refletir as “intenções” dos indivíduos na realização dos eventos impolidos.

Por fim, ao mencionar a impolidez como um conceito dentro de uma teoria interacional, Culpeper (2016) menciona que ela deve ser abrangente o suficiente para dar conta da relação entre os atos impolidos e os vários aspectos que envolvem a figura dos interactantes, a sua relação com o outro e a sua ação no meio social. Assim, nos parece pertinente considerar um instrumento que relacionasse todos esses fatores na determinação da configuração das identidades, dos papéis que representam numa relação específica e das ações que são desenvolvidas por cada um deles. Especificamente, no que se refere à questão de faces, Culpeper (2005) retoma a noção postulada por Spencer-Oatey (2002), buscando configurá-la de forma mais completa a fim de explicitar a sua complexidade. Falta-lhe, no entanto, um quadro descritivo que permita relacionar as informações diversas que lhe fazem referência (*status*, papéis praxeológicos). Nesse sentido, é possível pensar a noção de face em um quadro de descrição mais amplo (tal como o quadro acional proposto no âmbito do Modelo de Análise Modular do Discurso), articulando outras noções que lhe são complementares.

Feitas essas observações, percebe-se que o estudo da impolidez pode incorporar considerações relevantes a partir de abordagens que são complementares. A proposta aqui apresentada caminha nesse sentido ao propor o estudo da impolidez a partir da perspectiva teórico-metodológica do Modelo de Análise Modular do Discurso, o que ainda não ocorreu. Estamos considerando que o aparato teórico-metodológico do modelo modular pode fornecer mecanismos precisos (módulos e formas de organização) para a investigação do contexto e da forma como os constituintes discursivos são manejados pelos interactantes para a promoção da impolidez no curso da interação o que sugere que a impolidez é um fator do processo de

⁴⁷ Apesar de considerar a relevância do contexto e de aspectos relacionais para o estudo da impolidez, no geral, a abordagem de Culpeper (1996, 2005, 2011, 2016), ao ser estruturada a partir de um conjunto de estratégias e de formas convencionalizadas de impolidez, adota um aspecto categorizante da impolidez o que lhe confere um caráter um pouco mais restrito para a investigação do fenômeno.

negociação e que a sua realização pode estar relacionada à disputa entre interagentes na defesa/ataque de faces, lugares e territórios. Essa possibilidade será evidenciada na apresentação do Modelo de Análise Modular do Discurso, no capítulo 3.

A seguir, abordaremos as pesquisas recentes que tratam da impolidez em comentários de sites de notícias.

2 A IMPOLIDEZ NOS COMENTÁRIOS EM SITE DE NOTÍCIAS

Neste capítulo, o nosso objetivo é relacionar resultados de pesquisas que, especificamente, abordaram a impolidez realizada em comentários em sites de notícias, demonstrando os pontos mais relevantes de cada uma delas, as teorias mobilizadas em sua realização, etc. Pretendemos, dessa forma, situar a nossa pesquisa de duas formas distintas: na complementariedade desses estudos, contribuindo para o avanço de investigações cujo interesse recai sobre a impolidez realizada em comentários em sites de notícias, e também, na explanação de uma possibilidade de análise no que se refere a estudar a impolidez a partir de uma abordagem discursivo-interacionista que traz como “novidade” a perspectiva de tratar a impolidez a partir de sua constituição linguística, situacional e textual. No entanto, antes de fazê-lo, é necessário situar o gênero comentário como modalidade discursiva do meio digital, indicando algumas de suas particularidades. Essa definição será apresentada no tópico a seguir.

2.1 O gênero comentário *on-line*: descrição e definição

Ao adotar os comentários produzidos em sites de notícia como objeto para o estudo da impolidez, faz-se necessário situá-lo no âmbito do discurso digital como discurso digital nativo⁴⁸, nos termos de Paveau (2021), cujas particularidades interferem na forma como os interagentes elaboram as suas participações em rede. Estamos considerando aqui que “a compreensão do mundo *on-line* é essencial para o estudo da linguagem” (BARTON e LEE, 2015, p. 7) que nele se realiza. Em outros termos, é possível dizer que entender a configuração de um determinado gênero é também entender as restrições e as possibilidades que esse gênero impõe à elaboração dos discursos.

A fim de definir as características mais gerais que constituem um discurso digital ou *tecnodiscurso*⁴⁹, Paveau (2021, p. 22) menciona seis aspectos que podem ser usados para defini-lo que são: a) a sua *composição*, ou seja, a sua constituição híbrida feita de uma matéria mista que abarca o linguageiro e o tecnológico; b) o aspecto de *deslinearização* ou não linearidade, efeito do meio digital, que permite direcionar o texto fonte e seu leitor para outro discurso ou

⁴⁸ Cf. Paveau (2021, p. 57) “Chamamos de nativas as produções elaboradas *on-line*, nos espaços de escrita e com as ferramentas propostas pela internet, e não aquelas transpostas para o espaço digital conectado após a digitalização de espaços escritos e editoriais pré-digitais”.

⁴⁹ Não adotaremos esse termo na nossa descrição por entender que os comentários no meio digital já são amplamente conhecidos como um gênero propiciado pelos recursos tecnológicos (computador, celular, web, etc), que atualizam de maneira significativa a realização dessa atividade verbal.

outra situação de enunciação; c) a *ampliação* que faz referência à possibilidade de “extensão” de uma enunciação ou que permite a participação colaborativa nos casos de escrita coletiva; c) a *relacionalidade* considerada como uma forma de evidenciar o fato de que esses discursos estão inscritos numa relação com outros discursos, com os aparelhos (coprodução mediada pela máquina) e com outros interagentes; d) a *investigabilidade* que remete ao fato de que no meio digital nada é esquecido e que pode revisitado e recuperados por ferramentas de busca e de redocumentação e, por fim, e) a *imprevisibilidade* que faz referência ao fato de que os discursos digitais são parcialmente produzidos e/ou formatados por programas e algoritmos o que os torna imprevisíveis para os enunciadores humanos tanto no plano da forma, quanto no plano de seu conteúdo. Todos esses fatores são relevantes porque permitem entender as possibilidades que não só definem um determinado gênero digital, mas que ajudam a moldar a forma de participação dos usuários no meio digital e a relação que estabelecem com os demais participantes quando se comunicam utilizando um desses gêneros.

No que se refere aos comentários de forma específica, Paveau (2021, p. 102-106) indica alguns traços específicos que os diferem de outras formas de comunicação *on-line* e *off-line*: a *enunciação pseudonímica* (identificação virtual); a *relacionalidade* guiada por metadados (“deixar um comentário”; “responder”), que gerencia os diálogos entre comentadores; a *conversacionalidade* (marcadas por “janelas” que indicam o início de uma troca⁵⁰) e a *recursividade* (cuja função “responder” permite retomadas ilimitadas); a *ampliação enunciativa* e *discursiva*, prolongamento do texto inicial, às vezes, marcado por “atualizações” ou alterações de sentido e, por fim, a *publicidade* e *visibilidade* que defino o gênero comentários em termos de permissão de acesso ao seu conteúdo⁵¹. Esses traços sinalizam que os ambientes digitais “são capazes de proporcionar contextos “ampliados”, que podem ser recuperados, buscados e atualizados por novas interações, gerando conversações que podem estender-se por largos períodos de tempo” (RECUERO, 2014, p. 51).

Além dessas características que situam o gênero comentário como gênero digital, outros aspectos podem ser elencados para sua definição dos quais pontuaremos dois: o primeiro está relacionado ao fato de os comentários se constituírem como um gênero cujo objetivo primeiro

⁵⁰ Ao contrário das interações face a face, em que as sequências de abertura e fechamento são sinalizadas por segmentos linguageiros específicos, nos comentários *on-line* o início da troca é marcado por espaços reservados para esse fim. No que se refere ao fechamento da troca, “podemos dizer que não existe *on-line*: se os comentários permanecem abertos, a conversa continua” (PAVEAU, 2021, p. 105).

⁵¹ Paveau (2021, p. 106) considera que os comentários, nos sites de informação, são uma modalidade *pública* e *visível*. Segundo a autora o “*público*” se refere à ao *status* técnico e jurídico e o “*visível*” concerne à configuração discursiva e à relação entre os internautas e os enunciados. Nas redes sociais, esse *status* depende, segundo a autora, da maneira como internauta configura a permissão de acesso à sua conta.

está relacionado à expressão de pontos de vistas, e, o segundo, como uma modalidade de gênero discursivo polêmico, por refletir de forma muito recorrente os antagonismos e os dissensos que circulam entre esses interagentes na sociedade. Esse último contribui para que o gênero, na maioria das vezes, seja objeto de crítica consensual na sociedade em relação ao seu aspecto majoritariamente agressivo (PAVEAU, 2021). A seguir apresentamos essas noções relacionadas ao gênero comentário.

2.1.1 Os comentários como expressão de opinião

Os comentários *on-line* tal como configurados na atualidade nas diversas mídias e, sobretudo, em sites de notícias podem ser caracterizados como uma forma de participação pública e visível, nos termos de Paveau (2021), que permitem a expressão dos participantes em relação às diversas temáticas que entram em disputa discursiva diariamente na sociedade. Nessa perspectiva, os comentários são definidos como um gênero “produzido pelos internautas na *web* a partir de um texto primeiro, em espaço próprio para a escrita de *blogs*, sites de informação e redes sociais” (PAVEAU, 2021, p. 98). É nesse espaço que as identidades entram em cena, estabelecendo diálogos entre si que colocam em evidência os múltiplos valores, crenças e ideias que representam cada indivíduo e também a sua coletividade.

Nesse contexto, o gênero comentário figura também como recurso de ampliação e de “publicização” desses “diálogos” que são estabelecidos entre interlocutores, possibilitando que uma determinada temática seja debatida, avaliada, julgada, comentada e, sobretudo, colocada em disputa discursiva, pois na maioria das vezes esses debates públicos que se estabelecem por meio dos comentários são veículos de dissenso e não de consenso. Nesses debates, o objeto tratado geralmente faz referência a algum tópico que os interagentes consideram que os implicam de alguma forma. No caso da discussão sobre política, por exemplo, são recorrentes os “diálogos” estabelecidos em torno de temáticas como o aumento de salário, aposentaria, o aumento do preço de alimentos e combustíveis, *etc.* o que sugere que a temática alimenta o debate público, porque os interagentes se consideram diretamente implicados e são, por isso, captados na emergência da divulgação de informações que de alguma se relacionam com esses temas. É, nesse sentido, que ao retomar as considerações de Dewey (1927), Martino e Marques (2021, p. 69) pontuam que os “problemas que atingem uma coletividade produzem um tipo especial de interação entre aqueles diretamente implicados, conduzindo-os a debates e conversações nas quais tentam melhor definir o que os atinge e buscam resposta para os dilemas enfrentados”.

Assim, os interlocutores engajam numa disputa discursiva, expressando as suas opiniões e criando, na negociação que estabelece com o outro, os sentidos que julgam ser merecedores ou tomados como objeto de atenção. É na negociação de sentidos sobre os diversos pontos de vista que Cunha (2013) também situa o gênero comentário.

Assim, ao elencar os comentários *on-line* como objeto de estudo, estamos admitindo-os como

uma prática discursiva que tem seu propósito e suas regras: a partir de um texto fonte, o leitor constrói novos discursos, reacentuando diferentemente os aspectos temáticos, os sentidos múltiplos, explícitos ou subentendidos, ou introduzindo deslocamentos e mudanças de tema em função do seu ponto de vista (CUNHA, 2013, p. 15-16).

É no jogo discursivo nos quais são produzidos os “deslocamentos”, “as mudanças” que se estabelecem as divergências, pois os comentários como formas de expressão de pontos de vista geram disputas não só em relação a pontos de vistas e valores, mas também entre os grupos que buscam impor a partir das ideias que expressam os seus “enquadramentos” sobre os eventos do mundo. Nesse sentido, são estabelecidos os contextos de polêmicas e divergência que podem ser o gatilho para os eventos de impolidez. Esse aspecto será discutido no próximo tópico.

2.1.2 Os comentários como modalidade de discurso polêmico: as marcas de impolidez

Ao abordar os comentários como um gênero no qual predominam as polêmicas e o dissenso e, na maioria dos casos, a impolidez, é relevante destacar que a polêmica não é fator determinante para a realização de eventos impolidos (AMOSSY, 2017). Os temas polêmicos podem ser tratados no âmbito da discussão pública que tem como base a argumentação e o respeito. Por isso, Amossy (2017) adverte que “a polêmica não necessita da violência verbal” (AMOSSY, 2017, p. 168). No entanto, há de se considerar que as ideias, os valores e as crenças que são veiculados nos comentários e que ajudam a fundamentar o teor polêmico do “debate” representam visões antagônicas que criam um sistema de diferença que coloca os indivíduos em polos inconciliáveis, ou seja, “se há choque de opiniões contraditórias, é porque a oposição dos discursos, na polêmica, é o objeto de uma *dicotomização*⁵² na qual duas posições antitéticas se excluem mutuamente” (AMOSSY, 2017, p. 53).

⁵² Com base em Dascal, Amossy (2017, p. 54) considera que a “*dicotomização*” se realiza quando interlocutores buscam “radicalizar uma polaridade, acentuando a incompatibilidade entre polos e a inexistência de alternativas intermediárias”.

Assim, essa convergência de pontos de vistas, incompatíveis entre si tem se configurado como ambiente em que as formas de agressão verbal e de insulto⁵³, nos termos de Charaudeau (2019), são cada vez mais frequentes⁵⁴, pois os interlocutores se veem em polos opostos, restando-lhes apenas a disputa exercida na “força” simbólica das palavras e, por isso, a violência verbal⁵⁵ como forma de potencializar as ações, de demarcar espaços, de dismantelar imagens, de esfacular o outro. Amossy (2017, p. 169-170) apresenta alguns parâmetros que nos parece muito pertinentes para definir a violência verbal da qual se alimenta o confronto de pontos de vistas antagônicos nos discursos digitais:

- ✓ Existência de uma forte pressão ou uma coerção exercida para impedir o outro de se exprimir e de expor livremente seu ponto de vista;
- ✓ O ponto de vista apresentado é totalmente desconsiderado, ou ridicularizado, ou seja, é objeto de um ataque destinado a desconsiderar o outro e a colocá-lo fora do jogo;
- ✓ O locutor ataca a própria pessoa do oponente;
- ✓ O ponto de vista, a entidade ou a pessoa que o incorporam são assimilados ao “mal absoluto”, livrando-o da execração pública;
- ✓ O locutor exprime sentimentos violentos;
- ✓ O locutor faz uso de insultos contra seu adversário
- ✓ O locutor incita a violência contra os outros.

Ao identificar todos esses traços nos comentários *on-line*, objeto de nossa investigação, estamos assumindo-os como uma modalidade de discurso polêmico no qual a incompatibilidade de teses direciona a ação dos comentadores para a realização da violência verbal. Dessa forma, nos parece relevante a consideração dos comentários em sites de notícia como um tipo de *comentário conversacional* porque

⁵³ Charaudeau (2019, p. 445) define a agressão como “um ato concreto singular, um ataque físico ou psicológico direcionado, que implica um agressor e um agredido” [...] e o insulto como “o ato pelo qual um sujeito falante ataca verbalmente o outro, que pode ser o próprio interlocutor ou um terceiro”.

⁵⁴ Essas investidas agressivas dos interlocutores têm determinado a ação de muitos sites na desativação de serviços de comentários, por exemplo, o site *Yahoo Notícias* que desativou o recurso “Fazer comentário” em sua plataforma em 2019. No espaço destinado aos comentários no referido site aparece a seguinte nota: “Nosso objetivo é criar um lugar seguro e atraente onde usuários possam se conectar uns com os outros baseados em interesses e paixões. Para melhorar a experiência de participantes da comunidade, estamos suspendendo temporariamente os comentários de artigos”.

⁵⁵ Charaudeau (2019, p. 445) considera que “em sua origem, “violência” está ligada à força física exercida contra alguém (*vis, vires*), à potência e à intensidade da ação (“tempestade violenta”, “morte violenta), e, por extensão, ao que é excessivo, exagerado (“É um pouco violento”). [...] A “violência” designa um estado global marcado pela força e pela potência de diversas ações, e aquele que sofre a violência pode ser considerado uma vítima”.

“predica o texto primeiro ao ampliar seu conteúdo, explorando as afordâncias técnicas das diferentes plataformas para produzir o acordo e o desacordo, o consenso e a polêmica, para trazer complemento e prolongamento, e também para efetuar digressões” (PAVEAU, 2021, p. 108) .

O que se pode afirmar é que os comentários como modalidade discursiva realizada por indivíduos socialmente situados herdam dos contextos que lhes servem de base as desigualdades e as assimetrias de poder já estabelecidas. Dessa forma, os indivíduos se engajam nesses espaços que possibilitam discussão e, também o conflito, como forma de validar as verdades de que acreditam ser portadores. A esse respeito, Machado e Scalco (2018, p. 53) consideram que “na lógica dualista presente nas redes sociais, cada integrante de um polo pensa dentro de um pacote de valores políticos e morais que é oposto ao seu antagônico”. Nesse sentido, por se configurar como espaço de dissenso, os comentários em sites de notícias não estão voltados, na maioria das vezes, para o entendimento e para o diálogo cujo interesse deveria recair sobre questões de interesse público, mas sim para a disputa de pontos de vistas distintos delineados pelas diferenças sociais, políticas, econômicas e ideológicas que os atravessam. Assim, falar na construção de sentidos e na disputa que se estabelece entre interagentes ao colocá-los em negociação é admitir que são construídos e “reconstruídos e disputados, organizados e desorganizados em trocas discursivas protagonizadas por sujeitos individuais e coletivos movidos por interesses distintos e, por vezes, contraditórios” (MARTINO; MARQUES, 2020, p. 74). Dessa forma, admitir os comentários em sites de notícias como objeto de investigação é adotá-los como construções discursivas nas quais os interagentes estão duplamente implicados: no seu interesse pelo debate, pelas informações que lhe são relevantes e também pela disputa e defesa de teses que representam os seus valores cuja defesa depende das operações languageiras que conseguem empreender para se representar efetivo nesses debates públicos.

Assim, definido o gênero comentário, a seguir, passaremos à apresentação das pesquisas que o tomaram como objeto de investigação para o estudo da impolidez.

2.2 Panorama dos estudos da impolidez nos comentários em sites de notícias

A internet nos últimos anos parece ter remodelado não só a forma de comunicação estabelecida entre os indivíduos, mas também a sua linguagem e o seu comportamento social. Reconhecida como um *continuum* entre o espaço virtual e o espaço real de interação (LOCHER *et al.* 2015; GRAHAM; HARDAKER, 2017), a internet promoveu a hibridização da linguagem,

potencializou amplamente a divulgação de informações, reconfigurou o mercado econômico de bens e serviços e colocou “frente a frente” um expressivo número de pessoas para se comunicar em rede. Em outros termos, suscitou um processo de massificação da comunicação em que o mundo “dialoga” com o mundo. Esse contexto pulsante de possibilidades fez emergir uma série de fenômenos comunicativos e sociais que, desde a década de 90, quando de fato ocorreu a popularização da rede mundial de computadores (CRYSTAL, 2005), tem despertado o interesse de pesquisadores em relação a vários aspectos que envolvem as interações no meio digital.

Um dos tópicos de interesse de muitas pesquisas nesse contexto de comunicação digital⁵⁶ diz respeito à forma como os indivíduos estabelecem as suas relações em rede por meio dos comentários. Como a internet representa um contexto amplo e fluido em que a comunicação vai sendo moldada pelas várias ferramentas digitais disponibilizadas, os comentários surgem como uma forma de participação pública que se efetiva predominantemente por meio da escrita, possibilitando não só o compartilhamento de uma opinião, mas também a representação e a negociação de identidades no universo digital quando um locutor se manifesta publicamente sobre determinado assunto (GRAHAM; HARDAKER, 2017; SEARA; CABRAL, 2017). Dessa forma, os comentários apresentam aspectos que estão relacionados às expectativas dos indivíduos no que diz respeito não só à validade ou relevância das informações, mas também ao que é considerado in/apropriado ou aceitável em termos de comportamentos e gestão das relações que se estabelecem no meio digital.

Considerando o aspecto relacional e o fato de que grande parte dos comentários se efetiva por meio de redes sociais, que popularizaram esse tipo de participação pública, como o *Facebook*, *Twitter*, *Youtube*, *Instagram*, essas plataformas foram objeto de investigação sob várias perspectivas teóricas e com objetivos distintos⁵⁷. Cada uma dessas pesquisas tem como mérito contribuir para a sistematização de um aspecto que envolve a impolidez, por exemplo, Oliveira e Carneiro (2020) com o estudo sobre as demonstrações de amor de ódio realizado por meio de *hashtags*, ou ainda, Oliveira e Cunha (2018) sobre o uso dos *emojis* como estratégia envolvida nos pedidos de desculpa. No entanto, como a nossa pesquisa tem um interesse particular nos comentários impolidos publicados em sites de notícias, faremos referências às

⁵⁶ Utilizaremos a expressão comunicação digital para nos referir a toda a comunicação realizada por meio de dispositivos eletrônicos conectados à rede de internet (*tablets*, celulares, computadores) por considerá-la mais apropriada para representar um universo de comunicação mais amplo do que o termo CMC (Comunicação mediada por computador) abrange.

⁵⁷ Em relação aos comentários no *Facebook*: Hammod e Abdul-Rassul (2017), Parvaresh e Tayebi (2018), Stoll, Ziegele, Quiring (2020). No contexto brasileiro, Cabral e Lima (2018), Cabral (2019). Em relação aos comentários no *Instagram*: Suci Erza e Hamzah (2018) e Apriliyani, Hamzah, e Wahyuni (2019). Em relação ao *Twitter* e ao *Youtube*, Wenjun Zhong (2018) e Helfrich (2014), respectivamente e, no Brasil, sobre o emprego de *hashtags*, Oliveira; Cunha e Teixeira (2018), Oliveira e Carneiro, (2018), Oliveira e Carneiro (2020a e b).

pesquisas que relacionam três elementos em sua investigação: impolidez, comentários e sites de notícias, a fim de delimitar um recorte que nos permita situar melhor a nossa pesquisa.

Destacando as pesquisas que integram esses três descritores no seu campo de interesse, Neurauter-Kessels (2011, 2013) investigou como a impolidez é utilizada estrategicamente nos comentários de leitores dos jornais britânicos *The Guardian On-line*, *Times On-line* e *Telegraph On-line* com o intuito de atacar os autores de matérias publicadas nos sites desses jornais. O *corpus* foi constituído por comentários extraídos da seção “Dê sua opinião” dos respectivos jornais e apesar do fato de os usuários serem incentivados pelos sites a debater, criticar e discordar sobre tópicos de notícias nessas seções, a autora argumenta que os usuários vão além dessa recomendação, atacando os jornalistas em aspectos pessoal e profissional. Os ataques feitos por meio dos comentários envolvem ameaças que questionam a autoridade, a credibilidade, a seriedade e confiabilidade dos jornalistas. Esses posicionamentos, segundo a autora, são considerados ameaçadores para os jornalistas porque depõem contra as principais características que constituem os valores requeridos na vida profissional de um repórter. Com base nos tipos de ataques feitos por leitores contra os jornalistas, a autora elaborou uma estrutura⁵⁸ para categorizar os diferentes tipos de comportamentos impolidos direcionados a jornalistas no contexto das seções “Dê a sua opinião” dos referidos jornais.

Depois de ter esboçado uma série de desafios metodológicos e teóricos fundamentais para a pesquisa de impolidez, a autora também demonstra como o ambiente e o meio comunicativo influenciam a realização e a interpretação do comportamento impolido nessas formas de debates públicos. Para ela, o fato de essas ameaças pessoais serem proferidas na frente de um grande público e, mais especificamente, dos leitores do jornalista, podem maximizar a força das ameaças pessoais. Dessa forma, a pesquisadora considera que a ofensa pode então ser interpretada como uma ferramenta poderosa para a exposição pública de jornalistas. Finalmente, a pesquisa aponta que estudar essas seções de comentários como formas de confronto público pode ajudar a demonstrar que os usuários podem usar os atos impolidos estrategicamente em sua tática argumentativa geral como forma de desconstruir não só o conteúdo de uma matéria, mas também a reputação de um jornalista.

No contexto de notícias esportivas, Wibowo e Kuntjara (2013) investigaram como os participantes indonésios usam a impolidez e quais são as estratégias de impolidez linguística

⁵⁸A estrutura de Neurauter-Kessels (2011) reúne nove categorias: falta de equilíbrio, integridade, imparcialidade e objetividade, falta de julgamento, falta de exatidão e veracidade, falta de especialização no tema, falta de originalidade, falta de persuasão, fora de contato com a realidade, falta de consistência e fora de contato com o público.

(Culpeper, 1996, 2005) mais utilizadas por eles nos comentários sobre futebol publicados no site *Okezone* da Indonésia. Como resultado quantitativo, os autores apresentam as estratégias mais recorrentes utilizadas pelos usuários: a estratégia de impolidez positiva (40.48%), a estratégia de impolidez negativa foi a segunda mais utilizada (33.33%), enquanto a impolidez *bald on record* apareceu em terceiro lugar (17,86%), por sua vez, o sarcasmo e a falsa impolidez apareceram em seguida (8.33%) e, por fim, a estratégia de reter a polidez não foi computada no estudo. Os autores argumentam que o fato de ser um site que trata de futebol, os torcedores se posicionam como representantes de seus respectivos times e defensores de suas identidades, manifestando o seu desejo de ser reconhecidos como “vencedor, forte, valente”, ou seja, buscando o desejo de face positiva o que explica o comportamento dos participantes adversários com o emprego de estratégias de impolidez positiva, buscando justamente atacar esses valores.

No que se refere à impolidez negativa, segundo os autores, esse tipo de estratégia se manifesta nos comentários como forma de condescender, desdenhar ou ridicularizar a atuação do adversário. Outra estratégia adotada nos comentários diz respeito a impolidez *bald on record*, considerada uma forma mais diretas de ataque à face, que é utilizada nos comentários para atingir a face de jogadores no que se refere a baixo desempenho, falta de comprometimento com o clube *etc.* Segundo os autores, a falsa polidez empregada em expressões como em “*saudações, meu caro*” foi amplamente utilizada para prefaciá-lo um ato impolido dirigido a um adversário a quem claramente o locutor pretendia ofender. Segundo os autores, a ausência da estratégia de “reter a polidez” pode estar relacionada ao fato de que os comentários no site *Okezone* representam uma forma de comunicação assíncrona que não implica a interação real falada em que o uso desse tipo de estratégia seria mais comum.

Os autores concluem que, embora cheguem ao nível de impolidez, os participantes indonésios tendem a praticar a impolidez em um grau relativamente baixo e que embora houvesse a intenção de realizar um ataque facial, os participantes indonésios ainda demonstram uma certa “consideração” pela face do outro. Esse aspecto, segundo os autores, pode estar relacionado ao fato de que a im/polidez faz parte da avaliação das pessoas e dos valores culturais que um determinado grupo possui e que, neste caso, as culturas asiáticas em geral estão mais preocupadas com a diferença de *status* e papéis na sociedade e não com aspectos primordialmente individuais.

No contexto de uso da língua inglesa, Pennanen (2013) analisou de que forma a impolidez é percebida e usada no domínio da CMC, em particular, nos comentários sobre as notícias publicadas no site da CNN dos EUA. A partir de um *corpus* constituído por 1125 comentários publicados em decorrência da publicação da notícia “*‘War over Women’ kicks off*

Obama-Romney race” que discutia a possível disputa entre candidatos à presidência dos USA pelo eleitorado feminino em 2012, a autora analisou o uso de adjetivos insultuosos em comentários iniciais que desencadearam impolidez. Além disso, a autora analisou também como as declarações insultuosas são respondidas e que tipo de superestratégias de impolidez (CULPEPER, 1996) são usadas pelos usuários.

Os resultados dessa pesquisa mostram que os adjetivos insultuosos apareceram 72 vezes em 48 tópicos de conversas dos quais em apenas 13 comentários eles apareceram em comentários iniciais, ou seja, em apenas 18% dos adjetivos escolhidos para um exame mais detalhado aparecem em eventos que desencadeiam a impolidez. Nessas 13 ocorrências, o adjetivo insultuoso foi direcionado a um indivíduo e às suas ações e teve como função reforçar a força do insulto feito. Nos demais casos, a impolidez se materializou de outras formas. Além disso, esses insultos na maioria dos casos foram direcionados a uma terceira pessoa o que demonstra que nos comentários analisados os insultos são geralmente dirigidos a grupos sociais ou pessoas ausentes da discussão. Em relação às respostas dadas, foram 44 reações nas quais apareceram 149 estratégias ofensivas e apenas 49 defensivas. Nesses casos, a maioria dos insultos foram direcionados a participantes da conversa.

Em todos os comentários analisados, foram identificadas ainda as estratégias de impolidez utilizadas pelos participantes, com base em Culpeper (1996) e Bousfield (2008). Segundo Pennanen, as estratégias de impolidez positiva foram as mais utilizadas nos comentários derivados, enquanto as estratégias de impolidez positiva e de impolidez negativa foram encontradas em igual proporção nos comentários iniciais. A impolidez *on-record* foi mais recorrente do que a impolidez *off-record* nos dois tipos de comentários analisados. No geral, a pesquisa contabilizou o emprego de 338 estratégias de impolidez, 267 em comentários derivados e 71 em comentários iniciais. Esses resultados podem indicar que, geralmente, os comentadores são mais impolidos quando respondem a seus interlocutores imediatos, possivelmente explorando e reconhecendo o efeito da reciprocidade na construção da ofensividade. Esse resultado contribui ainda para a análise dos comentários na medida em que parte das reações dos usuários e da consideração de quais comentários são interpretados por eles como impolidos no meio digital, ou seja, qual tipo de comportamento impolido surge como potencial motivador (*triggers*) de reações impolidas entre interlocutores no meio digital.

Ao abordar os comentários sobre política, Mahrani (2017) investigou os tipos de estratégias de impolidez (CULPEPER, 1996) usadas em comentários *on-line* no site político *Idntimes.com*, buscando desvelar o tipo dominante de estratégias de impolidez usadas nesses comentários. Os dados foram retirados de comentários de internautas em cinco tópicos de

notícias políticas do Idntimes.com sobre o contexto político da Indonésia. Os resultados do estudo indicam as estratégias de impolidez predominantes no *corpus* analisado: impolidez negativa (54,95%), impolidez positiva (19%), impolidez *band on record* (18%) e sarcasmo/falsa impolidez (6%). Em suma, embora o artigo apresente apenas a classificação dos atos impolidos e o número de ocorrência das estratégias de impolidez, o estudo pode contribuir para os estudos comparativos que buscam analisar o comportamento de usuários nos sites de notícias em contextos culturais diferentes.

No contexto japonês, Xiangdong Liu (2017) parte da consideração de que no contexto digital as pessoas parecem se comportar de maneira diferente quando comparadas à comunicação face a face, especialmente em ambientes em que prevalece o anonimato. Ao considerar esse fator, a autora considera que ao expressar suas opiniões nesses ambientes, as pessoas tendem a escrever de forma mais direta e, às vezes, agem de forma emocional, desconsiderando a face dos demais envolvidos. Para a autora, embora algumas pessoas possam agir deliberadamente no sentido de causar ofensa, pouco se sabe ainda a respeito dos fatores que desencadeiam esse tipo de comportamento impolido ou o que tornam as pessoas mais emotivas na CMC. A pesquisa tem como base os comentários publicados em três artigos⁵⁹ publicados no site Ameba Notícias <http://news.ameba.jp>, um importante site de notícia japonês, segundo o estudo.

Ao descrever a metodologia, a autora informa que para investigar a impolidez nos comentários, os dados foram primeiro examinados do ponto de vista dos atos de fala para ver o que os leitores faziam ao postar comentários: trocar informações, expressar suas próprias ideias ou opiniões ou criticar posicionamentos alheios. Embora as frequências de ocorrência desses atos de fala nos comentários dos três artigos analisados sejam diferentes, provavelmente devido às diferentes temáticas abordadas nas notícias, os atos mais comuns encontrados foram as declarações (*statement*), afirmação (*assertion*) e críticas (*criticism*).

Em relação à primeira notícia (N1), Xiangdong Liu afirma que os usuários se mostraram mais complacentes uns com outros uma vez que a temática abordava a pauta da aposentaria, uma questão que envolve de uma maneira ou de outra, toda a sociedade. Segundo a autora, os participantes parecem expressar principalmente suas opiniões ou entendimentos/interpretações sobre os assuntos em discussão, ou seja, quanto se pode precisar para ter uma aposentadoria tranquila no futuro *etc.* Alguns participantes até relatam as suas preocupações pessoais ou em relação ao país como um todo, ou ainda compartilham suas dúvidas em relação ao assunto.

⁵⁹ N1: *How much do you need for a "comfortable old age"?*; N2: *"Shut up Japanese! Go Harakiri!"*; N3: *The most hated thing to do in a mum friends group.*

Nesse caso, o ato de fala mais observado foi a afirmação (*assertion*) (35%), que expressa as visões ou opiniões dos usuários sobre o tema. O segundo ato observado em relação a essa temática foi a declaração (22%) com os quais os participantes acrescentaram informações adicionais à discussão no sentido de ser mais colaborativos. Em relação à segunda notícia (N2), a afirmação também foi o ato de fala mais utilizado (27%). No entanto, em segundo lugar foram observadas as críticas (24%). Essas críticas, segundo a autora, geralmente eram feitas por mulheres e tinham como objetivo atingir às demais participantes. Outras críticas foram feitas por homens, geralmente destinando observações negativas sobre as temáticas abordadas pelas mulheres. A análise dos comentários dessa notícia especificamente mostra que uma simples divisão em “subgrupos” (mulheres donas de casas, mulheres que trabalham fora, homens) já é suficiente para romper com a noção de unidade social, motivando comentários ofensivos como “as discussões das mulheres são sempre ridículas” postado por um homem na sequência de comentários.

Os comentários motivados pela identidade de grupo também foram observados na terceira notícia analisada. Para Xiangdong Liu, a noção de identidade de grupo está relacionada a um forte sentimento de pertencimento que as pessoas alimentam em relação a seus países, grupos, classe, nações *etc.* Nesse sentido, ao abordar questões internacionais ou bilaterais, a notícia desencadeou uma série de comentários contrários à postura do vice-presidente russo em relação ao povo japonês. Nesses comentários, o ato de fala mais observado foi a crítica (22%) e em segundo a afirmação (20%). Como se trata de uma matéria que noticiou o polêmico “cale a boca, japonês” do vice-presidente russo em relação aos protestos dos japoneses contra a visita do presidente da Rússia à Ilha Iturup (território disputado entre russos e japoneses), muitos participantes expressam nos seus comentários várias críticas ao comportamento considerado ofensivo e não diplomático do político. Muitos desses comentários, segundo a autora, foram altamente ofensivos e incorporam sarcasmos e outras formas ofensivas não somente em relação ao político que praticou o ato considerado impolido, mas a todo o povo russo, possivelmente motivados pelo sentimento de grupo e buscando atingir o povo russo como nação.

Xiangdong Liu argumenta que esses números indicam que muitas pessoas envolvidas nesses comentários não estavam apenas expressando as suas opiniões ou trocando informações sobre o assunto, mas fazendo algo mais subjetivo e emocional. Assim, segundo a autora, os eventos que mais desencadeiam a impolidez no contexto japonês estão relacionados à identidade de grupo. Dessa forma, o seu estudo confirma que a identidade social, a face social (*social identity face* – Spencer-Oatey, 2002) e as questões de gênero podem estar entre os fatores importantes que desencadeiam a impolidez na comunicação virtual no contexto japonês

e reforça mais uma vez que a noção de face como um conceito individual não deve ser considerada de forma generalizada em todos os contextos.

Com base em Culpeper (2005; 2010), Yulidar (2017) investigou estratégias e as formas convencionais de impolidez usadas nos comentários do *Daily mail*. Os dados foram extraídos de quatro notícias do referido jornal: duas relacionadas ao *showbiz* e duas relacionadas ao esporte. Segundo a autora, dos seis tipos de estratégias postuladas por Culpeper (2005) quatro foram recorrentes no *corpus* analisado: impolidez positiva (33%), impolidez *bald on record* (29%), impolidez negativa (27%) e sarcasmo/falsa polidez (11%). Em relação ao emprego das formas convencionalizadas de impolidez (CULPEPER, 2010), a autora registrou 14 formas de impolidez usadas nos comentários do *Dailymail*, por exemplo, o uso de linguagem figurativa – contradição - (Tão jovem, tão bonita, mas tão desesperada e tão má), a rejeição (Vá para casa, nós não queremos você!!), a avaliação da aparência pessoal (Ela parece tão estranha em todos os sentidos ... só de olhar para aqueles sapatos e meias me faz chorar), as perguntas inoportunas (Por que isso está nas páginas de esportes?, já que mais parece um ensaio de moda. Alguém está realmente interessado nesta história?) *etc.* Como se trata de uma pesquisa quantitativa, de forma geral, o estudo explora o emprego das estratégias e as formas convencionalizadas de impolidez, buscando nos índices de recorrência a identificação do comportamento dos usuários nos comentários *on-line*. Destaca-se que nem todas as estratégias foram encontradas no *corpus*, por exemplo, a retenção da polidez. Esse aspecto corrobora, segunda a autora, um indicativo de que essa última estratégia raramente é encontrada na linguagem escrita não formal nos comentários de sites *on-line*.

Kalch e Naab (2017) analisaram os comentários de uma forma distinta da maioria dos trabalhos realizados. As autoras investigaram de que maneira os leitores interagem ou se engajam com os comentários impolidos e incivis de outros participantes ao manifestarem algum tipo de reação (*replying, disliking, flagging*). A pesquisa foi desenvolvida em um ambiente “controlado”, ou seja, os participantes foram previamente selecionados e direcionados a manifestar a sua posição em relação a uma notícia sobre a prisão e tortura do blogueiro árabe-saudita Raif Badawi. A configuração da seção de comentários elaborada pelos pesquisadores e utilizada no estudo permitia aos usuários manifestar a sua reação por meio de *likes, dislikes, flagging*, respostas aos comentários anteriores e/ou escrevendo novos comentários.

Para apresentar uma distinção entre comentários impolidos e incivis, as autoras recorrem à distinção elaborada por Papacharissi (2004) para quem a incivilidade se refere à manifestação de ameaças à democracia, à negação às pessoas de suas liberdades pessoais, a estereótipos relacionados a grupos sociais, enquanto a impolidez se refere à violação de normas de

comportamentos aceitáveis ou ainda aqueles que desconsideram a cooperação mútua que deve permear as relações sociais. Embora os dois tipos de comportamento sejam considerados prejudiciais para o discurso deliberativo nas seções de comentários, as autoras consideram que, independentemente do contexto, a incivildade é sempre negativa para a democracia, enquanto a impolidez é menos problemática nesse sentido, pois faz referência apenas a quebra de normas de bom comportamento. Essa distinção é relevante, segundo Kalch e Aaab, porque aponta para o fato de que os comentários impolidos cujo conteúdo contém um tom rude e desrespeitoso não necessariamente impede que uma discussão seja democraticamente realizada, ao contrário dos comentários incivis, que mesmo se formulados em um tom polido, são sempre prejudiciais para a democracia e para a convivência em sociedade, pois colocam em jogos aspectos sociais estruturais importantes como a noção de liberdade, por exemplo.

Como resultado, a pesquisa indica que embora a seção de comentários oferecesse várias possibilidades de engajamento, na maioria dos casos os usuários utilizaram apenas uma delas. Isso pode sugerir, segundo as autoras, que os usuários não querem enfatizar em demasia seu ponto de vista, utilizando várias ou todas as opções simultaneamente. Além disso, os resultados apontam que os leitores usam *flagging* e o *dislike* com mais frequência do que as respostas negativas. Para as autoras, escrever uma resposta requer mais tempo e esforço por parte dos usuários do que clicar em um botão o que justifica a preferência pelas formas mais simplificadas de reação.

Outro ponto de destaque apresentado por Kalch e Naab diz respeito às características dos comentários. Elas mencionam que apenas a impolidez influenciou os usuários a se envolverem contra um comentário, elaborando uma resposta, denunciando a sua inadequação ou se posicionando contra o seu conteúdo. Em contraste, os comentários que continham marcas de incivildade não receberam a mesma atenção. Sendo assim, elas consideram que o uso inadequado da linguagem parece ser mais óbvio para os leitores do que a incivildade. Por outro lado, o fato de que os usuários têm pouco interesse ou pouca capacidade para identificar conteúdos com marcas de incivildade, pode ser um problema para moderadores profissionais e provedores de plataformas que precisam encontrar procedimentos apropriados para identificar e excluir esses conteúdos antes ou logo após a publicação, lembrando que parte dessa vigilância acontece a partir de denúncias dos próprios participantes em relação ao que consideram inadequado. Por fim, as autoras consideram que os resultados da pesquisa indicam que são necessários esforços para aumentar a negociação de valores compartilhados junto aos usuários, para tornar os valores democráticos visíveis para a comunidade e para aumentar o conhecimento sobre diferentes tipos de argumentos inapropriados e antidemocráticos.

No contexto jordaniano, Badarneh e Migdadi (2018) investigaram como os leitores jordanianos realizam o posicionamento de si e do outro em comentários on-line em dois importantes sites de notícias (*Ammon News* e *Khaberni*) e as estratégias que utilizam para realizar esse posicionamento. Os autores analisaram 500 comentários extraídos de duas notícias dos referidos sites em 2014 e 2015. Para a sua investigação, os autores recorrem à teoria do posicionamento (Moghaddam e Harré, 2010), considerando-a apropriada para a investigação de como as pessoas usam palavras e discursos de todos os tipos para localizar a si mesmas e aos outros em um determinado contexto discursivo.

A análise mostra que os leitores buscam realizar o posicionamento de si e do outro por meio de duas estratégias principais: a primeira se refere ao emprego de impolidez e ataques à face (individual, coletiva e institucional) e, a segunda, à invocação de uma identidade nacional e/ou identidade religiosa. Em relação à primeira estratégia, os ataques foram direcionados contra atores individuais, entidades coletivas, alguma estrutura tribal da sociedade, entidades e representantes institucionais públicos. Para eles, a notável presença da impolidez e dos ataques feitos contra a face de grupos, instituições e de seus representantes nos comentários dos leitores jordanianos pode ser vista como manifestações das frustrações e desilusões causadas por problemas que assolam o país como a corrupção, a economia enfraquecida e as questões de identidades divisivas na sociedade.

No que se refere à segunda estratégia, invocar a identidade, Bardaneh e Migdadi consideram que ela está alinhada à visão de que as pessoas podem assumir em seus discursos posições que permitem a representação de uma determinada identidade ou de certos aspectos de uma identidade. Eles consideram que ao se posicionar e posicionar os outros, as pessoas podem dar sentido ao seu comportamento e torná-lo inteligível no decurso da interação, estabelecendo comportamentos de autoridade e poder contra os demais. É dessa forma que aparecem nos discursos a representação de uma forma de identidade nacional como em “um verdadeiro jordaniano que defende o país” contra os “outros”, posicionados como aqueles que alimentam sentimentos de ingratidão para com a Jordânia. Nesse tipo de posicionamento, que espelha sobretudo o cenário nacional, a Jordânia é posicionada nos comentários como um país injustiçado cujas contribuições para com os outros, especialmente os palestinos, foram recebidas com ingratidão. Da mesma forma, Bardaneh e Migdadi mencionam a identidade religiosa que foi invocada pelo apelo às crenças e suposições islâmicas para contrariar ou rejeitar o que é percebido como um comportamento ou posição anti-islâmica. Nesse contexto religioso, alguns leitores se posicionam como estando em conformidade com os ensinamentos e valores islâmicos, enquanto outros foram posicionados como desrespeitosos com os

ensinamentos e valores, o que, com base nessa posição, torna suas ações inaceitáveis pelas normas islâmicas.

Além desses dois tipos de posicionamentos, relacionados à identidade nacional e à religião, foram revelados mais dois níveis de posicionamento. Para Bardaneh e Migdadi, em relação ao aspecto socioeconômico local, alguns leitores se posicionam como sujeitos injustiçados que mal conseguem sobreviver por falta de ações de apoio do governo, cujos funcionários, em contraste, são posicionados como corruptos, incompetentes e egoístas e, por fim, em relação ao aspecto sociocultural, alguns leitores se posicionam como membros especialistas da comunidade que seguem suas tradições, normas e valores (principalmente tribais), enquanto outros são agressivamente posicionados como ignorantes ou como pessoas que desprezam essas tradições, normas e valores. Para os autores, o estudo busca ampliar os estudos que tem como base a Teoria do posicionamento no contexto jordaniano, colaborando para entender por meio dos comentários e do papel de atores sociais na elaboração de seus discursos as formas como posicionam a si e aos outros no contexto jordaniano.

Em um artigo publicado em 2019, Chen *et al.* (2019) analisaram o possível rompimento das normas democráticas ou do discurso deliberativo em 1.881 comentários publicados nos sites dos jornais *The New York Times*, *Fox News* e *USA TODAY*. O objetivo dos autores foi o de compreender a eleição presidencial de 2016 por meio da manifestação pública dos leitores realizada nos comentários publicados nos referidos sites de notícias. Para o estudo, os pesquisadores verificaram se os comentários postados em notícias sobre a eleição presidencial de 2016 refletiram os mesmos discursos disruptivos da campanha presidencial na qual os candidatos (Donald Trump e Hilary Clinton) desprezavam, segundo os autores, cada vez mais o conceito de democracia deliberativa. De forma pontual, com base na teoria da democracia deliberativa de Fishkin (1991), Gastil e Black (2008) e outros, os autores empregaram análises qualitativas e quantitativas para examinar o tom e o conteúdo dos comentários, com ênfase na compreensão de como esses comentários se encaixam nas normas democráticas do discurso político, bem como a natureza impolida ou incivil desses comentários.

Dada a distinção entre os termos incivilidade (desrespeito às normas democráticas) e impolidez (ausência de normas comportamentais aceitáveis), Chen *et al* informam os resultados quantitativos, indicando que a incivilidade apareceu em apenas 50 comentários (2,7%), enquanto a impolidez foi mais frequente, aparecendo em 592 comentários (31,5%). Nos comentários impolidos, segundo os autores, o xingamento foi a forma impolida mais frequente, ocorrendo em 359 comentários, o que constitui 60,6% de todos os comentários impolidos. Outro destaque foi o emprego de letras em caixa alta, consideradas como uma representação de

impolidez que apareceu em 251 comentários (42,2% de todos os comentários impolidos). Segundo os autores, os palavrões eram relativamente raros, encontrados em 48 comentários, ou 8,1% dos comentários impolidos.

Embora a análise inicial tenha apontado para uma menor ocorrência de incivilidade e de comportamentos desafiadores para as normas democráticas, segundo os autores, uma análise qualitativa mais aprofunda revelou uma diferença importante. Embora em número menor, esses comentários continham conteúdos considerados prejudiciais para as normas democráticas, por exemplo, os ataques feitos ao processo democrático eleitoral nos quais foram questionados a validade da eleição, a possibilidade de manipulação de resultados e a suspeita de fraude. Todos esses tópicos, segundo os autores, refletiam a posição de um dos candidatos, Donald Trump.

Chen *et al* mencionam também que os comportamentos variaram de acordo com a instância midiática na qual os comentários foram publicados, por exemplo, os comentários postados nas matérias do *The New York Times* eram menos incivis do que os postados nas matérias da *Fox News* ou no *USA TODAY*. No entanto, os comentários postados nas matérias do *USA TODAY* foram mais impolidos do que aqueles postados nos sites do *Times* ou da *Fox News*. Isso implica, segundo os autores, que diferentes públicos políticos ou divisões partidárias levam a maneiras diferentes de falar sobre política, por exemplo, os comentários postados no *Times* que tem um público de tendência liberal foi menos incivil em comparação com o público da *Fox News* de tendência de direita.

Em síntese, os autores consideram que o estudo apresentado contribui para mostrar que as discussões públicas da eleição de 2016 nos USA, pelo menos nos três sites de notícias analisados, demonstraram muito do colapso das normas democráticas encontradas na própria retórica eleitoral utilizada pelos candidatos. No entanto, nos casos em que os comentários apresentaram respeito às normas democráticas, os pesquisadores afirmam que as pessoas estavam claramente empregando práticas associadas ao apoio às regras democráticas de discurso político, apoiando suas opiniões com evidências ou fazendo perguntas legítimas, o que eles consideram como positivo para a sociedade como um todo. Além disso, a pesquisa, segundo eles, fornece um quadro mais completo para a forma como a impolidez e a incivilidade foram utilizados pelos americanos no contexto político-eleitoral.

Outra contribuição destacada por Chen *et al* é a afirmação de que a impolidez e a incivilidade no contexto dos comentários nos sites de notícias, variaram de acordo com a instância midiática e que os comentários que apresentam alguns aspectos do discurso deliberativo foram mais frequentes posteriormente às campanhas, exceto entre comentários postados no site da *Fox News*. Mesmo com as marcas de impolidez e de incivilidade

apresentadas nos comentários, os autores consideram que esse tipo de participação pública foi válido para a observação das normas democráticas no contexto norte-americano e como ferramenta de manifestação pública nas sociedades democráticas.

Por fim, destaca-se o estudo realizado por Rabab'ah e Alali (2020). Esses autores investigaram a impolidez na seção de comentários do site de notícias em árabe Al-Jazeera a fim de identificar os tipos de atos impolidos que os comentaristas utilizam e também expor os gatilhos convencionais de impolidez (CULPEPER, 2011; 2016). Os pesquisadores também exploram a influência de fatores contextuais como o anonimato e a sincronicidade, buscando demonstrar de que maneira esses mecanismos podem afetar o emprego da impolidez na comunicação mediada por computador. Assim, como Neuraüter-Kessels (2011), a sua análise está voltada para a impolidez praticada nos comentários contra jornalistas, por isso, foi adotada a estrutura elaborada pela autora para identificar os tipos de ataques à face dos repórteres e a versão mais atual da abordagem de Culpeper (2011, 2016) de gatilhos de impolidez para classificar atos impolidos.

Com base nas categorias de Neuraüter-Kessels (2011), foram identificadas 179 ocorrências desse tipo de ataque, distribuídos em 9 tipos principais: acusar os jornalistas de falta de equilíbrio, integridade, justiça e objetividade (35%); incapacidade de julgamento (17,32%); falta de precisão e verdade (13,40%), falta de especialização no tópico (11,17%); falta de originalidade (6,70%); falta de persuasão (6,70%); estar fora da realidade (4,47%); falta de consistência (3,36%); e falta de interação/estar fora de contato com o público (1,68%).

Em relação às formas convencionalizadas de impolidez, os resultados da pesquisa indicam que os usuários árabes fazem uso recorrente dessas formas de impolidez. No entanto, os autores assinalam para algumas características distintivas no discurso árabe impolido, como o uso de coloquialismos, provérbios e expressões idiomáticas, expressões religiosas e interjeições. Em alguns casos, foram encontradas formas similares às formas praticadas por usuários falantes da língua inglesa, por exemplo, o emprego de votos de maldição, desejo de coisas negativas ou a inserção de uma estrutura respeitosa como “Com todo respeito, senhor”, que, no entanto, é utilizada para prefaciar um ataque ainda mais severo contra os jornalistas, ou seja, uma falsa polidez.

A análise apresentada por Rabab'ah e Alali (2020) também revela que o anonimato e a assincronicidade são importantes para explicar a manifestação de impolidez nos comentários dos usuários. O primeiro diz respeito aos frágeis requisitos de registro para se habilitar como “comentador” no site, pois é necessário apenas utilizar um endereço de *e-mail* válido para se habilitar para tal e ao fato de que os comentaristas supostamente não precisam responder por

suas ações devido a esse anonimato. Em relação à assincronicidade, para os autores ela interfere porque mantém as postagens disponíveis por um período maior de tempo, possibilitando não só um período de tempo maior em relação ao acesso a elas, mas também porque, reduzida a necessidade de um imediatismo, os interlocutores têm um maior espaço de tempo na elaboração de suas intervenções o que pode impactar o seu efeito impolido. Por fim, a pesquisa se destaca por oferecer uma aplicação do modelo mais recente de Culpeper (2011, 2016) no que se refere as formas convencionalizadas de impolidez e, especificamente, contribui para a ampliação dos estudos da impolidez no contexto árabe, favorecendo pesquisas que tem como objetivo a comparação intercultural da im/polidez.

No Brasil, Cunha (2013) apresenta um dos primeiros estudos sobre a impolidez nos comentários⁶⁰ em sites de notícias. Com o estudo, a autora tem como objetivo analisar o funcionamento da violência verbal nos comentários e mostrar como o ponto de vista é construído dialogicamente. O *corpus* analisado foi constituído pelos comentários postados em decorrência da publicação da notícia do diagnóstico de um tumor do ex-presidente Lula em 2011. Com base nas reflexões sobre a polêmica proposta por Amossy e Burger (2011) e de violência verbal de Auger *et al* (2008), a autora discorre com base nessas reflexões, apontando as formas e os tipos de violência verbal que são materializadas nos comentários. A autora menciona que os comentários de leitores podem estar voltados para o conteúdo e/ou para a relação. Por exemplo, segundo a autora, os comentários postados em *blogs* de análise política tendem à seriedade e à discussão do conteúdo, já os comentários postados em portais de notícias tendem a privilegiar a relação e a interação entre os participantes o que inclui zombaria, escárnio, brincadeiras e deboches.

Cunha apresenta ainda as formas e graus de violência verbal observados nos comentários como o ataque direto a um personagem, os ataques pessoais entre internautas, as imprecizações (desejo de maldições contra o outro), e também os contradiscursos constituídos de votos de felicitações e declarações de afeto. A autora argumenta que ao fazer um comentário, os leitores têm propósitos diversos: relacionar com os outros, participar do debate público, fazer aderir a seu ponto de vista *etc.* No entanto, como a constituição do ponto de vista é de natureza dialógica surgem as situações de conflito em que a polarização parece ser a regra o que torna os participantes impermeáveis ao ponto de vista do outro. Nesse contexto, são comuns as formas hiperbólicas, a desqualificação, os desejos de má sorte e as ofensas, características do discurso

⁶⁰ Especificamente sobre comentários, Bueno e Reino (2014) organizaram o livro *Comentários na Internet*, coletânea que reuniu diversos artigos que abordavam, sob perspectivas teóricas diversas, os comentários na internet no contexto brasileiro. Disponível em: http://gmidia.ufma.br/?page_id=630.

polêmico. No contexto analisado, comenta a autora que as ofensas verbais materializam as posições conservadoras dos internautas que deixaram fora da discussão questões políticas relevantes como a saúde pública, por exemplo, para se posicionarem ofensivamente uns contra outros. Para ela, isso demonstra a prática do insulto não só revela a maneira com que os internautas lidam como o pensamento diferente, com discriminação, estigmatização, racismo, sexismo, mas também desvela os valores e a ética que move os leitores/internautas nos portais de notícia.

Um outro trabalho que aborda a impolidez nos comentários em sites de notícias no contexto brasileiro foi elaborado por Balocco e Shepherd (2017). Nesse estudo, com base o conceito de *flaming* de Kayany (1998) e do conceito de discurso polêmico (Amossy 2011), as autoras analisam a violência verbal em comentários sobre política publicados no site *oglobo.com* em período pós-eleitoral em 2015, aplicando as categorias de Bousfield (2008) para o estudo da linguagem da impolidez. As autoras argumentam que os comentários estudados se configuram como discurso polêmico uma vez que se caracteriza por estratégias de distanciamento do outro (ataques à face positiva e negativa, de forma direta ou indireta), pela alta recorrência de violência verbal (insultos, injúrias, xingamentos, desqualificação do outro).

Em relação à ocorrência de *flaming*, Balocco e Shepherd argumentam que ele ocorre em contexto em que os internautas vêm suas ideias ameaçadas e isso ajuda a explicar que o *flaming* não se vincula exclusivamente ao conteúdo das mensagens, ou a temas de forte conteúdo emocional (política ou esportes), mas a aspectos interacionais em um cenário de dissenso e conflito. Esses contextos, segundo as autoras, são moldados pela polarização, identificada através da existência de discursos e contradiscursos antagônicos, que ajudam a reforçar por meio do *flaming* o distanciamento entre os participantes discursivos, marcando suas posições, no espectro político, de forma nítida e clara. Por fim, as autoras comentam que nos comentários analisados foram identificadas ameaças à face positiva e negativa dos interlocutores, que se textualizam na forma de linguagem radical e polarizada, no âmbito do discurso polêmico. Os resultados apresentados pelas autoras indicam ainda que as categorias interacionais caracterizam o *flaming* de forma mais eficiente do que o uso exclusivo de categorias lexicais.

Em resumo, com essa revisão teórica, buscamos demonstrar de que maneira a pesquisa sobre a impolidez em comentários no meio digital tem se desenvolvido nos últimos anos. Tendo em vista esses trabalhos, é possível pontuar que os estudos sobre a impolidez nos comentários em sites de notícias têm se desenvolvido e abordado o fenômeno sob diferentes perspectivas teóricas, com *corpora* diversos e em contextos culturais distintos. Ressalta-se que de forma ampla a teoria mais revisitada na investigação da impolidez é a abordagem elaborada por

Culpeper (1996, 2005, 2011, 2016). Articulada com outras abordagens⁶¹ (Bousfield, 2008; Locher e Bousfield, 2008 e outros) e invocando conceitos amplamente divulgados nas pesquisas sobre im/polidez como o termo *face*, a abordagem de Culpeper têm se configurado como ponto de partida para os pesquisadores que buscam investigar o fenômeno da im/polidez. É, dessa forma, que os diversos estudos fazem avançar desde os trabalhos iniciais de Culpeper (1996, 2005) a área específica de estudos da im/polidez, reafirmando a relevância e a robustez teórica de sua abordagem.

2.3 Considerações sobre as pesquisas de im/polidez sobre os comentários em sites de notícias

Ao abordar as diversas pesquisas que demonstraram preocupação com os eventos de im/polidez em sites de notícias, destaca-se a pluralidade de interesses que orientam esses estudos. No entanto, o que se observa é que muitos deles mantêm como regra geral uma particularidade de análise que se refere à classificação dos atos im/polidos (PENNANEN, 2013; WIBOWO; KUNTJARA, 2013; MAHRANI, 2017), a aspectos de aferição de ocorrência (WIBOWO; KUNTJARA, 2013; YULIDAR, 2017), relacionados a atos de fala (XIANGDONG, 2017) ou ainda à análises realizadas a partir de ambientes controlados (KALCH; NAAB, 2017) que não constituem contextos reais de realização e de interpretação da im/polidez. Dessa forma, observa-se uma lacuna nessa área sobretudo no que se refere a aspectos relacionados à forma como os usuários, submetidos a restrições impostas pelo meio, elaboram os seus discursos estrategicamente na negociação discursiva de faces, lugares e territórios quando se posicionam publicamente por meio de comentários. Pensar nessas restrições que regulam a produção e a interpretação dos discursos é situar a investigação da im/polidez em um quadro interacional mais amplo a fim de analisar de forma global de que maneira se constituem os eventos de im/polidez e não somente privilegiar aspectos voltados para a sua classificação, ou considerando-os como realizações de determinados atos de fala⁶², por exemplo.

⁶¹ Algumas dessas abordagens complementam os postulados de Culpeper e outras contestam alguns tópicos dos estudos de Culpeper (1996, 2005), como Bousfield, 2008, por exemplo, na consideração da distinção entre im/polidez negativa e im/polidez negativa proposta por Culpeper.

⁶² A consideração dos atos de fala como unidade mínima de análise já foi superada no Modelo de Análise Modular do Discurso por ser considerada insuficiente para descrever as relações discursivas entre constituintes textuais. A esse respeito ver Marinho (2007); Roulet, Filliettaz e Grobet (2001).

Assim, na nossa concepção, considerada a relevância de cada um dos trabalhos mencionados para o desenvolvimento dos estudos sobre a impolidez em sites de notícias, é possível pensar ainda as estratégias de impolidez não de forma isolada direcionada para atingir a face positiva ou negativa ou negativa de um determinado interlocutor, mas relacionando-as a aspectos da constituição do discurso a fim de investigar de que forma são inseridas no discurso e de que maneira são operacionalizadas para promover um determinado ataque, o que determina em termos situacionais a sua realização, de que maneira afeta as faces negociadas. Conforme nossa hipótese de pesquisa, consideramos que o Modelo de Análise Modular do Discurso, que será apresentado no próximo capítulo, articulado às abordagens de im/polidez, em especial à de Culpeper (1996, 2005, 2011), pode constituir uma abordagem bastante satisfatória e promissora para a realização de um estudo como esse.

3. O MODELO DE ANÁLISE MODULAR DO DISCURSO (MAM): UMA PROPOSTA PARA O ESTUDO DA IMPOLIDEZ

A impolidez como fenômeno social tem recebido a atenção de diversos pesquisadores ao longo das últimas décadas (CULPEPER, 1996, 2005, 2010, 2011; MILLS, 2003; WATTS, 2005; BOUSFIELD, 2008; BOUSFIELD; LOCHER, 2008; *etc.*). A partir de perspectivas distintas, esses estudiosos têm buscado dar respostas consistentes aos eventos que ela abarca e às suas implicações no meio social. O que se tem observado de modo geral é que a impolidez se constitui como um fenômeno complexo articulado na emergência de interações nas quais se estabelece algum tipo de desalinhamento entre os interagentes em contato (CULPEPER, 2005). Além disso, é preciso considerar que a impolidez recebe novos contornos propiciados pelo ambiente virtual (Cf. 2.2) que precisam ser também considerados e admitidos como forma de entender a sua materialidade e operacionalização de forma mais ampla.

Considerando a impolidez como um efeito emergente das interações humanas nas quais se materializa algum tipo de desalinhamento entre as expectativas de interlocutores em determinada situação, faz-se necessária uma abordagem capaz de abarcar de forma mais ampla os diversos fatores de que ela se constitui, visando a dar uma resposta sobre aspectos relacionados à sua operacionalização no discurso. Argumentamos com Culpeper (2005) que é no fluxo da interação e a partir da ação conjunta dos interactantes (ROULET, 1985 *et al*, ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001) que a impolidez se materializa e, por isso, entender os mecanismos por meio dos quais a sua operacionalização se efetiva é também entender a forma como os indivíduos articulam os seus discursos na tentativa de gerenciar a sua relação com o outro. Subjaz a essa noção o entendimento de que os encontros sociais, sejam eles mediados ou não, implicam imagens sociais, ou seja, implicam a consideração de que estar em presença, imediata ou não, é coconstruir ambientes discursivos e de inter-relação que estão sempre na dependência ou relacionados à forma como as imagens são apresentadas e negociadas pelos interlocutores na interação (GOFFMAN, 2014).

Assim, entender a constituição dos discursos impolidos é também entender a dinâmica social na qual estão relacionados os locutores, suas intenções, seus desejos particulares, as restrições situacionais e linguísticas que lhes são impostas em cada contexto. Nesse sentido, buscando dar conta da multiplicidade de fatores que constituem os discursos impolidos na internet, recorreremos ao Modelo de Análise Modular do Discurso, admitindo-o como uma abordagem que, ao propor dar conta da complexidade de toda e qualquer forma discursiva (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001), se mostra apta para a investigação da impolidez,

ao reunir em um mesmo quadro analítico diversos níveis de informação que articulados podem favorecer uma descrição mais pontual dos eventos de impolidez. Estamos, nesse sentido, considerando com Roulet (1999) que “a descrição da organização de um texto é uma condição prévia necessária para a sua interpretação” (ROULET, 1999, p. 18), o que é possível a partir de um modelo global “aplicável a todas as dimensões de todas as formas de discurso” (SIMUNIC, 2004).

A seguir apresentaremos um panorama geral do Modelo de Análise Modular do Discurso e, em seguida, de forma mais pontual, os módulos e as formas de organização (elementares e complexas) que foram elencadas para constituir a proposta de estudo aqui apreendida e, por fim, as considerações que nos permitem adotar o MAM, articulado à abordagem de Culpeper (1996, 2005, 2011), como arcabouço teórico-metodológico propício à investigação da impolidez.

3.1 Apresentação do Modelo de Análise Modular do Discurso (MAM)

O Modelo de Análise Modular do Discurso⁶³ (MAM) é uma abordagem teórico-metodológica integrante de um quadro cognitivo-interacionista que resulta da interseção de diferentes perspectivas teóricas: da Linguística (BAKHTIN, KERBRAT-ORECCHIONI, BENVENISTE, DUCROT) da Sociologia (GOFFMAN, SCHEGLOFF), da Filosofia (HABERMAS, RICOEUR) e da Psicologia (VYGOTSKY, BRONCKART) *etc.* (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001; MARINHO, 2004; CUNHA, 2014). Na obra *L’articulation du discours em français contemporain*, que comporta os resultados de pesquisas iniciais⁶⁴ desenvolvidos por Eddy Roulet e outros pesquisadores sobre a articulação do discurso, Roulet *et al* (1985) já destacavam em sua gênese essa tendência integradora da abordagem, tendência confirmada em Roulet; Filliettaz e Grobet (2001) no segundo capítulo da obra *Um modele et um instrument d’analyse de l’organisation du discours*, destinado à apresentação do modelo modular na sua versão atual⁶⁵.

⁶³ O MAM surgiu ao final da década de 70 na Universidade de Genebra resultante de pesquisas desenvolvidas em torno de Eddy Roulet e outros pesquisadores como Laurent Filliettaz e Anne Grobet, comumente referidos na literatura como grupo ou autores de Genebra.

⁶⁴ Roulet (1980; 1981), Roulet *et al.* (1985); Auchlin (1986), Moeschler (1986), *etc.*

⁶⁵ Considera-se que a abordagem do Modelo de Análise Modular do Discurso foi configurada em duas fases distintas. De forma geral, na primeira fase dessa abordagem (1980), o objetivo dos autores de Genebra era encontrar um meio de estudar a articulação do discurso, ou seja, esses autores buscaram, a partir dos atos de fala, dar conta da estrutura do discurso, mostrando como os atos se articulam no discurso. Na segunda fase (1990-2001), o objetivo foi fazer expandir o modelo para dar conta do discurso como um todo e não só como uma questão estrutural do discurso e da articulação dos atos de fala. No entanto, essa segunda etapa não apresenta de forma

Essa informação sobre a constituição do Modelo de Análise Modular é relevante e sempre revisitada pelos pesquisadores que adotam a abordagem modular como suporte teórico-metodológico para as suas pesquisas, pois ajuda a evocar, na menção à natureza integradora do MAM, as possibilidades que dela advêm no sentido de permitir diálogos e interseções com outras disciplinas, como a que propomos na nossa pesquisa.

Essa natureza integradora é resultante da compreensão de que objetos complexos como os discursos se beneficiam de modelos teóricos mais completos capazes de integrar um quadro de análise mais amplo para conta de um evento ou outro que se apresenta aos analistas (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001). É nesse sentido que Roulet; Fillietta; Grobet (2001, p. 33) indicam que um dos objetivos do modelo modular é integrar contribuições de pesquisas passadas, presentes e futuras sobre a organização do discurso, articulando hipóteses sobre os diferentes componentes linguístico, textual e situacional do discurso e suas inter-relações, permitindo a compreensão da complexidade e da heterogeneidade dos discursos (MARINHO, 2004). Nesse sentido, a justificativa para uma abordagem assim delineada, segundo seus autores, está amparada na consideração de que o discurso é um objeto complexo constituído de um entrecruzamento de vários níveis de informações em uma situação interacional específica e admitido, no MAM, como interação verbal situada cuja construção e interpretação estão sujeitas a três tipos de restrições: “restrições situacionais, relacionados ao universo de referência e à situação de interação; restrições linguísticas, relacionadas à sintaxe e ao léxico da (s) variedade (s) de linguagem (s) utilizada (s); e restrições textuais, relacionadas à estrutura hierárquica do texto” (ROULET, FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 44).

Essa concepção tem como base não só o aspecto dialógico das interações, como postulado por Bakhtin/Volochinov (1977)⁶⁶, que concebe a palavra como o território comum do locutor e do interlocutor, mas também a concepção do discurso como negociação (proposta/aceitação), ou seja, como um processo interacional que envolve a construção conjunta de uma intencionalidade compartilhada cuja realização está submetida a ajustes sucessivos estabelecidos entre interlocutores visando à realização e à conclusão bem sucedida de processos transacionais efetivos (FILLIETTAZ, 1996). Nesse sentido, a proposta modular para o estudo dos discursos ultrapassa a perspectiva interacional de Bakhtin (2010) ao focalizar o discurso como negociação resultante da ação conjunta dos interagentes que, conscientes de seu papel na

satisfatória a relação entre a estrutura e a interação e, conseqüentemente, os seus impactos para a constituição dos discursos.

⁶⁶ A data faz referência ao ano de lançamento da obra *Marxismo e filosofia da linguagem*. Para a nossa revisão teórica, utilizamos a edição de 2010.

interação, buscam ser efetivos na construção de uma intervenção adequada à situação de ação e alinhada às expectativas dos participantes (ROULET *et al*, 1985, CUNHA, 2020). A noção de negociação remete ao fato de que estudar os discursos é reconhecer que a sua natureza é dialógica, de interlocução e que todo discurso, mesmo o discurso monológico, pressupõe um “diálogo” entre interagentes, ou seja, é admitir, segundo Bakhtin (2010 [1977]), que o discurso como interação verbal é o produto da interação de dois indivíduos socialmente situados (ROULET *et al*, 1985, p. 10). Burger (1997, p. 12-13) corrobora essa informação ao considerar que é o próprio fenômeno da interação ou a construção conjunta de sentido pelos interactantes que estão na própria base do modelo modular.

Nesse sentido, a versão atual do Modelo de Análise Modular (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 27-28), adotada nesse trabalho, preconiza as seguintes considerações:

- a) rejeitar uma concepção solipsista da comunicação que a reduza a simples transmissão de informação entre sujeitos individuais fora de qualquer contexto histórico e social;
- b) admitir, com Bally, Bakhtin, Austin, Searle, Ducrot, Bronckart e Clark, que a função fundamental da linguagem é de ordem comunicativa e que a função de representação é secundária;
- c) adotar a hipótese segundo a qual toda comunicação é uma interação, ou melhor, uma negociação permanente entre interagentes guiados por *enjeux*;
- d) adotar a hipótese, com Bakhtin e Bronckart, de que a ação, e em particular a ação languageira, é a primeira em relação à língua, que se desenvolveu progressivamente ao longo das negociações entre os interactantes de uma comunidade;
- e) adotar, com Bakhtin e Pike, uma abordagem metodológica descendente;
- f) partir da observação de discursos autênticos, não de exemplos "fabricados" para fins de pesquisa;
- g) admitir, com Jakobson, Berrendonner, Puech e Bronckart, que qualquer língua se apresenta como um sistema de subconjuntos interligados, móveis e permeáveis, que se constituem como uma abstração de modalidades de funcionamento dos discursos: o que não implica desconsiderar as análises das gramáticas formais, mas que devem ser reconsideradas num contexto mais amplo;
- h) distinguir, com Clark e Bronckart, os aspectos esquemáticos e emergentes da interação.

Sendo assim, do ponto de vista metodológico, para dar conta da complexidade constitutiva de todas as formas de discurso, a abordagem modular recorre à noção de

modularidade, delineada por Simon (1962) e adotada por Roulet, Filliettaz e Grobet (2001), segundo a qual um sistema complexo pode ser decomposto em vários sistemas e subsistemas de informação simples a fim de descrever de forma progressiva e sistemática a organização de objetos complexos (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001). Para isso, a abordagem desenvolvida na escola de Genebra oferece um quadro teórico-metodológico que permite a compreensão da complexidade e da heterogeneidade discursiva a partir de três dimensões: *linguística*, *textual* e *situacional*. Com isso, a perspectiva modular pressupõe uma dupla exigência:

a) decompor a organização complexa do discurso em um número limitado de sistemas (ou módulos) reduzidos a informações simples e b) descrever de maneira tão precisa quanto possível a forma como essas informações simples podem ser combinadas para dar conta das diferentes formas de organização dos discursos analisados (ROULET, 1999, p. 145).

Essas exigências, conforme postula Roulet (1999, p. 146), ajudam a delinear, em uma perspectiva modular, as chamadas dimensões do discurso (linguística, textual, situacional) que correspondem aos diferentes módulos do sistema (sintático, lexical, hierárquico, interacional, referencial) e a distinguir as formas de organização elementares (fono-prosódica, semântica, relacional, informacional, enunciativa, sequencial e operacional) e as formas de organização complexas (periódica, tópica, polifônica, composicional e estratégica). Sendo assim, as várias dimensões que constituem o quadro teórico-metodológico do modelo modular operam cada uma como mecanismos restritivos de informações a serem trabalhadas de forma minuciosa e específica na sistematização de dados constitutivos dos discursos. Posteriormente, as informações provenientes desse tratamento pormenorizado de cada uma das dimensões e formas de organização são combinadas entre si, formando um quadro geral de informações que permite dar conta de discursos monológicos, dialogais, orais, literários, *etc.*

Para descrever os componentes constitutivos do quadro teórico-metodológico do Modelo de Análise Modular, apresentamos a seguir a descrição do sistema modular aqui adotado.

3.2 Os módulos e as formas de organização na abordagem modular: descrição do sistema modular

Segundo Roulet; Filliettaz e Grobet (2001, p. 42), “adotar um dispositivo modular significa assumir a hipótese de que um objeto complexo pode ser decomposto em um certo

número de sistemas de informação simples e nocionalmente independentes” que podem ser tratados e combinados para dar conta da complexidade dos discursos. Nesse sentido, os módulos (sintático, lexical, textual, referencial e interacional) que constituem o quadro teórico-metodológico da abordagem modular do discurso são definidos como um sistema de informações simples que fornece a descrição de um domínio específico da organização discursiva (linguístico, textual, situacional). A esse respeito, com base em Nolke (1994), Roulet; Filliettaz e Grobet (2001) postulam que “cada módulo deve fornecer uma descrição, do dispositivo de que ele trata, de forma exaustiva, coerente, maximamente econômica e nocionalmente independente dos outros módulos” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 31-32), ou seja, o módulo deve ser reconhecido pela propriedade de especificidade de informação que fornece.

Marinho (2004, p. 82), ao comentar a arquitetura do modelo modular e sua natureza heterárquica⁶⁷, explica que os módulos fornecem as informações simples dos componentes linguístico, textual e situacional que podem ser combinadas com as informações extraídas das sete formas de organização elementares, para que finalmente se possa chegar à descrição das formas de organização complexas. Esse movimento combinatório se baseia, numa primeira fase, denominada de *découplage*, na extração de informações elementares para, na etapa seguinte, denominada de *couplage*⁶⁸, serem combinadas às informações provenientes dos módulos e das formas de organização elementares, constituindo uma análise das formas de organização complexas. Assim, o aparato metodológico do MAM está centrado em dois movimentos precisos: distinguir e associar. Isso significa que na articulação entre os módulos e formas de organização, o MAM propõe de maneira distintiva a apuração de uma informação elementar que será associada a outras informações dos demais constituintes que compõem o discurso a fim de apresentar uma possibilidade de análise mais ampla da constituição do discurso. Nesse sentido, assinala Pires (1997), que “o modelo de análise modular possibilita distinguir, e não dissociar, o que é distinto” (PIRES, 1997, p. 27). O resultado desses dois movimentos na perspectiva modular propicia uma abordagem transversal, não reducionista e recursiva que permite, segundo seus autores, dar conta de todas formas de discursos possíveis.

Com base em Roulet; Filliettaz e Grobet (2001, p. 45-46), Cunha (2014, p. 30-31) apresenta um recorte sobre os fenômenos de que se ocupa cada um dos módulos:

⁶⁷ Cf. Roulet; Filliettaz e Grobet (2001, p. 43), a arquitetura do modelo é heterárquica porque permite o acoplamento de todos os módulos e formas de organização.

⁶⁸ Cf. Roulet (1999, p. 146-147) “as regras de *couplage* são responsáveis por garantir a combinação das informações do discurso, permitindo definir os tipos de constituintes discursivos, as categorias discursivas complexas, e, também, derivar as formas de organização discursivas complexas”.

- ✓ Lexical: tem como objetivo definir a pronúncia, a ortografia, as propriedades gramaticais e o sentido das palavras das diferentes variedades linguísticas.
- ✓ Sintático: trata das regras que definem as categorias e a construção das estruturas das sentenças.
- ✓ Hierárquico: define as categorias e as regras que permitem gerar as estruturas hierárquicas de todo tipo de texto, dialogal ou monologal, oral ou escrito.
- ✓ Referencial: estuda as relações que discurso mantém com o mundo no qual é produzido, bem como as relações que mantém com o mundo que representa.
- ✓ Interacional: descreve as propriedades materiais da interação, levando em conta o canal (oral, escrito, visual), o modo (distância ou copresença espacial e/ou temporal) e o tipo de vínculo da interação (existência ou não de reciprocidade).

A partir de informações provenientes dos módulos, a abordagem modular, especifica a natureza das formas de organização que também integram o sistema modular, isto é, as formas de organização elementares e complexas. No sistema modular, as formas de organização elementares são resultantes da acoplagem entre informações de origem modular, enquanto as formas de organização complexas são resultantes de informações provenientes dos módulos e de outras formas de organização. A fim de precisar as informações que são mobilizadas em cada uma das formas de organização (elementares e complexas), apresentamos o quadro abaixo, com base em Roulet; Filliettaz e Grobet (2001, p. 47-49), buscando demonstrar a natureza da informação de que cada uma das formas de organização se ocupa.

Quadro 6 – As formas de organização do Modelo de Análise Modular do Discurso

Formas de organização	
Elementares	Complexas
Fono-prosódica: combina informações sobre as estruturas sintáticas com informações sobre as representações fonéticas ou gráficas dos lexemas e tem como objetivo estudar a estrutura prosódica de base do discurso.	Periódica: combina informações hierárquicas e fono-prosódicas ou gráficas e trata da pontuação do discurso e do modo como os constituintes textuais são segmentados e agrupados.
Semântica: combina informações sobre as estruturas sintáticas com informações sobre as representações semânticas dos lexemas, a fim de descrever as representações semânticas das proposições.	Tópica: combina informações da forma de organização informacional e dos módulos hierárquico e referencial, para dar conta da maneira como os interlocutores fazem a gestão e o encadeamento dos objetos de discurso no desenvolvimento da interação.
Relacional: combina as informações do módulo hierárquico com informações dos módulos lexical, sintática e referencial, a fim de identificar as relações de discurso ilocucionárias e interativas	Polifônica: combina informações enunciativas, relacionais, linguísticas, interacionais e referenciais para tratar das

entre os constituintes da estrutura hierárquica e informações da memória discursiva.	funções que assumem os discursos representados.
Informacional: combina informações hierárquicas, referenciais, lexicais e sintáticas, com o objetivo de analisar a estrutura informacional do discurso, descrevendo as diferentes formas de progressões informacionais que se manifestam na sucessão dos atos.	Composicional: combina informações sequenciais, relacionais, linguísticas e referenciais, com o objetivo de explicar as formas e as funções contextuais e contextuais das sequências discursivas.
Enunciativa: combina informações lexicais, sintáticas, interacionais e referenciais para definir e distinguir, nos diferentes níveis interacionais, os discursos produzidos e representados.	Estratégica: combina informações referenciais (em especial o quadro acional) com informações de outros módulos e formas de organização elementares e complexas a fim de descrever a maneira como os interactantes coordenam as relações de faces, lugares e territórios no discurso.
Sequencial: combina informações dos módulos hierárquicos e referencial e tem como finalidade definir uma tipologia discursiva (narração, descrição, deliberação) e extrair as sequências discursivas em que os tipos de discurso se manifestam.	
Operacional: combina informações dos módulos hierárquicos e referencial, integrando as descrições das dimensões verbal e acional do discurso.	

Fonte: ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 47-49.

Para os proponentes do modelo de Genebra, o interesse em desenvolver uma ferramenta analítica dessa natureza tem um duplo objetivo:

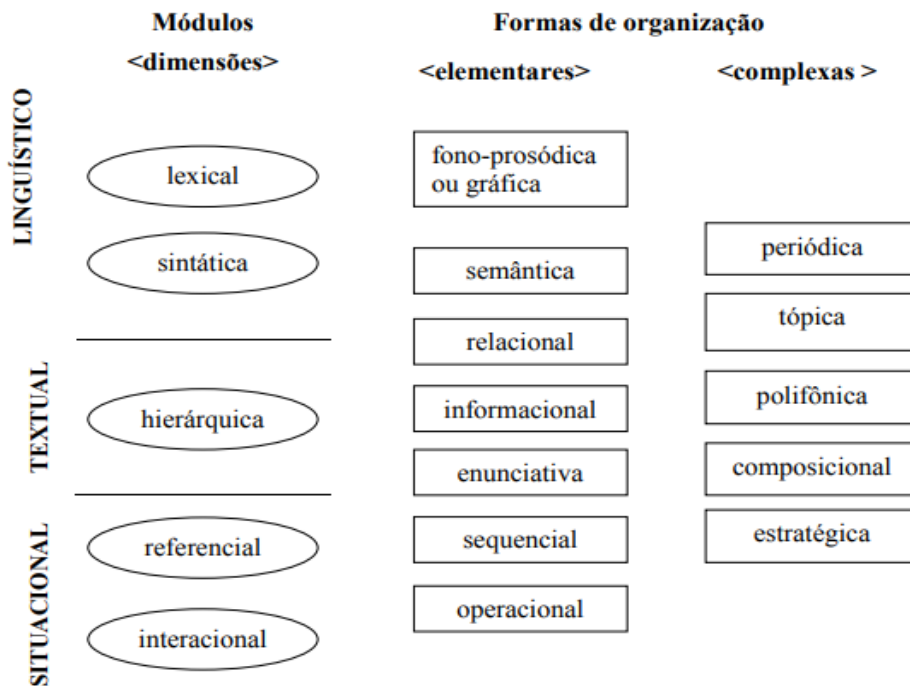
a) desenvolver um modelo recursivo que use um número limitado de unidades, relações e princípios gerais para capturar, de forma apurada e ampla, a complexidade da organização de todas as formas de discurso possíveis e realizáveis, sejam dialógicas ou monológicas, escritas ou orais, espontâneas ou fabricadas, de uma língua particular, e b) propor um instrumento de análise que permite descrever de maneira sistemática qualquer forma de discurso (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 41).

Segundo Roulet; Filliettaz e Grobet (2001), a ideia de adotar um modelo assim configurado, organizado em torno de módulos e formas de organização, centra-se na possibilidade de “descrever a complexidade da organização do discurso como resultado da combinação das informações fornecidas pelos sistemas simples” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 41). Para esses autores, é justamente a combinação dos diferentes sistemas de informação em uma estrutura heterárquica que permite refletir a complexidade dos discursos. Para isso, Roulet (1999, p. 139-140) postula que um modelo de organização do discurso deve satisfazer ao menos às seguintes exigências:

- (1) engendrar as estruturas linguísticas, textuais e referenciais de todas as produções discursivas possíveis – monologais ou dialogais – o que diz respeito à existência de mecanismos recursivos;
- (2) definir com precisão os constituintes dessas estruturas e as relações por elas estabelecidas;
- (3) dar conta do encadeamento das informações no discurso;
- (4) dar conta da polifonia nas produções discursivas, bem como de seus diferentes níveis de encaixamento e da integração entre os mesmos;
- (5) dar conta dos diferentes tipos de sequência que podem constituir o discurso em diferentes níveis de encaixamento e de suas combinações;
- (6) dar conta da pontuação das produções discursivas, orais ou escritas;
- (7) dar conta das situações de interação do discurso, bem como das interações que ele pode representar em diferentes níveis de encaixamento;
- (8) dar conta do (s) universo (s) do discurso, ou seja, das representações dos mundos nos quais o discurso se inscreve e dos quais ele fala;
- (9) dar conta das inferências que comandam a organização do discurso;

Finalmente, como destaca Roulet (1999), o modelo é uma proposta metodológica que isola os sistemas simples de informação, para posteriormente descrever como essas informações podem ser combinadas entre si, estabelecendo relações complexas na estrutura dos discursos. Nessa perspectiva, a potencialidade do MAM como ferramenta analítica reside justamente na sua capacidade de oferecer uma descrição precisa de unidades menores cuja combinação resulta em um quadro robusto de análise sobre a produção e interpretação de qualquer discurso. Essa proposta de análise articulada entre módulos e formas de organização está representada no quadro abaixo que sistematiza os constituintes do sistema modular.

Figura 3 – Arquitetura do Modelo de Análise Modular do Discurso



Fonte: ROULET; FILLIETTAZ ; GROBET, 2001, p. 51.

Como se pode observar no esquema acima, o modelo modular se configura como uma abordagem teórico-metodológica integradora e abrangente que permite ao pesquisador diferentes percursos de análise para o tratamento da complexidade discursiva. A esse respeito, Roulet; Filliettaz e Grobet (2001) especificam que, ao ler o esquema proposto pelo MAM, a disposição horizontal das formas ovais e retangulares não é relevante, pois “não é a posição do módulo ou da forma de organização na tabela que determina as combinações possíveis” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 50) e sim as regras de acoplagem (*couplage*). Ainda a esse respeito, Marinho (2004) acrescenta que não existe uma ordem preferencial no tratamento dos diferentes aspectos do discurso. O percurso analítico, com base na proposta modular, depende do material analisado e dos objetivos do analista. No entanto, o que se destaca na proposta modular para a análise do discurso é a sua capacidade abrangente e integradora que, segundo Marinho (2004) “com a ajuda de um número limitado de unidades, relações e princípios gerais, visa poder ser aplicado a todas as formas de discurso possíveis e realizáveis [...]” (MARINHO, 2004, p. 85).

Com base nos componentes fornecidos pelo MAM, abordaremos a seguir os módulos e as formas de organização que, no nosso ponto de vista, se constituem como suficientes, mas

não limitantes, para demonstrar de que maneira o MAM pode ser representativo para o estudo da impolidez nos comentários de sites de notícias. Para isso, recorreremos à dimensão situacional (módulos referencial e interacional), à dimensão hierárquica (módulo textual) e às formas de organização relacional, enunciativa, polifônica e estratégica. Todas essas dimensões serão discutidas a seguir em tópicos individualizados, mas, em razão dos nossos objetivos, daremos uma maior atenção à forma de organização estratégica, porque, no modelo modular, essa é a forma em que se estudam os fenômenos ligados à im/polidez e à gestão de faces, territórios e lugares e, por extensão, as estratégias discursivas mobilizadas pelos interagentes para se fazer essa gestão em um dado contexto interacional, fenômenos interacionais objeto de nosso interesse.

3.3 O estudo da dimensão situacional: os aspectos contextuais do discurso

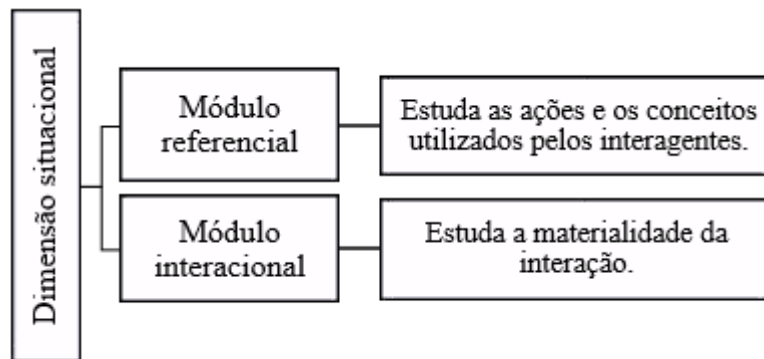
A abordagem modular é uma teoria do discurso que tem demonstrado preocupação efetiva em descrever a dimensão situacional dos discursos, buscando analisar os seus possíveis efeitos e impactos na forma como os interlocutores realizam a sua participação em interações específicas. A preocupação em descrever as informações de natureza contextual está ancorada na consideração de que uma “relação de interação é indissociável do campo social no qual ela ocorre” (BURGER, 1997), ou seja, as realizações languageiras não se dão num vácuo social, mas sim “motivadas pela situação de ação de que fazem parte e da qual sofrem todo o impacto” (CUNHA, 2017, p. 375). Em outras palavras, a abordagem de Genebra busca explicar de que maneira as restrições contextuais impõe condições à forma de atuação dos indivíduos em uma interação particular, impondo limitações ao seu modo de agir e, conseqüentemente, à forma como elaboram os seus discursos.

Adotar essa perspectiva para analisar as produções discursivas significa considerar que os elementos contextuais reúnem um conjunto de informações primordiais não só para a interpretação de formas discursivas autênticas, mas também para a compreensão de como os discursos são efetivados de maneira particular a partir das restrições impostas pelo meio. Assim, o estudo da dimensão situacional que reúne informações sobre a materialidade da interação, sobre aspectos sócio-históricos (esquemáticos) e interacionais (emergentes) das ações e dos conceitos contribui para a compreensão do contexto em sua totalidade e não somente como um “pano de fundo” cujas implicações não interferem na realização languageira dos indivíduos. Sendo assim, reconhecer essa relevância é adotar com Bakhtin/Volochinov (2010) que “a estrutura do discurso é em grande parte determinada pelas restrições da interação verbal, por

isso, a necessidade de entender essas restrições para descrever a interação” (ROULET, 1991, p. 9) e, conseqüentemente, os discursos.

Considerando que a dimensão situacional descreve o “ambiente cognitivo imediato e as representações do mundo que os interlocutores fazem dele” (Roulet, 2001, p. 12), os autores de Genebra propuseram a análise da dimensão situacional do discurso a partir do estudo de dois módulos: o módulo referencial, para dar conta das ações e dos conceitos mobilizados pelos interlocutores em cada situação particular, e o módulo interacional, para precisar a materialidade da interação. Em resumo, a figura abaixo demonstra as particularidades do discurso de que cada um desses módulos se encarrega de descrever.

Figura 4: Constituintes e função da dimensão situacional



Fonte: Elaboração da autora com base em ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001.

As especificidades dos módulos referencial e interacional serão descritas de forma pormenorizada nos tópicos a seguir, com destaque para o quadro acional e a estrutura conceitual, componentes do módulo referencial e o enquadre interacional, componente do módulo interacional, por se constituírem como instrumentos relevantes para a descrição e análise do nosso *corpus*.

3.3.1 O módulo referencial: os aspectos contextuais da interação

O módulo referencial, integrante da dimensão situacional do discurso, é o módulo que trata das ações e dos conceitos mobilizados na interação. É o responsável por situar os sujeitos, suas ações e os seus conceitos em um universo de referência que os fazem legíveis e explicáveis uns para os outros. Isso porque ao considerar que os discursos são construtos cogерidos e resultantes da ação de interactantes em contextos discursivos particulares, é preciso descrever as restrições e as possibilidades impostas pelo meio que orientam os interagentes em suas

práticas discursivas, ou seja, é preciso questionar as relações entre a produção linguística e as situações em que são produzidas (Roulet; Filliettaz e Grobet, 2001).

Nesse sentido, conforme especificam Roulet; Filliettaz e Grobet (2001, p. 99), para dar conta da natureza situacional ou do contexto em que uma determinada interação se desenvolve, é necessário mobilizar um conjunto de informações não só em relação às atividades sociais em que ela se desenvolve, mas também em relação à ação (verbal e não verbal) dos interactantes nessas atividades. Para isso, o MAM propõe, com o módulo referencial, o estudo das ações linguísticas e não linguísticas realizadas pelos falantes e também os conceitos envolvidos em tais ações (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 103), buscando descrever de forma sistemática “as relações que o discurso mantém com o mundo em que é produzido, bem como com o mundo que representa” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 103). A esse respeito, Simunic (2004) adverte que o universo de que fala o discurso não deve ser confundido com o universo real, aquele em que o discurso está inscrito, pois “o universo de que fala o discurso é um universo representado, no qual objetos reais são transformados, graças à atividade discursiva da instância de produção, em objetos de discurso” (SIMUNIC, 2004, p. 106). Dessa forma, nesse jogo de representações operadas por meio do discurso, o estudo dos dados referenciais permite explicitar de que maneira se desenvolveu uma ação específica e quais conceitos foram mobilizados/atualizados no desenvolvimento dessa ação.

A esse respeito Roulet (1995) afirma que o módulo referencial

trata tanto dos acontecimentos do mundo e dos objetos, como percebido e construído pelos interlocutores, no qual o discurso está inserido, como do mundo (que pode mais ou menos coincidir com o anterior) do qual fala. Trata-se, portanto, por um lado, do lugar do discurso, como ação, numa estrutura acional mais ampla, e, por outro lado, da forma como a estrutura e o conteúdo do discurso são (em parte) determinados pelo universo de referência, como é percebido e construído em uma determinada cultura (ROULET, 1995, p. 129).

Com base nessas orientações, observa-se que o módulo referencial não concebe o contexto de forma estática, ou “desencarnado”, nos termos utilizados por Roulet; Filliettaz e Grobet (2001, p. 99), mas sim como elemento coconstruído e representado a partir da ação dos interactantes que negociam e mobilizam uma série de conceitos e padrões de ação a fim de orientar a sua participação em determinado contexto. Para o MAM, a participação dos interactantes em um contexto específico tem como base um componente esquemático (conhecimento sócio-histórico comum aos parceiros) e um componente emergente (desenvolvido progressivamente a partir da ação individual de cada interactante). Alinhado à

perspectiva sociológica de Goffman (2012, [1974]) sobre o que constitui os “quadros de experiência”, ou seja, a forma como as ações humanas podem ser observadas a partir de “experiências vividas”, o modelo modular postula com o componente esquemático que eventos passados deixam traços na experiência presente, de modo que “as relações dos indivíduos com seu ambiente não são radicalmente “inventadas” por eles, mas necessariamente “mediadas” por índices sociais de um “saber-fazer” coletivo interiorizado” (ROULET; FILLIETTAZ E GROBET, 2001, p. 105).

Assim, buscando dar conta da dimensão situacional do discurso, o MAM propõe, com o módulo referencial, a descrição das representações esquemáticas (praxeológica e conceitual) e das estruturas emergentes (praxeológica e conceitual) com as quais busca explicitar as ações e os conceitos e a sua relação com um subdomínio da vida social (comercial, educacional, laboral, *etc*) no qual se desenvolve uma interação. A fim de sintetizar os mecanismos descritivos apresentados pelo MAM para o estudo da dimensão referencial dos discursos, apresentamos o seguinte quadro:

Quadro 7 - Componentes da dimensão referencial do discurso

Componente praxiológico (ações)		Componente conceitual (conceitos)	
<i>Representação (esquemático)</i>	<i>Estrutura (emergente)</i>	<i>Representação (esquemático)</i>	<i>Estrutura (emergente)</i>
Descreve o percurso da ação com base em uma tipificação social expectável.	Descreve o percurso da ação efetivamente realizado pelos interactantes.	Descreve as características típicas de seres e objetos do mundo independente de uma situação particular de ação.	Descreve a atualização de características típicas de seres e objetos do mundo em uma situação particular.

Fonte: Elaboração da autora com base em ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001.

Com base nesse mecanismo descritivo, o módulo referencial permite um estudo integrado de ações e conceitos ao fornecer instrumentos que possibilitam descrever elementos referenciais a partir dos quais o discurso é estruturado e não apenas mencioná-los ou reconhecer a sua existência, por exemplo. Isso quer dizer que mencionar como uma ação se desenvolveu em um contexto X é diferente de descrevê-la em seus constituintes e analisá-la à luz de referentes contextuais que a estruturam e constituem.

Além disso, ao abordar de um lado os aspectos esquemáticos das ações e dos conceitos e de outro as estruturas que os atualizam, o módulo referencial reforça uma noção central do

modelo discursivo de Genebra que diz respeito ao papel da ação dos indivíduos⁶⁹ na construção mútua de uma interação particular nas quais os sucessivos ajustes que podem ocorrer em torno da negociação de práticas e ações podem desvelar não só os comportamentos de caráter comunicativo dessas interações, mas também um agenciamento das relações sociais no sentido de atender às expectativas no que se refere às imagens relacionadas a uma interação específica. Dessa forma, deve-se considerar com base nos postulados do MAM que “o campo da análise referencial do discurso não se resume a um único e específico questionamento; pelo contrário, se expressa de múltiplas formas e se refere a um vasto conjunto de fatores” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 100) que participam da estruturação das produções discursivas e que impactam de maneira efetiva a forma como os interagentes participam de uma interação.

Alguns desses fatores fazem referência à forma como os interactantes participam mutuamente na interação, ou seja, os seus papéis sociais, a finalidade geral da interação, a ação individual de cada um dos participantes na mobilização de determinados conceitos, *etc.* Considerando que a interação se desenvolve sustentada nas expectativas que cada participante tem em relação a um contexto específico e que essas expectativas são atualizadas a partir da ação individual de cada um deles (ROULET 1999, FILLIETTAZ 2000), cada interagente busca explicitar seu modo de participação na ação conjunta, visando a seus objetivos particulares. Dessa forma, para compreender essa dinâmica na explicação do nosso *corpus*, serão mobilizados dois instrumentos de análise do módulo referencial: o *quadro acional* (componente praxeológico), para descrever as propriedades (*status* social, face, território, *etc*) que dizem respeito às imagens dos interagentes e ao modo como participam da interação e, a *representação conceitual* (componente conceitual), para definir e explicar os conceitos que são mobilizados por eles na interação. Esses dois recursos metodológicos serão explicitados de forma pontual nos tópicos a seguir por se constituírem como representativos na análise do nosso *corpus* na descrição das ações dos interagentes.

3.3.1.1 O quadro acional: o engajamento mútuo dos interactantes

⁶⁹ No MAM, os participantes da interação não podem ser reduzidos a simples instâncias de fala, pois eles se constituem como *agentes* engajados em comportamentos específicos e assumindo responsabilidades mútuas na gestão das atividades das quais participam (Roulet; Filliettaz e Grobet, 2001, p. 99). Para Filliettaz (1996, p. 150), esses agentes devem ser entendidos em um sentido genérico, designando a instância à qual se pode imputar a responsabilidade da ação.

O quadro acional é um recurso da estrutura praxeológica que define em uma interação específica quem são os interagentes envolvidos e quais as ações são empreendidas por eles. Em outros termos, o quadro acional capta os interagentes em termos de diferentes ações, *status* e papéis sociais. Entender quem são os atores em ação, que papéis buscam ou devem desempenhar diante dos outros, que traços sociais os ajudam ou os impedem de desempenhar outros papéis requeridos é descrever o componente acional de uma interação, precisando os diferentes tipos de ações assumidas e desempenhadas por interagentes em contato.

Por isso, o *quadro acional* é um dos componentes do módulo referencial essencial para o estudo da forma de organização estratégica, que analisa a gestão de faces, territórios e lugares, pois fornece informações relevantes em relação a elementos que são “externos” à interação, mas que são invocados pelos interactantes no agenciamento de sua relação com o outro e na definição de sua participação em uma interação particular. Assim, o *quadro acional* “visa a esclarecer algumas das propriedades referenciais de uma interação verbal efetiva, capturadas do ponto de vista da configuração das ações envolvidas” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 112). A descrição dessas propriedades é feita por meio da articulação de quatro parâmetros, constituintes do quadro acional que são: os *enjeux* comuns, os complexos motivacionais, as ações participativas e as posições acionais.

De forma pontual, os *enjeux* comuns designam o que os interactantes fazem juntos (ação conjunta) ou o objetivo compartilhado que vincula o compromisso de cada um deles com a interação em curso. Em termos práticos, um *enjeu* comum responde à questão “estamos aqui para fazer o quê? É essa finalidade compartilhada que torna a conduta dos agentes mutuamente interpretável. Nesse sentido, a noção de *enjeux* está relacionada a um aspecto “nodal” que une os agentes temporariamente e racionalmente a uma interação e faz referência não só ao mundo objetivo, social e subjetivo, “pois uma ação conjunta busca não só a modificar o estado das coisas do mundo” (SIMUNIC, 2004, p. 68), mas também em tornar manifestas as relações interpessoais legítimas e as experiências vividas (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001).

O *quadro acional* comporta também a noção de complexo motivacional. Os *complexos motivacionais* indicam as razões exteriores que motivam a participação de cada interactante em uma interação específica. Em termos práticos, os complexos motivacionais permitem aos interagentes “explicar” o seu envolvimento na interação no sentido de exteriorizar as suas “razões para agir”. Ao mobilizar o conceito “motivo” em torno do qual se configura o complexo motivacional de um interagente, o MAM postula com base em Anscombe (1990, p. 261) uma distinção entre motivos e intenções. Nesse sentido, “se as intenções parecem constituir a ação e sustentar o seu significado, os motivos funcionam como um “quadro externo”, um “pano de

fundo” que fixa sua relevância” (FILLIETTAZ, 2000, p. 90; ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 117). Assim, consideram esses autores que

se as razões para agir e, de modo mais geral, os complexos motivacionais merecem ser considerados em uma análise configuracional, não é somente porque destacam certas propriedades emergentes das situações de interação, mas principalmente porque permitem especificar as condições sob as quais os participantes garantem seu engajamento na ação conjunta” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 117).

Como se pode observar, a noção de complexo motivacional implica a racionalidade do indivíduo na explicitação dos motivos que “justifica” o seu comportamento momentâneo. Além disso, o complexo motivacional ajuda a configurar as *ações participativas*⁷⁰ que definem os objetivos individuais, isto é, “as parcelas interdependentes de responsabilidade que cabem a cada um dos interagentes na emergência de um *enjeu* comum” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 114). Dessa forma, descrever as ações participativas é precisar as parcelas interdependentes de responsabilidade que cabem a cada um dos interactantes na emergência de um *enjeu* comum e, sobretudo, averiguar em que medida os objetivos individuais perseguidos por cada um dos interagentes ajudam a estruturar a negociação que se dá entre os parceiros da interação.

Outra informação do quadro acional que resta explicitar é a *posição acional*. A posição acional diz respeito à representação das identidades⁷¹ que são “negociadas” na interação e não se constitui a partir de “um único parâmetro, mas se manifesta ao mesmo tempo na forma de *status* social, papéis praxeológicos e na face que está em jogo” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 115). Decorre dessa noção a consideração de que “a identidade que um locutor assume é o resultado da articulação de diferentes noções” (CUNHA; PICININ, 2017, p. 25), ou seja, o *status* social, os papéis praxeológicos e a face. O *status* social é uma noção estável que o define enquanto indivíduo do mundo “real”, os papéis praxeológicos são produtos emergentes e o configuram a partir das ações participativas que realizadas no curso da interação e a noção de face é a representação da imagem positiva que cada indivíduo busca construir e compartilhar intersubjetivamente na encenação que fazem de si mesmos.

Além da noção de *face*, a descrição da posição acional comporta ainda a noção de território (reserva individual). Essa noção, assim como a noção de face é configurada no modelo modular a partir das considerações de Goffman (1973 [2014]), e diz respeito ao direito que o

⁷⁰ Conforme mencionam Roulet; Fillietaz e Grobet (2001, p. 114) “a expressão é emprestada de Clark (1996), que fala de *ação participativa* para designar as contribuições individuais nas ações conjuntas”.

⁷¹ Burger (1995) aborda a questão da identidade como um produto da interação e a define a partir de três parâmetros: a identidade situacional, a identidade *mise en place* e a identidade discursiva.

indivíduo reivindica de não ser impedido em suas ações. Dessa forma, a noção de *território* pode ser compreendida como as reservas (espacial, situacional, egocêntrica) que cada indivíduo reivindica para si como direito (GOFFMAN, 1971) na interação. A articulação dessas noções é representativa porque permite a partir de uma dada situação de ação “especificar, do ponto de vista referencial, as identidades das instâncias agentivas que dela participam” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 115).

Em síntese, estamos admitindo o *quadro acional* como recurso descritivo que permite explicitar e explicar o fato de que o discurso sempre funciona como o lugar da convergência de uma pluralidade de instâncias agentivas envolvidas não apenas por uma questão que lhes é comum (*enjeu*), mas que ao fazê-lo estão sempre orientados por elementos sociais (*status*, face, território) cuja natureza ajudam a definir não só as posições assumidas por eles, mas também a forma como se veem e como se constroem mutuamente na interação. Por isso, argumentam Roulet; Fillietaz e Grobet (2001) que as informações articuladas no quadro acional

não buscam reduzir a complexidade das configurações de interações a um pequeno número de parâmetros, mas mostrar como os agentes constroem, através de seus gestos e de seus discursos, um espaço de interação racional que contribui amplamente para a estruturação de sua associação momentânea (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 118).

Dessa forma, podemos concluir que o quadro acional representa uma ferramenta analítica suficientemente explícita e flexível para descrever as particularidades das situações de ação real.

Na esteira dessas considerações em relação à natureza emergente de alguns aspectos da interação, apresentamos a seguir o conceito de *representação conceitual*, constituinte do componente conceitual, que contribui para o estudo das representações conceituais mobilizadas na interação.

3.1.1.2 O componente conceitual: representação e estrutura

Paralela à descrição do quadro acional, o módulo referencial especifica ainda o componente conceitual das produções discursivas. Considerando que o estudo do universo referencial do discurso não pode ser reduzido apenas à análise das ações conjuntas que são realizadas pelos interactantes, é necessário também levar em consideração o seu componente conceitual uma vez que “a ação nunca se desdobra sem mobilizar as representações conceituais” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 126), mas depende delas para a

construção de um universo de referência no qual o discurso se constitui.

Adotar essa postura é também assumir que “para construir um quadro interacional racional e sequências transacionais hierarquicamente organizadas, os agentes referem-se a objetos no mundo e negociam as propriedades que podem ser atribuídas a eles” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 125). Isso demonstra que o sucesso ou o fracasso das interações depende em grande parte da capacidade de os agentes construírem conjuntamente uma entidade conceitual suficientemente específica de um objeto ou de um ser do mundo que será transacionado em determinado domínio da vida social. Sendo assim, para construir as propriedades dos objetos e dos seres do mundo, os indivíduos mobilizam representações mentais provenientes de um conhecimento social partilhado. Com isso, os conceitos que são mobilizados em uma determinada atividade, assim como as representações praxeológicas para as ações, são fundamentados em conhecimentos estabelecidos socialmente e mediados pelo hábito social⁷². Essa ancoragem social implica a existência de uma dimensão esquemática dos conceitos que é reconhecida e compartilhada entre interactantes em domínios sociais específicos que se configura sob a forma de uma representação conceitual.

De maneira geral, a representação conceitual está ancorada na noção de tipicidade⁷³ e busca descrever como os agentes representam as categorias conceituais que eles utilizam em suas produções verbais. Para Filliettaz (1996, p. 38), as representações conceituais têm a função de identificar e organizar as diferentes propriedades reconhecidas de um objeto que os sujeitos destacam em sua inter-relação com esse objeto. Essas representações têm como base as propriedades típicas⁷⁴ dos objetos ou seres do mundo resultantes dessa mediação seletiva operada por atividades sociais e independentes de uma ação particular, ou seja, as propriedades típicas “preveem categorias específicas para um subdomínio da vida social e para as atividades que a dominam” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 132). Sendo assim, as propriedades relacionadas ao objeto “bandeira”, por exemplo, em um desfile militar são distintas das propriedades atribuídas a esse mesmo objeto se estivesse em um contexto de festa

⁷² Cf. J. Desclés (1995) *apud* Filliettaz (1996), as noções de representação mental ou padrões de ação estão intimamente ligadas ao aspecto cognitivo, segundo o qual os indivíduos acessam um conjunto de operações construtivas de categorização e esquematização que são implementadas para resolver problemas relacionados ao seu ambiente.

⁷³ Essa noção não coincide com o conceito de *prototipicidade* (Teoria dos Protótipos), por exemplo. Para a *prototipicidade*, as características atribuídas aos seres e às coisas têm propriedades universais e com validade mais genéricas sustentadas por ideias de invariância transcultural, enquanto a noção de *tipicidade* se vale da articulação entre categorias conceituais e o subdomínio da vida social (escola, trabalho, comércio, *etc.*) e tem como base a consideração dos recursos psicológicos como produto da relação do homem com o ambiente social.

⁷⁴ “Essas propriedades não devem ser entendidas como características objetivas e inerentes ao objeto, mas sim como características que os sujeitos reconhecem em sua inter-relação com o objeto” (FILLIETTAZ, 1996, p. 38).

junina como elemento decorativo. Por isso, na abordagem modular, a centralidade dos representantes de uma classe tem um significado que é necessariamente próprio de um determinado campo de atividade.

Ao adotar a noção de *tipicidade*, o grupo de Genebra buscou destacar que os conceitos atribuídos aos objetos e seres do mundo são resultados de interferências individuais e cogeridas em determinado campo de atividade e que “as propriedades típicas que podem ser atribuídas a uma entidade conceitual não derivam de uma entidade universal cêntrica, mas resultam de uma mediação seletiva operada em atividades sociais” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 130-131). Com isso, deve-se considerar que a competência conceitual dos interactantes não é operada por um sistema universalizante de conceitos, mas sim por um sistema de relevância que produz um “substrato de tipificação generalizante” articulado em um subdomínio da vida social com objetivos específicos da interação (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001).

Ao aprofundar os estudos sobre a representação conceitual, Filliettaz (1996) postula a existência de três níveis nos quais as representações conceituais devem ser abordadas: o nível das representações gerais e coletivas (propriedades típicas), o nível das representações individuais (propriedades típicas ativadas com base no ponto de vista individual dos interlocutores) e o nível da representação coconstruída (conjunto de características que são consideradas pertinentes e ativadas na negociação entre os interlocutores). Com essas observações, é possível considerar que a representação conceitual não se apoia em características determinantes de um objeto ou dos seres do mundo, ela se configura conjuntamente na articulação de características consideradas pertinentes pelos interlocutores para identificar um objeto do discurso em um determinado campo de atividade.

Considerando a ação dos interagentes em um processo de negociação, os conceitos representados em determinado campo de atividade social são atualizados em configurações particulares que dão origem a uma *estrutura conceitual*. Em outras palavras, essa propriedade emergente da descrição conceitual é apresentada por meio da *estrutura conceitual* que combina as propriedades conceituais típicas de seres e objetos, articulando-os em uma estrutura emergente que busca descrever como “os agentes referem-se a objetos no mundo e negociam as propriedades que podem ser atribuídas a eles” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 125) em situações de interação efetiva.

Destaca-se, nessa concepção, que a *estrutura conceitual* não se refere apenas à forma como os interlocutores “nomeiam” os seres e objetos do mundo. Amplamente ancorado em uma perspectiva interacionista, o modelo modular busca com a estrutura conceitual explicar também como os interlocutores atualizam esses conceitos e, sobretudo, como negociam a identidade do

objeto transacionado com o seu interlocutor. Dessa forma, o ponto relevante da descrição conceitual não é o sentido virtual de determinado objeto, mas o sentido que ele adquire a partir da ação conjunta dos interagentes no processo de negociação (FILLIETTAZ, 1996), ou seja, a descrição de um conceito relevante para a análise conceitual é aquela que resulta das interferências operadas pelos interagentes. Nesse sentido, segundo Bakhtin (2010, p. 96), o que importa não é o aspecto estático de uma forma linguística, que permanece sempre idêntico, mas sim o que uma determinada forma linguística pode “figurar” num dado contexto a partir de uma perspectiva variável e flexível que constitui o ponto de vista do locutor.

De uma forma geral, a relevância do estudo dos aspectos conceituais mobilizados no discurso reside no fato de que esses elementos podem se constituir como mecanismos por meio dos quais os participantes de uma interação, como nos comentários, por exemplo, podem acionar estrategicamente determinados sentidos não só como formas pontuais de ataque às faces de supostos oponentes, mas também como mecanismo da articulação textual com impacto no processo de negociação. Nesse sentido, percebe-se que não se trata de simples formas de nomeações, mas sim de recursos linguísticos que têm uma função predominante na forma como interagentes agenciam as informações de que são portadores no sentido de gerir a sua participação na interação.

Além do módulo referencial do discurso, que acabamos de descrever, o módulo interacional, outro componente da dimensão situacional, é igualmente importante na descrição do contexto, pois fornece um instrumento pontual (enquadre interacional) de análise para precisar a materialidade da interação. O módulo interacional será descrito no tópico a seguir.

3.3.2 O módulo interacional: elementos para descrever a materialidade da interação

No modelo modular a interação implica sempre um “diálogo” entre interlocutores. Nesses termos, a troca interpessoal constitui o espaço sensível onde se realiza e negocia a co-construção da "realidade" (BURGER, 1997). Essa noção se apoia na concepção de interação desenvolvida por Goffman (2011 [1967]) e remete, de forma mais ampla, à ocasião em que um indivíduo se encontra ao alcance da resposta de outro seja em um contato face a face ou não (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001; SIMUNIC, 2004). Ao estabelecer interagentes em contato, toda interação apresenta uma materialidade própria que a constitui e, para descrever essa materialidade, o MAM propõe o módulo interacional que, segundo Burger (1997, p. 18), é o responsável por definir “as propriedades materiais das relações de comunicação. Seu papel é delimitar "níveis de interação" e especificar as suas características”. A necessidade de descrever a materialidade da interação se justifica na consideração de que “a ancoragem

material da interação determina significativamente a organização do discurso” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 139). Sendo assim, se a intenção é entender a produção discursiva em sua totalidade, a materialidade da interação pode fornecer elementos substanciais para a análise, “oferecendo ao analista uma âncora para tentar compreender seu funcionamento” (BURGER, 1997, p. 12).

No entanto, vale destacar que a materialidade da interação⁷⁵ de que fala Burger (1995, 1997) não se refere a uma materialidade já significada por convenção, mas de uma materialidade situada, específica de cada interação, isto é, uma materialidade interacional “plástica” da qual o discurso se constitui. Assim, considerando essa relevância, o MAM propõe estudá-la no módulo interacional por meio de três parâmetros interacionais: o canal, o modo e o tipo de vínculo da interação, que podem ser assim especificados:

- a) **canal:** é o meio físico (oral, escrito, visual) utilizado pelos interactantes na interação;
- b) **modo:** refere-se à copresença espacial e temporal das partes que interagem;
- c) **vínculo:** refere-se à possibilidade de retroação, reciprocidade ou não reciprocidade entre os interactantes.

A definição desses três parâmetros permite descrever se a interação se realiza por de forma oral, escrita ou gestual (canal), se há ou não copresença espaço-temporal (modo), ou seja, se os interagentes estão situados em um mesmo espaço-tempo e, por fim, se há possibilidade ou não de reciprocidade entre eles. A reciprocidade é um parâmetro relevante, pois, no plano interacional, pode implicar também a disposição dos interagentes em interpretar e responder os significados compartilhados, em constituir e reconhecer as imagens mutuamente partilhadas. Para isso, não basta apenas a existência da possibilidade de reciprocidade na interação, mas a disposição dos interagentes em executá-la o que se configura como bastante representativo para o estudo da configuração de uma interação particular. Nesse sentido, esses três parâmetros apesar de basilares se configuram como representativos ao determinar as condições que permitem aos interlocutores se fazerem ou não seres “dizentes” na interação, o que impõe restrições às suas ações, determinando de maneira significativa o seu envolvimento na interação e, conseqüentemente, a estrutura do seu discurso. De forma geral, “a materialidade dos eventos de comunicação atesta precisamente as possibilidades de fala concedidas aos interactantes”

⁷⁵ Alinhada à perspectiva interacional postulada por Kerbrat-Orecchioni (1990, p. 17), Burger afirma que o que se entende por “interação” é a determinação recíproca e contínua do comportamento dos parceiros em presença” (BURGER, 1997, p. 13).

(BURGER, 1997, p. 17).

Na abordagem modular, essas informações são sistematizadas no *quadro interacional*, instrumento de análise que explicita as *posições* dos interactantes, os *níveis* de que a interação se constitui, permitindo distinguir as interações efetivamente *realizadas* das interações *representadas*. Ao definir a noção de quadro interacional, Burger (1997, p. 18) o define em termos de uma configuração geral da relação entre os interagentes no que se refere à materialidade da troca. Nesse sentido, adverte o autor que um “quadro interacional” é apresentado como uma estrutura de níveis e que não se confunde com o lugar, nem com as atividades que ali acontecem, nem com o *status* social dos interagentes, porque essas informações (atividades, *status*, papéis sociais) são tratadas no quadro acional, componente do módulo referencial. A esse respeito, Burger (1997, p. 19) que o “*quadro interacional* constitui a contrapartida, no nível interacional, da noção de *quadro acional* no nível referencial”, um definindo a materialidade da interação e o outro as informações referentes aos interagentes e suas ações. Dessa forma, o quadro interacional define as relações entre os interactantes capturados não em termos de atividades (quadro acional), mas em termos do meio material em que elas são realizadas (BURGER, 1997).

No quadro interacional, a *posição* se refere à “identidade particular que define os interactantes em termos das condições materiais de participação na interação e no discurso” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 143). No entanto, a posição assumida por cada um dos interactantes pode ter valores diferentes uma da outra, por exemplo, o uso do canal escrito pode restringir o *status* participativo de um dos interlocutores à medida que limita a sua possibilidade de retroagir. Neste caso, embora ocupem um mesmo nível da interação, escritor e leitor de um romance, por exemplo, assumem posições distintas, uma marcada pelo direito ao dizer (o autor) e a outra por uma condição passiva de destinatário de uma mensagem contra a qual não pode reagir imediatamente. Ao contrário, de uma conversa telefônica, por exemplo, em que os dois interactantes ocupam um mesmo nível e assumem posições idênticas (falantes), podendo retroagir mutuamente na interação. Assim, o *nível* interacional se configura como um espaço (virtual ou real) de encontro no qual os interactantes se “encontram”, podendo ou não se constituir como seres “dizentes”, ou seja, é um espaço constituído sempre de duas posições⁷⁶ que “delimitam materialmente as possibilidades do discurso” (BURGER, 1997, p. 18).

⁷⁶ Cf. Roulet; Fillietaz e Grobet (2001, p.160), no modelo modular, “as interações de três interactantes (trilógo) ou interações de grupo (*polilogos*) funcionam aparentemente apenas como interações a dois (diálogo) [...]. Dessa forma, para o grupo de Genebra [...] “os interactantes se distribuem, de fato, qualquer que seja o seu número, em níveis de interação definidos pelo vínculo entre duas posições e, assim, como uma posição de interação expressa a identidade material dos interactantes, ela homogeneiza funcionalmente todos os que a ocupam”.

Ainda a esse respeito, Burger (1997) propõe uma distinção entre os dois conceitos, nível e posição. Para o autor, “um nível define uma categoria específica para o encontro de duas posições, de modo que se pode considerar que os valores dos parâmetros de um nível não correspondem aos valores dos parâmetros de uma posição” (BURGER, 1997, p. 27).

O quadro interacional explicita ainda a natureza das interações que o constituem, isto é, se são interações *realizadas* ou *representadas*. As interações *realizadas* dizem respeito ao contato virtual ou pessoal realmente estabelecido entre os interactantes ou, como mencionam Roulet; Filliettaz e Grobet (2001), realizadas por interactantes de “carne e osso”. Elas são distintas das interações *representadas* que dizem respeito às interações que não podem ser realizadas no sentido físico da palavra. Em um romance, por exemplo, a interação que se estabelece entre o autor da obra e o leitor é uma interação realizada, constituída de uma materialidade física, enquanto a interação que se dá entre os personagens que interagem em um nível mais interno do quadro ou que são mencionados na respectiva obra indica uma interação representada. A distinção entre as interações realizadas e as interações representadas e sua respectiva materialidade “diz respeito a praticamente todos os discursos e serve para uma análise mais refinada das organizações enunciativas e polifônicas” (ROULET; FILLIETTAZ E GROBET, 2001, p. 154).

De forma geral, os objetos materiais que constituem a interação servem para moldar a construção dos discursos porque impõem restrições que especificam e desenham a ação de cada um dos interagentes na interação. Se considerarmos, por exemplo, uma interação face a face em que os interactantes estão em posição de fala, é possível dizer que essa condição afeta globalmente a interação, determinando não só as suas posições em um mesmo nível interacional, mas também articulando a ação de cada um deles com base nos elementos informacionais da situação a que os interactantes têm acesso como os gestos, os olhares, o tom da voz etc. Ao contrário, uma interação que se desenvolve por meio de um canal escrito, que especifica e condiciona a ação dos interactantes em posições distintas, pode limitar parcial ou totalmente a possibilidade de retroação de um deles.

É dessa forma, que esses elementos (canal, modo, vínculo) dentro de uma concepção interacionista de produção discursiva, que concebe o discurso como negociação, contribuem para estruturar os discursos dos interagentes, além de deixar pistas do impacto que esses elementos imprimem em determinada interação. O ponto mais relevante da descrição desse componente é a possibilidade de explicitar que o contexto interacional é parte integrante da constituição dos discursos e, por isso, deve ser descrito e analisado e não somente mencionado. Isso possibilita uma análise mais refinada e pontual da organização do discurso.

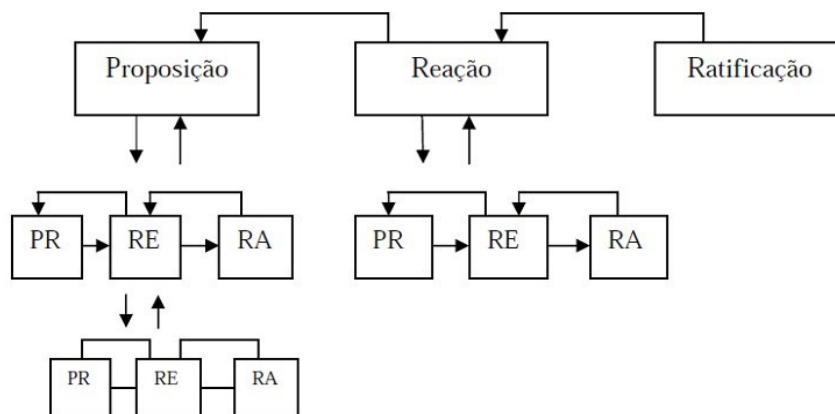
A seguir apresentaremos o módulo hierárquico, a fim de precisar as informações do componente textual que foram mobilizadas para o estudo no nosso *corpus*.

3.4 O módulo hierárquico: descrição dos constituintes da estrutura textual

O módulo hierárquico, que compõe sozinho o componente textual, é o componente que melhor representa a noção de discurso como negociação adotada pelo MAM (ROULET *et al*, 1985). A partir de seus constituintes e das relações que se estabelecem entre eles, é possível formular hipóteses sobre a constituição dos discursos e validá-las explicitamente por meio da estrutura hierárquica, demonstrando o efetivo processo de desenvolvimento das ações dos interactantes na elaboração de seus discursos.

Ao adotar o conceito de negociação, Roulet; Filliettaz e Grobet (2001, p. 57) consideram que toda intervenção linguageira (saudação, pedido, asserção) constitui uma proposição que desencadeia um processo de negociação entre os interactantes. Essa concepção adotada pelo MAM reforça o caráter interacional da proposta modular ao considerar o discurso como resultado de um trabalho colaborativo no sentido de que é construído em comum pelos interagentes envolvidos. Para descrever esse processo de negociação efetivo, subjacente a toda interação, o módulo hierárquico propõe, pelo menos, três etapas: a proposição inicial do locutor, a reação do interlocutor à proposição inicial e a ratificação do locutor à reação do interlocutor, conforme ilustra a figura abaixo, de Roulet; Filliettaz e Grobet (2001, p. 57).

Figura 5 – Esquema do processo de negociação



Fonte: ROULET, FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 57.

Os elementos (proposição/reação/ratificação) que compõem a estrutura hierárquica espelham as possibilidades de ação, reação e retroação a que recorrem os indivíduos na busca

por alinhar as suas intervenções às expectativas relacionadas à interação de forma a possibilitar o seu amplo desenvolvimento e, assim, alcançar um acordo mútuo entre os participantes. A noção de negociação carrega em sua gênese a ideia de que os interagentes atendem a certas exigências impostas por uma interação específica que os obriga a adotar determinados comportamentos para serem reconhecidos e validados nessa interação. Nos termos de Grice (1975), é racional pensar que os interagentes coordenam as suas ações mutuamente e são cooperativos no sentido de garantir o equilíbrio necessário para que a interação se desenvolva de forma efetiva.

Nesse sentido, a fim de atender a essas exigências, os indivíduos poderão recorrer a artifícios que podem estar relacionados à gestão global da interação ou a etapas específicas que constituem o seu desenvolvimento, buscando atingir a esse objetivo. Para explicar esses sucessivos ajustes a que recorrem os interactantes na busca pela efetividade da interação, Roulet; Filliettaz e Grobet (2001, p. 57-58) argumentam que o desenvolvimento do processo de negociação está submetido a dois tipos de restrição: a *completude monológica* e a *completude dialógica*⁷⁷.

A *completude monológica* é o termo utilizado pelos autores de Genebra para especificar os ajustes feitos por cada um dos interlocutores ao longo da interação no sentido de elaborar uma intervenção que seja suficientemente completa e aceitável do ponto de vista do interlocutor para que a interação se desenvolva. A interação será considerada completa se cumprir exigências de natureza informacional, ou seja, se a informação transacionada é clara, objetiva, relevante, verdadeira *etc.* (GRICE, 1975) e exigências de natureza relacional ou ritual, isto é, se a intervenção não coloca em risco as faces dos interactantes em jogo. Em outros termos, se considerarmos a completude monológica do ponto de vista informacional ou alinhada à perspectiva de Grice (1989) com as máximas conversacionais, pode-se considerar que há um empreendimento colaborativo por parte do locutor no tratamento da informação para que seja a mais exata possível, em quantidade suficiente ao que requer a interação e os interesses dos interactantes, que seja relevante e adequada à negociação (PEREIRA, 2021).

Esse conjunto de condições submete o locutor ao crivo de seu interlocutor uma vez que cabe a ele avaliar a efetividade de sua intervenção, julgando como adequada ou não, completa ou não, suficiente ou não. Em caso negativo, o processo de negociação é complexificado, pois

⁷⁷ Conforme especificam Roulet; Filliettaz e Grobet (2001, p. 57) os termos completude monológica e completude dialógica substituem os termos “completude interativa” e “completude interacional” utilizados em Roulet *et al* (1985).

o interlocutor poderá iniciar processos secundários de negociação a fim de clarificar, completar, questionar, *etc.* a intervenção que lhe foi apresentada, ou seja, o interlocutor pode recorrer a processos de ajustes com os quais busca contribuir para a reelaboração de uma intervenção que seja considerada adequada, fazendo questionamentos, pedindo esclarecimento e/ou informações adicionais *etc* no sentido de reorientar a negociação. A contribuição do interlocutor na construção de uma intervenção mais satisfatória levará em conta os seus objetivos na interação e a consideração que pretende despende à sua figura e à imagem de seu interlocutor, ou seja, é guiada essencialmente pela vontade do interlocutor de contribuir para a construção da intervenção, construindo algo que lhe seja significativo. Satisfeitas as exigências de natureza informacional e ritual, o interlocutor poderá dar continuidade à interação, reagindo positiva ou negativamente e direcionando-a, se for o caso, para a ratificação que se materializa por meio de um consentimento mútuo na concordância em encerrar a interação.

Esse consentimento mútuo que determina o encerramento da interação é definido no modelo modular como *duplo acordo*. O duplo acordo que se estabelece entre os interlocutores faz parte da completude dialógica e determina não só o processo de encerramento da interação, mas sim todas etapas da interação, ou seja, define a forma como os interactantes fazem a gestão global do encontro (início, meio e fim), permitindo a evolução da interação do seu estágio inicial ao seu encerramento. Em outros termos, a *completude dialógica* corresponde a adequação de cada uma dessas fases da interação que permite aos interactantes avançar no processo de negociação chegando ao duplo acordo que define o encerramento do processo de negociação quando os interlocutores concordam com o encerramento do contato entre eles. No entanto, é importante destacar, retomando as considerações de Cunha (2020, p. 3) que o duplo acordo “não implica a concordância entre os interlocutores, não correspondendo à percepção de que a negociação foi “feliz” ou “bem-sucedida”, mas sim que, se estabelecida a impossibilidade de um entendimento mútuo, os interlocutores sinalizam que concordam com o encerramento da interação por considerá-la infrutífera. A noção de duplo acordo é, portanto, segundo Cunha (2020), uma noção interacional e estrutural e não temática.

Para estudar esse processo de negociação ou a forma como se deu o desenvolvimento de determinada interação do ponto de vista textual, o módulo hierárquico propõe um importante instrumento de análise: a *estrutura hierárquica*. Segundo Rossari (1996), a representação de uma estrutura hierárquica “é baseada na segmentação do discurso em unidades atômicas (atos) e no reconhecimento das relações de dependência “discursiva” que essas unidades mantêm entre si” (ROSSARI, 1996, p. 157). A estrutura hierárquica, que serve para representar formalmente o processo de negociação, é formada por três constituintes

definidos por Roulet; Filliettaz e Grobet (2001, p. 54) da seguinte forma:

Troca: unidade textual máxima formada por intervenções que refletem as várias proposições, reações e ratificações de uma negociação⁷⁸.

Intervenção: unidade constitutiva da troca, que pode ser formada por apenas um ato, mas que costuma apresentar uma configuração complexa, da qual participam outras intervenções, atos e até mesmo trocas.

Ato⁷⁹: constitui a unidade mínima de análise adotada no modelo modular e é delimitado por uma passagem da memória discursiva⁸⁰.

Além dos três constituintes de base apresentados acima, a estrutura hierárquica também define as relações que se estabelecem entre eles. Roulet; Filliettaz e Grobet (2001), postulam três tipos de relações: *dependência*, *interdependência* e *independência*. Existe uma relação de dependência “quando a presença de um constituinte está ligada à de outro (mas não o inverso): o constituinte dependente, que pode ser removido sem causar danos à estrutura geral, é considerado subordinado, e o outro é denominado principal” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 55). A relação de interdependência existe quando um dos constituintes não pode existir sem o outro. Retomando Marinho (2004), Cunha (2014) exemplifica essa relação de interdependência com uma troca formada por pergunta e resposta, “já que a resposta depende da pergunta e vice-versa” (CUNHA, 2014, p. 43). Finalmente, a relação de independência existe “quando a presença de cada um dos constituintes não está ligada à de outro” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 55). São os casos, por exemplo, dos atos coordenados que não estabelecem entre si qualquer tipo de dependência.

Sendo assim analisar de que forma se dão essas relações é importante para precisar, conforme afirmam Roulet; Filliettaz e Grobet (2001), a estrutura interna das intervenções, indicando pontualmente o modo de ligação entre os constituintes o que servirá para a análise

⁷⁸ Em Roulet *et al* (1985, p. 24), as trocas são definidas com base em Goffman (1973) e classificadas em trocas confirmativas e trocas reparadoras. Segundo esses autores, as trocas confirmativas geralmente cumprem as funções de abertura e fechamento de uma incursão e, as trocas reparadoras, cumprem a função de transação.

⁷⁹ O ato textual, conforme admitido na versão atual do modelo (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001) foi elaborado nos estudos iniciais do modelo modular Roulet (1981) e Roulet *et al* (1985) a partir da noção de ato de fala, conforme proposta de Searle (1972). Essa proposta se mostrou insatisfatória por privilegiar atos de fala isolados, articulando uma força ilocucionária a um conteúdo proposicional. Na versão atual do modelo, o ato textual é definido em função de um registro na memória discursiva e considerado como a menor unidade susceptível de entrar em uma relação de dependência discursiva, ou seja, de estabelecer uma função interativa em relação a outro constituinte do texto, atômico ou não (ROSSARI, 1996).

⁸⁰ O conceito de memória discursiva faz referência a um “conjunto de saberes conscientemente partilhados pelos interlocutores” (BERRENDONNER, 1983, p. 230).

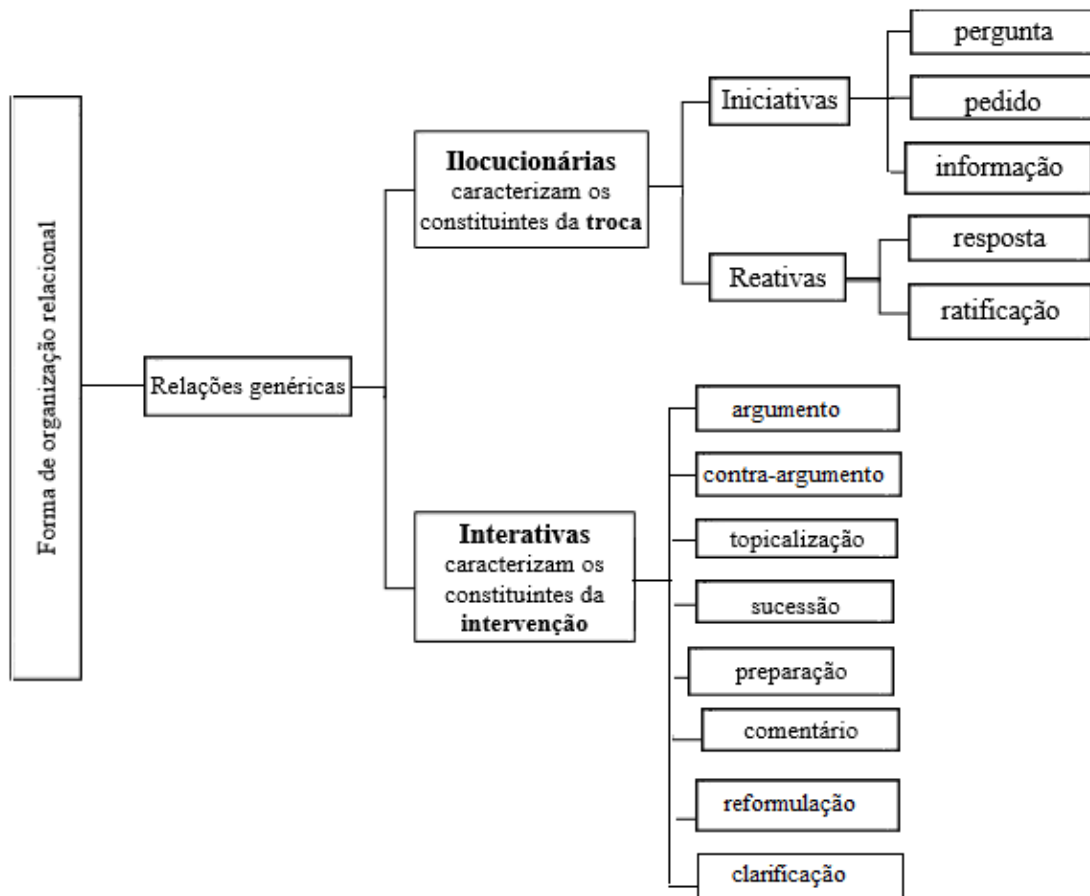
relacional na verificação de suas respectivas funções na constituição dos discursos. Ao descrever de forma detalhada os constituintes e a posição de um ato em relação ao outro, a estrutura hierárquica permite “visualizar” o que ocorre na interação no sentido de explicitar a forma como as informações foram priorizadas e organizadas e, assim, como indicam Roulet; Filliettaz e Grobet (2001), espelhar a face emergente de um processo dinâmico de negociação tal como se desenvolveu.

A seguir, apresentaremos a forma de organização relacional e as particularidades que a constituem, admitindo-a como recurso para descrever as relações discursivas estabelecidas entre os constituintes de um determinado texto em função do projeto comunicativo dos interagentes.

3.5 A forma de organização relacional: as relações ilocucionárias e interativas

A forma de organização relacional é uma forma de organização elementar cujo estudo se faz em duas etapas de análise. A primeira permite identificar as relações *ilocucionárias* genéricas (pedido, pergunta, informação) e as relações *interativas* (argumento, reformulação, preparação, *etc.*) entre os constituintes da estrutura hierárquica e uma informação da memória discursiva e, a segunda, permite descrever o percurso inferencial que precisa a relação específica entre os constituintes e uma informação da memória discursiva (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001). As relações *ilocucionárias* e *interativas* genéricas utilizadas no estudo da forma de organização relacional podem ser sistematizadas da seguinte forma:

Figura 6 – Constituintes da forma de organização relacional



Fonte: Elaboração da autora com base em ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001.

Além dessas categorias, como forma de organização elementar, a forma de organização relacional comporta informações de origem modular (hierárquica, lexical, sintática e referencial) cuja combinação contribui para a definição de um constituinte em relação ao outro e, de maneira global, para a constituição das relações de discurso da intervenção como um todo. É dessa forma que Rossari (1996, p. 158) considera que “a estruturação hierárquica de um discurso é baseada no reconhecimento das relações de dependência discursiva entre os vários constituintes do discurso”.

Destaca-se, no estudo da forma de organização relacional, o conceito de memória discursiva já mencionado anteriormente, mas que carece aqui de uma explanação mais pontual. Conforme postulado por Berrendonner (1983, p. 230), a memória discursiva faz referência a um conjunto de conhecimentos que são partilhados entre interagentes. Para o autor, esse conceito é útil, pois ajuda a homogeneizar em uma mesma noção um conjunto de informações de natureza diversa (referencial, cotextual) que permite a ancoragem dos atos na segmentação do discurso, estruturando assim a sequência relacional do discurso e servindo para “neutralizar”

as diferenças de natureza entre as múltiplas fontes (BERRENDONNER, 1983, p. 231). Nesse sentido, essa noção é adotada no modelo modular para fazer referência aos saberes conscientemente partilhados que permitem ao interlocutor estruturar o seu discurso, fazendo referências a informações cuja origem pode ser de natureza contextual ou cotextual. A particularidade dessa noção como elemento relevante para a análise dos discursos reside na aposta que o locutor pode fazer em função da existência de um conhecimento que pode ser acionada no jogo discursivo porque o locutor “sabe que o outro sabe que ele sabe” (BERRENDONNER, 1983, p. 238).

Além da noção de memória discursiva, para descrever a dinâmica relacional, o MAM propõe uma lista reduzida de categorias genéricas suficientes para descrever todas os discursos dialógicos e monológicos, buscando extrair generalizações importantes relativas à sua organização (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001). As relações ilocucionárias genéricas caracterizam os constituintes que se dão no nível da troca e são, portanto, de natureza dialógica, enquanto as relações interativas genéricas caracterizam os constituintes da intervenção e são, portanto, de natureza monológica. Esses autores especificam ainda que a noção de relações genéricas está ligada à existência de classes de marcadores linguísticos como construções sintáticas ou conectores que, “para além de instruções específicas, partilham um conjunto de instruções comuns ou, por padrão, a posição na estrutura hierárquica” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 168). Nesse sentido, especifica Cunha (2014, p. 45) que uma relação interativa de contra-argumento pode ser marcada por conectores (mas, porém, embora *etc.*) e, da mesma forma, uma relação ilocucionária iniciativa de pedido pode ser marcada por uma construção imperativa ou por verbos performativos, por exemplo.

No nível da troca, Roulet (2003, p. 156) distingue duas relações ilocucionárias genéricas, a relação iniciativa (pergunta, pedido, informação) e a relação reativa (resposta e ratificação). Assim, a primeira intervenção de uma troca está ligada à seguinte por uma relação ilocucionária iniciativa, a última intervenção está ligada à anterior por uma relação ilocucionária reativa e cada uma das intervenções intermediárias está ligada à anterior por uma relação ilocucionária reativa e à seguinte por uma relação ilocucionária iniciativa.

No nível da intervenção, as relações interativas genéricas marcam a função e as relações de discurso que se estabelecem entre um ato em relação ao seu sucessor ou antecessor e são, portanto, de natureza monológica.

Roulet (2003) argumenta que maioria das intervenções, apesar de seu estatuto monológico, tem uma estrutura complexa. Essa complexidade pode ser entendida como um movimento dos interlocutores no sentido de satisfazer a restrição da completude

monológica. Isso implica dizer que na elaboração de sua intervenção, os interlocutores recorrem a uma série de operações discursivas que correspondem às relações de topicalização, reformulação, argumento, preparação, sucessão, comentário, clarificação *etc.* Essas operações discursivas realizadas devem permitir ao locutor

introduzir um objeto do discurso para torná-lo tópico do seguinte ato (topicalização), preparar o ato principal (preparação), justificá-lo, utilizar argumentos ou descartar contra-argumentos, comentá-lo (comentário) ou reformulá-lo (reformulação). O orador/escritor também pode narrar eventos, ligados por uma relação de sucessão; e se a intervenção do orador não satisfizer a completude monológica, o interlocutor pode abrir uma troca subordinada ligada a ele por uma relação de clarificação (ROULET, 2003, p. 157).

Dessa forma, as operações discursivas postuladas pelo modelo modular assinalam, numa perspectiva interacionista para o estudo dos discursos, que os interactantes estão em constante negociação dos sentidos transacionados, moldando no curso na interação as informações materializadas no seu discurso por meio de relações discursivas.

Além dessas categorias de natureza genérica, a análise relacional possibilita ainda o estudo das relações específicas que se dão entre um constituinte específico e uma informação da memória discursiva. A relação específica é determinada por um cálculo inferencial que permite explicitar a natureza de uma relação genérica. Para exemplificar uma categoria genérica, Roulet menciona a noção de argumento que, segundo o autor, serve para cobrir as seguintes relações específicas de “causa (deliberada e não deliberada), explicação, justificação, motivação, consequência, objetivo, resultado (deliberado e não deliberado), condição, restrição, argumento, argumento suplementar, argumento decisivo, exemplo” (ROULET, 2003, p. 157).

Para realizar o cálculo inferencial, deve-se analisar se a relação entre os constituintes está ou não marcada por um conector, as sequências em que uma relação de argumento é marcada por *porque* daquelas que são marcadas por *pois, portanto, aliás etc.* (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001; CUNHA, 2014). Nesse sentido, os conectores funcionam como pistas das relações de discurso e podem ser utilizados como recurso na identificação de uma relação discursiva específica, ou seja, “os conectores são marcadores usados para especificar uma relação interativa acessível através de mecanismos inferenciais” (ROSSARI, 1999, p.181). Nesse sentido, os conectores são indicadores de uma relação específica na medida em que facilitam ou acionam o caminho inferencial no qual a relação se baseia (ROSSARI, 1999).

Além das instruções dadas pelos conectores (informação linguística), o cálculo inferencial se beneficia de informações de natureza hierárquica e referencial a partir das quais

é possível formular premissas sobre a natureza da relação discursiva. A esse respeito, Cunha (2014) postula que “nessas premissas as informações linguísticas dos constituintes são enriquecidas pelos referentes que saturam pronomes, expressões nominais e desinências verbais, com as instâncias agentivas que participam da interação e demais elementos dêiticos” (CUNHA, 2014, p. 46-47). Para Roulet; Filliettaz e Grobet (2001), “o enriquecimento da informação linguística consiste principalmente na identificação de interlocutores, bem como referentes de pronomes e expressões definidas” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 193). O resultado desse cálculo inferencial permite precisar, no jogo das ações discursivas empreendidas pelos interlocutores, os sentidos derivados advindos de uma relação genérica, por exemplo, uma relação genérica de pergunta pode explicitar, após a realização do cálculo inferencial, uma relação específica de convite, ameaça, conselho, *etc.*

Em resumo, com o estudo da forma de organização relacional são especificadas as informações provenientes da descrição dos constituintes relacionais, indicando as relações discursivas predominantes no texto que podem ser combinadas com outras formas de organização o que possibilita a análise de formas complexas do discurso (MARINHO, 2004), como a forma de organização estratégica, por exemplo, na investigação de como um aspecto relacional do texto pode ser utilizado com efeito para a gestão de aspectos relacionais da interação.

A seguir, apresentamos as informações da forma de organização enunciativa e polifônica, buscando demonstrar os recursos que as constituem que podem favorecer a descrição do nosso *corpus*.

3.5 As formas de organização enunciativa e polifônica: a representação de vozes no discurso

Com base nos trabalhos de Bakhtin (1977, 1978)⁸¹ e Ducrot (1984)⁸², cujas observações destacaram a importância dos fatos polifônicos na enunciação e no discurso, os proponentes do modelo modular analisaram a organização polifônica do discurso primeiro, numa perspectiva

⁸¹ Roulet; Filliettaz e Grobet (2001, p. 277) enfatizam que Bakhtin (1977) foi o primeiro a destacar a necessidade de ir além de uma abordagem gramatical do que é tradicionalmente chamado de discurso relatado, em favor de uma abordagem discursiva. Nesse sentido, postulam os autores de Genebra, que Bakhtin chamou a atenção para a necessidade de descrever a forma como o locutor/escritor, na interação verbal, seleciona, retira e subordina ao seu próprio discurso o discurso dos outros, bem como para a forma como antecipa em seu próprio discurso as reações do outro.

⁸² As contribuições de Ducrot (1984) para o estudo da polifonia, segundo Roulet; Filliettaz e Grobet (2001), fazem referência a descrições precisas de diferentes tipos de enunciados polifônicos em francês, que vão muito além do discurso relatado: construções concessivas com o *mas*, enunciados irônicos, negações polêmicas, *etc.*

não modular, em Roulet *et al.* (1985), quando foram descritas as noções de diafonia e polifonia, de discurso representado efetivo e potencial, de explícito e implícito com base em aspectos da estrutura hierárquica do discurso e, posteriormente, de uma perspectiva modular com os estudos de Miche (1996, 1997), Espuny (1996; 1999), Perrin (1996), Roulet (1997), Roulet; Fillietaz e Grobet (2001) que abordam a descrição de construções polifônicas articuladas a outros aspectos da organização do discurso (ROULET; FILLIETTAZ ; GROBET, 2001).

Considerando o duplo requisito da proposta modular de decompor uma organização complexa em um número reduzido de informações elementares e, posteriormente, descrever com a maior precisão possível a forma como essa informação elementar pode ser combinada para dar conta dos diferentes níveis de organização do discurso (ROULET, 1997; ROULET; FILLIETTAZ ; GROBET, 2001), o estudo da polifonia é feito por meio de duas formas de organização: uma forma elementar, a forma de organização enunciativa, e uma forma complexa, a polifônica. Com base nas informações provenientes dessas duas formas de organização, o modelo modular busca analisar as diferentes vozes que são articuladas no discurso e a função de cada uma delas na constituição de uma produção discursiva (MICHE, 1996; PERRIN, 1996; ROULET, 1997). Nesse sentido, “estudar a organização polifônica de um texto é descrever as formas e as funções dos discursos das várias vozes que ele faz ouvir, em diferentes níveis de embotamento” (ROULET, 1997, p. 150).

Concebida dessa forma, a polifonia passa a figurar não como uma noção simples, mas como uma noção complexa resultante da articulação de informações de vários módulos e formas de organização. A esse respeito, Roulet; Fillietaz e Grobet (2001) consideram que a noção de polifonia “é uma noção complexa cuja descrição envolve necessariamente outras dimensões e formas de organização do discurso: não apenas lexical e sintática, mas também interacional, hierárquica, relacional, tópica e periódica (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 278). A noção de complexidade que envolve o estudo da polifonia traduz o interesse da abordagem modular em descrever a polifonia do discurso a partir de um quadro mais amplo de análise e não submetido à investigação de fragmentos isolados do discurso.

Nesse sentido, a junção dessas informações possibilita compreender de que maneira um locutor pode, na interação verbal, selecionar, inserir e subordinar a seu próprio discurso os discursos dos outros com objetivos bem específicos em cada interação. A noção de um sujeito agente em constante ação na realização discursiva indica que tratar da questão da polifonia discursiva não se refere apenas à identificação de segmentos de um discurso A em um outro discurso B. Trata-se de uma articulação complexa por meio da qual um interlocutor pode articular o discurso do outro com a intenção de agenciar a sua participação em uma interação

específica, negociando os elementos que julga pertinentes para si.

Do ponto de vista metodológico, estudar a polifonia discursiva é tratar dos diversos discursos produzidos e representados. Esse estudo se faz em duas etapas: na primeira, identificam-se os segmentos de *discursos produzidos* e de *discursos representados* de uma intervenção (organização enunciativa); e, na segunda, descrevem-se as funções dos discursos representados nesta intervenção (organização polifônica). A distinção entre discursos produzidos e representados se faz com base nas informações da forma de organização enunciativa, que resulta da combinação de informações provenientes dos módulos interacional, referencial, sintático e lexical (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001). Essa distinção pode ser feita a partir de observações do quadro interacional (módulo interacional) no que se refere aos níveis que constituem a interação e a posição dos interlocutores em cada um deles. Assim, são considerados discursos produzidos aqueles provenientes dos locutores que ocupam o nível mais externo ou elevado do quadro, enquanto os discursos representados são aqueles elaborados pelos interlocutores que ocupam o nível mais interno ou inferior do quadro interacional. Ao fazer esse tipo de análise, atende-se à orientação segundo a qual é aconselhável especificar o nível em que cada um está situado no quadro interacional” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 282) a fim de determinar de maneira pontual a origem de cada uma das vozes que constituem o discurso.

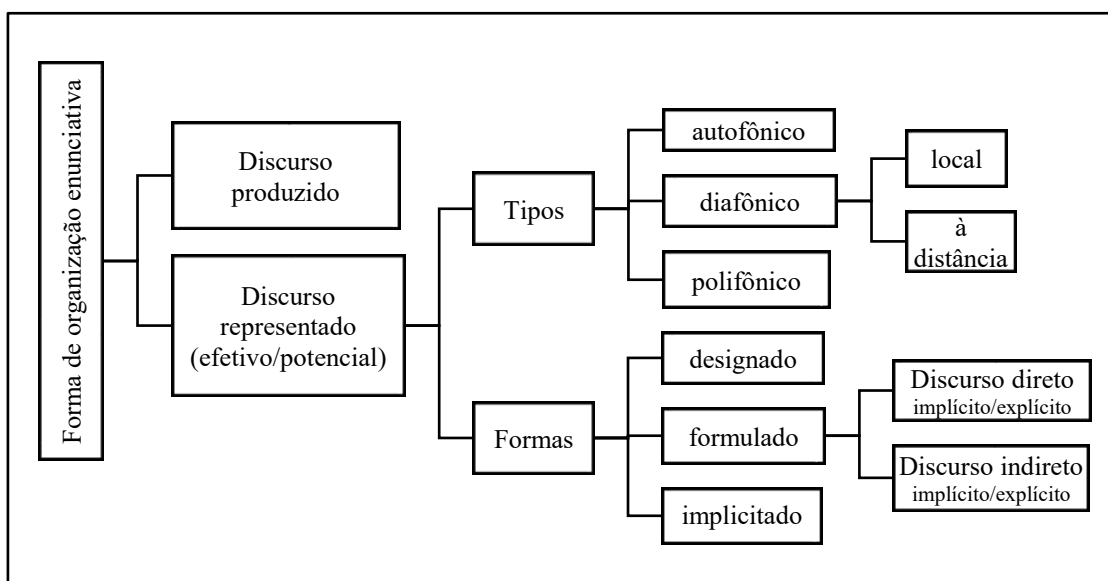
Assim, a informação que determina o nível interacional ocupado por cada interagente permite especificar as formas de retomada do discurso alheio que podem ser: autofônicos (o locutor retoma o seu próprio discurso), diafônico (o locutor retoma o discurso de seu interlocutor direto, mesmo nível interacional) e polifônicos (o locutor retoma o discurso de locutores que ocupam um nível diferente do seu no quadro interacional). Além de descrever essa forma de apropriação, as informações da forma de organização enunciativa permitem ainda definir a forma utilizada pelo locutor para fazer essa apropriação. Nesse sentido, são mobilizadas informações de natureza linguística que contribuem para especificar de que maneira os interlocutores materializaram na superfície do texto as várias vozes que ele faz ouvir. Assim, os discursos podem ser designados (por um verbo ou por um sintagma nominal), formulados (discurso direto ou indireto) ou implícitos (encabeçados por um conector). Como se observa, do ponto de vista formal, a identificação do segmento do discurso representado tem como base, na maioria das vezes, pistas de natureza linguística (verbos, nominalizações, conectores).

Além dessa descrição, a forma de organização enunciativa possibilita ainda distinguir o discurso representado diafônico local (quando o locutor representa em seu discurso proposições

imediatas de seu interlocutor) do diafônico à distância (quando o locutor representa em seu discurso as proposições mais distantes realizadas por seu interlocutor). Além dessas ocorrências, existem os casos em que o discurso representado pode aparecer sem a indicação de uma pista linguística, em enunciados irônicos, por exemplo. Nestes casos, a identificação do segmento de discurso representado depende de um cálculo inferencial que envolve um conhecimento referencial. Com esse cálculo é possível identificar não só a origem do discurso do locutor, mas também o sentido irônico dele decorrente.

Os discursos representados podem ainda ser classificados como efetivos ou potenciais, segundo especificam Roulet; Fillietaz e Grobet (2001), “no primeiro caso, o locutor representa o discurso que foi realmente produzido, no segundo caso, a representação simula ou antecipa a discurso que poderia ser produzido” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 286). O quadro a seguir sintetiza os recursos oferecidos pelo MAM para a primeira etapa do estudo da forma de organização enunciativa.

Quadro 8 – Constituinte da forma de organização enunciativa



Fonte: Elaboração da autora com base em ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001.

Como mencionado, essas categorias são utilizadas para a análise dos segmentos de discurso representados em diferentes níveis de embotamento do quadro interacional. Vale destacar, com Cunha (2014, p. 194), que as produções discursivas, do ponto de vista enunciativo, costumam ser heterogêneas, por isso, os tipos de discurso representado e as formas de representá-los podem aparecer combinadas, produzindo diferentes efeitos de sentido que

podem ser captados na análise da função de cada um deles no discurso.

Na segunda etapa da análise enunciativa, o estudo da polifonia se faz com base na identificação da função dos discursos representados no discurso produzido. O objetivo é analisar “por que e para que os interlocutores trazem outras vozes para dentro de seus discursos” (CUNHA, 2014, p. 208). Do ponto de vista estratégico, a adoção ou a retomada do discurso do outro pode produzir impactos na interação e para as faces que estão em jogo porque oferece meios pelos quais um locutor pode agenciar o discurso do outro, produzindo, por exemplo, uma refutação ou uma contra-argumentação com as quais busca expor as fragilidades do discurso alheio e, conseqüentemente, produzir um efeito ameaçador para a face do interlocutor. Um interlocutor pode ainda usar a diafonia como marca de individualização, como propôs o estudo de Espuny (1999) ou ainda como mecanismo discursivo para demonstrar a sua própria autoridade (discurso autofônico).

O que se observa no conjunto da análise da forma de organização enunciativa é que a polifonia discursiva não se constitui como um simples recurso de natureza textual por meio do qual um determinado locutor se apropria do discurso do outro sem maiores pretensões. No plano da análise discursiva, quase sempre essa apropriação está relacionada a aspectos que envolvem questões de natureza relacional com impacto significativo para as imagens dos interagentes que estão em negociação.

Assim, para tratar a forma como as imagens são negociadas e implicadas na interação, apresentaremos a seguir a forma de organização estratégica. Na abordagem modular, visando ao estudo da complexidade discursiva, essa forma de organização reúne informações que possibilitam o estudo da natureza interpessoal das interações a partir de noções como face, lugares e territórios. Se estamos aqui lidando no domínio dos estudos que buscam fazer avançar considerações sobre a natureza da impolidez, a forma de organização estratégica, por se constituir como uma forma de organização complexa que integra informações provenientes dos diversos módulos e de outras formas de organização, pode constituir um recurso que, na nossa concepção, possibilita uma análise integradora e pontual da impolidez ao propiciar um “quadro” mais global no qual os diversos planos da organização discursiva podem figurar como estratégias de gestão de face. Essa forma de organização será apresentada a seguir.

3.7 A forma de organização estratégica: o estudo das relações de face, lugares e territórios

A noção de estratégia como meio para se atingir determinados objetivos não é fato novo na literatura. Essa é a noção central do tratado militar *A Arte da Guerra* escrito no século IV

a.C. por Sun Tzu, que serviu de base para a popularização mundial dessa ideia. Em sua etimologia, a palavra estratégia comporta sentidos relacionados à guerra: do grego *stratêgos*⁸³, reúne dois termos *stratos* (exército) e *ago* (liderança) que, por extensão, passa a implicar o “líder de um exército”, responsável por selecionar a melhor posição e o melhor conjunto de ações para vencer uma batalha. No decorrer dos tempos, a noção foi sendo incorporada às diversas áreas de conhecimento o que permite falar atualmente em “estratégias de ensino, estratégias de marketing, estratégias de jogo, estratégias econômicas”. Essas múltiplas aplicações a campos de atuação diversos conferiram à noção de estratégia um aspecto fluido e diversificado (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001) e também vago e impreciso (SIMUNIC, 2004).

Nos estudos da linguagem, de uma forma geral, a noção de estratégia faz parte do escopo de muitas abordagens e também foi adotada com propósitos diversos. Roulet; Filliettaz e Grobet (2001) citam Bange (1992)⁸⁴, que fala de um conjunto de ações selecionadas visando a um determinado objetivo; Michel-Adam (1985) aborda a questão das estratégias discursivas a partir da noção de sequências textuais de base (narração, descrição, argumentação, *etc*); Charaudeau (2008) fala em utilizar determinadas categorias da língua para ordená-las em função das finalidades discursivas do ato comunicativo; Culpeper (1996, 2005) trata de estratégias de impolidez cuja finalidade é promover dano à face de interlocutores. Dessa sucinta explanação, pretende-se simplesmente pontuar a natureza diversa e fluida dessa noção quando incorporada no quadro dos estudos linguísticos o que reflete a percepção de que “a noção de estratégia é recorrente em trabalhos sobre o uso da linguagem e, no entanto, é adotada geralmente de forma vaga, tanto do ponto de vista da sua definição quanto da função que lhe é atribuída” (ROULET *et al*, 1985, p. 195).

Além de apontar essa natureza fluida da noção de estratégia, na abordagem modular, os trabalhos iniciais (ROULET *et al*, 1985, p. 195) já mencionavam, ao lado da descrição da estrutura hierárquica e polifônica dos discursos, as estratégias interativas, interacionais e interpretativas, buscando uma sistematização de seu uso. Nessa primeira versão do modelo modular, cujo foco de estudo eram os diferentes modos de articulação do discurso e as marcas linguísticas mobilizadas nessa articulação, abriu-se um espaço para o

⁸³ Dicionário *online* de Etimologia.

⁸⁴ “É um conjunto de ações selecionadas e agenciadas com o objetivo de contribuir para a realização do objetivo final, ou seja, a própria estratégia compreende objetivos e meios subordinados. Uma estratégia consiste na escolha de um certo número de objetivos intermediários e subordinados cuja realização em ações parciais se acredita conduzir adequadamente à realização do objetivo final. A ideia de “estratégia”, portanto, inclui a ideia hierárquica de objetivos e de meios e a ideia de ação ligada a ela é complexa ” (BANGE, 1992, p. 76 *apud* Roulet; Filliettaz e Grobet (2001, p. 351).

estudo das estratégias interacionais, interativas e interpretativas implementadas pelos interlocutores e a formulação das condições de encadeamento e interpretação que determinam a articulação do discurso, a partir de uma perspectiva que tenta integrar as abordagens argumentativa e conversacional (ROULET *et al*, 1985, p. 5).

Nesse sentido, falar em aspecto conversacional e dialógico é também admitir que a noção de estratégias conforme apresentado acima infere a existência de restrições de natureza ritual (considerações com as faces positiva e negativa dos interagentes) e de natureza comunicativa (preocupação com a efetividade da comunicação), noções espelhadas do trabalho de Goffman (2011), que determinam, nessa perspectiva, a constituição das estratégias e, conseqüentemente, dos discursos.

Nessa primeira versão do modelo modular, parecem figurar duas noções que podem ser relacionadas ao uso das estratégias: uma intencional e uma outra formal. A perspectiva intencional é refletida em Roulet (1980) que considera que

O locutor que quer realizar um ato que pode ser ameaçador para a face do interlocutor encontra assim, se deixarmos de lado a estratégia de evitação, que consiste em desistir de realizar o ato, diante da escolha entre duas principais estratégias: assegurar a compreensão do ato ilocucionário, "ser claro", com o risco de prejudicar a face do interlocutor, ou poupar a face do interlocutor, "não impor", por ser ambíguo, com o risco de não ser compreendido (ROULET, 1980, p. 82).

O que se infere a partir dessa noção é a possibilidade de escolha atribuída ao locutor que pode escolher estrategicamente uma forma de ação para atingir determinado objetivo. Em outros termos, ele pode escolher uma forma de ação que seja mais apropriada para a situação no sentido de responder às restrições impostas pela interação. Esse movimento de escolha implica também a possibilidade de se afastar dos possíveis riscos que a interação impõe de modo geral aos interlocutores (SIMUNIC, 2004). A esse respeito, Roulet (1980, p. 83) postula que, em termos de estratégia, o locutor pode conciliar duas estratégias intermediárias, que tornam possível ajustar até certo ponto essas duas exigências aparentemente antagônicas (ser claro e poupar as faces). O esquema abaixo assinala essas possibilidades.

Figura 7 – O esquema para escolha de estratégias segundo Roulet (1980)



Fonte: ROULET, 1980, p. 83.

Dessa forma, o que se observa no processo que determina a escolha de uma estratégia pelo interlocutor nessa concepção intencional é um duplo movimento de “liberdade” e ao mesmo tempo de “restrição”, ou seja, a escolha de uma estratégia pelo interlocutor é baseada na determinação de seus objetivos particulares, ou seja, seus “objetivos comunicativos, cuja realização depende do respeito a restrições, impostas pela presença do interlocutor com objetivos mais ou menos divergentes” (SIMUNIC, 2005, p. 57).

Uma perspectiva diferente parece figurar nas considerações de Auchlin e Moeschler (1985). De forma geral, esses autores buscaram se afastar de uma noção instrumental⁸⁵ de estratégia e propuseram, a partir de uma perspectiva formal, a descrição de três tipos de estratégias⁸⁶: duas conversacionais (interacional e interativa) e uma estratégia interpretativa, utilizada para a interpretação das estratégias conversacionais. Nessa concepção formal⁸⁷, é a relação que se opera entre a imposição de restrições e sua satisfação que se chama estratégia” (ROULET *et al*, 1985, p. 197). Nesse sentido, a “definição formal de estratégias, na medida em que se baseia na relação de duas entidades (fonte → alvo), implica a delimitação de um espaço (cognitivo ou discursivo), ou seja, seu formato, no qual essa relação se efetiva” (ROULET *et al*, 1985, p. 200). Nesse sentido, a concepção formal define “o alcance de uma estratégia como o conjunto do material necessário para “preencher” o seu formato” (SIMUNIC, 2004, p. 60)

⁸⁵ Na concepção instrumental, a estratégia é intuitivamente “concebida como um conjunto de meios, atribuída a um responsável e produzida para atingir determinados objetivos” (Roulet *et al*, 1985, p. 198).

⁸⁶ “As estratégias interativas estão relacionadas à imposição-satisfação das restrições intra-intervenção (monológica), as estratégias interacionais são caracterizadas pela relação de imposição-satisfação de restrições inter-intervenções (dialogicas). As estratégias interpretativas estão relacionadas à interpretação das estratégias conversacionais. (ROULET *et al*, 1985, p. 197).

⁸⁷ Afirmam Auchlin e Moeschler (1985) que “abandonamos assim a caracterização das estratégias na forma do tripé <responsável, meio, objetivo> em prol de uma definição das estratégias como relação entre dois objetos que chamaremos respectivamente de “fonte” e “alvo” (Roulet *et al*, 1985, p. 199).

Ne versão atual do modelo modular, adotada neste trabalho, a noção de estratégia se descola das noções de estratégia vista como elemento puramente instrumental ou configurada só em termos de restrição que regem a construção e a interpretação dos constituintes discursivos, como proposto por Auchlin e Moeschler (1985)⁸⁸, e passa a ser adotada num sentido mais restrito e, no nosso entendimento, mais denso, capaz de contabilizar a complexidade das produções discursivas em situações específicas de interação a partir do estudo da forma de organização estratégica. Assim configurada, essa noção passa a implicar o que os interagentes fazem conjuntamente em termos de gestão da interação, ou seja, o “estudo da organização estratégica visa descrever a maneira como o escritor ou os interlocutores gerenciam as relações de posições acionais e de lugares no discurso” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 351).

Constituída para dar conta das posições acionais e de lugares na interação, a forma de organização estratégica é uma forma de organização complexa que mobiliza informações provenientes dos módulos (linguístico, interacional, referencial e hierárquico) e das formas de formas de organização (relacional, enunciativa, polifônica, *etc.*) e, por isso, “a compreensão da qualificação dessa forma de organização como complexa” (RUFINO, 2011, p. 226). Dada a complexidade que a constitui, a forma de organização estratégica é provavelmente “a forma organizacional complexa mais resistente à descrição sistemática” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 351).

A sua complexidade pode estar relacionada, na arquitetura do modelo modular, ao conjunto de elementos que ela abarca, pois se constitui na interseção de vários conceitos que, apesar de amplamente discutidos no escopo de várias teorias, impõe a particularidade de lidar com noções dinâmicas como face, identidade, papéis praxeológicos atreladas à intenção dos locutores, na implementação de intervenções completas e suficientes não só do ponto de vista comunicativo, mas também do ponto de vista interacional. Por isso, na abordagem modular, a noção de estratégia se constitui a partir de uma concepção discursiva e interacional, ou seja, a partir da interseção de informações dos diversos planos da organização discursiva. A esse respeito, Simunic (2004) considera que é possível pensar as estratégias como

⁸⁸ A esse respeito, Roulet; Fillietaz e Grobet (2001, p. 351) postulam que ao tratar da forma de organização estratégica não estão se referindo “às sequências hierarquicamente organizadas de ações descritas por Bange (para nós, essas estruturas praxeológicas fazem parte do módulo referencial), nem às restrições que regem a construção e interpretação dos constituintes discursivos na concepção muito particular de Moeschler e Auchlin (para nós, essas são formas de organização relacional e tópica).

um processo discursivo complexo, hierárquico e sequencialmente organizado, resultante da combinação de informações modulares de origem praxeológica e textual [...] com informações relacionadas com as formas simples e complexas de organização envolvidas na análise dos objetivos e das visadas comunicacionais das produções discursivas realizadas em uma situação de interação específica (SIMUNIC, 2004, p. 63).

Essas considerações implicam dizer que quando o pesquisador chega ao estudo dessa forma de organização complexa, a finalidade é mostrar como os vários recursos estudados nos módulos e formas de organização apresentados anteriormente podem constituir, numa dada interação, estratégias de gestão de faces, lugares e territórios.

No modelo modular, as questões relacionadas à gestão de face envolvem a noção de *processo de figuração* que, espelhada na noção de *trabalho de face* de Goffman (2011), apresenta contornos mais específicos no sistema modular. Nessa abordagem, o *processo de figuração* não se refere apenas a meios linguísticos utilizados para mitigar ou amenizar os possíveis ataques que podem ocorrer nos contatos sociais, como propõem Brown e Levinson (1987), mas pode ser adotado como uma referência a todos os planos da organização discursiva que podem ser mobilizados para gerir as relações interpessoais de acordo com o objetivo que cada interactante tem na interação (CUNHA, 2020; 2021).

Ainda a esse respeito, Roulet (1980) considera que os processos de figuração aparecem pelo menos em dois níveis: na *estrutura da troca* (com os atos de preparação, por exemplo) e na própria *realização do ato* (por exemplo, com o emprego da expressão “você poderia” no início de um pedido) visando a amenizar os efeitos danosos às faces que um pedido direto ou uma ordem podem acarretar aos implicados (ROULET, 1980). Para precisar essa noção mais ampla, o *processo de figuração*, Cunha (2020) propõe defini-lo como

o processo por meio do qual eles [os interagentes] se valem de todo e qualquer plano da organização do discurso (sintaxe, prosódia, marcas de intertextualidade, tipos e sequências textuais, relações de discurso, cadeia referencial etc.) para construir imagens identitárias, (re) avaliando, a cada passo da interação e por meio da linguagem, quem são um (uns) para o(s) outro(s) (CUNHA, 2020, p. 10).

Nessa perspectiva, é o objetivo que os interactantes estabelecem para si na interação que irá determinar as suas ações: atacar, enaltecer, elogiar, invadir o território, dominar o outro, *etc* (CUNHA, 2020) e, conseqüentemente, os recursos empreendidos para executá-las. Nesse sentido, a noção de *processo de figuração* é uma noção mais ampla que a noção de *trabalho de face*, pois representa a possibilidade de mobilizar na interação várias informações de natureza linguística, enunciativa, relacional, *etc.* para fazer a gestão do aspecto interpessoal do discurso.

O *processo de figuração*, inferido do MAM, envolve ainda os conceitos de face e território (GOFFMAN, 2011), adaptados por Brown e Levinson (1987) como face positiva e face negativa, respectivamente. Na abordagem modular, as noções de face e território são tratadas no quadro acional, componente do módulo referencial (3.3.1), que contribuem para definir a posição acional dos interagentes (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001), ou seja, as ações dos interagentes são construídas e representadas em função das imagens que reivindicam para si e das reservas pessoais que pretendem manter na interação. Dessa forma, é na busca pelo equilíbrio entre faces, desejos e reservas pessoais e projeto comunicativo que se estabelecem as manobras discursivas empreendidas pelos interlocutores.

Outro conceito relacionado ao *processo de figuração* é a noção de lugar. Segundo Roulet; Fillietaz; Grobet (2001, p. 353), “o lugar não é um parâmetro da configuração da ação, mas um produto da inter-relação entre diferentes dimensões”, por isso, geralmente o conceito é abordado na *forma de organização estratégica* por se tratar de uma noção complexa construída no fluxo da interação a partir da articulação de diferentes dimensões e formas de organização (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001).

Como produto da interação, a noção de lugar está relacionada à questão de poder, ou seja, de que maneira os interagentes buscam se posicionar em lugares mais altos na interação, de que maneira fazem a gestão desse espaço de “poder” e como buscam defender esses espaços quando deles se julgam possuidores. Essa noção implica um dinamismo relevante na interação, pois “um locutor pode ocupar um lugar baixo em relação ao seu interlocutor no início de uma conversa e gradualmente passar a um lugar alto” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 353). Conforme especifica Kerbrat-Orecchioni,

quer chamemos de “poder”, “hierarquia”, “dominação” ou “relação de lugares”, essa dimensão remete ao fato de que os parceiros em presença não são sempre iguais na interação: um dentre eles pode se encontrar numa “alta posição” de “dominante”, enquanto o outro está localizado numa “baixa” posição de “dominado (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 69).

É nesse jogo ou na disputa por posições que geralmente os empreendimentos discursivos são acionados pelos interactantes, buscando estabelecê-las, revertê-las ou mantê-las. A noção de lugar pontua mais uma vez o caráter dinâmico da interação, indicando que os sentidos são negociados mutuamente. Nesse sentido, a noção de estratégia deve ser compreendida a partir da relação entre os interagentes, estabelecendo o que eles fazem conjuntamente, que sentidos buscam produzir e negociar quando estão em contato com o outro.

3.8 Considerações sobre o MAM para o estudo dos comentários

A nossa decisão de adotar o MAM como proposta teórico-metodológica para o estudo da impolidez nos comentários foi norteada por alguns critérios que nos permitiram adotá-lo como teoria propícia para o tratamento do nosso *corpus*, são eles: a perspectiva integradora do MAM, a amplitude da teoria no que se refere a possibilidade de dar conta de toda forma discursiva, os recursos descritivos do módulo situacional que permitem precisar o contexto da interação, as informações de natureza hierárquico-relacional que permitem descrever as estratégias de impolidez articulada a aspectos mais gerais da constituição do discurso e não de forma isolada, por exemplo, relacionando-as a aspectos de natureza enunciativa e polifônica. E, por fim, a forma de organização estratégica que permite relacionar as informações proveniente dos módulos e das formas de organização a fim de responder a aspectos relacionais do discurso e de situar as estratégias de impolidez dentro de um quadro mais amplo de análise.

Como mencionado anteriormente, o modelo modular comporta em sua essência a possibilidade de integrar perspectivas teóricas diversas a fim de articular informações para a investigação dos fenômenos linguísticos que se apresentam aos analistas. Seguindo essa perspectiva, para desenvolver a nossa pesquisa, nos pareceu viável integrar à abordagem modular as considerações de Culpeper (1996, 2005, 2010, 2011) para investigar a impolidez. Essa articulação se mostrou necessária porque o MAM não apresenta em seu arcabouço teórico-metodológico recursos descritivos para a caracterização de eventos de impolidez, ou seja, recursos pontuais que nos permitissem caracterizar como impolido ou não uma determinada realização linguageira. Nesse sentido, buscamos amparo nas estratégias de impolidez, como propostas em Culpeper (1996, 2005, 2011), com a finalidade de integrar essas informações ao modelo, buscando constituir um quadro mais completo para descrição dos eventos impolidos no nosso *corpus*. Dessa forma, buscamos ampliar e “atualizar” a capacidade integradora do modelo modular, incorporando considerações que fazem avançar um aspecto ainda não tratado de forma sistemática nessa abordagem⁸⁹: a impolidez.

Outro tópico que orientou a nossa decisão está relacionado à informação amplamente divulgada nos estudos que tomam como base o modelo modular que é a sua capacidade

⁸⁹ Rufino (2011), Tomazi e Marinho (2014), Marinho e Vago (2018), Cunha (2019), Cunha e Tomazi (2019), Cunha (2020) entre outros, no contexto de língua portuguesa, já evidenciam essa potencialidade do modelo modular. De forma pontual, esses autores se debruçaram sobre um aspecto dos recursos constitutivos do discurso considerados como mecanismos estratégicos para a realização da gestão interpessoal em contextos jurídicos, literário, de debate eleitoral *etc.*

abrangente de dar conta de todas as formas discursivas (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001). Essa orientação pautou a nossa decisão de submeter um gênero digital, os comentários, gênero ainda não contemplado nos estudos que tem como base a perspectiva modular do discurso aos recursos fornecidos pelo MAM, testando a sua possibilidade de descrição e de interpretação de fenômenos que envolvem a linguagem e a interação mediada por recursos digitais. De forma geral, buscamos verificar como uma abordagem desenvolvida em meados dos anos 80 e 90 poderia se constituir como significativa para estudar um gênero digital emergente. Destaca-se que os trabalhos desenvolvidos na abordagem modular, de forma geral, privilegiaram o discurso oral face a face em agências de viagem, comércio, audiências jurídicas, gêneros literários, *etc.*

Ao considerar a potencialidade do modelo modular para dar conta de todas as formas de discurso, estamos também nos referindo aos módulos e às formas de organização que, na nossa concepção, permitem descrever os eventos de impolidez e interpretá-los a partir da articulação entre cada um desses componentes. O foco aqui foi recorrer a módulos e formas de organização que nos permitissem dar respostas a aspectos insuficientemente explorados em outras abordagens como a noção de contexto na abordagem de Culpeper (1996, 2005), por exemplo. Nesse sentido, foi fundamental adotar os recursos do módulo interacional que permitem precisar a materialidade do contexto da interação digital e os impactos de sua configuração para a forma de agir dos interlocutores. Essa informação atende à necessidade de considerar o contexto na descrição de eventos de impolidez, conforme postulado por Culpeper (2005), oferecendo, no entanto, os recursos para fazê-lo, para precisar a sua materialidade e relacioná-lo a outros aspectos do discurso.

Na mesma linha de considerações, acionamos as informações de natureza referencial (estrutura conceitual) que favorecem, por exemplo, a descrição dos xingamentos, dos insultos, recorrentes nos contextos de impolidez a fim de entendê-los como recursos articulado ao projeto discursivo do comentador e as informações de natureza praxilógica (quadro acional) que permitem precisar as identidades, os papéis sociais e as representações que os indivíduos fazem de si e dos outros a partir da constituição de suas ações na interação.

Destacam-se também as informações de natureza hierárquica que permitem precisar os segmentos de discurso mais representativos de cada intervenção e, com isso, inferir as intenções materializadas nos comentários. Na articulação com a informações de natureza hierárquica, as informações de natureza relacional permitem precisar as relações de discurso estabelecidas no discurso e, assim, inferir, não só as manobras realizadas pelos interlocutores na efetivação de seus discursos, mas também precisar, a partir das relações discursivas estabelecidas, a função

que as estratégias de impolidez cumprem na articulação do discurso de uma forma geral. Nesse sentido, consideramos que, se estamos admitindo com Culpeper (1995, 2005) a existência de estratégias de impolidez é preciso questionar a sua finalidade na estruturação do discurso para além do simples movimento de considerá-las como simplesmente “estratégias para atingir a face do interlocutor”. Para isso, os recursos oferecidos pela forma de organização relacional nos pareceram muito propícios a essa investigação e, assim, foram incorporados para compor os recursos constitutivos do quadro de análise proposto para a investigação do nosso *corpus*.

Dessa forma, consideramos que o MAM nos permite avançar de forma pontual em alguns aspectos ainda pouco explorados no estudo da impolidez. Essas considerações estão amparadas no reconhecimento da potencialidade do MAM como ferramenta analítica capaz de oferecer uma descrição precisa de unidades menores cuja combinação resulta em um quadro robusto de análise sobre a produção e interpretação de qualquer discurso, no caso em análise, os comentários em sites de notícias.

No capítulo a seguir, apresentaremos a contribuição pontual de cada um dos módulos e das formas de organização apresentados nesta etapa para a descrição e análise do nosso *corpus*.

4. METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentamos os procedimentos utilizados para a seleção e coleta de *corpus* e o percurso de análise constituído a partir dos recursos metodológicos do modelo modular. O capítulo está organizado da seguinte forma: descrição dos procedimentos para seleção e coleta de *corpus* (4.1) e descrição do percurso de análise configurado a partir da perspectiva modular para o estudo dos discursos impolidos (4.2).

4.1 Seleção e coleta de *corpus*

Como mencionado no item 4.1.1, os comentários são formas de participação pública que propiciam ao público em geral um meio de expressar suas perspectivas sobre assuntos atuais (CHUNG, 2008; MANOSEVITCH; WALKER, 2009, HENRICH; HOLMES, 2013). Acrescida a essa noção, argumentamos com Ghaleb Rabab'ah; Nusiebah Alali (2020) e Hermida (2008) que os comentários podem também proporcionar um reflexo mais realista e genuíno das opiniões das pessoas e, conseqüentemente, concretizar em contextos de dissenso formas de impolidez com as quais os participantes agenciam a sua participação no meio digital. Destaca-se ainda que os comentários podem materializar de forma substancial o interesse dos participantes em relação às opiniões alheias o que parece propício à investigação de como esses usuários negociam suas crenças e pontos de vistas em contextos em que geralmente prevalece o dissenso, o que atende aos interesses da nossa pesquisa em relação ao estudo da impolidez. Portanto, consideramos com Henrich e Holmes (2013) que os comentários são uma rica fonte de dados que podem refletir a opinião pública⁹⁰, fornecendo uma visão de como as opiniões e crenças são compartilhadas e fomentadas no meio digital.

O *corpus* completo desta pesquisa é composto por 151 comentários publicados, em decorrência da notícia “*A posse de Jair Bolsonaro em dez etapas: ex-capitão do Exército toma posse em Brasília*”, divulgada no site de notícias G1, no mês de janeiro de 2019⁹¹. Esse *corpus* foi selecionado a partir do estabelecimento de alguns critérios que incluíram:

- a) a relevância do site de notícias no contexto brasileiro;

⁹⁰ Martino e Marques (2020, p. 71-72) afirmam que a opinião pública se estabelece pela livre interação conversacional entre cidadãos que buscam algum tipo de entendimento ou consenso. No entanto, segundo os autores, não se refere apenas a estabelecer consenso e entendimento entre os cidadãos, mas também se torna garantia de legitimidade e, principalmente, de apoio para decisões governamentais.

⁹¹ A notícia consta no anexo 1.

- b) a adoção da temática política para a escolha das notícias;
- c) a quantidade de comentários publicados em cada notícia;
- d) a presença de marcas de impolidez

Cada uma dessas fases e os respectivos critérios adotados na sua definição serão explicitados nos tópicos a seguir.

4.1.1 Critério para a seleção do *site* de notícia: a representatividade

A seleção de *corpus* para uma pesquisa como a apresentada aqui pode se pautar em dois critérios: a seleção dos comentários a partir de uma única fonte de notícias, por exemplo, um mesmo site ou considerando um número maior de veículos de comunicação digital, considerando vários sites de notícias, como orientam Henrich e Holmes (2013). Com o primeiro critério, o resultado poderá ser um conjunto de notícias orientado por diretrizes similares de publicação, o que pode implicar, possivelmente, um mesmo perfil de leitores. Já em relação ao segundo critério, o resultado será uma amplitude maior de notícias com diretrizes distintas e, possivelmente, um perfil de leitores também, o que favorece as pesquisas que buscam estabelecer diferenciações entre meios de comunicação, perfil do público leitor e ou perfil dos comentadores em cada um deles, por exemplo.

Para a nossa pesquisa, optamos por adotar o primeiro critério para a escolha do site de notícias. Essa decisão esteve pautada no fato de que o nosso interesse não recai sobre a diferenciação entre a impolidez realizada por leitores em veículos de comunicação distintos, como apresentaram Chen *et al* (2019), por exemplo, ao comparar os comportamentos de leitores de dois importantes jornais norte-americanos. Sendo assim, optamos por trabalhar com comentários extraídos de apenas uma fonte, reconhecendo que esse critério atendia bem ao nosso objetivo de pesquisa, oferecendo ampla possibilidade para a coleta de comentários impolidos. Definido esse critério, em seguida estabelecemos como parâmetro para a escolha da fonte ou da mídia de informação o volume de acesso recebido. Consideramos que esse critério seja adequado, pois sinaliza um maior interesse dos usuários pelos conteúdos publicados por determinado site, garantindo que os comentadores dessa fonte estejam bem representados (HENRICH; HOLMES, 2013).

Considerando a diversidade de sites de notícias *on-line* disponíveis no Brasil, foi necessário recorrer a ferramentas que possibilitassem computar o fluxo de acessos a esses diversos sites a fim de identificar dentre eles aquele que registrasse um maior fluxo de usuários

ativos diariamente. Para isso, utilizamos a ferramenta *Alexa Traffic Rank*⁹² que utiliza dados de acesso de sites do Brasil e do mundo, elaborando um *ranking* dos mais acessados pelos usuários. De forma pontual, o *Alexa* extrai informações de tráfego nos sites com base no cruzamento de dois fatores principais: o número de visitantes únicos diários e a média de visualizações de cada site em um período de três meses, o que gera dados precisos sobre o fluxo na rede e atualizações recorrentes sobre esses dados. Alinhados ao nosso interesse de pesquisa, buscamos na base de dados da referida ferramenta, a qual tivemos acesso por meio de um cadastro prévio e gratuito por período determinado⁹³, as informações referentes aos sites de notícias mais acessados no Brasil⁹⁴. As informações estão sistematizadas no quadro abaixo.

Quadro 9 – Ranking de acesso dos sites de notícia no Brasil

Site de notícias mais acessados no Brasil	Posição
Globo/G1	1^a
UOL/Notícias	2 ^a
Metrópoles	3 ^a
Folha de São Paulo	4 ^a
Portal Terra	5 ^a
IG	6 ^a
R7	7 ^a
Estadão	8 ^a

Fonte: *alexa.com* em 21/04/2020.

Como se pode observar, o G1 figura na primeira posição dos sites de notícias mais acessados no Brasil. Esse *ranking* foi tema de notícias e divulgado pelos sites do jornal Metrôpole⁹⁵ e Central Gazeta de Notícias⁹⁶ em matérias que destacavam as posições alcançadas por cada veículo de comunicação, o que indicia a relevância desse tipo de informação aferida e divulgada pela plataforma *Alexa* para os meios de comunicação na verificação de seu desempenho perante o público leitor.

Um fato relevante relacionado a esse desempenho, no que se refere ao G1, é possivelmente o acesso facilitado ao conteúdo publicado que fica disponível integralmente para

⁹² A ferramenta pode ser acessada em *alexa.com*

⁹³ O site permite acesso gratuito por trinta dias em caráter experimental o que favoreceu a nossa pesquisa e a coleta de informações de que precisávamos.

⁹⁴ <https://www.alexa.com/topsites/countries/BR>

⁹⁵ <https://www.metropoles.com/brasil/imprensa/ranking-da-amazon-metropoles-e-o-3o-site-de-noticias-mais-acessado-do-brasil>. Acesso em 24/06/2020.

⁹⁶ <https://cgn.inf.br/noticia/58448/cgn-e-o-9o-site-de-noticias-mais-acessado-do-brasil-pelo-ranking-alexa>. Acesso em 13/01/2020.

todos os leitores, assinantes ou não, ao contrário de sites como o do jornal Estadão, que libera as notícias na íntegra apenas para assinantes ou portadores de cadastro prévio. Feitas essas considerações e reconhecendo a representatividade dessa mídia de informação para o público leitor brasileiro, o site G1 foi adotado como espaço midiático para a coleta das notícias que integram essa pesquisa.

A seguir apresentaremos os critérios adotados para a seleção de notícias no referido site e suas respectivas cadeias de comentários.

4.1.2 Critérios para a seleção de notícias: a temática política

Considerando o nosso interesse de pesquisa em investigar a impolidez realizada nos comentários publicados em sites de notícias, após a escolha do site foi necessário adotar um critério suplementar para a seleção das notícias, pois, como é sabido, o G1 divulga notícias do Brasil e do mundo sobre saúde, economia, segurança, esporte, política *etc.* o que implica um elevado número de publicações diárias. Sendo assim, procedemos a um critério adicional com o intuito de obter um conjunto de dados coerente com nosso objetivo de pesquisa.

Dentre os dois critérios apontados por Henrich e Holmes (2013, p. 3) para a inclusão de artigos em um *corpus* de pesquisa está a seleção feita por tópico, o que nos pareceu mais plausível frente à segunda opção de selecionar notícias diversas que computassem um maior número de comentários. A justificativa está relacionada ao fato de que o recorte feito por um único tópico favorece a escolha de uma temática que seja mais passível de estar relacionada à materialização da impolidez, pois reúne em torno de um mesmo tema pontos de vistas diversos passíveis de favorecer de forma pontual os comportamentos de dissenso e, por extensão, de impolidez. Além disso, como a nossa pesquisa não é de natureza quantitativa, a escolha por um único tópico se mostrou mais pertinente.

Adotado esse critério, o próximo passo foi selecionar dentre os vários tópicos (saúde, economia, segurança, política *etc.*) disponíveis no site de notícia G1 aquele que estivesse mais alinhado aos objetivos da nossa pesquisa, ou seja, a investigação da impolidez. Para isso, buscamos notícias sobre o contexto político brasileiro, considerando se tratar de um tópico que, no momento da coleta do *corpus*, estava entre os mais propensos a promover o dissenso no contexto brasileiro em oposição a outros tópicos disponíveis no site como saúde ou esporte, por exemplo. Sendo assim, considerando o período eleitoral que antecedeu o momento da coleta do *corpus* e o resultado das eleições presidenciais de 2018, que estavam sendo amplamente

divulgados na mídia, foram selecionadas as notícias que abordavam o contexto político brasileiro.

O período escolhido para a seleção das notícias foi o mês de janeiro de 2019. O interesse por esse período justifica-se por ser um momento de relevância para a política brasileira, sobretudo, pela posse de um novo presidente que marcou a transição de poder entre dois grupos políticos antagônicos no Brasil. A alternância de poder entre um governo considerado de esquerda para um governo de direita⁹⁷ contribuiu para o estabelecimento de debates no meio social que reavivaram a polarização entre esses dois grupos políticos o que repercutiu em todo o país nos posicionamentos públicos de toda ordem, marcando de forma acentuada a dicotomização e o dissenso no contexto político brasileiro, sobretudo, no meio digital⁹⁸. O papel das tecnologias que propiciam essa atualização dos espaços de debate público é contemplado na reflexão de Borowski (2020) sobre o papel das tecnologias na *ciberdemocracia*. A esse respeito, Borowski (2020, p. 45) retoma Lemos (2010, p. 123) na afirmação de que na atualidade “há transferência de certas funções da cidade real para o ciberespaço que se refere a um hibridismo entre o espaço físico e o eletrônico, alterando de maneira significativa a atuação dos indivíduos”.

Esse contexto nos pareceu efetivamente propício à investigação da impolidez por dois motivos: o primeiro diz respeito ao momento histórico que fez emergir comportamentos disruptivos e potencialmente voltados para o dissenso e o conflito e, o segundo, refere-se à adoção da hipótese de que momentos marcados por visões antagônicas podem motivar os indivíduos a se posicionarem mais efetivamente na defesa de suas crenças e pontos de vistas, pois os sujeitos podem interpretar que os pontos de vistas opostos os submetem, os restringe, os limitam de alguma forma e, por isso, precisam ser combatidos ou eliminados. Orientados por esses motivos, optamos pelas notícias sobre o contexto político por motivarem a publicação de comentários que apresentavam esse contexto de dissenso no cenário político brasileiro, considerando-os como forma de manifestação pública propícios à investigação da impolidez.

Definida a temática a partir da qual seriam coletadas as notícias e suas respectivas cadeias de comentários, passamos para a próxima etapa, definindo os critérios para a seleção da notícia. A seguir explicitaremos quais foram os critérios adotados.

⁹⁷ Deve-se considerar que entre essa troca de governos, em 2016, a então presidente Dilma Rousseff é afastada e, posteriormente, por meio de um processo de *impeachment*, perde o cargo sob a acusação de ter cometido “pedaladas fiscais”.

⁹⁸ BOROWSKI (2020, p. 100) informa que os processos eleitorais em períodos pré-ciberespaço também apresentavam como característica o discurso de ódio, a desinformação e a manipulação da imprensa sobre fatos. Assim, segundo o autor, a internet serviu para potencializar essas ações já existentes.

4.1.3 Critério para a seleção da notícia e sua respectiva cadeia de comentários

Ao definirmos o mês de janeiro de 2019 para a coleta das notícias sobre o contexto político brasileiro, foi estabelecida *a priori* a seleção de uma notícia por semana. Como o dia 1º de janeiro de 2019 foi uma terça-feira, todas as demais notícias foram coletadas nas terças-feiras subsequentes, isto é, nos dias 01, 08, 15, 22 e 29 de janeiro de 2019.

Dentre todas as notícias sobre política publicadas em cada um desses dias, estabelecemos como critério adicional selecionar aquelas cujo número de comentários, no período de 48 horas⁹⁹, computasse entre 250 e 300 comentários. Esse número foi admitido como parâmetro com o objetivo de garantir uma quantidade representativa e equilibrada de comentários que não fosse excessivamente extensa, o que poderia inviabilizar a pesquisa, nem demasiadamente restrita, uma vez que as cadeias de comentários selecionadas passariam ainda por mais um recorte a fim de selecionar apenas os comentários impolidos, objeto central de nossa investigação.

O resultado dessa seleção inicial está compilado no quadro 10 abaixo que apresenta todas as notícias sobre o contexto político publicadas no site G1 nos dias 01, 08, 15, 22 e 29 de janeiro de 2019 e a quantidade final de comentários de cada uma delas, observado o período de 48 horas. Em destaque no quadro, aparecem as notícias que atenderam aos critérios estabelecidos e que, por isso, foram preliminarmente inseridas no *corpus* da pesquisa.

Quadro 10 – Sistematização de notícias para coleta de *corpus* no site G1

⁹⁹ O G1 geralmente estipula o prazo de 48 horas para a inserção de comentários nas notícias. Segundo o site, esse prazo pode ser reduzido caso haja violação dos termos de uso.

	Notícias publicadas	Comentários
01/01	Para 65%, governo Bolsonaro será ótimo ou bom, diz Datafolha 12% creem que será ruim ou péssimo. Instituto fez 2.077 entrevistas entre 18 e 19 de dezembro em 130 cidades.	146
	27 governadores tomam posse nesta terça-feira.	25
	Posse do presidente Jair Bolsonaro. FOTOS: Veja como foi o dia 1º de janeiro de 2019 em Brasília.	324
	No dia da posse, Bolsonaro passa a manhã com a família e recebe grupo de deficientes auditivos.	12
	Bolsonaro desfila em carro aberto durante cerimônia de posse em Brasília.	245
	Bolsonaro propõe "pacto nacional" e fala em "reconstruir" o país ao tomar posse no Congresso.	243
	Bolsonaro promete "tirar peso do governo sobre quem trabalha e produz" e "restabelecer a ordem" no país.	841
	Bolsonaro dá posse a ministros no Palácio do Planalto após receber faixa presidencial.	193
	A posse de Jair Bolsonaro em dez etapas.	279
	Bolsonaro recebe autoridades e convidados para coquetel no Itamaraty.	45
	Bolsonaro antecipou para quinta-feira primeira reunião ministerial do novo governo, anuncia Onyx .	6
	Temer diz que deixa Presidência "com a alma leve e a consciência do dever cumprido".	45
	Agora é hora de governar.	20
	Bolsonaro assume Presidência em cerimônia com segurança mais restrita.	7
	08/01	Bolsonaro faz segunda reunião ministerial nesta terça-feira.
Governo Bolsonaro pode incluir em decreto sobre armas previsão de cofre em casa.		739
Bolsonaro comanda segunda reunião ministerial de governo.		271
PR e Podemos anunciam apoio à reeleição de Rodrigo Maia como presidente da Câmara.		90
Governo Bolsonaro não deve instalar base militar dos EUA no Brasil.		490
Filho de Mourão assume assessoria especial da presidência do Banco do Brasil.		861
Decreto para flexibilizar posse de armas sai na próxima semana, diz Onyx .		1061
Bolsonaro pede sintonia fina a ministros.		56
BBC News: em comunicado a diplomatas, governo Bolsonaro confirma saída de pacto de migração da ONU.	915	
15/01	Bolsonaro comanda nova reunião ministerial nesta terça e deve assinar decreto sobre armas.	356
	Bolsonaro quer mudar forma como Planalto e Congresso se relacionam, diz novo líder.	235
	Bolsonaro assina decreto que facilita posse de armas.	3133
	Posse de armas: leia a íntegra do decreto.	424
	Posse de armas: saiba o que muda com o decreto assinado por Bolsonaro.	251
	REPERCUSSÃO do decreto da posse de armas: o que disseram políticos e entidades.	155
	Posse de armas: veja perguntas e respostas.	240
Posse de arma: leia pontos a favor e contra o novo decreto, de acordo com políticos e especialistas.	689	
22/01	Bolsonaro estreia nesta terça em eventos internacionais com discurso no fórum de Davos	262
	Para se opor a Maia, PT articula bloco com PSB e PSOL e até admite acordo com MDB e PP.	197
	Em Davos, Bolsonaro diz que quer compatibilizar preservação ambiental com avanço econômico.	1502
	Veja a íntegra do discurso de Bolsonaro em Davos.	214
29/01	Líder do PP desiste de candidatura a presidente da Câmara e volta a negociar bloco com Maia.	7
	Rachado, MDB se reúne para discutir candidatura à presidência do Senado.	204
	Mourão comanda reunião ministerial nesta terça: governo discute segurança de barragens	37

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados extraídos do site G1.

Com base nesse quadro, que apresenta as notícias que foram publicadas nos dias 01, 08, 15, 22 e 29 de janeiro de 2019 e o número de comentários registrado em cada uma delas, foram então selecionadas quatro notícias e suas respectivas sequências de comentários que totalizaram 1.063 comentários, como sintetizado no quadro abaixo.

Quadro 11 – Notícias selecionadas preliminarmente para constituição do *corpus*

Data	Notícia/título	Comentários
01/01	A posse de Jair Bolsonaro em dez etapas	279
08/01	Bolsonaro comanda segunda reunião ministerial de governo.	271
15/01	Posse de armas: saiba o que muda com o decreto assinado por Bolsonaro	251

22/01	Presidente brasileiro fez estreia em eventos internacionais nesta terça-feira (22) no Fórum Econômico Mundial.	262
29/01	Nenhuma notícia atendeu aos critérios estabelecidos na metodologia.	0
	Total de comentários	1063

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados extraídos do site G1.

Como se pode observar o recorte estabelecido inicialmente resultou ainda um alto número de comentários o que nos pareceu inviável para os objetivos da pesquisa, que é de natureza qualitativa, por isso, foi considerada a possibilidade de descartar parte dos comentários. Sendo assim, a partir do quadro preliminarmente constituído por quatro notícias, reduzimos o *corpus* a fim de garantir a viabilidade da pesquisa em relação ao tempo disponível e à obtenção de dados mais apurados na análise, o que seria possível a partir de um *corpus* mais restrito.

Reorientando a recolha de *corpus* e considerando que todas as notícias e suas respectivas cadeias de comentários previamente selecionadas atendiam a todos os critérios propostos e estabelecidos inicialmente para a pesquisa, foi selecionada a notícia “*A posse de Jair Bolsonaro em dez etapas: ex-capitão do Exército toma posse em Brasília*”, publicada em 01 de janeiro de 2019, que computou 279 comentários. Além de cumprir todos os critérios metodológicos inicialmente determinados para a pesquisa, a escolha dessa notícia considerou o fato de ser esta a matéria cujos comentários já haviam sido submetidos a todas as etapas definidas para a pesquisa e, por isso, foi priorizada para a continuidade do estudo.

Assim, após a definição da notícia a partir da qual os comentários seriam coletados, prosseguimos para a caracterização dos comentários impolidos. A seguir explicitaremos os procedimentos adotados para fazer esse recorte.

4.1.4 Critério para a seleção dos comentários: as marcas de impolidez

Como especificam Henrich e Holmes (2013, p. 3), ao selecionar uma cadeia de comentários para constituir um *corpus*, considerada a natureza da pesquisa, é necessário um critério adicional para determinar quais, dentre todos os comentários publicados em reação a uma notícia, devem ser elencados para compor esse *corpus*. Sendo assim, a partir da seleção inicial do *corpus*, que computou 279 comentários, e considerando o nosso objetivo de analisar apenas os comentários com marcas de impolidez, procedemos a um recorte a fim de selecionar apenas os comentários que apresentassem alguma marca de impolidez. Para isso, submetemos os 279 comentários a um processo de classificação constituído a partir das estratégias e das

formas convencionalizadas de impolidez elaboradas por Culpeper (1996, 2005, 2011), como apresentado no quadro 5, a fim de classificar os comentários como impolidos ou não. O emprego das estratégias postuladas por Culpeper (1996, 2005, 2011) nos garantiu um método uniforme para a classificação dos dados.

No entanto, como observa Culpeper (2011, p. 136), no que se refere às listas e categorias de superestratégias de impolidez, deve-se considerar que elas refletem as regularidades e usos sistematizados a partir do ponto de vista cultural britânico (programas de TV, séries televisivas, questionários direcionados a alunos etc). Essa orientação é reforçada pela menção do autor de que as categorias estabelecidas por ele não correspondem a uma lista fechada e imutável a ser aplicada sem uma devida consideração em relação à natureza dos dados e ao contexto a serem analisados. Obviamente, os estudos de Culpeper (1996, 2005, 2011) dão um suporte extremamente útil e válido para a investigação da impolidez como tem demonstrado as várias pesquisas que adotaram as suas categorias como suporte de análise¹⁰⁰. Observa-se, no entanto, que a partir da revisão de suas categorias para a identificação da impolidez, Culpeper (2016) considera uma maneira alternativa de abordar as estratégias de impolidez (de baixo para cima), ou seja, devem fluir a partir dos dados investigados para se chegar à categorização e não o aposto. Assim, como mencionado no tópico 1.4.2, uma forma de “analisar os dados é deixar as “estratégias” emergirem a partir deles” (CULPEPER, 2016, p. 436).

Orientados por essas considerações a respeito da classificação de atos impolidos com base nas superestratégias e nas formas convencionalizadas de impolidez, optamos por organizar as categorias de estratégias de impolidez de saída elaboradas por Culpeper de forma a atender melhor à descrição do nosso *corpus*. Para isso, elaboramos o quadro 12 abaixo inteiramente inspirada no trabalho de Culpeper (1996, 2005, 2011) com a qual procedemos à classificação dos comentários¹⁰¹. Por exemplo, foram desconsideradas ou readequadas as categorias que não estavam relacionadas ao contexto das interações que se dão no meio digital como “sentar-se juntos”, “não ficar em silêncio”, “não reconhecer a presença do outro”, etc. e inseridas/adaptadas categorias que serviram melhor para identificar práticas pontuais do nosso *corpus*, tais como, o emprego de expressões de desaprovação, os insultos realizados por meio de metáforas animais, a expressão direta de ordens etc. Além disso, sentimos necessidade de

¹⁰⁰ Algumas dessas pesquisas foram apresentadas no capítulo 2 deste trabalho.

¹⁰¹ Como mencionado, a classificação levou em consideração não só as estratégias de impolidez conforme estabelecida por Culpeper (1996, 2005), mas também observando as formas convencionalizadas que materializam eventos impolidos, conforme apresentadas no quadro 5.

uma estratégia para definir os comportamentos de autoataque¹⁰², ou seja, quando um comentador viola o seu próprio território por meio de confissões ou na explicitação de reações emotivas extremas que se refere ao que Goffman (1971) define como a violação de si. Feitas essas adequações, foi possível proceder à classificação dos comentários. Sendo assim, a tabela utilizada para a classificação¹⁰³ dos atos impolidos foi a seguinte:

Quadro 12 – Organização das estratégias de impolidez para tratamento do *corpus*

Nº	Como agem os comentadores na elaboração de seus discursos impolidos
1	Criticam/expõem um traço da personalidade (inteligência, caráter, temperamento, comportamento, competência), falas, ações e/ou formação de pessoas, governos e/ou instituições.
2	Levantam suspeitas, fazem acusações sobre as ações, eventos e/ou falas de pessoas e/ou grupos.
3	Ridicularizam os outros em suas ações e /ou falas. Ou usam diminutivos para ridicularizar.
4	Fazem exposição de si, verbalizando reações emotivas (raiva, ódio, nojo, ojeriza, asco) em relação a pessoas, ações e/ou grupos ou confessam choro, desconhecimento, condição física, ação, equívoco em relação a um fato.
5	Fazem votos de maus desejos e/ou ameaças. Mencionam que coisas ruins poderão acontecer.
6	Atribuem nomes depreciativos, supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas.
7	Empregam ironias ou sarcasmos. Falsa polidez.
8	Refutam, questionam e/ou criticam a validade de opiniões, ações e fala dos outros.
9	Tentam silenciar; rejeitam, afastam simbolicamente ou buscam se dissociar do outro.
10	Animalizam o outro, atribuindo-lhe nomes e/ou características animais.
11	Expressam ordens, orientações e/ou sugestões, tentando direcionar/restringir as ações e/ou falas dos outros.
12	Invocam e/ou inferem questões relacionadas às sexualidades. Empregam palavra tabu. Metáfora sexual.
13	Fazem uma provocação.

Fonte: Elaboração da autora com base em Culpeper, 1996; 2005; 2011.

É necessário acrescentar de forma enfática que, com essa tabela, não se pretende estabelecer novas categorias, porque não o são, mas apenas organizá-las de forma mais restrita, visando especificamente a constituir um quadro de referência que traduza melhor a configuração específica do nosso *corpus*. A justificativa para essa atualização está relacionada à necessidade de atender a casos específicos do nosso *corpus* aos quais buscamos responder de forma pontual, descrevendo o que os comentadores estavam efetivamente realizando na sua intervenção. Nesse processo, uma das dificuldades enfrentadas na classificação refere-se ao fato de que os comentadores nunca estão envolvidos em uma única ação impolida, mas sim em

¹⁰² Essa estratégia tem como base os recentes trabalhos de Cunha; Braga (2018) e Cunha; Braga e Brito (2019) desenvolvidos a partir da abordagem modular.

¹⁰³ A descrição que detalha essa etapa de classificação dos comentários consta no anexo 2.

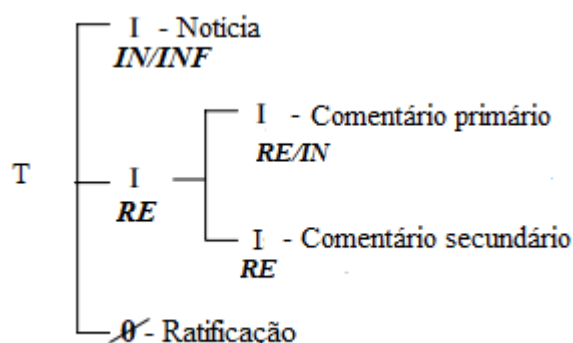
várias, o que implica uma sobreposição de estratégias de impolidez que complexifica a sua descrição.

O resultado desse tratamento dos dados, a partir da classificação feita com base nas estratégias de impolidez de Culpeper (1996, 2005, 2011), possibilitou reduzir o *corpus* que passou a contabilizar 151 comentários impolidos, ou seja, dos 279 coletados inicialmente, após o processo de classificação, 151 apresentaram alguma marca de impolidez o que permitiu priorizá-los para constituir o *corpus* definitivo da nossa pesquisa.

Após essa classificação, apuramos que dos 151 comentários impolidos apenas 50 foram publicados na “janela” ou espaço delimitado pela plataforma digital para a publicação de um comentário inicial, os demais, 101 comentários, foram publicados em reação a outros comentários iniciais ou não. A título de identificação, optamos por nos referir a esses comentários como primários ou secundários, respectivamente. Assim, foram considerados comentários primários aqueles publicados no campo delimitado pela plataforma para a inserção de um comentário “inicial” e, secundários, aqueles publicados a partir de um outro comentário, inicial ou não¹⁰⁴.

Como se pode observar o nosso critério para definir um comentário como primário ou secundário não faz referência a encadeamentos precisos de respostas dos comentadores, mas sim às duas possibilidades oferecidas pela plataforma para se fazer a inserção de uma reação no site, ou seja, o comentador pode usar o primeiro nível (comentário primário) ou o segundo nível (comentário secundário) para expressar a sua reação. O esquema abaixo define a posição dos comentários, considerando um processo de negociação mais amplo.

Figura 8 – Esquema geral do processo de negociação no site de notícia G1



Fonte: Elaboração da autora com base em Roulet; Filliettaz; Grobet, 2001.

¹⁰⁴ Azevedo; Gonçalves-Segundo e Piris (2021, p. 2302) apresentam uma proposta mais elaborada para a organização da cadeia de comentários.

Como é possível observar, nessa configuração, a troca (T) é formulada a partir de uma notícia, que representa a intervenção inicial (IN) de informação (INF) a partir da qual os comentários são elaborados. Na sequência, são apresentados os comentários, que se constituem como intervenções de resposta (RE) à notícia. Como mencionado anteriormente, esses comentários podem ser primários, quando representam uma resposta direta do comentador à notícia (primeiro nível), ou secundário, quando o comentador responde a um outro comentário (segundo nível). Por fim, a ratificação, representada pela marca O, para representar a não ocorrência do duplo acordo entre interagentes.

A nossa decisão por optar por uma forma mais simples de categorizar a sequência de comentários a partir do recurso da própria plataforma considerou a dificuldade em definir a quem os comentadores efetivamente estavam respondendo¹⁰⁵ e também ao fato de que a posição dos comentários não interfere na análise dos nossos dados uma vez que o nosso interesse é analisar a impolidez que neles se realizam.

Assim, os dados foram sistematizados no quadro 13 abaixo.

Quadro 13 - Cômputo dos comentários impolidos

Comentários	Impolidos	Sem marcas de impolidez	Quantidade
Primário	50	53	103
Secundário	101	75	176
Total	151	128	279

Fonte: Elaboração da autora

Conforme demonstrado no quadro acima, os comentários que apresentaram marcas de impolidez computaram 151 resultados. Nesse sentido, os dados preliminares apontam que os atos impolidos, no contexto dos comentários publicados no site G1 sobre política, são os mais recorrentes, indiciando que, na maioria das vezes, os comentadores agem duplamente ao publicarem um comentário, divulgando as suas informações e atacando verbalmente aqueles que, por algum motivo, consideram merecedores de tais ataques.

Além disso, é possível observar que a maioria dos comentários foi publicada em posição secundária (176), ou seja, foram produzidos em reação à intervenção de outros comentadores o que pode indicar que os usuários dessa modalidade de participação pública

¹⁰⁵ Na ausência das marcas de endereçamento que definem se um comentário está efetivamente “dialogando” com outro comentário, a identificação de respostas em uma cadeia de comentários extensa como a que constitui o nosso *corpus* pareceu inviável no momento.

estão mais interessados na opinião de outros participantes em relação aos fatos apresentados nas notícias e não propriamente em relação ao conteúdo da notícia. Esse fato corrobora outros estudos como o de Yang (2008), por exemplo, que destaca que os leitores são mais influenciados pelos comentários de outros leitores do que pela própria notícia. Destaca-se também que os comentários secundários apresentam um número mais elevado de eventos impolidos, isto é, 101 ocorrências de impolidez em comparação com as 50 ocorrências nos comentários primários, o que reflete uma possível dificuldade de os comentadores negociarem e conciliarem, no meio digital, pontos de vistas antagônicos, o que geralmente desencadeia eventos de impolidez.

Em suma, cumpridas as fases dessa primeira etapa metodológica de definição do objeto, coleta e seleção de dados, procedemos à segunda parte da metodologia que consistiu no tratamento do *corpus*, definido nessa primeira etapa, a partir dos recursos fornecidos pelo MAM.

Como mencionado no tópico 3.1, o modelo modular comporta duas fases para a descrição e análise do *corpus*: a fase de *découplage* na qual o *corpus* é submetido aos recursos metodológicos fornecidos por cada módulo ou forma de organização individualmente para, na segunda fase, a *couplage*, serem combinadas a fim de dar conta da complexidade das formas discursivas em questão. Sendo assim, a fase de *découplage* do tratamento dos dados, que abarcou o estudo das dimensões situacional (módulos interacional e referencial) e da dimensão hierárquica (módulo hierárquico) e das formas de organização relacional, enunciativa e polifônica, a partir da perspectiva modular para o estudo dos comentários, será apresentada nos tópicos a seguir. A fase de *couplage* será apresentada especificamente no estudo da forma de organização estratégica.

4.2 Percurso de análise: descrição dos módulos e formas de organização para o estudo dos comentários

Como mencionado no capítulo 3, o MAM é uma abordagem que preconiza, além do aspecto teórico, um aspecto relacionado ao processo metodológico visando a orientar a forma como o analista procede ao tratamento dos dados. Assim, elaborar um percurso de análise para a investigação de um determinado tipo de discurso a partir da metodologia modular é, como especifica Rufino (2011, p. 132), descrever o “caminho que vai ser seguido partindo dos módulos e passando pelas formas de organização elementares e complexas”, e isso implica articular hipóteses sobre os diferentes componentes linguísticos, textuais e situacionais do

discurso e suas inter-relações (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001) com vistas a fundamentar observações sobre um determinado tipo de discurso, no caso em análise, os comentários *on-line* do site G1. Dessa forma, adotar o dispositivo modular é assumir a tarefa de descrever um objeto complexo como o discurso em sistemas de informação simples e nocionalmente independentes que refletem os vários níveis de informações de constituição desse discurso para, posteriormente, articulá-los a fim de compreender a complexidade de que se constitui (ROULET, 1999).

Tendo em vista essas prerrogativas, o percurso de análise adotado nesta pesquisa está dividido em duas etapas (*découplage/couplage*) e busca refletir as nossas escolhas no que se refere ao tratamento dos dados. Na primeira etapa, adotamos o processo de *découplage*, conforme propõe o modelo modular, estratificando informações de que se constituem os comentários para descrevê-las à luz dos recursos metodológicos fornecidos pelas dimensões situacional (referencial/interacional) e hierárquica e das formas de organização relacional, enunciativa e polifônica. Essas informações ganham complexidade quando são articuladas e analisadas (*couplage*) na forma de organização estratégica (Tópico 3.7), segunda etapa do percurso de análise.

A seguir explicitaremos cada uma dessas etapas de que se constitui essa segunda fase da metodologia.

4.2.1 O estudo da dimensão situacional: os aspectos referenciais e interacionais dos comentários

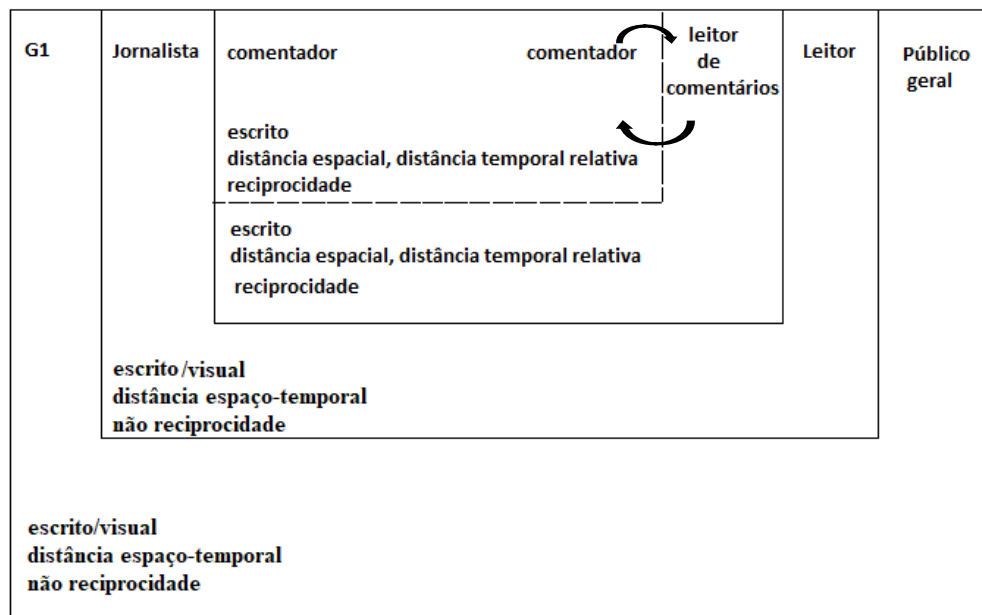
Neste item, apresentaremos os recursos fornecidos pelo Modelo de Análise Modular do Discurso para o estudo do contexto. O objetivo da nossa explanação é demonstrar de que maneira os recursos descritivos da dimensão situacional (interacional e referencial) do discurso ajudam a precisar as informações da materialidade da interação (quadro interacional), os aspectos relacionados às ações dos comentaristas (quadro acional) e, por fim, os conceitos que os comentaristas mobilizam em suas intervenções (estrutura conceitual).

4.2.2 O estudo do módulo interacional: o quadro interacional

Como mencionado anteriormente no tópico 3.1, na abordagem modular, a interação é considerada de um ponto de vista dinâmico. Essa consideração implica que cada interação se constitui de uma materialidade própria, moldável a partir da ação dos interagentes. Para

descrever essa materialidade, o módulo interacional oferece o *quadro interacional*, um instrumento que permite definir os parâmetros materiais de cada interação particular: o canal, o modo e o tipo de vínculo, ou seja, esses três parâmetros interacionais permitem descrever a interação em termos do meio material em que elas são realizadas (BURGER, 1997). Assim, para descrever a materialidade de que se constituem os comentários, apresentamos o seguinte quadro interacional.

Quadro 14 – O quadro interacional dos comentários



Fonte: Elaboração da autora com base em Roulet; Filliettaz; Grobet, 2001.

Como se observa, o quadro interacional posiciona os interagentes uns em relação aos outros, definindo os níveis de interação e especificando as suas características materiais. Na nossa interpretação, a interação na qual são estabelecidos os comentários no site G1 pode ser descrita, como demonstrado no quadro acima, situando os comentadores e as suas ações dentro de uma interação mais ampla. Assim, os participantes estão distribuídos em três níveis de interação distintos. No nível mais externo, estão posicionados a mídia de informação, representada pelo site G1, e o público em geral, representado por todos usuários da referida plataforma. Nesse nível, o canal é escrito e visual, pois as informações se constituem de componentes verbal e não verbal, há distância espacial uma vez que os participantes não ocupam o mesmo espaço físico e distância temporal, pois as informações são produzidas e divulgadas em momento anterior ao acesso feito pelo público. No que se refere ao vínculo que une esses dois participantes nesse nível, não há reciprocidade entre eles.

No nível intermediário, estão representados o jornalista, autor da notícia a partir da qual os comentaristas elaboraram as suas reações, e o leitor da notícia, posicionado nesse nível por demonstrar interesse a um tipo de conteúdo mais específico dentro do universo de informações fornecido pelo site G1. Nesse nível, estamos considerando que, assim como no nível mais externo, o canal também é escrito e visual, há distância espaço-temporal e que não há reciprocidade entre os participantes.

O nível mais interno é, para a nossa pesquisa, o de maior relevância, pois é nesse nível que os participantes se posicionam efetivamente como interagentes no sentido de que podem “dialogar” entre si. Nesse nível, optamos por representar três participantes: dois comentaristas, que efetivamente interagem entre si por meio dos comentários, e um terceiro participante, que representa o leitor dos comentários, um participante específico que pode assumir a posição de comentarista, caso seja motivado para isso. A presença desse “terceiro ausente” representa para os demais participantes um ente imaginário, um público virtual cuja existência reflete em suas ações, ora falando em seu nome, como se o presentasse, ora buscando meios de se proteger dele, pois, esse “público imaginário”, realidade do meio virtual, pode representar uma ameaça para as intenções e para as ideias que são divulgadas, quando estes se posicionam de maneira contrária a elas. É por meio desse público que se realiza o efeito *recursividade* e da *ampliação enunciativa* de que fala Paveau (2021) na propagação infundável não só dos conteúdos, mas também dos efeitos, bons ou ruins, deles advindos no meio digital. Dessa forma, “todos os destinatários de uma mensagem, mesmo aqueles que o são apenas indiretamente (*unaddressed*) desempenham um papel importante no desenvolvimento da interação” (KERBRAT-ORECCHIONI, 1990, p. 89).

No nível mais interno, o canal é predominantemente escrito. Chamou a nossa atenção o fato de que nos comentários do site G1, ao contrário do que ocorre com outros tipos de comentários, a linguagem não verbal, como *emojis*, fotos, *memes*, não foi identificada como representativa, por isso, estamos considerando a predominância do canal escrito. Em relação ao modo que os interagentes se posicionam, há distância espacial. No que se refere à distância temporal, a interação mostra uma particularidade representativa, pois é possível aos participantes desse nível mais interno reagir de forma simultânea em relação a outros participantes (*relacionalidade*), embora essa não tenha se mostrado como a mais recorrente no nosso *corpus*. Dadas as possibilidades, propiciadas pelo meio digital, de *ampliação* (possibilidade de “extensão” de uma informação) e de *investigabilidade* (recuperação de informação por meio de ferramentas de busca e de redocumentação), conforme descrito anteriormente (Tópico 4.1), há uma tendência de os comentaristas serem mais tardios em suas

respostas, de não responderem ao comentário imediatamente anterior ao seu, de recuperar informações de outras fontes, *etc.* o que amplia a forma de atuação desses participantes. Por isso, estamos considerando que nesse nível interacional a distância temporal é relativa.

Por fim, estamos considerando que é no nível mais interno que a interação entre participantes efetivamente se realiza, pois existe a possibilidade de reciprocidade, de retroação. Nesse nível, os participantes reagem uns em relação aos outros, reagem em relação ao conteúdo das notícias, questiona a pertinência das informações divulgadas. É, nesse nível, que os participantes se constituem como “seres dizentes” de suas verdades, interpretando as “verdades” de seus interlocutores e se posicionando em relação aos eventos do mundo. Além disso, no meio digital, deve-se considerar que a reciprocidade incorpora instrumentos digitais que auxiliam a ação dos comentadores no momento de sua reação: são as ferramentas de busca, a possibilidade de marcar um endereçamento, *etc.* que maximizam a ação dos comentadores no momento de elaborar a sua intervenção.

Essas informações são relevantes, pois se constituem como um conjunto de dados que ganha relevância na articulação com informações de outros módulo e formas de organização, como será apresentada na análise no capítulo 5, pois ajudam a salientar de que maneira as restrições de natureza interacional podem pesar sobre a elaboração dos comentários, limitando ou ampliando a ação dos participantes na interação e na elaboração de seus discursos.

A seguir, apresentaremos o quadro acional, componente do módulo referencial, utilizado aqui para descrever o engajamento dos comentadores na interação no meio digital.

4.3.3 O módulo referencial: o *quadro acional* e a *estrutura conceitual*

O módulo referencial, conforme descrito no tópico 3.3.1, integra a dimensão situacional do discurso, possibilitando, a partir dos recursos metodológicos que oferece, o estudo específico das ações e dos conceitos mobilizados pelos participantes de uma interação particular. Para a análise do nosso *corpus*, recorreremos a dois instrumentos oferecidos pelo módulo referencial: o *quadro acional*, para estudar a forma de engajamento dos comentadores na realização de seus comentários e a *estrutura conceitual*, para estudar o processo pelo qual os interagentes realizam e se apropriam de conceitos do mundo, atualizando-os na realização de seus comentários.

A seguir, apresentaremos o *quadro acional* e suas particularidades para o estudo dos comentários.

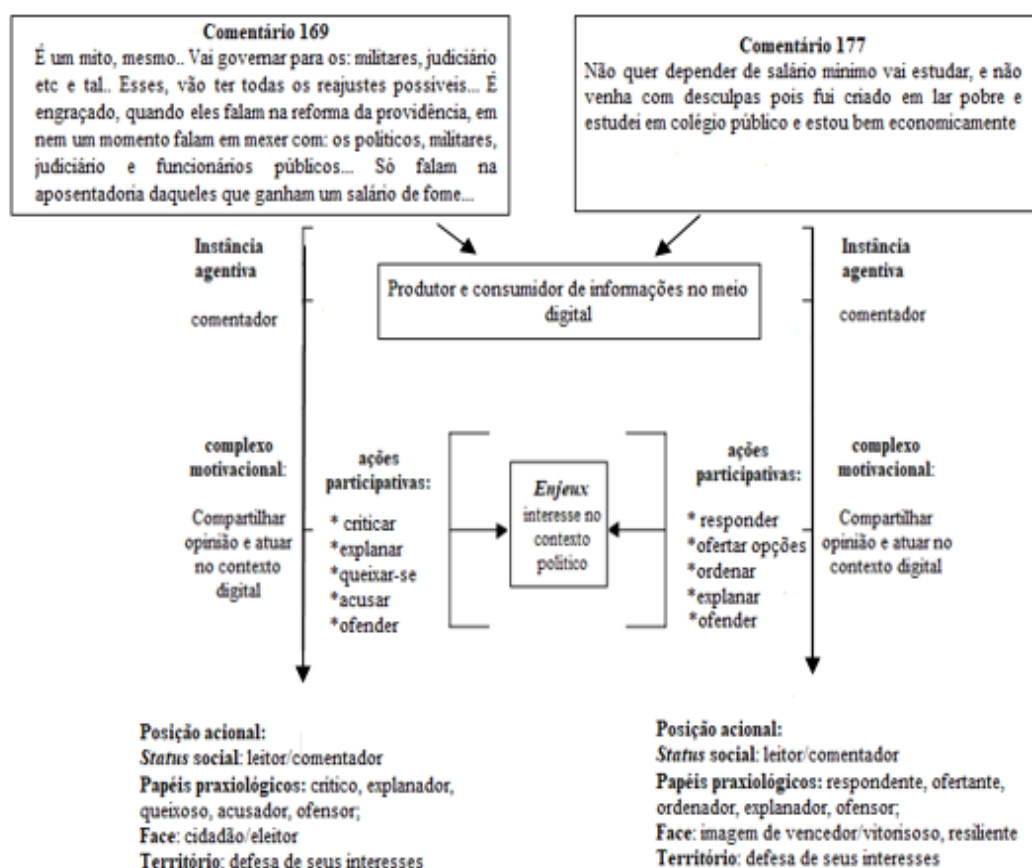
4.3.3.1 O quadro acional: considerações sobre as ações dos comentadores

Conforme mencionado no tópico 3.3.1.1, o *quadro acional* é um recurso da estrutura praxeológica que define em uma interação específica quem são os interagentes envolvidos e quais as ações são empreendidas por eles. As informações do *quadro acional* possibilitam explicar os indivíduos em termos das ações que realizam na interação e, para isso, articula informações que ajudam a definir a sua identidade enquanto participante de uma interação particular. Assim a identidade dos participantes é definida a partir do *status* social, da face negociada na interação (imagem representada), das ações participativas e dos papéis praxeológicos que realizam. Como já apresentada em (3.3.1.1), a descrição dessas propriedades é exibida no *quadro acional* por meio da articulação de quatro parâmetros: os *enjeux* comuns, os complexos motivacionais, as ações participativas e as posições acionais.

Assim, a fim de explicitar como esses parâmetros foram utilizados para analisar os comentários, recorreremos a um exemplo formado por dois comentários, 169 e 177¹⁰⁶, buscando descrever de que maneira se configuram as ações conjuntas e, conseqüentemente, as identidades negociadas nessa interação. O quadro acional constituído a partir desse exemplo pode ser representado da seguinte forma:

Quadro 15: Representação do quadro acional

¹⁰⁶ A análise completa desse comentário, com a articulação das informações extraídas a partir do estudo do quadro acional, será apresentada no capítulo 5.



Fonte: Elaboração da autora com base em Roulet; Filliettaz; Grobet, 2001.

As informações do *quadro acional*, como apresentadas acima, refletem a potencialidade desse instrumento na definição de informações relevantes que podem auxiliar o estudo dos eventos de impolidez. Por exemplo, o *quadro acional* explicita que o *enjeu* (finalidade) que une os dois comentadores nessa interação é o interesse pelo contexto político. Estamos considerando essa opção porque, caso os comentadores demonstrassem interesse por qualquer outro evento do mundo (esporte, saúde, educação, economia), escolheriam participar de sites ou de discussões em relação a essas temáticas em outros espaços. Nesse sentido, é o interesse pelo contexto político que os vincula a essa interação específica.

A partir dessa vinculação, é possível precisar o motivo (complexo motivacional) que os engaja. No caso dos comentários, os comentadores são motivados pela necessidade de expressar os seus pontos de vistas e opinião. Em outros termos, esses comentadores querem dizer o que pensam, querem compartilhar a sua visão de mundo e, por isso, buscam um meio não só de se expressar, mas também de potencializar a sua expressão, como o faz o meio digital. Essa ação os situam como participantes ativos, atuantes como produtores e consumidores de informação.

Assim, definidos o *enjeu* e o motivo que os vinculam a essa interação, o próximo passo é precisar a parcela de participação de cada comentador. Essa análise é possível com a descrição das *ações participativas*.

A descrição das *ações participativas* permitiu precisar o que cada interagente busca de forma individual. Essa é uma ferramenta significativa na descrição do contexto porque permite definir o que cada interagente faz individualmente, mesmo estando engajado em uma interação particular da qual falaríamos de forma genérica que os participantes estão “comentando”. Ao precisar informações em relação à participação de cada comentador, esse instrumento de análise nos permite dizer que, ao elaborarem o seu comentário, os comentadores estão criticando, explicando eventos do mundo, queixando-se de alguma coisa, acusando alguém de alguma coisa e, por extensão, promovendo ofensa contra o seu interlocutor. No caso do exemplo apresentado, essas são as ações participativas do comentador no comentário 169 que diferem das ações participativas do comentador do comentário 177, que realiza outras ações como responder, ofertar opções, dar ordens a seu interlocutor e, também, ofender porque essas ações (criticar, acusar, queixar-se publicamente, dar ordens, *etc*) são potencialmente ofensivas.

Além disso, o *quadro acional* permitiu ainda precisar a *posição acional* de cada comentador. Estudar a *posição acional* é investigar de que maneira cada uma das *ações participativas* realizadas pelos comentadores os implicam em termos de definição de uma identidade discursiva que eles buscam representar diante do outro. A esse respeito, Graham e Hardaker (2017) pontuam que ao estabelecer contato com alguém, seja *offline* ou *on-line*, uma parte do que os interagentes fazem é criar uma identidade. Por se tratar de uma interação realizada no meio digital, é possível falar em uma identidade discursiva virtual forjada na emergência das ações realizadas pelos comentadores.

As informações da *posição acional* permitiram descrever o *status* social dos participantes, os papéis praxeológicos que eles realizam, a face e os territórios que buscam defender. Em relação ao *status* social, os comentadores são participantes do meio digital e, por isso, é possível dizer deles apenas que são leitores/comentadores¹⁰⁷. Uma descrição mais precisa foi possível na representação dos *papéis praxeológicos* que os definem enquanto participantes ativos nesse meio. No caso em exemplo, o primeiro comentador pode ser identificado como alguém crítico, queixoso, acusador, ofensor, *etc*. Essa postura do primeiro comentador ajuda a configurar a reação e, por consequência, os papéis praxeológicos do segundo comentador.

¹⁰⁷ Em alguns casos, os comentadores explicitam em suas intervenções particulares, em função da imagem que querem representar, os seus *status* social do “mundo real”, por exemplo, eles se dizem militares, professores, advogados, *etc*.

Nesse sentido, ele reage ofertando opções para a queixa feita, dando ordens para a realização de ações que ele considera efetiva, explanando os motivos para fazê-lo e, por extensão, realizando atos impolidos, pois essas ações (ordenar, ofertar) restringem a ação do seu interlocutor e, por isso, podem ser interpretadas como violação de território.

Por fim, as informações do *quadro acional* nos permitiram ainda definir as faces em termos das imagens que cada participante busca representar diante do outro (GOFFMAN, 2014). No caso em exemplo, pode-se inferir uma tentativa do primeiro comentador em construir uma imagem de cidadão/eleitor preocupado com temáticas relevantes para toda a população como aposentaria, aumento de salário, *etc*, ao contrário de seu interlocutor que se representa como alguém vitorioso que foi capaz de vencer as dificuldades da vida, *etc*. Em termos de território, cada um deles busca defender e justificar os seus interesses particulares.

Em termos de estudo de impolidez, a articulação das informações do *quadro acional* nos permitiram precisar as ações que configuram os comentadores como impolidos e não apenas dizer que eles realizam um ato impolido, pois é a partir de suas ações que eles constituem as suas identidades no discurso como críticos, acusadores, ordenadores, *etc*. Todas as ações apuradas no estudo do *quadro acional* têm relevância para o estudo da forma de organização estratégica, pois são propriedades referenciais efetivas da interação que possibilitam analisar de que maneira são constituídas as relações de face, lugares e territórios, como serão apresentadas no capítulo 5.

Em resumo, o resultado do estudo feito a partir das informações do *quadro acional* permitiu verificar quem são os interagentes que efetivamente estão agindo na interação, de que maneira eles se constroem nas ações conjuntas que realizam e que imagens buscam negociar quando se manifestam publicamente por meio dos comentários.

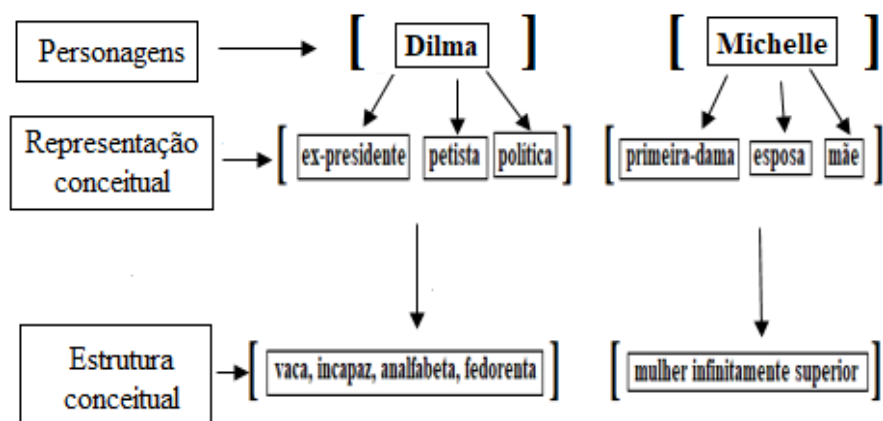
Na continuidade da investigação de informações de natureza contextual, além do *quadro acional*, recorreremos ao estudo dos conceitos que foram mobilizados pelos comentadores em suas intervenções. Para isso, foram utilizados os recursos da *estrutura conceitual*, outro componente do módulo referencial, que possibilitou investigar como os comentadores constroem uma entidade conceitual, visando a seus objetivos na interação. O tratamento das informações a partir da análise da *estrutura conceitual* será apresentado no próximo tópico.

4.3.3.2 A *estrutura conceitual*: considerações sobre os conceitos mobilizados nos comentários

Como já mencionado (3.3.1.2), paralela à descrição do *quadro acional*, o módulo

referencial específica ainda o componente conceitual das produções discursivas. Estamos considerando aqui, conforme propõe a metodologia modular, que o universo referencial do discurso deve levar em consideração tanto as ações realizadas pelos participantes de uma interação quanto os conceitos que são mobilizados nessas ações (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001). Para estudar essa propriedade dos discursos, recorreremos à *estrutura conceitual* que é um instrumento efetivo, fornecido pelo módulo referencial, que possibilitou analisar a atualização de conceitos que cada comentador realizou em sua intervenção. Para exemplificar como esse estudo foi realizado, apresentamos a seguir a representação conceitual elaborada a partir dos conceitos mobilizados no comentário 57. A estrutura conceitual¹⁰⁸ pode ser representada da seguinte forma:

Figura 9 – A estrutura conceitual do comentário 57



Fonte: Elaboração da autora.

A estrutura conceitual, conforme representada acima, permitiu, no quadro geral da análise, investigar a forma como os comentadores se referiam aos personagens e aos objetos do mundo representados em seus discursos. Nesse processo, foi possível investigar, por exemplo, as transformações ou a atualização de uma propriedade típica, demonstrada na representação conceitual, (ex-presidente, primeira-dama), informação socialmente partilhada, para uma configuração particular emergente (vaca, analfabeta, superior, etc), demonstrada na estrutura conceitual. Essas alterações atendem ao domínio específico da discussão política no meio digital, pois fazem referência aos sentidos resultantes da ação dos comentadores na atualização e nas interferências que eles realizam nesse domínio específico de atividade. No que se refere

¹⁰⁸ As informações extraídas a partir do estudo dessa estrutura conceitual estão articuladas nas análises apresentadas no capítulo 5.

ao estudo dos xingamentos, por exemplo, estratégia de impolidez recorrente nos comentários, a *estrutura conceitual* permitiu ainda descrever de forma precisa os investimentos feitos pelos comentadores na elaboração de formas não estabilizadas de insultos¹⁰⁹, ou seja, aquelas formas nas quais há um investimento criativo por parte dos comentadores em sua elaboração.

A seguir, apresentaremos os recursos da *estrutura hierárquica*, componente do módulo textual, que foram mobilizados para o tratamento do nosso *corpus*.

4.3.4 O estudo do módulo hierárquico: a hierarquia das informações

Como mencionado no item 3.4, o estudo do módulo hierárquico permite formular hipóteses sobre a constituição dos discursos e validá-las explicitamente por meio de uma estrutura, a *estrutura hierárquica*. O objetivo da elaboração de uma estrutura hierárquica é demonstrar de que maneira os interagentes elaboraram os seus discursos com vistas a atingir os seus objetivos particulares na interação, ou seja, ela explicita de que maneira os comentadores agenciaram a sua participação em um processo de negociação.

Nessa etapa do nosso estudo, os comentários foram individualmente segmentados em atos. Posteriormente, elaboramos a estrutura hierárquica dos 151 comentários identificados como impolidos¹¹⁰, conforme propõe a metodologia modular, buscando descrever o processo de hierarquização das informações constitutivas de cada um deles.

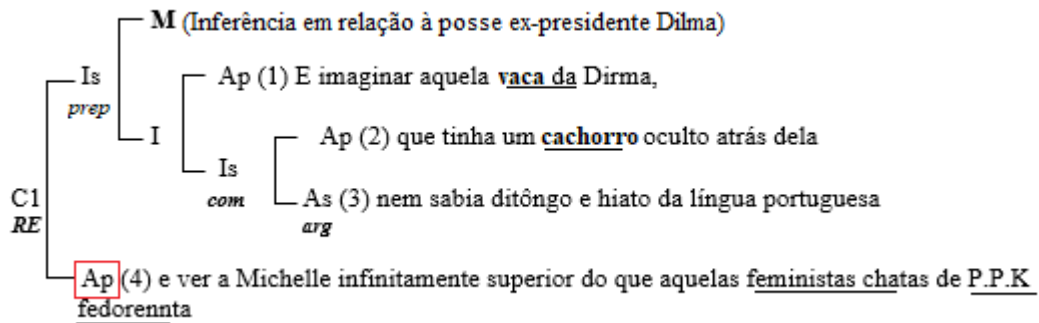
A partir desse tratamento dos dados, buscamos visualizar a posição de cada estratégia de impolidez em relação às demais informações da intervenção. O objetivo era precisar a posição de cada estratégia de impolidez, verificando a sua ocorrência como informação principal ou subordinada. Essa definição propiciada pela estrutura hierárquica é, na nossa percepção, uma das relevantes contribuições do módulo hierárquico para o estudo da impolidez, pois ajuda a inferir a intenção do comentador na realização de um evento impolido. Em outros termos, se a estrutura hierárquica é um instrumento metodológico que ajuda a precisar as informações de um determinado discurso, segmentado em atos principais e subordinados, em termos de sua relevância em relação a outro constituinte, ela pode refletir as intenções do locutor na realização de sua intervenção. O recorte a seguir, elaborado a partir da estrutura hierárquica do comentário 57¹¹¹, reflete essa nossa observação.

¹⁰⁹ Um exemplo desses casos será apresentado no capítulo 5.

¹¹⁰ O arquivo que detalha essa etapa do estudo consta no anexo 3.

¹¹¹ A análise completa desse comentário será apresentada no capítulo 5.

Figura 10 – Estrutura hierárquico-relacional do comentário 57



Fonte: Elaboração da autora.

A disposição das informações na estrutura hierárquica permitiu visualizar a posição de cada informação umas em relação a outras e, com isso, foi possível inferir, na nossa interpretação, a intenção do comentador na realização de sua intervenção. No caso em exemplo, apesar de empregar uma série de estratégias de impolidez, a estrutura hierárquica permitiu visualizar, a partir da relação entre os seus constituintes da estrutura, que o objetivo principal do comentador é enaltecer a figura de Michele Bolsonaro, porque essa é a informação que a estrutura hierárquica aponta como principal de toda intervenção. Nesse sentido, é possível considerar que as estratégias de impolidez para além dos efeitos de ataque que promove contra uma determinada figura, podem estar a serviço de outras intenções dos comentadores o que pode ser explicitado a partir dos recursos fornecidos pela estrutura hierárquica.

Após extrair as informações de natureza hierárquica de todos os comentários, passamos para mais uma etapa da análise. Na etapa seguinte, acrescentamos às informações extraídas da estrutura hierárquica, as informações da forma de organização relacional. O tratamento dos dados a partir da forma de organização relacional será apresentado no próximo tópico.

4.3.5 A forma de organização relacional: o estudo das relações discursivas

Conforme propõe o modelo modular, na forma de organização relacional (cf. tópico 3.5) são estudadas as relações ilocucionárias (iniciativas/reativas) que se dão no nível da troca e as relações interativas genéricas (topicalização, reformulação, argumento, preparação, sucessão, comentário, clarificação) estabelecidas entre os constituintes da intervenção. Com o foco maior nas ações que cada comentador mobilizou na realização de sua intervenção particular, nessa etapa do estudo, descrevemos as relações interativas, visando a compreender as manobras

discursivas realizadas por cada comentador que possibilitaram inferir um tipo de investimento no sentido de estabelecer uma intervenção que atendesse de forma efetiva ao seu engajamento na interação, tanto do ponto de vista informativo quanto do ponto de vista das imagens e das representações que faz de si.

As categorias de análise consideradas para essa análise e as informações adicionais que ajudam a descrever uma relação discursiva estão representadas de forma sucinta no quadro abaixo, elaborado a partir de Roulet; Filliettaz; Grobet (2001, p. 172).

Quadro 16 – Sistematização das relações discursivas e suas respectivas marcas

Argumento: porque, como, já que, uma vez que, dado que, aliás, além de, ademais, ainda por cima, por outro lado, de resto, se, então, assim, por consequência, de modo que, deste modo, <i>etc</i>
Contra-argumento: embora, porém, mesmo que, mas, ainda, no entanto, contudo, entretanto, não obstante, apesar disso, ainda que, mesmo assim, da mesma forma, somente, apenas.
Reformulação: na verdade, de fato, basicamente, com efeito, em efeito, realmente, na realidade, no fundo, em todo caso, em todo caso, seja como for, de qualquer jeito, de qualquer forma, de todo modo, ou seja, enfim, finalmente, decididamente, afinal, afinal de contas, em suma, ao todo, no total, <i>etc.</i>
Topicalização: geralmente marcado por “quanto à, no que concerne, em relação à, ou deslocamentos à esquerda.
Sucessão: que cobre para nós apenas as relações consecutivas entre os eventos de uma narração, marcado com: então, depois, desde, em seguida, quando, após, <i>etc.</i> Marca as relações de tempo: sucessão, concomitância, anterioridade, posterioridade, <i>etc.</i>
Preparação: sem marca específica, o componente subordinado precede o principal.
Comentário: sem marca específica, o componente subordinado aparece depois do principal.
Clarificação: a troca subordinada aberta por uma pergunta segue o constituinte principal (troca subordinada de clarificação).

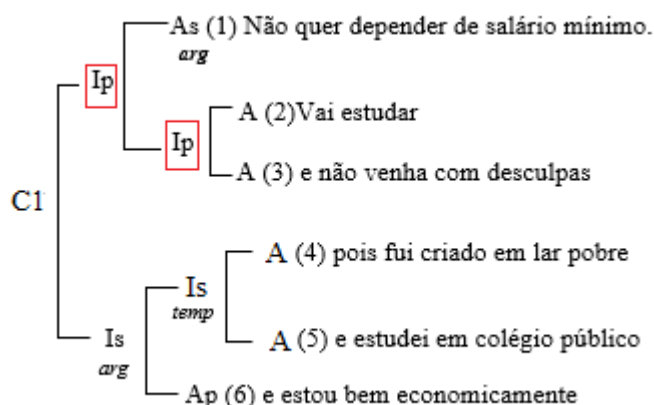
Fonte: Elaboração da autora com base em Roulet; Filliettaz; Grobet, 2001, p. 172.

Nessa etapa da análise, as informações da forma de organização relacional foram integradas as informações extraídas do estudo da estrutura hierárquica, por isso, a partir dessa etapa da metodologia passamos a descrevê-la como estrutura hierárquico-relacional. Assim, a partir da articulação de informações do módulo hierárquico e da forma de organização relacional, nessa etapa, analisamos os comentários, identificando as relações discursivas interativas genéricas (argumento, contra-argumento, preparação, comentário, *etc*) que foram mobilizadas pelos interactantes ao produzirem os seus comentários. A importância dessa descrição para o nosso estudo é verificar de que maneira os comentadores buscam se apropriar dessas relações discursivas a fim de elaborar uma intervenção que seja considerada completa e, portanto, aceitável para ser negociada na interação.

A estrutura hierárquico-relacional, resultante dessa etapa do estudo, permitiu visualizar os comentários a partir da articulação das informações em termos de sua relevância

(subordinada/principal) e as relações discursivas (argumento, tempo, *etc*) estabelecidas entre essas informações, como demonstrado no exemplo abaixo, recorte do comentário 177.

Figura 11 – A estrutura hierárquico-relacional do comentário 177



Fonte: Elaboração da autora.

A explicitação dessas informações, a partir do estudo das relações discursivas, nos permitiu inferir algumas questões em relação ao nosso *corpus*. Por exemplo, a alta ocorrência de relações discursivas de argumento dá indícios de que por se constituírem como um gênero voltado para a expressão de ideias e opiniões, os comentaristas buscam, na expressão de suas ideias e opiniões, indicar os motivos e as razões que os fazem tomar determinadas posturas, ou seja, justificar as suas ações no sentido de tornar o seu comportamento compreensível, demonstrando que não é desorientado e que dispõe de toda lucidez (GOFFMAN, 1971) para a efetivação de seu ato. Outro ponto a esse respeito, refere-se às relações discursivas de preparação que indicia que os comentaristas estão preocupados em atenuar ou potencializar os efeitos de sua intervenção. Assim, o estudo da forma de organização relacional nos permitiu levantar informações relevantes para análise da impolidez porque ajudou a descrever as situações específicas de cada comentário e os investimentos feitos por cada comentarista na elaboração de sua intervenção.

A seguir, apresentamos o estudo da forma de organização enunciativa e polifônica que constitui mais uma etapa do percurso proposto para a análise do nosso *corpus*.

4.3.6 O estudo das formas de organização enunciativa e polifônica

No estudo da forma de organização enunciativa (cf. tópico 3.6), a nossa principal preocupação esteve voltada para a identificação dos segmentos de discursos produzidos e representados. Nessa etapa da análise, o objetivo foi identificar as diferentes vozes que se fazem ouvir em um cada comentário. Essas vozes podem refletir o discurso do próprio comentador (autofônico), de seu interlocutor direto (diafônico) ou de um ente externo à interação (polifônico). Dessa forma, buscamos identificar em cada um dos comentários identificados como impolidos, a presença de outras vozes que por algum motivo foram incorporadas ao discurso dos comentadores¹¹². As categorias utilizadas para esse estudo foram demonstradas no quadro 8. A seguir, apresentamos uma sistematização mais detalhada, apresentando as categorias utilizadas no estudo da forma de organização enunciativa, que complementam as informações já levantadas no referido quadro.

Quadro 17 – Sistematização das categorias de análise da forma de organização enunciativa

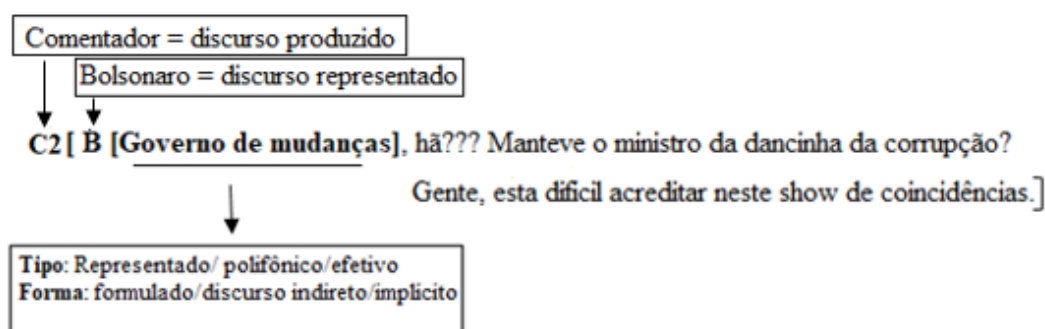
Estudo do discurso representado	
Efetivo: discurso já realizado	Potencial: passível de realizar
Tipos de discurso representado	
Autofônico	locutor retoma seu próprio discurso.
Diafônico	locutor retoma o discurso de seu interlocutor imediato. local: referência a um discurso imediato do interlocutor. à distância: retomada de um discurso mais distante feito pelo interlocutor.
Polifônico	locutor retoma o discurso de um interlocutor que não está no mesmo nível do quadro interacional que ele.
Formas do discurso representado	
Designado	por um verbo (suplicar, protestar, apontar, atestar) ou por um sintagma nominal (a súplica, o protesto).
Formulado	por discurso direto : introduzido por verbo de fala (dizer, argumentar) ou por sinais de pontuação (dois pontos, ponto e vírgula, aspas, hífen, <i>etc</i>). Explícito: é explicitado por alguma marca (verbo ou sinal de pontuação) que tem como função sinalizar a fronteira entre as duas enunciações. Implícito: realizado por meio do discurso direto livre. Ausência de marcas.
	por discurso indireto : Explícito: se torna explícito ao ser integrado sintaticamente como objeto direto e ou indireto de um verbo de fala. Implícito: presença do discurso indireto livre.
Implícitado	Encabeçado/implícitado por um conector.

¹¹² O resultado do estudo desenvolvido nessa etapa consta no anexo 4.

Fonte: Elaboração da autora com base em Roulet; Filliettaz; Grobet, 2001.

A título de exemplificação, a descrição elaborada nessa etapa precisou as informações da seguinte forma:

Figura 12 – Descrição da análise enunciativa



Fonte: Elaboração da autora.

Como se pode observar, a descrição realizada permitiu identificar não só a origem da voz representada, no caso exemplificado, a voz do presidente Bolsonaro, que se faz ouvir na voz do comentador, mas também a forma utilizada pelo comentador para se apropriar dessa voz, por exemplo, o comentador formulou o discurso de Bolsonaro com o emprego de discurso indireto. Essas informações apontam que ao elaborar os seus discursos, os comentadores realizam escolhas que refletem a sua posição em relação a seus interlocutores e também em relação aos discursos já proferidos. Assim, é necessário questionar essas escolhas a fim de evidenciar o porquê e para que esses discursos foram retomados (CUNHA, 2020) e atualizados em uma nova intervenção.

Esses questionamentos são realizados na segunda etapa do estudo da polifonia que, no nosso estudo, foi apresentada na análise geral dos comentários, conforme apresentado no capítulo 5.

A seguir, apresentamos a última etapa do nosso percurso de análise com o estudo da forma de organização estratégica.

4.3.7 O estudo da forma de organização estratégica

O estudo da forma de organização estratégica é o mais representativo para a análise

desenvolvida nesta pesquisa e complementa o percurso de análise aqui proposto. Trata-se de uma etapa do estudo que considera o resultado de todas as etapas especificadas anteriormente, articulando informações de módulos e formas de organização e, por isso, é considerada uma forma de organização complexa e também mais resistente a uma descrição sistemática (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001). A descrição sistemática a que se referem os autores de Genebra diz respeito ao fato de que, ao contrário de outras formas de organização, a forma de organização estratégica não apresenta categorias próprias para a descrição dos dados a serem tratados. A sua relevância metodológica reside, portanto, na possibilidade de abarcar o resultado das etapas de estudo desenvolvidas anteriormente, visando especificamente a identificar de que maneira essas informações podem ser articuladas pelos interagentes para fazer a gestão de faces. É essa particularidade da forma de organização estratégica que se mostra relevante para o estudo desenvolvido nesta pesquisa, pois responde de forma pontual ao nosso interesse de investigar a impolidez linguística, modalidade diretamente implicada na gestão de faces. Assim, consideramos a sua potencialidade no sentido de articular as informações extraídas nas etapas anteriores (referenciais, interacionais, enunciativas, relacionais, *etc*) que, na nossa concepção, possibilitam investigar a forma como os interlocutores estabelecem as suas relações no meio digital, isto é, as manobras que realizam discursivamente e as representações que projetam de si e dos outros (GOFFMAN, 2014) com o intuito de gerenciar faces, lugares e territórios.

Alinhados ao objetivo de pesquisa que consiste em aproximar o Modelo de Análise Modular do Discurso e a abordagem de impolidez proposta por Culpeper (1996, 2005, 2011), a fim de configurar uma proposta mais abrangente para o estudo da impolidez, nessa etapa final do estudo, as estratégias de impolidez foram acionadas no sentido não só de classificar os atos como impolidos ou não, mas submetidas ou relacionadas às demais informações (interacional, referencial, enunciativa, *etc*) extraídas a partir dos recursos descritivos da metodologia modular. Assim, propusemos, a partir das estratégias de impolidez, analisar quais recursos ou constituintes do discurso materializam essas estratégias, de que maneira essas estratégias são articuladas em relação a outras informações da intervenção, quais as funções que exercem na constituição dos discursos e, conseqüentemente, a sua implicação para a gestão de faces, lugares e territórios. Além disso, nessa última etapa da análise, foram observadas as representações conceituais elaboradas pelos comentadores e os esforços despendidos por eles com vistas a garantir imagens positivas de si ao mesmo tempo em que lançavam mão de estratégias de impolidez (CULPEPER, 1996, 2005, 2016) que reforçavam o dissenso e a polarização.

Finalmente, apresentado o percurso de análise constituído a partir da abordagem modular, acreditamos ter detalhado os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento da investigação da impolidez nos comentários. Ressaltamos que os módulos e as formas de organização aqui mobilizados dizem respeito a uma escolha da pesquisadora e fazem referência às informações consideradas significativas para o estudo da impolidez nos comentários, ou seja, trata-se de um recorte metodológico adotado em função das particularidades do nosso *corpus* e do nosso objetivo de pesquisa.

No próximo capítulo, apresentaremos os resultados das análises realizadas a partir desse percurso, demonstrando como os módulos e as formas de organização descritos na metodologia contribuíram, na nossa concepção, para uma investigação mais sistemática da impolidez nos comentários.

5. ANÁLISE

Neste capítulo, apresentaremos em etapas a análise de sete comentários, elencados como significativos para representar o estudo empreendido nesta pesquisa. Nesse sentido, destaca-se que todos os comentários que constituem o nosso *corpus* foram igualmente analisados e submetidos a todas as etapas do percurso metodológico proposto. No entanto, por motivos de espaço e a fim de evitar um possível efeito de repetição na exposição da análise, priorizamos uma apresentação mais sucinta, considerando que essa análise permite revelar as informações mais recorrentes e relevantes que identificamos no estudo do *corpus* completo.

Como descrito na metodologia (4.2), cada etapa da análise faz referência a um plano da organização discursiva que elencamos como substancial para descrever a forma como os comentadores elaboraram as suas intervenções visando à promoção da impolidez. Essas informações serão combinadas a cada etapa do percurso até serem agrupadas e complexificadas na forma de organização estratégica, etapa final de nossa análise. Como já mencionado no tópico 4.3.7, a forma de organização estratégica é a mais relevante para a análise do nosso *corpus*, pois é a partir dela que se organizam as informações das diferentes dimensões e das formas de organização. Dessa articulação, é possível compreender o impacto e a função de cada uma delas na maneira como os interlocutores gerenciam as relações de faces, lugares e territórios quando elaboram os seus comentários.

Como mencionado no capítulo 4, os estudos elaborados com base na abordagem modular do discurso propiciam ao pesquisador a elaboração de um percurso de análise exclusivo e preciso em função das características do *corpus*, dos interesses e dos objetivos de pesquisa empreendidos. Nesse sentido, a explanação analítica aqui apresentada enfocará preferencialmente as dimensões hierárquica, referencial (quadro acional/estrutura conceitual) e interacional (quadro interacional), às quais serão acrescentadas informações das formas de organização (relacional, enunciativa e polifônica) para, finalmente, chegar à forma de organização estratégica. A depender da particularidade de cada comentário, poderão ser mobilizadas também informações suplementares de outras dimensões e/ou formas de organização visando a uma descrição mais exata de cada comentário em questão.

Cada comentário é identificado neste capítulo pela numeração que recebe no quadro geral de apresentação do *corpus* (Anexo 2) e será analisado de forma individual a fim de explicitar com maior clareza a ação individual de cada comentador na elaboração de sua intervenção particular. Além disso, com base nas informações metodológicas, todos os comentários serão segmentados em atos, conforme postulado pela metodologia modular.

A intenção ao adotar essa forma de explanação da análise, para além da identificação da estratégia de impolidez, tal como na abordagem de Culpeper (1996; 2005; 2011), é descrever a relação dessas estratégias na constituição geral da intervenção, quais recursos cada comentador mobilizou na sua intervenção, de que maneira agenciou a sua participação na interação, etc. Com os comentários selecionados para a explanação, busca-se espelhar, a partir de um conjunto mais restrito de dados, a forma global de participação de todos os comentadores.

Para a análise do primeiro comentário selecionado, serão mobilizadas informações da dimensão interacional (enquadre interacional), da dimensão referencial (quadro acional/estrutura conceitual), hierárquica, relacional e enunciativa. Essas dimensões e formas de organização foram selecionadas porque respondem às ações realizadas pelo comentador, contribuindo para uma descrição pontual do comentário em análise.

5.1 Análise do comentário 56: as estratégias de nomeação depreciativa/xingamento

O comentário 56, que será apresentado a seguir, representa no nosso *corpus* a maneira como os comentadores investem na elaboração de nomeações depreciativas não só com a finalidade de demonstrar o seu despreço pelo outro, mas também como recurso linguístico de reforço para a defesa de determinada ideia. Isso porque, ao promover transformações significativas na representação que fazem daqueles a quem pretendem ofender, os comentadores não só potencializam os agravos, mas também os tornam mais permeáveis às marcas que lhes pretendem imprimir, alcançando, por extensão, o objetivo pretendido com o seu comentário. Para descrever esse processo e como ele se relaciona com as demais informações empreendidas pelo comentador na elaboração de sua intervenção, selecionamos o comentário 56, considerando-o como exemplar significativo para esse fim.

Comentário 56

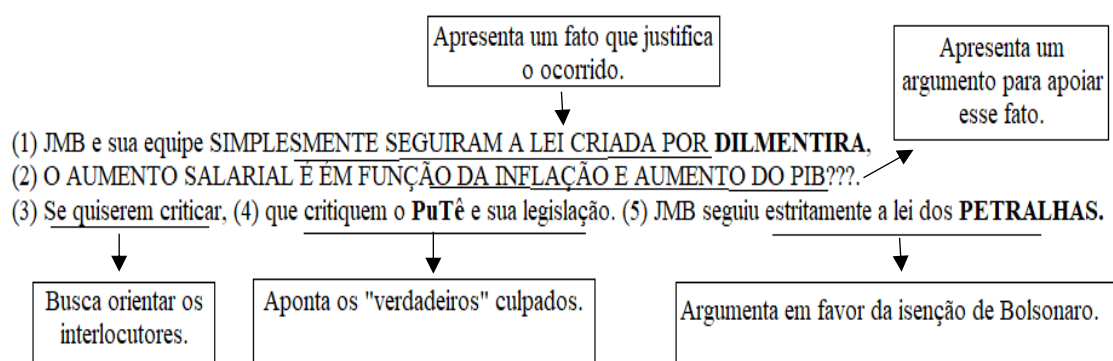
(1) JMB e sua equipe SIMPLEMENTE SEGUIRAM A LEI CRIADA POR DILMENTIRA. (2) O AUMENTO SALARIAL É EM FUNÇÃO DA INFLAÇÃO E AUMENTO DO PIB???. (3) Se quiserem criticar, (4) que critiquem o PuTê e sua legislação. (5) JMB seguiu estritamente a lei dos PETRALHAS.

Esse comentário é uma reação contra um internauta que criticou Bolsonaro pela concessão de um reajuste muito baixo para o salário mínimo¹¹³. Não satisfeito com a crítica

¹¹³ Comentário 46: “Primeiro decreto salário mínimo 1006 para 998 isso responde os questionamentos aqui descritos. ser a . Que ele respeita os pobres?”.

apresentada, o comentador (56) reage se posicionando contrário a essa crítica. Para isso, sai em defesa de Bolsonaro, buscando responsabilizar a ex-presidente Dilma, seu partido, o PT, e demais integrantes do partido pelo inexpressivo reajuste. Motivado por esse interesse, o comentador utiliza três nomeações depreciativas (Dilmentira, Putê, petralhas) bastante ofensivas com as quais procura agregar informações desfavoráveis em relação àqueles a quem pretende imputar a culpa. Nesse processo, a ação do comentador pode ser resumida da seguinte forma.

Figura 13 – Descrição da ação do comentador no comentário 56



Fonte: Elaboração da autora.

Ao analisar o comentário acima, verifica-se que as nomeações depreciativas se realizam em função do projeto comunicativo maior do comentador que é culpar o PT pelo irrisório reajuste do salário mínimo e “absolver” Bolsonaro da responsabilidade em relação a esse fato. Para isso, em (1) *JMB e sua equipe SIMPLEMENTE SEGUIRAM A LEI CRIADA POR DILMENTIRA*, o comentador apresenta o seu ponto de vista, segundo o qual Bolsonaro não é o culpado pelo aumento irrisório do salário mínimo, pois “simplesmente seguiu a lei”, mas sim uma “vítima” das leis ineficientes criadas pela ex-presidente Dilma e sua equipe. Para acentuar a “culpabilidade” de Dilma, o comentador recorre ao termo DILMENTIRA, que reativa a crença negativa¹¹⁴ de que a ex-presidente é mentirosa, falaciosa e, por extensão, incompetente.

Em (2) *O AUMENTO SALARIAL É EM FUNÇÃO DA INFLAÇÃO E AUMENTO DO PIB???*¹¹⁵, o comentador justifica o seu ponto de vista apresentado em (1) e, para isso, recorre

¹¹⁴ Essa crença negativa pode estar relacionada ao fato de a ex-presidente ser acusada de não cumprir promessas de campanha, quando supostamente prometeu reajuste do salário mínimo acima da inflação, o que não se concretizou.

¹¹⁵ No MAM, o estudo da pontuação no discurso é realizado com os recursos da forma de organização periódica. Em função dos objetivos da nossa pesquisa e dos recortes empreendidos para alcançá-los, não é objeto de nosso

à suposta lei criada por Dilma, explicitando parte de seu suposto conteúdo. Na sequência, em (3) *Se quiserem criticar*, o comentarador invoca os supostos críticos/opositores de Bolsonaro cujas avaliações o indicavam como principal responsável pelo reajuste inexpressivo, buscando orientar as suas ações para que mudem de ideia, ou seja, com esse trecho, o comentarador orienta esses interlocutores no sentido de assumirem o que, segundo ele, é a ação correta, ou seja, culpar o PT pelo reajuste do salário mínimo, informação constante em (4) *que critiquem o PuTê e sua legislação*. Por fim, apresenta em (5) *JMB seguiu estritamente a lei dos PETRALHAS*, um “novo” argumento, justificando a sua ação de culpar o PT, partido da ex-presidente, e de “inocentar” Bolsonaro.

Como proposto anteriormente, consideramos que as ações realizadas nesse comentário podem ser melhor descritas e compreendidas com os recursos fornecidos pelo modelo modular. Para essa descrição, utilizaremos pontualmente para o comentário 56 a dimensão referencial (estrutura conceitual), para precisar a descrição das nomeações depreciativas, a forma de organização enunciativa, para analisar a ação do comentarador na invocação de outras vozes no seu discurso, a dimensão hierárquica e a forma de organização relacional (estrutura hierárquico-relacional) para precisar de que maneira as informações são organizadas e relacionadas no discurso, visando a atender ao propósito comunicativo do enunciador. A seguir apresentaremos cada uma dessas etapas, começando com a descrição da estrutura conceitual para analisar as nomeações depreciativas.

5.1.1 O emprego de nomes depreciativos/xingamentos: a representação conceitual

Os nomes depreciativos e os xingamentos são modalidades habituais de insulto nos comentários da internet (CUNHA, 2012, BALLOCO; SHEPHERD, 2017, CHARAUDEAU, 2019). Em todo o nosso *corpus*, essa foi uma ação bastante recorrente o que pode indiciar uma aposta dos comentaradores na efetividade do agravo que essa estratégia pode promover. Como menciona Cunha (2013, p. 245), os xingamentos são nomeações axiologicamente negativas que infringem todas as regras de civilidade, ou seja, quando recorrem a essa modalidade, os comentaradores materializam a sua intenção deliberada de promover agravo contra a face do outro. Em outros termos, isso implica dizer que o xingamento ou a nomeação depreciativa é

interesse fazer um estudo sistemático da pontuação dos comentários. De modo informal, observa-se que o conteúdo proposicional de determinados comentários não corresponde à pontuação utilizada pelo comentarador, o que pode sugerir uma despreocupação dos comentaradores com essa questão especificamente, como neste ato, em que, segundo a nossa interpretação, o sinal de interrogação foi utilizado equivocadamente no lugar do ponto de exclamação. No entanto, consideramos ser necessário um estudo sistemático para explicar esses eventos.

uma modalidade de impolidez direta com a qual o comentador não deixa dúvida em relação à sua intenção de promover algum tipo de dano à face do outro.

No nosso *corpus*, as nomeações depreciativas tiveram maior destaque que os xingamentos¹¹⁶ propriamente ditos como louco¹¹⁷, idiota¹¹⁸, hipócrita¹¹⁹. Estamos considerando como nomeações depreciativas os termos elaborados pelos comentadores que surgem na emergência da interação para fazer referência a outras pessoas do discurso nos quais se percebe um certo investimento criativo do comentador em sua elaboração no sentido de maximizar a impolidez promovida por meio deles. São exemplos dessa modalidade no nosso *corpus* os seguintes casos: as petralhadas¹²⁰ (PT + metralhas (referência aos personagens contraventores da Disney)), vampiro ou vampirão¹²¹ (invocação da imagem do personagem conde Drácula para se referir ao ex-presidente Temer), Luladrão¹²² (Lula + ladrão), EstocadoraDeVentoTerroristaWorkAlcoolic¹²³ (referência ao discurso da Dilma na conferência da ONU em 2015 + suposta ação na época da ditadura militar + inferência à sua ligação com o ex-presidente Lula e ao fato de ele ser supostamente apreciador de cachaça), DIL-MACHORA POR TRAFICANTE (referência ao episódio em que a ex-presidente Dilma apelou ao governo da Indonésia em favor da vida de Marco Archer, brasileiro preso e acusado na Indonésia por tráfico internacional de drogas).

Como se pode observar, essas construções depreciativas são elaboradas a partir de informações de natureza referencial, relacionando em um mesmo termo, por exemplo, siglas de partidos políticos, aspecto físico de personagens, supostos deslizes ou equívocos cometidos (*faux pas*), supostas ações criminosas ou contraventoras cometidas pelos mencionados, *etc.* Dessa forma, consideramos que essas nomeações podem ter um impacto significativo na construção da impolidez porque conjugam em um mesmo termo informações cuja combinação potencializa a ofensa e, conseqüentemente, o impacto dessa ação contra a imagem dessas pessoas.

Para entender melhor a construção dessas nomeações, recorreremos às informações da dimensão referencial, sobretudo, da *estrutura conceitual*, mecanismo que permite visualizar as escolhas feitas pelos interagentes para nomear os seres e objetos do mundo. Como mencionado

¹¹⁶ Não é nosso objetivo aqui elaborar uma distinção sistemática entre essas duas modalidades de insulto, mas somente apresentar como foram adotadas na descrição do nosso *corpus*.

¹¹⁷ Comentário 7.

¹¹⁸ Comentário 47.

¹¹⁹ Comentários 74; 199.

¹²⁰ Comentários 7; 35; 116.

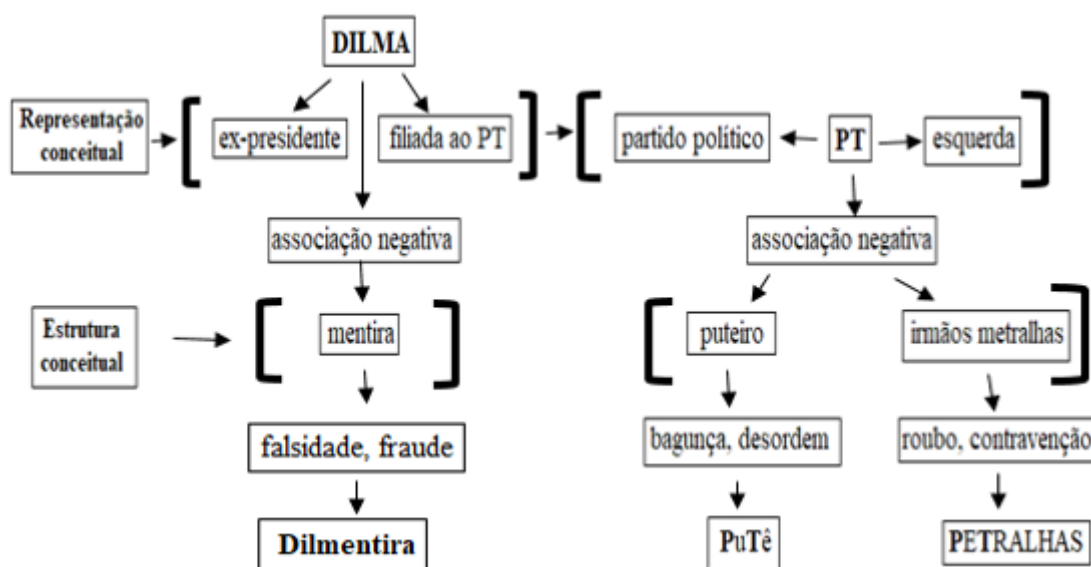
¹²¹ Comentários 9; 18; 19.

¹²² Comentário 53.

¹²³ Comentário 144.

no tópico 4.3.3.2, em cada situação de comunicação os interlocutores atualizam conjuntamente não só as ações que a configuram, mas também os conceitos que são negociados (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001). No caso do comentário 56 em análise, cujo objetivo é invocar uma suposta culpa de Dilma e de seu partido, observa-se que o comentarista atualiza os nomes DILMA e PT, invocando termos e informações que depõem em desfavor dessas figuras. Com isso, atinge não só as suas imagens públicas, mas os implicam em sua competência, honradez, seriedade, etc. O que essa ação indica é que as imagens assim “esfaceladas” publicamente se tornam mais frágeis e, por isso, mais permeáveis a outras ofensas e a culpa que se pretende imputar a elas. De forma sucinta, a representação conceitual e a estrutura conceitual que se operam nesse comentário podem ser apresentadas da seguinte forma.

Figura 14 – Estrutura conceitual no comentário 56



Fonte: Elaboração da autora.

Como se observa, as informações apresentadas na *representação conceitual* expressam propriedades da personagem Dilma referentes ao cargo que ocupou e à sua atuação política (ex-presidente, petista) e de seu partido, o PT (partido político, movimento de esquerda). No entanto, essas informações não refletem os conceitos que o comentarista intenciona associar a esses entes no seu discurso. Nesse sentido, o comentarista investe em um processo por meio do qual estabelece uma associação desses entes com aspectos considerados negativos socialmente (mentira, puteiro, bandidagem - os personagens irmão metralhas) cuja finalidade é criar um

quadro de referência que lhes seja desfavorável, pois são essas imagens “convertidas” que ele pretende apresentar e negociar na sua intervenção. Em outros termos, pode-se dizer que o comentarista atualiza esses entes, invocando informações depreciativas com as quais redimensionam a representação deles com o objetivo de torná-los mentirosos, fraudulentos, desorganizados, incompetentes, bandidos. Dessa forma, a personagem Dilma se transforma em DILMENTIRA¹²⁴, a figura fraudulenta que não merece nenhum crédito, pois diz uma coisa e faz outra, o seu partido, o PT, se transforma em grupo de incompetentes e os seus integrantes em organização criminosa. Essa ação do comentarista de recorrer às nomeações depreciativas cumpre duplamente a função de depreciar um determinado grupo ou pessoas, esfacelando as suas imagens públicas para que o seu ponto de vista se torne mais aderente e a sua tese mais justificável, uma vez que os representantes dos discursos opostos, em função dos valores negativos associados a eles, deixam de ser merecedores de crédito.

No resumo das considerações em relação às nomeações depreciativas, consideramos que o seu objetivo por parte dos comentaristas é potencializar o agravo que se realiza por meio deles, pois possibilitam conjugar em um mesmo termo inferências múltiplas sobre a conduta e a ação dos implicados por essas nomeações. Não se trata aqui apenas de atribuir uma consideração negativa em relação a um outro ente no discurso, mas de invocar traços negativos múltiplos relacionados à sua imagem, objetivando presentificar esses traços cujos sentidos aglutinam uma ofensividade muito maior.

A seguir, procederemos à apresentação da próxima etapa da análise, demonstrando a ação do comentarista na adoção de outras vozes na elaboração de seu comentário.

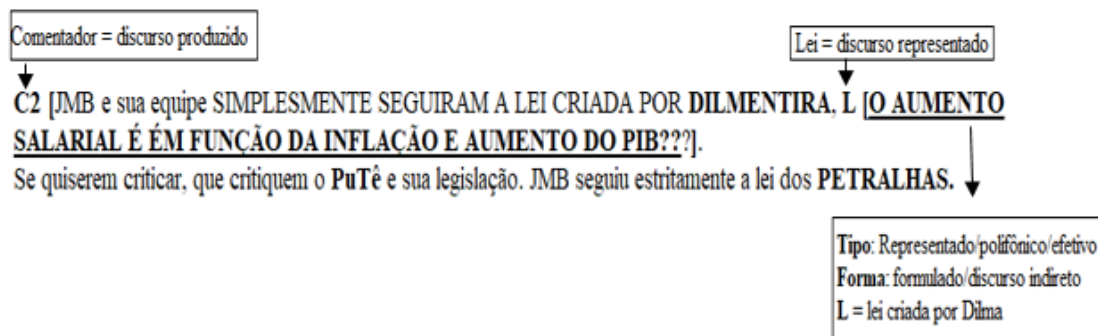
5.1.2 A apropriação de outras vozes: as informações enunciativas e polifônicas

Com base nas informações de natureza enunciativa, passamos agora para mais uma parte da nossa análise, a saber, o estudo da forma de organização enunciativa que, como mencionado no tópico 3.6, é a forma de organização que busca dar conta da relação entre os *discursos produzidos e representados* no discurso. Especificamente no caso aqui em análise, constitui-se como *discurso produzido* toda a intervenção elaborada pelo comentarista e como *discurso*

¹²⁴ Borowski (2020, p. 100-101) menciona que o tom agressivo em torno da ex-presidente já ocorria antes das eleições de 2014. No período eleitoral em 2018, segundo o autor, a ex-presidente se manteve competitiva na disputa, mas recebeu severas acusações por parte de seus adversários, inclusive em debates, que reiteradas vezes a chamavam de mentirosa.

representado o trecho da lei a que ele recorre para argumentar em favor do fato apresentado anteriormente em (1). Essa manobra discursiva pode ser representada da seguinte forma:

Figura 15 - Descrição da análise enunciativa do comentário 56



Fonte: Elaboração da autora.

Além dessas informações, a forma de organização enunciativa possibilita ainda classificar de que forma o trecho de discurso representado é materializado no discurso produzido. Assim, o trecho da lei reproduzido pelo comentador constitui-se como discurso polifônico efetivo. É *polifônico* porque se trata da reprodução do discurso de um enunciador que não compartilha o mesmo nível interacional que o comentador, como especificado no enquadre interacional (cf. tópico 4.3.2) e é *efetivo* porque, segundo o comentador que o reproduz, esse discurso foi efetivamente realizado. Quanto à forma que esse discurso é representado, trata-se de uma formulação feita por meio do discurso indireto na qual o comentador dispensa a menção a artigos e/ou parágrafos, por exemplo, para fazer uma apropriação mais livre em relação ao conteúdo da referida lei.

De forma geral, é possível afirmar que o comentador lança mão desse recurso, buscando apresentar um argumento que seja inquestionável, como o conteúdo de uma lei, por exemplo, para favorecer o seu ponto de vista, apresentado no ato (1). Por isso, no ato (2) *O AUMENTO SALARIAL É EM FUNÇÃO DA INFLAÇÃO E AUMENTO DO PIB*, ele faz refletir o suposto conteúdo da lei mencionada por ele no ato (1) cuja matéria, segundo ele, trata de critérios para o reajuste salarial, o que o ajuda a isentar a figura de Bolsonaro e a potencializar a culpa de Dilma e de seus correligionários.

Além disso, essa ação observada a partir da análise enunciativa pode representar ainda não só esse reforço argumentativo do comentador em relação ao conteúdo expresso no seu

ponto de vista apresentado no ato (1), mas também serve como “prova” de que a ex-presidente Dilma é, segundo ele, realmente mentirosa, fraudulenta (DILMENTIRA), pois deixou de cumprir promessas de campanha, criando leis que inviabilizaram reajustes efetivos ao salário mínimo (disse uma coisa e fez outra), o que impacta agora também as ações de Bolsonaro em relação a essa matéria. Com a invocação do trecho da lei, o comentador age duplamente: apresenta comprovação para o que foi dito no ato anterior “Bolsonaro não tem culpa” e valida a informação de que Dilma é mentirosa, falaciosa e, portanto, não digna de confiança. Essas informações servirão como argumentos centrais para o desenvolvimento da intervenção do comentador, como veremos a seguir na apresentação da estrutura hierárquico-relacional.

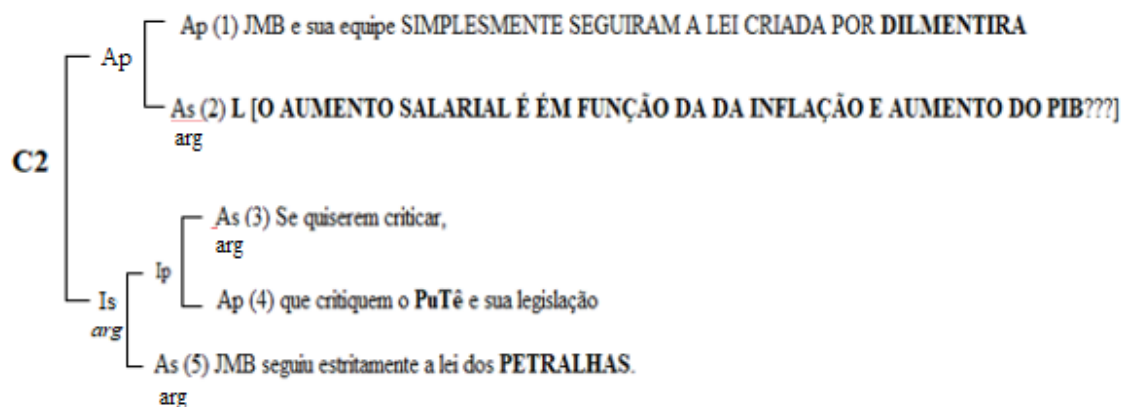
5.1.3 A acoplagem das informações hierárquica, relacional, referencial e enunciativa

No modelo modular, a estrutura hierárquica é a responsável por espelhar o processo de negociação, ou seja, de que maneira determina interação se desenvolveu. Esse processo, como mencionado no tópico 3.4, implica duas restrições distintas: a completude monológica e a completude dialógica que atuam no nível da intervenção e no nível da troca, respectivamente. Para a nossa análise, focalizamos a completude monológica para espelhar os movimentos realizados pelo comentador na elaboração de sua intervenção. Em outros termos, com a estrutura hierárquico-relacional¹²⁵ buscamos demonstrar de que maneira o comentador organizou a sua intervenção, quais informações elencou como as mais importantes, o que nos permite precisar o objetivo central de sua intervenção, de que maneira relacionou as informações de que era portador no sentido de se fazer legível na interação.

A estrutura hierárquico-relacional do comentário 56 pode ser representada da seguinte forma:

Figura 16 – Estrutura hierárquico-relacional do comentário 56

¹²⁵ A fim de otimizar a análise, estamos apresentando nessa etapa da análise as informações provenientes da dimensão hierárquica e da forma de organização relacional, conforme mencionado na metodologia nos tópicos 4.3.4 e 4.3.5, respectivamente. Como apresentado no capítulo 3, o MAM as admite de forma independentes, mas relacionáveis.



Fonte: Elaboração da autora.

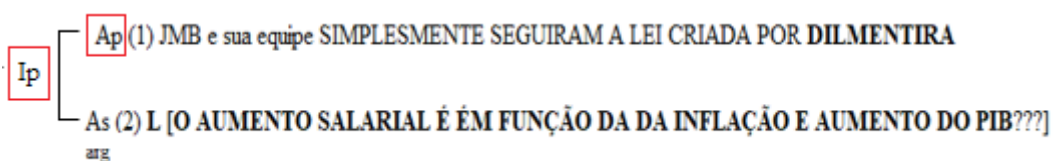
A estrutura hierárquico-relacional apresentada acima permite visualizar informações importantes no que se refere às relações entre os seus constituintes. Nessa estrutura, estão concentradas, além das informações relacionais, as informações já apresentadas anteriormente (informação conceitual, enunciativa) e, recapituladas aqui, para fornecer uma visão mais ampla da realização desse comentário.

No plano geral de sua organização, nota-se que o comentador elaborou o seu comentário a partir de duas intervenções: uma intervenção principal Ip (1-2), na qual apresenta as informações mais relevantes de seu comentário e uma intervenção subordinada Is (3-5), que mantém com a intervenção principal uma relação interativa de argumento.

A Ip (1-2) comporta dois atos. No Ap (1) *JMB e sua equipe SIMPLEMENTE SEGUIRAM A LEI CRIADA POR DILMENTIRA*, o comentador apresenta a informação que, segundo ele, justifica uma ação de Bolsonaro em relação ao reajuste do salário mínimo. Ele reforça essa informação com a nomeação depreciativa *DILMENTIRA*, considerando que, a nomeação depreciativa servirá para estabelecer a crença de que se uma pessoa falta com a verdade, as suas ações não devem ser tomadas como verdadeiras, eficientes ou efetivas, por exemplo. Na sequência, com o As (2) *O AUMENTO SALARIAL É EM FUNÇÃO DA DA INFLAÇÃO E AUMENTO DO PIB????*, o comentador apresenta o seu argumento, elaborado a partir da subordinação de uma outra voz a seu discurso, no caso um trecho da suposta lei criada pela Dilma, para dar sustentação às informações apresentadas por ele no Ap (1). Com isso, busca promover um efeito de “verdade” em função da evocação que trechos de leis, decretos e outros documentos oficiais podem promover no discurso. No resumo das informações articuladas na Ip (1-2), percebe-se que a intenção do comentador é apresentar elementos contundentes que na sua visão poderão ser justificados ou sustentados com as informações

constantes na Is (3-5), na qual reforça os seus ataques contra seus supostos oponentes. A inferência em relação a informação mais relevante da intervenção pode ser explicitada na estrutura hierárquica que permite precisar a informação mais significativa de determinado enunciado a partir da posição que essa informação ocupa na estrutura e pela relação que estabelece com as demais informações da intervenção, como se observa no recorte abaixo.

Figura 17 – Relevância das informações na estrutura hierárquico-relacional do comentário 56



Fonte: Elaboração da autora.

No caso em análise, o Ap (1) JMB e sua equipe SIMPLEMENTE SEGUIRAM A LEI CRIADA POR DILMENTIRA representa a informação mais relevante, pois como aponta a estrutura hierárquica, ele é o ato principal de uma intervenção principal. Com esse Ap (1), o comentador busca isentar JMB e sua equipe de qualquer culpa ao mesmo tempo em que imputa a culpa do baixo reajuste do salário à política e às leis criadas por Dilma. Nesse sentido, o comentador cumpre parte de sua intenção, a saber, “absolver” Bolsonaro das críticas destinadas a ele feitas por um outro comentador.

Além disso, a nomeação depreciativa PuTê utilizada pelo comentador na intervenção Is (3-4) contribui conclusivamente para promover a inferência de incompetentes que ele pretende relacionar aos personagens referidos no comentário. Em outros termos, o que o comentador pretende invocar são as supostas incompetência e desorganização nas ações do referido partido, o que segundo ele comprometeu um reajuste mais efetivo do salário mínimo. Dessa forma, a nomeação depreciativa ajuda a respaldar a informação constante no Ap (1) de que a Dilma é realmente a responsável pelo irrisório reajuste. Por fim, a Ip (3-4) estabelece com o As (5) uma relação interativa de argumento. Com o As (5), o comentador busca assegurar o teor argumentativo já apresentado na Ip (1-2), segundo o qual busca demonstrar a incompetência dos mencionados no comentário. E, mais uma vez, o comentador utiliza uma nomeação depreciativa, os PETRALHAS, invocando agora o roubo, a contravenção com o objetivo de enfatizar nesse argumento a suposta conduta delituosa dos militantes do referido partido que, assim como a Dilma, não são apenas incompetentes, mas também desonestos e bandidos.

Elencadas essas informações na estrutura hierárquica-relacional, é possível perceber uma tendência do comentador de relacionar todos os constituintes da intervenção por meio da relação interativa de argumento. Retomando as informações de Roulet (2003, p. 157), sabe-se que a categoria genérica de argumento abarca um conjunto amplo de relações específicas voltadas para marcar no discurso manobras de explicação, motivação, condição, etc. com as quais os interagentes buscam ganhar a adesão de seu interlocutor às informações que pretende defender. Essa parece ser a manobra empreendida no comentário 56.

Com a descrição dessas etapas, é possível agora reuni-las em favor de analisar o processo de figuração realizado pelo comentador. Em outros termos, buscaremos apresentar na próxima etapa o que o comentador faz em termos gestão de face, lugares e territórios.

5.1.4 A forma de organização estratégica: a gestão das faces

Como mencionado no tópico 4.1, a interação no meio digital impõe algumas restrições para os interlocutores. Uma delas faz referência ao fato de que na interação digital os interlocutores não podem recorrer a pistas não verbais da interação face a face o que os fazem depender exclusivamente da realização escritural¹²⁶ dos demais participantes para estabelecer, desenvolver e interpretar o contexto no qual a interação se devolve o que determina também a sua forma de ação e de reação (RECUERO, 2014; PAVEAU, 2021).

Assumir a posição de comentador é subordinar-se ao contato e à reação do outro uma vez que os comentários são modalidades de comunicação pública sujeita a todas implicações que esse tipo de exposição impõe (*recursividade, extensão*, etc). Estar diante de um grande público o qual não se pode mensurar previamente é um aspecto relevante que não pode ser desprezado, mesmo se tratando da comunicação digital que torna as faces menos evidentes em função do pseudoanonimato¹²⁷ que propicia. Essas implicações são diversas e vão desde uma reação mais enérgica de outros comentadores até os “linchamentos virtuais” a que são submetidas as figuras que por algum motivo são consideradas “desalinhadas” ao que se pretende delas na rede.

Reconhecendo que comentar na rede é se expor, é materializar em um universo virtual e dinâmico os pontos de vistas que poderão ser aceitos ou não, validados ou não, há uma

¹²⁶ Termo de Paveau (2021) que designa os espaços destinados à produção/inserção de conteúdo.

¹²⁷ Consideramos que se trata de um pseudoanonimato porque excluídas as situações de proteção de uma identidade “real”, os comentadores não estão inteiramente alheios às implicações do mundo “real”, por exemplo, a identificação de seu endereço IP e as punições legais em relação a casos de violação da lei.

aparente preocupação por parte do comentador em se fazer legível na interação, em realizar uma intervenção que expresse de forma efetiva as suas considerações em relação a determinado assunto, em representar um papel condizente com a interação em curso e, ao mesmo tempo, um interesse em executar o seu projeto comunicativo, ou seja, “estou aqui para fazer/dizer o que”. Essas questões nos levam a considerar que há um empreendimento para arquitetar os comentários da forma mais efetiva possível, o que por extensão implica uma certa atenção no que se refere às faces, seja para atingi-las ou para protegê-las.

Como mencionado anteriormente, na abordagem modular, a forma de organização estratégica estuda o modo como os interactantes, “numa dada interação, se valem da linguagem para coordenar as relações de face, lugares e territórios” (CUNHA, 2019, p. 300), ou seja, essa forma de organização busca evidenciar quais aspectos da organização do discurso podem ter impacto para a gestão de faces, lugares e territórios em uma determinada interação. No comentário 56 analisado, o foco será o dado às relações de face já que as questões relacionadas a lugares e a territórios são menos evidentes nessa intervenção.

Como já citado, nesse comentário o comentador executa o seu duplo projeto comunicativo: culpar a ex-presidente Dilma e seu partido pelo reajuste insignificante do salário mínimo e isentar Bolsonaro da culpa em relação a essa matéria. Ao se propor realizar essa ação no meio público, por meio de um comentário, o comentador está lidando com, no mínimo, quatro faces virtuais simultaneamente: as duas faces dos interlocutores diretos (a sua e a de outros comentadores) e as duas faces dos representados no seu discurso (Bolsonaro, Dilma), face virtuais emergentes da interação.

Nesse sentido, toda a sua intervenção é elaborada visando a esse objetivo específico: proteger a sua face, a de Bolsonaro, figura a que ele se propõe a defender no discurso, e em grau menor, a de seu interlocutor direto. Ação contrária é assumida em relação à Dilma e a seus representantes a quem o comentador pretende atacar deliberadamente. Essa ação de ataque será a primeira a ser descrita.

Sabe-se que o contexto político ou as discussões sobre política são propensos a esse tipo de realização, pois percebe-se claramente as intenções dos agentes no sentido de se mostrarem competentes, arrojados, vitoriosos, adequados (CUNHA, 2020) diante de uma ampla audiência. No entanto, quase sempre a busca por uma representação efetiva de si implica, nesse contexto, o esfacelamento da imagem do outro. É preciso mostrar eficiência nas próprias ações, mas também eficiência em dismantelar as ações do outro.

Nesse aspecto, observa-se no comentário 56 que, a fim de realizar o seu propósito enunciativo de culpar a Dilma, seu partido e correligionários, o comentador já realiza uma ação

bastante impolida, pois imputar culpa publicamente a alguém é duplamente ofensivo, pois incide sobre a sua competência em ter ou não realizado efetivamente alguma coisa (qualidade de face), o que é um ataque a sua face positiva, e também uma ofensa ao território dessa pessoa, pois ela passa a ser implicada em ações que provavelmente não quer expor publicamente (face negativa).

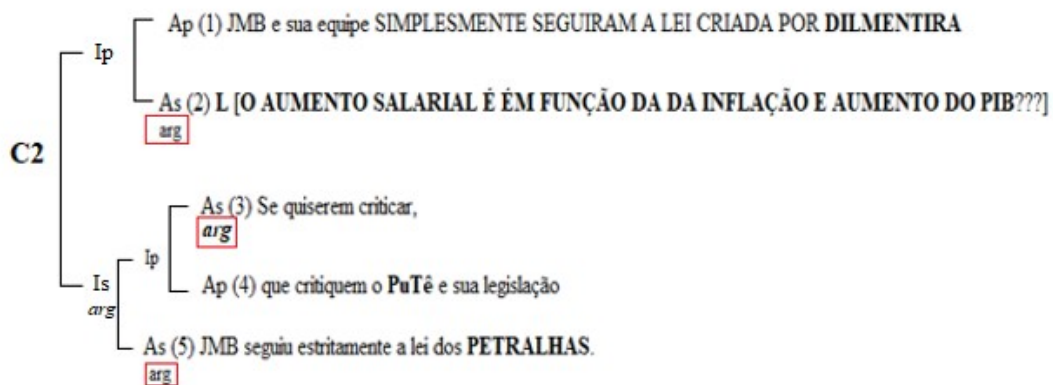
Além dessas implicações, o comentarador recorre ainda à estratégia de nomeação depreciativa. Trata-se de uma estratégia já bastante impolida, pois está inserida no quadro dos insultos deliberados (CULPEPER, 2011), cujos efeitos impolidos são difíceis de serem anulados. No entanto, observamos que a nomeação depreciativa, conforme demonstrado na estrutura conceitual (Figura 9), está inserida em um projeto maior do comentarador de dismantelar as faces dessas figuras com o objetivo de tornar a sua tese mais aderente, potente, representativa. Em outros termos, o que o comentarador pretende é colocar em xeque a competência, a eficiência e o caráter dessas figuras o que os torna mais permeáveis a culpa que ele lhes pretende imputar. Para isso, é preciso invocar traços socialmente negativos e associá-los a essas figuras, buscando potencializar a representação negativa que se faz delas. Dessa forma, para além de ser um “simples” xingamento, as nomeações depreciativas, como as aqui apresentadas a partir da estrutura conceitual, oferecem um quadro de informações que depõe em esteira contra a honra (bandido, fraudulento, mentiroso, incompetente) dessas figuras. Esse tipo de nomeação implica ainda um outro ângulo relevante que se refere à associação dessas figuras a aspectos considerados socialmente negativos. O que essas ações demonstram é que há um investimento em potencializar ataques contra essas figuras, pois no quadro do contexto político em que se prevalece o dissenso, essa é uma manobra potente no alcance de resultados contra possíveis adversários. Além disso, a nomeação depreciativa invoca ainda, no plano das relações interpessoais que, para além da atribuição de traços ou marcas que desqualificam o outro, o comentarador se apresenta também como aquele que tem o direito de desqualificar o outro, o que lhe confere um lugar mais alto, mais prestigiado e, por isso, validado para submeter o outro a uma posição inferior (bandido, incompetente, mentiroso).

Por outro lado, esse contexto invoca também a necessidade de proteção à própria face, pois comentar em rede é estar exposto às interferências alheias que podem ser positivas ou negativas. Goffman (2011) menciona o fato de que qualquer insulto é um ato agressivo que ameaça a face do destinatário, mas que pode igualmente se voltar contra aquele que o produz. Nesse sentido, observa-se que o comentarador busca a proteção de sua face por meio da invocação do discurso alheio, como apresentado no estudo da forma de organização enunciativa, tentando

demonstrar diante do outro uma imagem positiva relacionada à exatidão e a coerência de suas ações.

Considerando que a ação de atribuir culpa a alguém se constitui como ato potencialmente ofensivo, o que pode ter impacto reverso para a sua face, o comentador elabora a sua intervenção investindo ao longo de sua elaboração em argumentos para “justificar” as suas ações. É o que se pode concluir da observação feita a partir da estrutura hierárquico-relacional abaixo.

Figura 18 – As relações discursivas no comentário 56



Fonte: Elaboração da autora.

Por exemplo, na Ip (1-2), o comentador não só expõe o seu ponto de vista com o qual esclarece a ação de Bolsonaro “simplesmente seguiu a lei” (1), como também subordina a seu discurso um trecho da suposta lei elaborada por Dilma a fim de requerer veracidade para a sua informação (2). Ao recorrer ao trecho da lei, o comentador se afasta de seu próprio discurso, como forma de se proteger, e faz ouvir uma “voz” mais potente que a sua (a lei) no sentido de assegurar credibilidade para o seu discurso. Com isso, parece invocar para si a face positiva de quem preza pela “veracidade” e pela “exatidão” das informações ao mesmo tempo em que pode se proteger de possíveis ataques ao indicar a lei como a fonte da informação veiculada por ele. Além disso, toda a intervenção Ip (1-2) é apresentada e, posteriormente, sustentada por uma sequência de argumentos, como se observa com o As (2) e com a Is (3-5), o que pode ser avaliado como mais uma estratégia de proteção de face. A mesma ação também é observada no interior da Is (3-5) que centraliza uma informação potencialmente ofensiva. Nesse caso, o comentador se antecipa na apresentação de um argumento com o As (5) a fim de “justificar” o

agravo realizado na Ip (3-4). Nesse sentido, os argumentos apresentados não neutralizam o agravo, mas parece, torná-los “admissíveis” para a audiência.

Além disso, a relação de argumento é explorada ainda com função figurativa no As (3) *Se quiserem criticar*. Neste ato, o comentador simula “dialogar” com o seu interlocutor imediato e, reconhecendo que ser agressivo nesse nível interacional no qual há efetiva reciprocidade (quadro interacional) é estar exposto a um possível contra-ataque imediato, parece atenuar o seu discurso com o emprego de uma informação de natureza condicional “**se quiserem criticar**” (3). O que esse ato sugere é que o comentador parece ofertar uma possibilidade de ação a seu interlocutor, não se posicionando diante dele de forma impositiva, como na realização de uma ordem, por exemplo. Com isso, também protege a sua face de possíveis ataques. Na esteira dessas considerações, destaca-se ainda o As (5) *JMB seguiu estritamente a lei dos PETRALHAS*, que mantém igualmente com a Ip (3-4) uma relação interativa de argumento e no qual apresenta mais uma vez um motivo para o fato de ter atribuído a culpa ao PT e não a Bolsonaro que, segundo ele, “só seguiu estritamente a lei do PT”.

Por fim, e não menos importante, é o investimento linguístico realizado pelo comentador para concretizar a defesa da face de Bolsonaro. Essas ações podem ser observadas nos atos, Ap (1) *JMB e sua equipe **SIMPLESMENTE** SEGUIRAM A LEI CRIADA POR DILMENTIRA* e As (5) *JMB seguiu **estritamente** a lei dos PETRALHAS*. Nesse sentido, alinhado ao propósito comunicativo do comentador de proteger a face de Bolsonaro das críticas feitas a ele por outros comentadores, o comentador apresenta no Ap (1) a informação de que Bolsonaro “**simplesmente** seguiu a lei criada por Dilma” que imprime no discurso um efeito “reductor” de culpa. O mesmo acontece com o As (5) com o emprego da palavra “**estritamente**”, indicando também a exatidão de Bolsonaro no cumprimento da lei, o que segundo ele, o exime de qualquer culpa. Essas duas palavras não só ajudam a construir a “isenção” de Bolsonaro em relação ao reajuste do aumento do salário mínimo, como também o coloca como indivíduo severamente atento ao cumprimento das leis o que é muito positivo para a face de uma figura pública. No resumo dessas considerações, o comentador parece alcançar o seu objetivo de ataque/defesa que pretende na interação.

No conjunto da análise das manobras realizadas pelo comentador para fazer a gestão de faces, a descrição feita a partir dos recursos do modelo modular de análise permitiu identificar que três são de defesa, alcançadas por meios linguísticos, enunciativos e relacional, e duas são de ataque (imputar culpa, nomeação depreciativa). Isso implica dizer que um comentário que se configura como estritamente ofensivo por apresentar mais explicitamente estratégias consideradas impolidas, se submetido a uma análise mais detalhada pode revelar igualmente

um investimento do comentador no que refere à face do outro e, principalmente, em relação a sua própria face.

Em suma, o que a análise demonstra é que, mesmo quando o comentador é ofensivo, quando o seu objetivo principal é realizar uma ofensa contra o outro, há simultaneamente e igualmente um investimento em relação a sua própria face. Nesse sentido, acreditamos que os recursos mobilizados na análise se mostraram efetivos para explicitar a configuração da ação impolida realizada no comentário 56.

5.2 Análise do comentário 5: a estratégia de acusação/suspeita

Assim como o comentário 56, o comentário 5 apresentado aqui foi selecionado por ser representativo da realização de uma estratégia de impolidez, a saber, a realização de acusação/suspeita. Uma das hipóteses relacionadas a esse tipo de ocorrência é que os comentários como forma de manifestação pública parecem herdar as mesmas marcas do contexto ao qual se referem, o político, ou seja, há uma transposição da ação dos políticos para a ação dos comentadores, que se veem no contexto digital como seus “representantes”, como mostram Chen *et al.* (2019), realizando ações muito semelhantes como ofensas, acusações, colocar em suspeitas as ações e o caráter do outro, *etc.* Para analisar a forma de realização da acusação/suspeita, utilizaremos o comentário 5:

Comentário 5

- (1) Governo de mudanças, hã??? (2) Manteve o ministro da dancinha da corrupção.
 (3) Gente, (4) esta difícil acreditar neste show de coincidências.

Nesse comentário, o comentador reage diretamente a um trecho do discurso de Bolsonaro realizado no dia da posse, divulgado na notícia¹²⁸. Em outros termos, o comentador é “captado” pela informação contida no discurso do presidente que explicita uma suposta incoerência entre a fala de Bolsonaro (fazer um governo de mudança), e suas ações efetivas (nomear um ministro acusado de corrupção). É essa incoerência que o comentador busca revelar

¹²⁸ Trecho do discurso de Bolsonaro no parlatório: “Eu estou aqui para responder e, mais uma vez, me comprometer com esse desejo de mudança. [...] se trabalharmos juntos, essa mudança será possível. [...], vamos promover as transformações de que o país precisa”. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/01/a-posse-de-jair-bolsonaro-em-dez-etapas.ghtml>

para os demais interlocutores por meio da acusação que realiza em seu comentário e, para isso, recorre a vários recursos na tentativa de evidenciá-la. Nessa tentativa, o comentador realiza duas ações consideradas bastante impolidas: a acusação e a suspeita, como apresentadas abaixo.

Comentário 5

(1) Governo de mudanças, hã??? (2) Manteve o ministro da dancinha da corrupção? → acusação

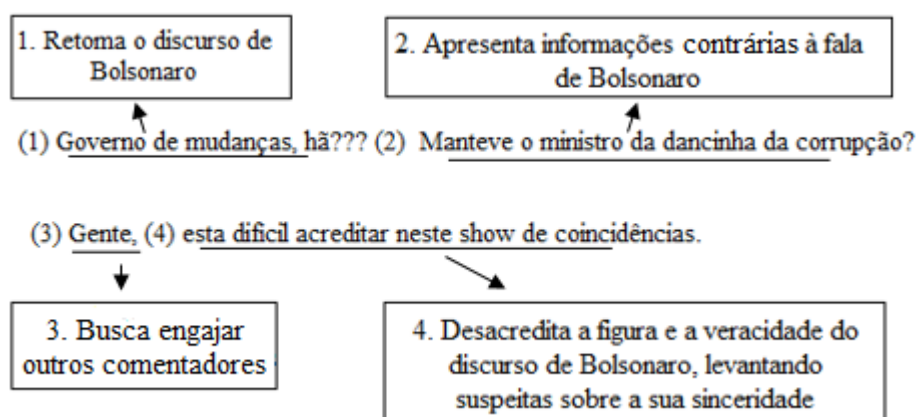
(3) Gente, (4) esta difícil acreditar neste show de coincidências. → suspeita

A fim de realizar o seu propósito comunicativo, a primeira ação do comentador é representar em seu discurso um trecho do discurso do presidente no qual ele se compromete com o desejo de mudança dos brasileiros, afirmando querer fazer as transformações de que o Brasil precisa. Ao representá-lo, o comentador questiona a “veracidade” dessa informação (1) *Governo de mudanças, hã???*. Por considerá-la inexata, o comentador a contradiz, apresentando uma outra pergunta cujo conteúdo evidencia essa contradição (2) *Manteve o ministro da dancinha da corrupção?* Essa informação materializa também a acusação que o comentador faz contra Bolsonaro, indicando que pessoas corruptas foram nomeadas para fazerem parte de seu governo. A evocação de uma suposta incoerência por parte de Bolsonaro coloca a sua face positiva sob suspeita.

Após empreender essa estratégia para revelar uma suposta contradição de Bolsonaro, argumentando em seu “desfavorecer”, o comentador parece buscar a adesão de outros interlocutores a seu discurso. É o que aponta a manobra estabelecida a partir do vocativo em (3) “*gente*”. É com essa ação que o comentador se volta tanto para o seu interlocutor direto quanto para um público virtual mais amplo, buscando engajá-los à sua tese de que Bolsonaro é incoerente e que, por isso, não é digno de confiança o que se configura como bastante ofensivo para uma figura pública.

O resultado da interpretação da ação do comentador na elaboração de seu comentário pode ser resumido da seguinte forma:

Figura 19 - Descrição da ação do comentador no comentário 5



Fonte: Elaboração da autora.

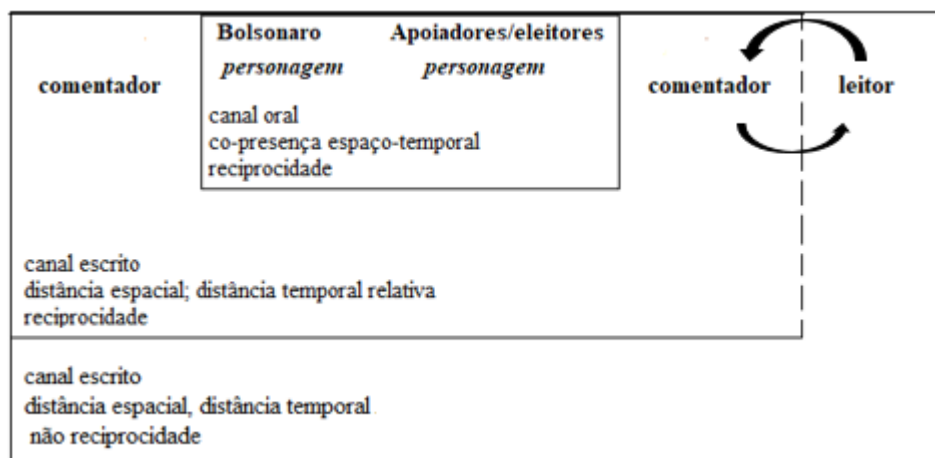
Esse esquema apresenta a nossa interpretação relativa à ação do comentador no comentário. A partir desse ponto, para descrevê-la e investigá-la serão mobilizadas as informações das dimensões interacional (enquadre interacional) e hierárquica, as formas de organização enunciativa, relacional e, por fim, a forma de organização estratégica. Procederemos a seguir a esse processo de decomposição (*découplage*), como apresentado na sequência com as informações da dimensão interacional.

5.2.1 O enquadre interacional: considerações sobre a materialidade da interação

Considerando que o comentário 5 apresenta uma configuração interacional relevante, que merece ser enfatizada, foram mobilizados os recursos do módulo interacional a fim de explicitar a sua configuração. Como mencionado no tópico 3.3.2, as informações provenientes desse módulo permitem descrever a materialidade da interação: o canal, o modo e o vínculo. Com base nesses parâmetros, foi possível descrever e visualizar a configuração desse comentário que, aparentemente simples, apresenta informações relevantes para a atuação do comentador.

Dada a natureza do gênero comentário, é possível pensar em um único nível interacional no qual interagem apenas os comentadores imediatos. Apesar de essa ser a regra geral dessa modalidade, é possível complementar essas informações, explicitando outros níveis da interação que impactam a ação desses comentadores. Nesse sentido, observa-se que o comentário 5 revela uma configuração um pouco mais complexa do que se admite inicialmente. Essa dinâmica está apresentada abaixo no enquadre interacional.

Quadro 18 – O quadro interacional do comentário 5



Fonte: Elaboração da autora.

No enquadre do comentário 5, estão representados os interagentes dessa intervenção especificamente. No nível mais externo do quadro, está representado o leitor dos comentários, que se mantém no anonimato, assistindo à “movimentação” dos demais comentadores. A sua posição é reconhecida e invocada quando o comentador busca engajá-lo ao seu discurso por meio do vocativo “gente”, o que indica que a presença desse terceiro influencia a interação. Nesse nível, o canal é escrito, há distância espaço-temporal e não há reciprocidade já que, para assumir a palavra, o leitor precisa assumir a posição de comentador.

No nível intermediário, estão posicionados os comentadores que se comunicam por meio do canal escrito. Entre eles há distância espacial, pois não ocupam o mesmo ambiente físico no momento da interação e distância temporal relativa, pois gozam tanto da possibilidade de reagir imediatamente a um outro comentário, criando uma espécie de bate-papo simultâneo (*relacionalidade*), embora essa opção tenha se mostrado pouco recorrente no *corpus* analisado, quanto da possibilidade de reagir ou de interagir no momento e em relação ao conteúdo que lhes parecem mais oportunos. Há reciprocidade.

No quadro, buscamos ainda representar, com as setas, o intercâmbio de níveis que pode acontecer entre leitor e comentador (leitor → comentador), ou seja, quando o leitor reage à notícia ou à ação de outro interlocutor, manifestando a sua posição, ele se constitui como comentador, sai do anonimato e passa a interagir com os demais. No comentário, essa ação representa para o leitor o direito ao dizer, pois possibilita ao agora comentador se dirigir tanto a interlocutores diretos, como demonstrado neste comentário com o vocativo do ato (3) “gente”, em que o comentador explicita a quem se dirige, quanto se expressar em relação a qualquer evento e/ou seres do mundo. É a assunção da possibilidade de ação que se materializa nesse

intercâmbio. Em outros termos, adotar a posição de comentador é admitir “*querer/fazer*” ou “*querer/dizer*”, ou seja, estar em uma posição que permite alcançar e/ou interagir estrategicamente com interlocutores de diferentes níveis da interação ou externos a ela. Além disso, essa possibilidade de intercâmbio pode representar ainda, por exemplo, no caso de um recuo do comentador à posição de leitor (comentador → leitor), a materialização de uma *estratégia de evitação*, que consiste na adoção do silêncio protetivo que pode ser muito efetivo como estratégia de proteção de face nesse tipo de interação.

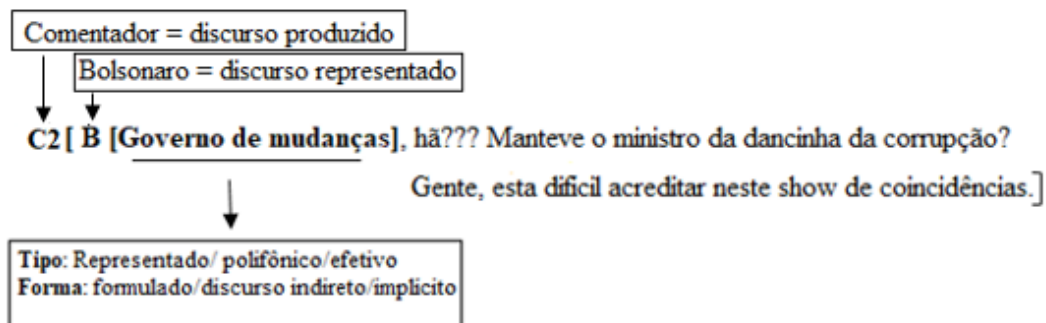
É importante destacar ainda o nível mais interno da interação no qual estão representados os personagens de quem os discursos são evocados pelo comentador. Nesse nível, o canal é oral, há presença espaço-temporal e reciprocidade. Essa informação será retomada no estudo da forma de organização enunciativa, pois ajuda a definir a forma de ação do comentador em relação à apropriação de outras vozes.

De forma geral, essas informações são importantes, pois permitem precisar quem são os agentes em contato e em ação, que tipo de contato eles estabelecem, quais os meios que utilizam para se expressar e o que essa materialidade oferece e/ou restringe em termos de possibilidade de ação/reação para os interagentes. Essas informações ganham maior relevância quando combinadas com informações de outros módulos e formas de organização, como será demonstrado no estudo da forma de organização estratégica no tópico 5.2.4.

5.2.2 Análise da forma de organização enunciativa e polifônica: apropriação e função de outras vozes no discurso

O estudo da forma de organização enunciativa permite identificar e distinguir os discursos produzidos dos discursos representados. Essa distinção aparentemente simples representa um recurso efetivo na análise da polifonia constitutiva de qualquer discurso, pois indica de que maneira os locutores se apropriam dos discursos alheios e com que finalidade o fazem no jogo discursivo. Como especifica Espuny (1999), a retomada de uma voz não pode ser entendida como um simples recurso de elaboração discursiva. Trata-se de um tipo de interferência que pode revelar muito mais que uma sobreposição ou intercâmbio de vozes, isto é, pode revelar de que maneira um determinado interactante se posiciona diante do outro, que informações busca priorizar e que tipo de vínculo efetivamente busca estabelecer com o seu interlocutor e com os demais por meio do discurso que elabora. Feitas essas considerações, a análise enunciativa do comentário, que busca precisar os segmentos de discurso que se realizam na superfície do texto, pode ser resumida da seguinte forma.

Figura 20 - Descrição da análise enunciativa do comentário 5



Fonte: Elaboração da autora.

As informações apresentadas nessa etapa da análise demonstram uma configuração significativa que pode ser discutida relacionando informações extraídas do enquadre interacional. Isso porque o módulo interacional permite visualizar a forma utilizada pelo comentador na retomada do discurso alheio, isto é, que manobras empreende para assumir uma posição que lhe permita se expressar, agregando a seu discurso (discurso produzido) as vozes de outros interlocutores (discurso representado) que julga necessárias para o seu propósito comunicativo. Como demonstrado no quadro interacional 18, esses dois interagentes (Bolsonaro e leitor) não compartilham o mesmo nível interacional, o que não se configura como empecilho para as ações que o comentador busca empreender. Como pretende reagir ao discurso de Bolsonaro, o leitor sai do anonimato, se posiciona agora como comentador, no nível intermediário, e representa a voz daquele contra quem quer se posicionar (Bolsonaro), representado no nível mais interno do enquadre.

Como descrito no tópico 3.6, a retomada do discurso de um interlocutor de um nível interacional diferente do nível do locutor é caracterizada como discurso representado polifônico. No caso aqui especificado é um exemplo também de discurso efetivo, porque, segundo o comentador que o retoma, foi materialmente realizado por Bolsonaro no evento da posse, como demonstra o nível mais interno da interação. Do ponto de vista linguístico, o discurso representado é formulado no discurso do comentador por discurso indireto¹²⁹, o que indica no plano da expressividade a sua intenção de operar modificações nesse discurso com o

¹²⁹ Estamos considerando esse discurso como sendo formulado por discurso indireto porque o comentador realiza uma modificação no conteúdo desse discurso. O que no discurso de Bolsonaro aparece como “me comprometer com esse *desejo de mudança*” é reformulado no comentário do comentador em “*governo de mudança*”.

objetivo de torná-lo mais efetivo aos objetivos de seu próprio discurso. É o que se observa nas mudanças efetuadas pelo comentador no trecho do discurso¹³⁰ a que se refere, por exemplo, a informação que no discurso de Bolsonaro aparece como “*me comprometer com esse desejo de mudança*” é reformulado no comentário do comentador por “*governo de mudança*”. Ao transformar “desejo de mudança” em “governo de governo”, o comentador constrói o cenário no qual a sua acusação pode se realizar de forma mais efetiva. Assim, essas informações permitem explicitar, por ora, que a retomada de um discurso pode indiciar intenções diversas do comentador. Essas intenções serão melhor explicitadas na forma de organização estratégica no tópico 5.2.4.

Na próxima etapa, explicitaremos as informações de natureza hierárquico-relacional com as quais será possível observar a estrutura desse comentário, considerando-a como resultado das intenções comunicativas do comentador. Para isso, às informações de natureza hierárquica, acrescentaremos em uma mesma estrutura as informações extraídas do estudo da forma de organização relacional e da forma de organização enunciativa como se apresenta no tópico a seguir.

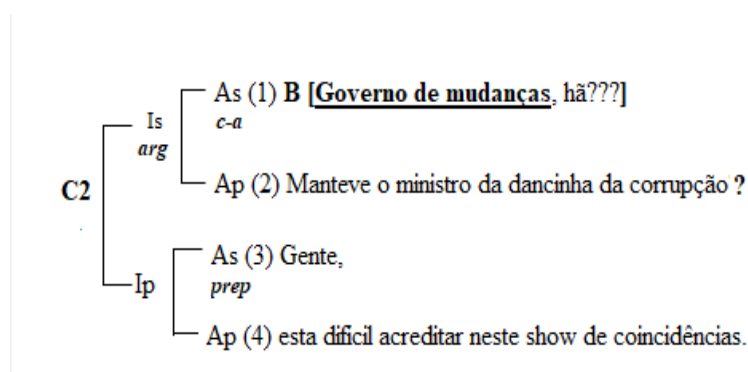
5.2.3 A acoplagem das informações hierárquica, relacional e enunciativa

As informações da dimensão hierárquica permitem visualizar as escolhas feitas pelo comentador no que se refere à organização das informações de seu discurso como principais e/ou subordinadas. Para além de uma estrutura puramente formal, essas informações de natureza hierárquico-relacional elencadas aqui buscam refletir as manobras que o comentador elaborou na sua intervenção e como fez uso das informações de que era portador a fim de não só para realizar a impolidez ou se fazer legível na interação, mas também buscando a adesão de seus interlocutores à sua tese.

Como a estrutura hierárquica reflete “as hipóteses interpretativas, que devem ser levantadas e testadas, buscando chegar as mais defensáveis” (RUFINO, 2011, p. 170), a nossa interpretação da interação pode ser assim representada.

Figura 21 - Estrutura hierárquico-relacional do comentário 5

¹³⁰ *E eu estou aqui para responder e, mais uma vez, me comprometer com esse desejo de mudança. [...]se trabalharmos juntos, essa mudança será possível. [...], vamos promover as transformações de que o país precisa.*



Fonte: Elaboração da autora.

A estrutura hierárquico-relacional acima explicita de que maneira o comentador agiu na elaboração de seu comentário, como organizou as informações, priorizando uma e subordinando outras. Assim, a reação está organizada em torno de duas intervenções: uma intervenção subordinada, Is (1-2) e uma intervenção principal, Ip (3-4). A intervenção subordinada se liga à intervenção principal por uma relação de argumento, pois é por meio dela que o comentador apresenta os motivos (a incoerência) pelos quais considera ser possível fazer uma acusação efetiva contra a figura de Bolsonaro. São esses argumentos que vão possibilitar levantar a suspeita em relação a seu comportamento, informação constante no ato principal da intervenção principal (4) *esta difícil acreditar neste show de coincidência*.

No interior da Is (1-2), o comentador apresenta dois atos: um ato subordinado, As (1) *Governo de mudanças, hã???*, no qual retoma a fala de Bolsonaro e um ato principal, Ap (2) *Manteve o ministro da dancinha da corrupção?* com o qual articula uma informação contrária ao conteúdo expresso no ato subordinado As (1). Essa organização simples é particularmente interessante do ponto de visto linguístico porque se arranja em torno de duas supostas perguntas e, por isso, merece uma observação detalhada aqui.

De forma geral, as perguntas são estruturas rogatórias elaboradas com a função de se obter algum tipo de resposta. Conforme especifica Kerbrat-Orecchioni (2005, p. 100), a pergunta se configura por manifestar um *pedido de dizer* que depende não só de sua forma interrogativa, mas também de seu valor ilocutório. Para a autora, a pergunta consiste em “todo enunciado que se apresenta com a finalidade principal de obter do destinatário um aporte de informação” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2005, p. 101). Esse aporte informativo pode estar relacionado a diversas funções na interação, ou seja, ao elaborar uma pergunta o locutor pode ter em foco iniciar um contato com o outro, receber uma informação, aferir o grau de conhecimento de seu interlocutor sobre determinado assunto, conseguir uma confissão, realizar

um ato de polidez, *etc.* (KERBRAT-ORECCHIONI, 2005) ou qualquer outra ação que seja de seu interesse particular.

Como mencionado no tópico 5.2, um dos objetivos do comentador neste comentário especificamente é influenciar os demais comentadores no sentido de engajá-los à sua tese de que Bolsonaro é incoerente no que diz (fazer mudança) e, conseqüentemente, no que faz (nomear corruptos). É a busca por atingir essa influência em relação a seus interlocutores que orienta a ação do comentador na realização da Is (1-2) e, por isso, precisa reunir informações que cumpram esse propósito.

Considerando essa particularidade da intervenção, as perguntas não se comportam simplesmente como um “*pedido de dizer*”, pois é considerável que a intenção do comentador não é conseguir uma informação faltante da qual depende a sua participação na interação, e sim explicitar um fato que supõe ser comprometedor para a figura implicada no discurso, Bolsonaro. Assim, a pergunta constante no ato subordinado, As (1) *Governo de mudança, hã?* não só ajuda a manter o fio discursivo, promovendo um certo tipo de prolongamento da informação divulgada na notícia (*ampliação enunciativa*), como também se apresenta como um “*desafio de um dizer*”, ou seja, é a informação que será contradita, que será desafiada e, por isso, esse ato subordinado (1) se liga ao ato principal (2) por uma relação de contra-argumento.

Da mesma forma, o Ap (2) *Manteve o ministro da dancinha da corrupção?* não aporta uma pergunta objetiva, como já mencionado, mas veicula uma informação incompatível com o conteúdo apresentado no As (1). Assim, o que a estrutura hierárquico-relacional permite visualizar é que as duas perguntas constitutivas da Is (1-2) se configuram não como perguntas em si, mas como recursos com os quais o comentador busca evidenciar incompatibilidades entre duas informações e, com isso, demonstrar as possíveis incoerências do discurso do presidente.

No que se refere à intervenção principal Ip (3-4), o comentador marca no seu discurso a quem ele se dirige, com quem deseja efetivamente dialogar, ou seja, busca alcançar um público amplo que ele sabe existir em função da *visibilidade* propiciada pelo meio digital e, para isso, marca essa possibilidade em seu discurso por meio da utilização do vocativo “gente”. Assim, o As (3) *gente* explicita essa ação e o reconhecimento por parte do locutor de que a sua intervenção pode alcançar uma audiência muito maior. Por fim, com o Ap (4) *está difícil acreditar neste show de coincidências*, o comentador apresenta a informação mais relevante de sua intervenção, levantando suspeitas sobre o comportamento de Bolsonaro. Esse ato indica que o comentador não acredita ser mera coincidência haver um corrupto no governo e, assim, busca denunciar essa ação do governo de nomear pessoas não confiáveis, buscando subrepticamente (*subrepticement* - para usar um termo de ROULET, 1999) afetar a imagem de

honestidade, uma das bandeiras levantadas efetivamente por Bolsonaro durante a sua campanha à presidência. Essa informação consta no ato principal da intervenção principal, informação de natureza hierárquica, que nos permite identificar o objetivo principal do comentador que é suspeitar das ações do presidente.

A seguir, encaminhamos para mais uma etapa da análise na qual será apresentada a forma de organização estratégica a fim de evidenciar como cada uma dessas informações articuladas entre si podem compor um quadro mais completo para a análise da impolidez e da forma como os comentadores se relacionam no meio digital.

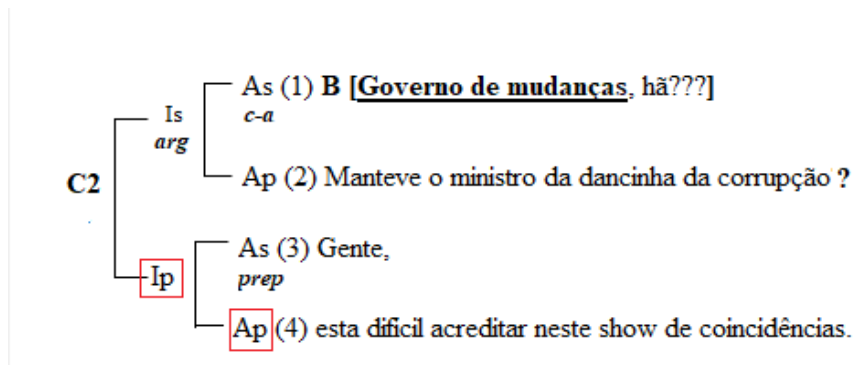
5.2.4 A organização estratégica: considerações sobre as faces

O estudo da forma de organização estratégica visa a descrever a forma como os interlocutores gerenciam as relações de faces, lugares e territórios (ROULET, 1999; ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001). Considera-se, nesta etapa da análise, alinhada a perspectiva de Goffman (2011) que cada comentador, reconhecendo a sua participação em uma interação pública digital, busca de alguma forma se representar da forma mais elaborada possível o que requer um investimento duplo por parte dos interagentes no sentido de garantir de um lado a efetividade nos ataques que promove e, por outro, a realização de ações que possam proteger a sua face. Consideramos que esse “duplo vínculo” pode ser considerado porque os comentadores não querem demonstrar nenhum tipo de fragilidade seja relacionada à forma como se posicionam (explicam, comentam, fornecem novas informações) em relação aos conteúdos discutidos, para os quais é preciso demonstrar algum tipo de fundamento, de consistência e, por isso, as recorrentes demonstrações de algum tipo de conhecimento, as explicações mais alongadas, como demonstrado com o estudo da forma de organização relacional, ou seja na forma de estabelecer o tratamento com o outro, o que implica ser preciso e efetivo também nos ataques que promove. Qualquer deslize em relação a essas duas linhas admitidas na interação, pode colocá-los à mercê de ataques reversos violentos o que os comprometem enquanto participante eficiente no meio digital.

No comentário em análise, o comentador busca colocar sob suspeita as falas e ações de Bolsonaro, Ap (4) *esta difícil acreditar neste show de coincidências*, como demonstra o destaque na estrutura hierárquico-relacional abaixo, evidenciando que essa informação materializa o objetivo principal do comentador com essa intervenção, a saber, colocar sob suspeita a da face positiva de Bolsonaro que o implica em seu papel social enquanto presidente (face de identidade social) e também em seu caráter pessoal como indivíduo honesto, de

confiança (qualidade de face), qualidades amplamente invocadas por ele em sua campanha à presidência.

Figura 22 - A hierarquia de informações no comentário 5



Fonte: Elaboração da autora.

A articulação desse propósito do comentador evidencia que três faces estão implicadas na interação: a sua própria face, a face de seu interlocutor direto e a face de Bolsonaro, colocada sob suspeita. Considerando que essa ação é potencialmente ofensiva, pois materializa a ação de colocar sob suspeita uma figura pública no meio digital e que, ao realizá-la, a sua face pode estar igualmente exposta a ataques, como é comum no gênero comentário por meio da *recursividade*, o comentador apresenta primeiro uma Is (1-2) cujo objetivo é explicar o motivo (ação de Bolsonaro de dizer uma coisa e fazer outra) de se fazer esse ataque. Se uma ofensa mais grave aparece precedida de um argumento que a justifique, essa ofensa pode ser “amortecida”, não com o objetivo primeiro de tornar os seus possíveis impactos menos potentes, pois esse não é o intuito das interações impolidas, mas com a função de operar como escudo para a figura de quem a realiza, denotando a imagem de quem “não quis ser tão ofensivo”, pois seu ato é justificável ou porque tinha motivos para fazê-lo. Dessa forma, o comentador busca manter a sua face menos “exposta” a possíveis ataques.

Se essa intervenção funciona como possível “escudo” para a face do comentador, simultaneamente opera um efeito contrário para a face do implicado no discurso, pois as informações que a constituem são bastante ofensivas para a sua face. A primeira informação é apresentada por meio da retomada do discurso de Bolsonaro, As (1) *Governo de mudanças, hã???*, um caso de discurso representado polifônico, como apontou o estudo da forma de organização enunciativa. Com essa retomada, o comentador subordina o discurso de Bolsonaro ao seu, desafiando a sua validade, a sua pertinência. Para isso, acrescenta a interjeição “há”, forma linguística cujo significado, neste contexto, assinala a perplexidade do comentador (em

relação às supostas incoerências do presidente. Trata-se de uma ação na qual, segundo Amossy (2017, p. 170), “a fala do outro é retomada e reformulada de maneira a privá-la de sua própria coerência”, ou seja, a fala do outro se torna objeto de um tratamento que a invalida fortemente, expondo as suas contradições. Essa ação se configura como bastante ameaçadora para a imagem positiva de Bolsonaro, pois o compromete em seu dizer, em suas ações e, por extensão, em sua conduta moral. Se considerarmos aqui, a ampliação do conceito de face de Spencer-Oatey (2002), retomado por Culpeper (2005, 2011), a ação do comentador implica a face da figura mencionada no discurso em três condições: o implica em sua *qualidade de face*, pois expõe ou busca expor Bolsonaro em suas qualidades pessoais como alguém não digno de confiança, em sua *face relacional*, pois o representa como alguém que falta com a verdade na relação com o outro, não é verdadeiro (diz uma coisa e faz outra), o que compromete, por extensão, a sua *face de identidade social*, o implicando em seu papel social de presidente.

A tentativa do comentador em implicá-lo em sua conduta moral se realiza na articulação com o ato principal dessa intervenção, Ap (2) *Manteve o ministro da dancinha da corrupção*. Com a realização desse ato, o comentador busca evidenciar a informação principal que compromete Bolsonaro, construindo uma acusação que pode ser apresentada da seguinte forma: “Bolsonaro fala em fazer um governo de mudança, mas nomeou um ministro corrupto”. Além disso, o fato de contradizer o discurso de Bolsonaro serve ainda para reforçar o despreço que o comentador tem em relação às suas ideias e à sua figura. Enfim, é com essa intervenção que o comentador elabora os argumentos que desabonam a figura pública de Bolsonaro, servindo como justificativa para a realização da suspeita que o comentador levanta em torno de sua figura no Ap (4).

Ainda no que se refere à gestão de faces, destaca-se que, do ponto de vista linguístico, que as duas “perguntas” apresentadas na Is (1-2) podem favorecer uma manobra de proteção da face do comentador, pois, como observado anteriormente, se essas perguntas não cumprem aqui uma função efetiva de questionamento, podem estar a serviço de uma outra intenção que não a de demandar informação de seus interlocutores. Assim, essas perguntas podem cumprir uma estratégia figurativa, sobretudo a segunda, permitindo ao comentador “evadir-se”, se necessário, de um comprometimento em relação ao seu dizer, por exemplo, o que não seria possível no caso de uma afirmação.

Outra manobra dessa natureza é observada com a realização do As (3) *gente*. Nesse ato, o comentar materializa o seu reconhecimento em relação à natureza da interação, ou seja, ele reconhece que pode representar e/ou atingir um terceiro em seu discurso, por exemplo, Bolsonaro, mas não pode dialogar efetivamente com ele. O seu interlocutor é aquele que

compartilha o mesmo nível interacional, em relação a quem há reciprocidade mútua e que se configura assim como interlocutor direto, como apontam as informações do quadro interacional (Cf. 5.2.1). Ciente da reciprocidade com os demais comentadores e da presença de leitores que possam ser “convertidos” em comentadores e, assim, fazer coro às suas ideias, o comentador os aciona no discurso, buscando agrupar e unir comentadores que se reconheçam nessas ideias. Assim, angaria para si algum tipo de apoio ou reconhecimento para as suas ideias e, conseqüentemente, para sua face positiva.

Esse apoio requerido pode ser necessário, pois ao levantar suspeitas sobre as ações de Bolsonaro, o comentador realiza um ataque público com alto poder ofensivo e pode, eventualmente, necessitar de algum suporte, após realizar essa ação contra uma figura representativa no meio político. Esse suporte pode advir do engajamento que o comentador conseguiu realizar com as ações dos atos anteriores (argumentar, invocar). Não temos instrumentos aqui para aferir de imediato o alcance dessas respostas e/ou engajamentos, e não se trata também do nosso objetivo com a pesquisa realizada, mas o que se pode dizer é que o apoio público é um instrumento efetivo de proteção de face positiva em qualquer interação, pois se configuram como especifica Kerbrat-Orechionni (2006) em atos que potencialmente valorizam, sustentam as faces colocadas em jogo na interação.

No resumo dessa análise, o que os recursos do modelo modular nos permitem visualizar é que para realizar um comentário impolido no qual duas estratégias impolidas se sobressaem, a acusação e a suspeita, o comentador realiza, acionando informações de natureza relacional e linguística, no mínimo três estratégias com o objetivo de proteger a sua face. Essa manobra não converte esse comentário em uma reação “polida”, mas dá indícios de que ao agir nas redes sociais, os comentadores não são apenas ofensivos, mas também comunicadores preocupados com outros aspectos envolvidos na interação, o principal deles, a sua própria face.

5.3 Análise do comentário 225: a crítica

A crítica como estratégia de impolidez é muito comum em contextos nos quais se prevalece o dissenso e a polarização. É uma forma assertiva utilizada pelos comentadores para demonstrar algum tipo de avaliação negativa ou censura em relação às falas e/ou ações de terceiros. No nosso *corpus*, estamos considerando que a ocorrência dessa estratégia de impolidez pode indicar que, assim como no jogo político, a presença de um opositor requerer formas de ação potentes cuja função é desestabilizar ou mesmo “aniquilar” a figura desses

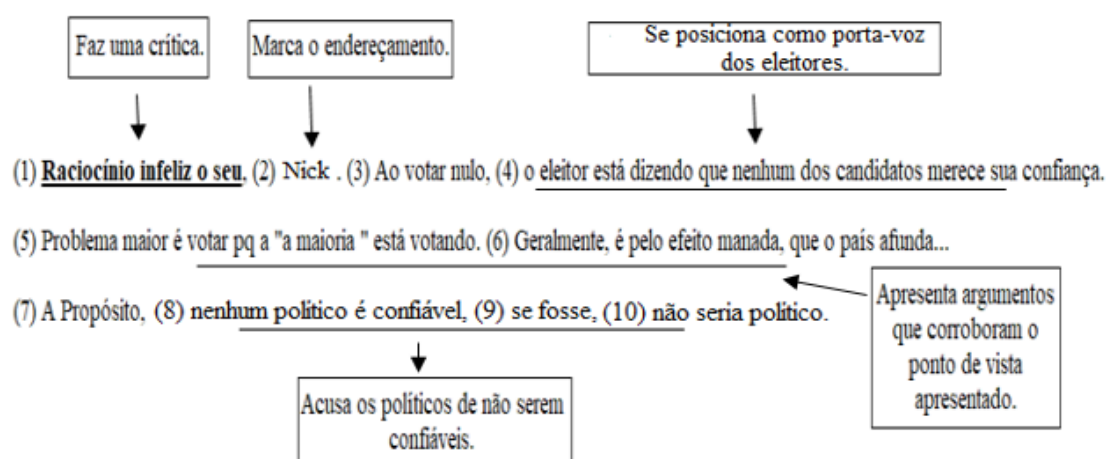
supostos oponentes. Para analisar a ocorrência dessa estratégia, utilizaremos o comentário 225, conforme apresentado abaixo.

Comentário 225

(1) **Raciocínio infeliz o seu**, (2) Nick. (3) Ao votar nulo, (4) o eleitor está dizendo que nenhum dos candidatos merece sua confiança. (5) Problema maior é votar pq a "a maioria" está votando. (6) Geralmente, é pelo efeito manada, que o país afunda... (7) A Propósito, (8) **nenhum político é confiável**, (9) se fosse, (10) não seria político.

Esse comentário é uma reação a um internauta que questionou o fato de os eleitores votarem nulo e, ao mesmo tempo, dizerem que têm preocupação com o país¹³¹, o que para o comentador é incompatível pois, no seu entendimento, ter preocupação com as questões sociais do país implica primeiro cumprir a obrigação civil com o voto. É contra essa ideia (anular o voto e requerer direitos) que o comentador 225 irá se posicionar, realizando uma crítica pontual bastante ofensiva contra a opinião expressa por seu interlocutor. A ação do comentador na elaboração de seu comentário pode ser representada da seguinte forma:

Figura 23 - Descrição da ação do comentador no comentário 225



Fonte: Elaboração da autora.

Como se observa, a crítica já é apresentada no início da intervenção o que dá a essa intervenção uma configuração diferente em relação aos comentários analisados

¹³¹ Comentário 224: “Cara. Pra que um cidadão que votou nulo está preocupado com o que pode acontecer com o país? se tivesse teria aproveitado seu poder de escolha na urna”.

anteriormente¹³², mas com intenções muito similares. Neste comentário, o comentador critica a forma de pensar de seu interlocutor (1) *Raciocínio infeliz o seu*, e marca de forma precisa o seu endereçamento (2) *Nick*¹³³. Essa ação se configura como bastante impolida, pois submete a figura do outro a uma avaliação negativa cujo resultado é depreciativo para a sua imagem. Para fundamentar o motivo de sua crítica e de certa forma o seu engajamento nessa interação (estou aqui para criticar), o comentador assume o discurso do eleitor, “fala” em seu nome (4) *o eleitor está dizendo que*, representando o que no seu entendimento favorece e justifica o voto nulo “*nenhum dos candidatos merece sua confiança*”. Na sequência, apresenta uma série de argumentos (5) *Problema maior é votar pq a "a maioria" está votando*, (6) *Geralmente, é pelo efeito manada, que o país afunda*, buscando evidenciar a incoerência que se apresenta no raciocínio de seu interlocutor. Por fim, reorienta a sua intervenção, direcionando o seu comentário ao grupo político, acusando-os de não serem confiáveis. Dessa forma, o comentador implica em seu discurso não só a face de seu interlocutor imediato, mas também a face de personagens a quem se refere no seu discurso, os políticos. As duas ações impolidas realizadas (crítica, acusação) contra essas figuras implicam, por extensão, a sua própria face, pois o comentador pode ser considerado como grosseiro, caluniador, *etc*.

A fim de descrever de forma mais precisa essa dinâmica do comentador e as possíveis preocupações comunicativas e rituais que ele demonstra na realização de sua intervenção, a seguir, utilizaremos informações da dimensão hierárquica, da forma de organização relacional e da forma de organização enunciativa para descrever e extrair de modo pontual as ações do comentador na efetivação de seu comentário.

5.3.1 A informação enunciativa e polifônica: a apropriação do discurso alheio

Na identificação de outras vozes que constituem o discurso, mas que não são pertencentes ao locutor, várias possibilidades de apropriação são possíveis. No comentário em análise, o comentador, após realizar a sua crítica contra o seu interlocutor, pretende explicitar o seu ponto de vista, ou seja, o que ele imagina ser a “realidade” dos fatos. Nesse sentido, ele aposta em uma outra voz que pode se configurar com prova daquilo que pretende divulgar. Essa figura a quem ele recorre, denominado em seu discurso de o “eleitor”, é representativo, pois

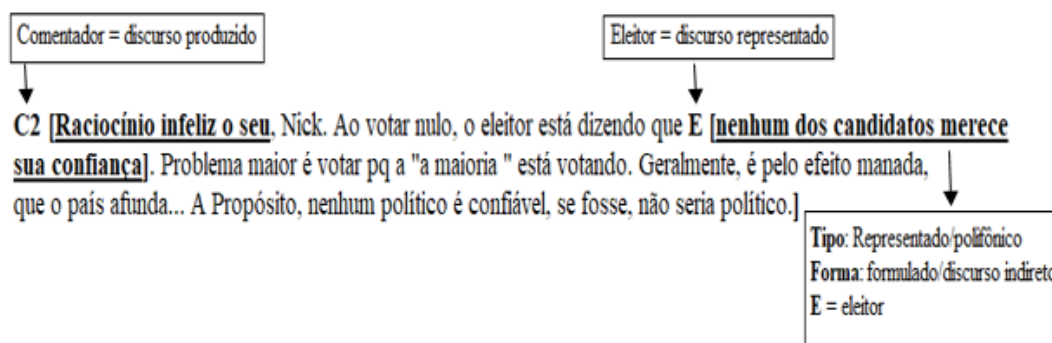
¹³² Nos comentários apontados anteriores a organização predominante foi: argumento → ataque.

¹³³ O termo Nick utilizado aqui faz referência a *Nickname*, ou seja, uma forma de ocultar o *username* dos comentadores. Marcuschi (2010, p. 52) fala em *apelido, nomes de fantasia* para se referir a esse termo. Dadas a sua diversidade e criatividade, concordamos com Marcuschi (2010) que essas formas de identificação merecem um estudo a parte.

personifica uma ampla audiência que o seu interlocutor direto (o criticado) não pode mensurar, mas da qual pode presumir o efeito potente que essa voz coletiva representa, “a voz do povo”.

Reconhecendo a potência dessa voz coletiva, o comentador reformula em seu discurso a fala desse ente externo a interação (enquadre interacional), representando o que esses eleitores “estão dizendo”. O seu objetivo com essa ação é “traduzir” para o seu interlocutor direto o que ele supõe ser o autêntico querer desses eleitores, demonstrando, por extensão, que não representa somente o seu ponto de vista, mas que fala em nome de uma audiência muito maior, os eleitores. Essa manobra de apropriação do discurso alheio está representada abaixo.

Figura 24 - Descrição da análise enunciativa do comentário 225



Fonte: Elaboração da autora.

As informações da forma de organização enunciativa nos permitem precisar a forma de apropriação do discurso alheio feita pelo comentador. Para isso, são primordiais as informações do enquadre interacional, pois definem o nível e a posição do comentador em relação aos seus interlocutores diretos e em relação àqueles a quem ele evoca em seu discurso na forma de representação. No caso em análise, o discurso representado é polifônico, pois faz referência a uma voz externa à interação (os eleitores). Quanto à forma de representação, do ponto de vista linguístico, é um discurso formulado por discurso indireto que traduz o que o comentador supõe que os eleitores gostariam de dizer.

Considerando que no jogo interacional a assunção de uma outra voz nunca se dá fora dos interesses e das motivações que o comentador tem na interação, as informações enunciativas extraídas aqui permitem visualizar a ação do comentador nesse sentido. Em outros termos, é por meio do discurso alheio que o comentador não só “justifica” a crítica que fez, se colocando como porta-voz ou como representante de um grupo maior, mas também traduzindo as suas próprias convicções. Assim, como a assunção de determinados conteúdos requer certas

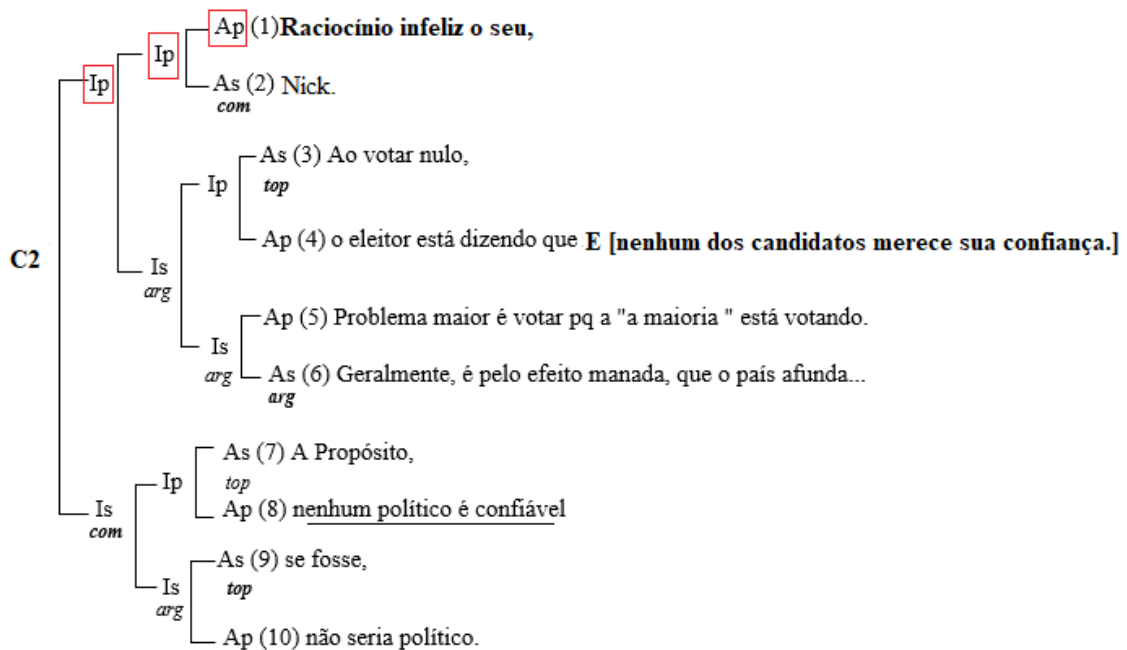
precauções em relação à forma de os expor, o comentador transfere para uma voz mais potente que a sua o conteúdo que efetivamente quer defender o que lhe garante um espaço de manobra ou até mesmo um recuo protetivo, se necessário, transferindo para esse ente, representado no discurso, as responsabilidades que dele podem advir.

Essas relações serão melhor visualizadas no próximo tópico na representação de informações de natureza hierárquica, enunciativa e relacional articuladas na estrutura hierárquico-relacional.

5.3.2 A acoplagem das informações hierárquica, relacional, enunciativa e polifônica

Na estrutura hierárquico-relacional abaixo representada, optamos, como nos casos anteriores, por fazer a junção das informações extraídas da dimensão hierárquica e das formas de organização relacional, enunciativa e polifônica, conjugando em uma mesma estrutura um número maior de informações que permitem visualizar a ação do comentador de uma forma mais ampla.

Figura 25 - Estrutura hierárquico-relacional do comentário 225



Fonte: Elaboração da autora.

A análise da estrutura hierárquico-relacional ajuda a definir as ações do comentador em relação ao que pretende realizar na interação, como organiza o seu discurso em função dos seus interesses e quais recursos mobiliza para esse fim. No comentário em análise, a estrutura hierárquica permite visualizar que a intenção do comentador é criticar o seu interlocutor direto, pois considera que as informações apresentadas por ele são equivocadas e, por isso, merecedora da crítica que lhe é atribuída.

Essa crítica é apresentada em um ato principal, Ap (1) *Raciocínio infeliz o seu*, o que comprova a intenção do comentador em relação à promoção da ofensa. Esse ato principal é constituinte de outras duas intervenções principais e está assim hierarquizado em função da motivação do comentador de realizar a ofensa. Essa informação ajuda a configurar esse comentário como predominantemente impolido, pois denota que de todas as informações apresentadas, a que se sobressai em termos de relevância é a crítica que ele realizou contra o seu interlocutor.

Após a realização da crítica, o comentador desenvolve a sua intervenção no sentido de “provar” a fragilidade do pensamento do outro, o que justifica, por exemplo, a partir informações apuradas no estudo da forma de organização relacional, uma extensa intervenção subordinada (3-4) com função argumentativa e as informações adicionais apresentadas na intervenção subordinada de comentário (7-10) na qual expressa a sua avaliação negativa em relação aos políticos o que colabora para sedimentar a crítica em relação ao “raciocínio infeliz” de seu interlocutor.

De forma pormenorizada, o comentador realiza o seu comentário a partir de duas intervenções: uma intervenção principal, Ip (1-6), que apresenta a crítica e os argumentos que reforçam a crítica e, uma intervenção subordinada Is (7-10), que se liga à Ip por meio de uma relação interativa de comentário, na qual o comentador apresenta uma avaliação bastante negativa em relação aos políticos, acusando-os de não serem confiáveis.

A Ip (1-6) está organizada em torno de duas outras intervenções: a Ip (1-2) que está ligada a Is (3-6) por uma relação interativa de argumento. A Ip (1-2) comporta dois atos: o Ap (1) *Raciocínio infeliz o seu*, no qual o comentador critica pontualmente o pensamento de seu interlocutor por considerá-lo equivocado e, para marcar na interação a pessoa implicada em seu discurso, o comentador utiliza um vocativo no As (2) *Nick*. Essa marca de endereçamento é recorrente nos comentários pois, no fluxo dinâmico de informações que ocorre nesse tipo de situação, o vocativo ajuda a reconectar interlocutores, sinalizando a quem o comentário é efetivamente destinado, ou seja, trata-se de uma forma de “validação interlocutória”. Na sequência, a Is (3-6), apresenta os argumentos com os quais o comentador pretende “corrigir”

o equívoco que considera predominar no pensamento de seu interlocutor. Para isso, apresenta as informações organizadas em torno de duas intervenções, a Ip (3-4) que se liga à Is (5-6) por meio de uma relação interativa de argumento.

Na Ip (3-4), o As (3) *Ao votar nulo*, que está subordinado ao Ap (4) por uma relação interativa de topicalização, determina no plano comunicativo a informação a partir da qual o comentador pretende se manifestar “a nulidade do voto”. É a partir dessa informação topicalizada que o comentador elabora o Ap (4) *o eleitor está dizendo que nenhum dos candidatos merece sua confiança*. Nesse ato, como apontam as informações da forma de organização enunciativa, o comentador materializa em seu discurso a fala de um terceiro, externo à interação, de quem representa a voz a fim de construir um conjunto de informações que validem a sua crítica, ou seja, se é o eleitor quem diz, a informação é potencialmente verdadeira.

A Is (5-6) está organizada em torno de dois atos: o Ap (5) no qual o comentador apresenta um ponto de vista que endossa a motivação para a cidadão escolher pela nulidade do voto e, na sequência, argumenta, apresentando uma possível consequência “o país afunda” decorrente do “efeito manada”, caso os eleitores não optem pelo voto nulo quando necessário. Por fim, a Is (7-8) indica uma mudança de intenção do comentador. Essa mudança fica explícita no As (7) *A propósito* com o qual o comentador reorienta o seu comentário para focalizar o tópico “confiança”, mencionado no Ap (4). A reativação dessa informação está relacionada ao interesse do comentador de fazer uma acusação contra os políticos de uma forma geral no Ap (8) *nenhum político é confiável*, pois essa informação o ajuda a sedimentar o seu ponto de vista segundo o qual o voto nulo não é tão negativo como supõe o seu interlocutor, porque os políticos não são confiáveis. Considerando que uma afirmação dessa natureza se torna mais aceitável com a apresentação de argumentos, o comentador elabora uma última intervenção, Is (9-10), com essa função, na qual coloca como irreconciliáveis o fato de ser político, Ap (10) *não seria político*, e o fato de ser uma pessoa considerada confiável, As (9) *se fosse* [confiável].

Apresentadas dessa forma, essas informações contribuem para precisar a função de cada constituinte da intervenção, indicando que para além de informações puramente estruturantes do ponto de vista organizacional, as informações são combinadas e hierarquizadas a fim de cumprir propósitos particulares do comentador que, em função dos objetivos e das intenções que tem em relação à interação, precisa ser efetivo na realização desse propósito.

A seguir, com essas informações elencadas, passaremos a última etapa dessa análise, o estudo da forma de organização estratégica a fim de verificar como a estratégia de impolidez

aqui materializada, a crítica, se combina com as demais informações constitutivas do discurso em função da gestão de faces, lugares e territórios nesse comentário.

5.3.3 A forma de organização estratégica: estudo da gestão de faces no comentário 225

O enquadre interacional apresentado de forma geral no tópico 4.3.2 representa a materialidade e a dinamicidade dos contatos estabelecidos por meio dos comentários. Essas informações são relevantes aqui porque contribuem para a compreensão de que quando os comentadores estão em posição de fala o que está em jogo não são apenas as duas faces mais imediatas, posicionadas no nível intermediário do enquadre interacional. Considerando a dinamicidade do gênero, quando comentam outras faces são invocadas e colocadas em jogo e passam a constituir interesse do comentador, seja para apoiá-las, seja para confrontá-las, o que torna a interação mais dinâmica, com os comentadores agindo em várias frentes, ora no ataque contra interlocutores diretos, ora no ataque contra figuras externas, ora na defesa de sua própria face e também daqueles de quem julga ter algum tipo de proximidade/afinidade (pontos de vista, preferências partidárias, grupo social - trabalhadores, pessoas de família- *etc.*).

No comentário em análise, a face imediatamente invocada e comprometida de forma ofensiva é a de um interlocutor direto, nomeado no comentário pelo vocativo (2) *Nick*. No plano das ações ofensivas contra a face, é contra esse interlocutor que o comentador apresenta a sua crítica de forma muito pontual, desaprovando a sua forma de pensar e o seu posicionamento contrário ao voto nulo. Ao considerar inaceitável o posicionamento contrário ao voto nulo, o comentar busca provar que o pensamento de seu interlocutor é equivocado e, para isso, efetiva o seu ataque (1) *raciocínio infeliz o seu*, demonstrando o seu despreço por suas ideias e, por extensão, à sua figura. Esse despreço é reforçado, do ponto de vista linguístico, com o emprego do adjetivo “infeliz” que materializa, nesse contexto, o insucesso que determinadas ideias e pensamentos reportam em função de sua inexpressividade lógica e coerente, sendo consideradas, portanto, investimentos malsucedidos.

Esse tipo de investida contra a face do outro por meio de uma avaliação negativa em relação a uma ideia ou a uma tese apresentada impacta de forma significativa a face positiva do destinatário ao ser considerado publicamente como alguém de intelecto inferior, limitado. Na esteira dessas considerações sobre as ações de ataque realizadas pelo comentador contra a face de seu interlocutor, as informações da estrutura hierárquico-relacional apontam que quase sempre esses atos de alto potencial ofensivo, como a crítica apresentada em (1) *Raciocínio infeliz o seu*, são precedidas ou sucedidas por intervenções subordinadas de argumento (forma

de organização relacional), que cumprem papéis bem particulares no plano ritual da interação. No caso aqui analisado, os argumentos elaborados vão operar uma sucessão de “provas” elencadas pelo comentador para “comprovar” a “infelicidade” do pensamento de seu interlocutor e, por extensão, comprometer ainda mais a sua face positiva.

Nesse sentido, observa-se que com os argumentos apresentados o comentador assume uma posição superior, “orientadora, pedagógica”, com a qual busca reverter o “raciocínio infeliz” do outro, considerado assim de posição inferior, apresentando-lhe evidências no sentido de explicitar uma realidade que o comentador supõe que outro desconheça (3) *Ao votar nulo*, (4) *o eleitor está dizendo que*, e que, para isso, precisa de sua ajuda para interpretá-la. Essa mesma postura de assimetria requerida em função de “saber/não saber” é evidenciada ainda na ação do comentador de desconsiderar o que o outro julga relevante, para reintroduzir uma informação que pretende apresentar como mais relevante que a do outro, como se observa em “*problema maior é votar porque a maioria está votando*”. Ao estabelecer uma comparação entre “votar nulo”, menos prejudicial e, “votar porque a maioria está votando”, mais prejudicial, o comentador busca expor a fragilidade do pensamento de seu interlocutor, atribuindo-lhe um lugar mais baixo, o de quem não sabe estabelecer um julgamento efetivo no que se refere a ação de votar nulo ou não. Essas considerações que tem como base o estudo do *quadro acional*, permitem refletir de que maneira as identidades são elaboradas na interação a partir do que realizam conjuntamente os interlocutores. Isso porque, é em função do “não saber” de seu interlocutor que o comentador reivindica um lugar mais alto, demonstrando o seu “saber”.

Essas ações são realizadas para atingir diretamente o seu interlocutor direto, mas o comentador realiza também outras ações visando, como é comum nos comentários, implicar negativamente figuras externas à interação. Nesse sentido, o comentador reorienta o seu comentário, buscando evidenciar o tópico “confiança”, como mostra a estrutura hierárquico-relacional com o As (7) *A propósito*. É a partir dessa informação “ser confiável ou não” que o comentador implica a face de figuras externas à interação, os políticos, acusando-os de não serem confiáveis. No entanto, o que se observa com a Is (7-9) é que o comentador aciona o tópico “confiança”, já mencionado no Ap (4), buscando mais uma vez acrescentar informações que validem a sua crítica ao pensamento do outro, ou seja, se os políticos não são confiáveis, é aceitável não votar neles. Dessa forma, as informações constantes na Is (7-10) ajudam o comentador a representar o raciocínio do outro como verdadeiramente “infeliz”, por não levar em conta essa informação, o que se efetiva como ofensivo para a face positiva do interlocutor.

Ainda no plano da gestão de faces, como a crítica pode ser interpretada como um ato assertivo que pode comprometer a figura do enunciador, as informações apuradas indicam ainda

que o comentador busca também proteger a sua face. É o que denota a sua ação de invocar a voz do eleitor, fazendo-o “dizente” de um ponto de vista que o próprio comentador pretende defender, como aponta o estudo da forma de organização enunciativa. Ao fazê-lo, o comentador se afasta de seu discurso e de qualquer eventualidade negativa que ele possa suscitar, protegendo dessa forma a sua face positiva.

Do ponto de vista linguístico, o advérbio “geralmente” no início do As (6) *Geralmente, é pelo efeito manada, que o país afunda*, indicia mais uma possível estratégia de proteção de face empreendida pelo comentador. Ao utilizar esse advérbio, o comentador cria um efeito de “regularidade”, de “recursividade” que atenua o efeito de exclusividade da informação que ele apresenta em (5) *Problema maior é votar porque a maioria está votando*. Dessa forma, planifica a informação como se ela fosse de amplo conhecimento público, eximindo-se do compromisso de apresentar um argumento mais contundente para comprovar essa afirmação.

No resumo dessas considerações, observa-se que para se fazer impolido nesse comentário, o comentador acionou, em termos de estratégia, duas ações impolidas: a crítica, ofensa principal, e a acusação, ofensa secundária, mas que para sua efetivação outras manobras linguísticas (vocativo, adjetivos), hierárquica (informação principal) foram relevantes para sedimentá-las. Por outro lado, observa-se também o investimento do comentador na proteção de sua face, mobilizando informações de natureza linguística (advérbio), enunciativa, hierárquica e relacional. Nesse sentido, é possível considerar que articular a descrição das estratégias de impolidez às informações de natureza modular favorecem a análise de um quadro mais geral no plano da gestão relacional das interações.

5.4 Análise do comentário 131: a estratégia de provocação

A provocação¹³⁴ como estratégia de impolidez se insere no domínio dos atos que afetam a imagem positiva do endereçado, por se realizar a partir da divulgação de algum evento que lhe seja desfavorável o que, por extensão, implica também uma violação de seu território. Em outros termos, trata-se de uma estratégia que se realiza quase sempre pela explicitação de um fator negativo (ataque a face positiva) em relação a um destinatário, o provocado, que o provocador imagina existir e que busca evidenciar. Como efeito, o que provocador geralmente tem em mente é praticar uma ação, por exemplo, divulgar uma informação que o provocador

¹³⁴ A estratégia de provocação não consta na lista de categorias propostas por Culpeper (1996, 2005). No entanto, pode ser inferida no seu quadro descritivo a partir da realização das perguntas impertinentes ou inoportunas.

supõe que o provocado queira reservar (violação do território) cujos efeitos sejam potentes o suficiente para fazer o provocado perder a razão (autoviolação de território).

Como estratégia de impolidez, as provocações que ocorrem nos comentários são geralmente intervenções curtas apresentadas em forma de questionamento com os quais os comentadores inferem ou invocam uma questão geradora de dissenso para promover a provocação. Para analisar essa estratégia de impolidez, utilizaremos o comentário 131.

Comentário 131

(1) Como foi o "Reveillon", (2) em Curitiba, (3) na frente da cadeia? (4) Beijaram os pés do "Gatuno"?

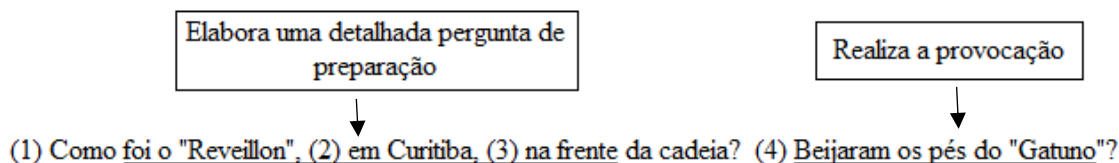
Esse comentário é uma reação a uma sequência de intervenções que mencionam Bolsonaro e seus apoiadores¹³⁵. Considerando que esses internautas realizaram atos impolidos contra a figura do presidente, de quem é provavelmente simpatizante, o comentador resolve reagir também de forma impolida por meio de uma provocação. Para realizar a provocação, o comentador infere que os internautas em questão são apoiadores de Lula, nomeado em seu discurso de "Gatuno" e, por isso, invoca na elaboração de sua intervenção informações contextuais que remetem a um suposto comportamento criminoso de Lula e à sua prisão.

No início da intervenção, o comentador realiza um questionamento, simulando elaborar uma troca na qual demonstra apreço pelo seu interlocutor (1) *Como foi o "Reveillon*. Essa inferência é rapidamente esvaziada desse sentido com as informações constantes em (2) *em Curitiba*, e em (3) *na frente da cadeia?* Essas informações, organizadas "à conta gotas", são arquitetadas para preparar o ataque final pretendido pelo comentador, a provocação em (4) *Beijaram os pés do "Gatuno"?*. Esse ato implica duplamente, a imagem do ex-presidente, pelo sentido evocado pela palavra "Gatuno" (ladrão, desonesto, vigarista) e a imagem de seus supostos simpatizantes, pela possível associação a um criminoso.

O resumo da interpretação da ação do comentador na elaboração desse comentário pode ser resumido da seguinte forma.

Figura 26 - Descrição da ação do comentador no comentário 131

¹³⁵ Nos referimos aqui a sequência formada pelos comentários 127 a 130. Ao elaborar o comentário 131, o comentador parece reagir a todos esses comentários. Essa sequência reflete a dificuldade mencionada na metodologia em relação a definir, em alguns casos, a quem efetivamente um comentador está respondendo.

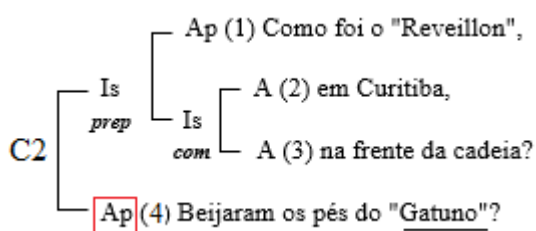


Fonte: Elaboração da autora.

A fim de especificar em detalhes a descrição desse comentário, buscando descrever a ação do comentador, procederemos à apresentação de informações hierárquica, relacional e referencial.

5.4.1 A acoplagem de informações hierárquica, relacional e referencial

Figura 27 - Estrutura hierárquico-relacional do comentário 131



Fonte: Elaboração da autora.

As informações de natureza hierárquico-relacional permitem descrever a maneira que o comentador elaborou o seu comentário, organizando estrategicamente as informações a fim de cumprir o seu propósito comunicativo. Com essas informações é possível precisar, por exemplo, que a intenção do comentador nessa intervenção está relacionada à promoção de uma provocação, como demonstra o ato principal em destaque na estrutura hierárquica. Para realizar esse ato, o comentador mobiliza outras informações que o ajudam a cumprir esse propósito, por exemplo, a informação de natureza referencial (estrutura conceitual) na especificação do termo “gatuno”, para inferir a figura de alguém ladrão, desonesto a quem os interlocutores estariam associados. A partir de informações referenciais, é possível perceber que as operações de deslocamento de sentido realizadas pelo comentador vão transformar a figura representada, Lula, em ladrão, desonesto e, a cidade de Curitiba, em cadeia. Esses são os únicos sentidos que

se enquadram na perspectiva do comentador, pois ele os reconhece, dadas as divergências que rondaram o processo de prisão do ex-presidente, como possíveis promotores de dissenso.

Nesse sentido, a intervenção acima está organizada em torno de duas intervenções: a intervenção subordinada (1-3), que se liga ao ato principal (3) por uma relação interativa de preparação. Essa intervenção subordinada de preparação é particularmente interessante do ponto de vista de sua organização por se configurar como uma espécie de camuflagem polida para uma ação impolida que se realizada da seguinte forma: primeiro, o comentador faz um questionamento no ato principal Ap (1) *Como foi o "Reveillon"* que, na ausência das informações constantes em (2) e (3), poderia ser interpretada como uma ação polida com a qual alguém demonstra preocupação com as ações do outro no sentido de estabelecer ou de manter algum tipo de proximidade. No entanto, esse ato se liga por uma relação interativa de comentário à intervenção subordinada, Is (2-3), que se encarrega de desativar essa inferência. Assim, a inferência é anulada porque no interior da intervenção subordinada de comentário, Is (2-3), os dois atos que a constituem apresentam duas informações de natureza adverbial, (2) *em Curitiba*, (3) *na frente da cadeia?* que servem para ativar paulatinamente no discurso as informações contrárias a essa inferência, pois elucidar publicamente fatos e eventos comprometedores em relação ao outro se configura como potencialmente ofensivo. Além disso, essas informações já preveem o teor ofensivo do ato principal na sequência, operando como recursos adicionais de reforço da intenção impolida do comentador.

Por fim, no Ap (4) *Beijaram os pés do "Gatuno"*, o comentador executa a ação mais impolida da intervenção, agregando em um mesmo ato a inferência negativa de “associação criminosa” que pretende imprimir aos apoiadores de Lula “beijaram os pés” e implicação de que o ex-presidente Lula está preso porque de fato é um criminoso, o “Gatuno”. Essas informações assim organizadas implicam tanto a face de seus interlocutores diretos, supostos apoiadores de Lula, como a figura mencionada em seu discurso, o ex-presidente Lula. A seguir, discutimos essas informações a partir das informações da forma de organização estratégica.

4.4.2 O estudo da forma de organização estratégica no comentário 131

Como mencionado anteriormente, nessa intervenção, o comentador implica diretamente duas faces, a de seu interlocutor direto e a face da figura mencionada em seu discurso, o ex-presidente Lula. No que se refere a ações realizadas contra a face do destinatário, a ação do comentador visa a estabelecer uma ligação que ele supõe ser comprometedora para seu interlocutor, por exemplo, ficar na porta do presídio em apoio ao ex-presidente, descrito por

ele, como apontam as informações da estrutura conceitual, como “gatuno → ladrão, desonesto. É buscando essa inferência negativa que o comentador organiza as informações constitutivas da intervenção de preparação (1-3), buscando torná-las mais efetivas por meio de um efeito gradativo que vai da informação menos comprometedora “réveillon” para a mais comprometedora “cadeia”. Com essas informações, o comentador busca desestabilizar os seus interlocutores no sentido de desmerecê-los em relação às críticas feitas anteriormente contra Bolsonaro. Em outros termos, o efeito perseguido pelo comentador é o de expor determinadas fragilidades no comportamento do outro a fim de torná-los inaptos para realizar críticas contra quem quer que seja, sobretudo, contra Bolsonaro. A lógica por trás dessa ação é a de que uma crítica realizada por alguém desprovido de moralidade social (dormir em frente ao presídio em defesa de um condenado pela justiça) não é passível de consideração.

Após realizar essa ação, o comentador realiza a provocação no Ap (3) *Beijaram os pés do “Gatuno”* com a qual materializa por meio do verbo “beijaram” a subserviência que ele supõe ser características dos apoiadores do ex-presidente e, com isso, lhes imprime a marca de “submissos, não pensantes”, o que se configura como bastante ofensivo a sua face positiva. No entanto, o que se observa é que essa estratégia de provocação se ancora em um imaginário social, sobretudo, das classes dominantes de que os simpatizantes do ex-presidente é um eleitorado desinformado, carente de ética e, portanto, disposto a votar em “ladrões” desde que recebam algum tipo de ganho (MIGUEL *et al*, 2018). Assim, é essa face social, que ele supõe fragilizada, que ele busca atingir por meio de sua provocação.

Além disso, está implicada também nesse ato a face do ex-presidente, figura pública representada no discurso como “gatuno”. Neste caso, a inferência negativa é realizada por meio da nomeação depreciativa que, como demonstrada na figura 9, agrupa sentidos múltiplos visando a uma articulação mais efetiva das propriedades que pretende imprimir à imagem do outro. No caso em análise, a nomeação depreciativa invoca por meio de um processo de animalização (gato) a figura do indivíduo desonesto que se apropria de maneira ilegal de bens de terceiros ou, em termos mais precisos, o ladrão, trambiqueiro, vigarista, *etc*. Esse elemento pode ser considerado o gatilho para a provocação, pois é por meio dele que se materializam todas as outras informações com as quais o comentador busca “desestabilizar” publicamente o seu suposto oponente.

No resumo dessas considerações, é possível observar que a estratégia impolida de provocação não se realizou de uma forma direta em um único ato, por exemplo. Para realizar essa provocação, o comentador mobilizou informações de natureza referenciais, como demonstra a intervenção subordinada que precede a provocação (estrutura hierárquica-

relacional) com o objetivo de “situar” a provocação, criar um efeito cumulativo para as informações para, enfim, realizá-la de forma efetiva no último ato da intervenção. Considerando que a provocação concede “créditos” ao provocador na efetividade de sua ação, como indivíduo perspicaz, sagaz, esperto, o comentarista pode ter apostado nessa possibilidade como uma forma de se mostrar um indivíduo versado e engenhoso na realização de suas ações impolidas, o que pode ser bem positivo para a sua imagem virtual.

5.5 Análise do comentário 177: a ordem como estratégia de impolidez

A ordem faz parte dos atos de linguagem diretivos, pois se configuram como tentativas por parte de um locutor de submeter a efetivação de um desejo seu à interferência de seu interlocutor, exigindo dele algum tipo de ação que o realize. Às vezes, pode se configurar, segundo Kerbrat-Orecchioni (2005), de forma mais “modestas”, aproximando-se de um convite, de uma orientação ou de uma sugestão, mas podem também se realizar de forma mais imperativa como é o caso de um comando categórico, por exemplo, uma ordem. Do ponto de vista ritual, considerado o contexto, a ordem é um ato de impolidez, pois incide sobre o território do outro na exigência de alguma ação que pode comprometer a sua liberdade ou o seu desejo individual. Para estudar essa estratégia de impolidez sob a perspectiva do modelo modular, vamos utilizar o comentário 177.

Comentário 177

(1) Não quer depender de salário mínimo (2) vai estudar, (3) e não venha com desculpas (4) pois fui criado em lar pobre (5) e estudei em colégio público (6) e estou bem economicamente

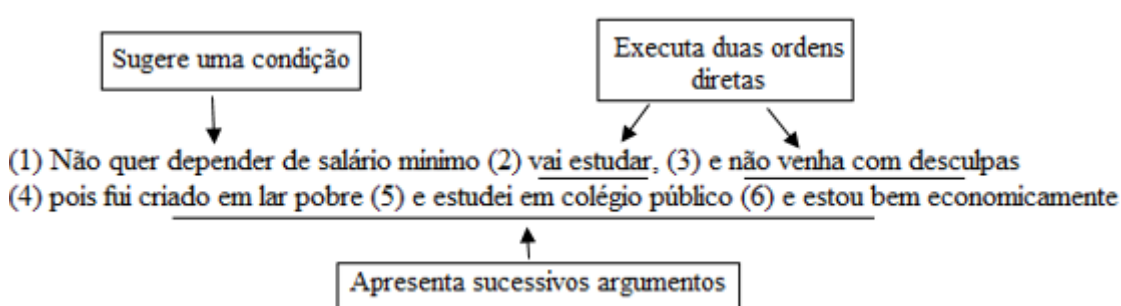
Neste comentário, o comentarista reage a um comentário anterior no qual um internauta reclama das ações do governo na área econômica e, sobretudo, dos baixos salários pagos aos trabalhadores, denominado por ele de “salário de fome”¹³⁶. Considerando que o seu interlocutor não produziu a sua intervenção de forma minimamente eficiente, o comentarista considera que as alegações feitas por ele são desculpas mal fundamentadas, por isso, inicia a sua intervenção, impondo-lhe uma condição para mudar a situação (1) *não quer depender de salário mínimo*.

¹³⁶ Comentário 169: “É um mito, mesmo.. Vai governar para os: militares, judiciário etc e tal.. Esses, vão ter todas as reajustes possíveis... É engraçado, quando eles falam na reforma da previdência, em nem um momento falam em mexer com: os políticos, militares, judiciário e funcionários públicos... Só falam na aposentadoria daqueles que ganham um salário de fome...”.

Essa condição é expressa por meio de uma ordem (2) *Vai estudar*, com a qual o comentador exige uma ação de seu interlocutor. Além disso, o comentador materializa também com essa ordem a representação que possivelmente faz de seu interlocutor “o acomodado que reclama, o indivíduo que dá desculpas para não fazer algo”, *etc.* Essa representação pode ser inferida em (3) *e não venha com desculpas*, pois assinala a tentativa antecipada de o comentador bloquear essa ação (dar desculpas) que ele supõe ser característica de seu interlocutor. Essas duas ordens expressas pelo comentador se configuram como bastantes impolidas, representando uma tentativa de imposição ao território e à liberdade de seu interlocutor direto.

Na sequência, o comentador busca possivelmente “justificar” a ordem realizada anteriormente. Para isso, imagina ser necessário reivindicar para si um lugar mais representativo, de maior valor que supostamente o legitime socialmente a executar determinadas ações, por exemplo, dar orientações, ordens, sugestões. Para isso, apresenta a sua trajetória de vida, buscando se representar como modelo a ser seguido, ou seja, busca representar uma imagem de si como alguém batalhador, esforçado, resiliente, que em função de sua determinação e esforço, conseguiu superar obstáculos e vencer na vida, características que possivelmente presume faltar no seu interlocutor. Com essas características, o comentador busca representatividade para a sua imagem pública e, por consequência, legitimidade para a ordem dada por ele. Essa organização do comentário pode ser resumida da seguinte forma:

Figura 28 - Descrição da ação do comentador no comentário 177



Fonte: Elaboração da autora.

Na sequência, apresentaremos uma descrição mais pontual da realização dessa intervenção, mobilizando para isso informações de natureza hierárquica, linguística, enunciativa, polifônica e relacional.

5.5.1 As informações do quadro acional no comentário 177

Como mencionado no tópico 4.3.3.1, o estudo do quadro acional permite descrever as ações dos comentadores, demonstrando como se constroem conjuntamente na interação. O quadro acional do comentário 177 foi apresentado em 4.3.3.1. O objetivo de retomar as informações desse quadro acional aqui é demonstrar como o comentador, por meio do seu discurso, constrói imagens favoráveis de si e desfavoráveis do interlocutor com quem “dialoga”. Essas informações ajudam a definir, a partir da visão do comentador, as imagens representadas na interação.

A partir das informações extraídas do quadro acional, a fim de evitar repetições, vamos priorizar as informações mais relevantes que nos permitem descrever a ação do comentador nesse sentido. Essa representação pode ser descrita da seguinte forma:

Ações participativas	Papéis praxeológicos
• Responder	• Respondente
• Ofertar opções	• Ofertante
• Ordenar	• Ordenador
• Explicar	• Explicador
• Ofender	• Ofensor

Posição acional

Status: leitor/comentador

Face: imagem de vencedor,
batalhador, resiliente

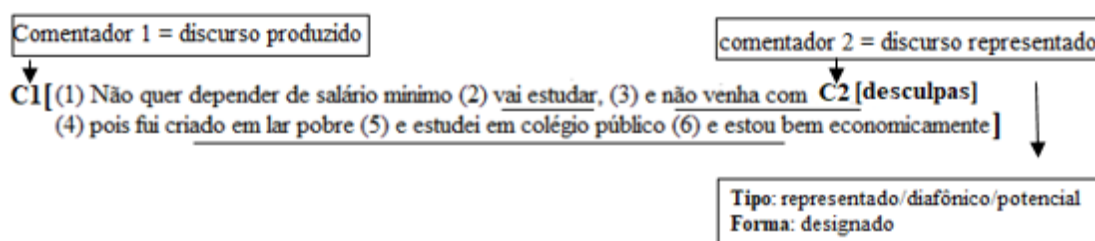
Consideramos que, as informações do quadro acional que permitem visualizar as ações participativas realizadas pelo comentador como ordenar, ofertar opções, dar ordens são realizadas em função da imagem que ele tem de seu interlocutor, por exemplo, alguém que não é esforçado o suficiente para vencer as dificuldades da vida. Na tentativa de se afastar desse perfil, ele representa na interação uma imagem que considera adequada para ser negociada. No entanto, ao fazer essa representação de si como vencedor, batalhador, resiliente imputa ao outro a imagem de alguém fracassado que precisa elaborar desculpas para o seu fracasso. Essas informações ajudam a precisar de que maneira as identidades são conjuntamente negociadas no curso da interação e de que maneira os interactantes se projetam a fim de ocupar/disputar um lugar na interação que lhe seja mais favorável.

A seguir, apresentaremos as informações extraídas da forma de organização enunciativa.

5.5.2 O estudo da forma de organização enunciativa

De forma pontual, descreveremos a seguir o processo de descrição da forma de organização que nos permitiu precisar as vozes constitutivas dessa intervenção. Essa descrição pode ser representada da seguinte forma:

Figura 29 - Descrição da análise enunciativa do comentário 177



Fonte: Elaboração da autora.

Como se pode observar, na elaboração de seu comentário e visando a fins particulares na intervenção, o comentador retoma ou insere em seu discurso uma fala potencial de seu interlocutor. Imaginando que o seu interlocutor reclama da situação financeira porque não é esforçado o suficiente, não gosta de estudar, o comentador considera que as suas alegações são desculpas, por isso, menciona em seu discurso essa ação de fala “dar desculpas”, tentando bloqueá-la de alguma forma.

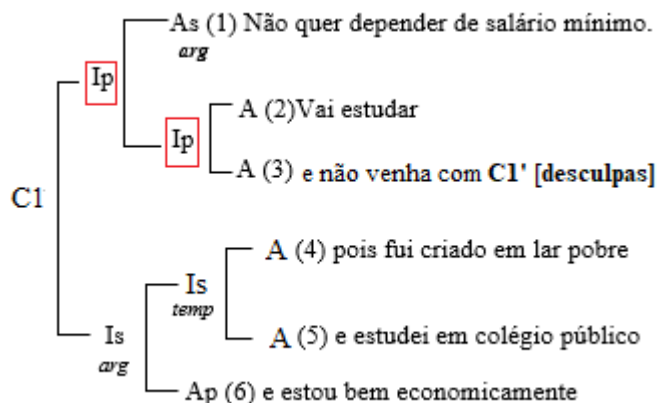
Esse segmento de discurso é diafônico porque representa uma suposta fala de um interlocutor que compartilha o mesmo nível interacional do comentador e é potencial porque faz referência a um segmento de discurso que não foi efetivamente realizado, mas sim “imaginado” e representado pelo comentador. Quanto à sua forma, esse segmento de discurso se constitui como uma forma de discurso designado.

A seguir, apresentaremos mais uma etapa da análise, articulando informações de natureza hierárquica, relacional e enunciativa.

5.5.3 A acoplagem de informações hierárquica, relacional e enunciativa

As informações hierárquica, linguística e relacional estão combinadas e apresentadas na estrutura abaixo.

Figura 30 - Estrutura hierárquico-relacional do comentário 177



Fonte: Elaboração da autora.

A estrutura acima representa a forma como o comentador desenvolveu a sua intervenção. De forma pormenorizada, a intervenção foi organizada em torno de duas intervenções: a intervenção principal Ip (1-3), que se liga à intervenção subordinada, Is (4-6), por uma relação interativa de argumento.

A Ip (1-3) comporta um ato subordinado, As (1) *Não quer depender de salário mínimo*, com o qual o comentador apresenta um argumento condicional para a informação realizada no ato principal e uma intervenção principal Ip (2-3). Essa intervenção principal (2-3) é considerada a mais representativa de todo o comentário, pois compreende os dois atos, (2) *vai estudar*, (3) *e não venha com desculpas*, com os quais o comentador materializa as ordens que presume ser necessárias endereçar ao seu interlocutor. Como se pode observar, trata-se de dois atos coordenados que não estabelecem hierarquia entre si, concorrendo igualmente para a realização do efeito impolido da intervenção.

A intervenção subordinada, Is (4-5), apresenta uma configuração particularmente interessante o ponto de vista hierárquico, pois apresenta em série os argumentos cujo teor informativo é arquitetado para criar um efeito cumulativo meticulosamente ordenado para ser favorável à imagem que o comentador pretende construir de si mesmo. Sendo assim, essa intervenção está organizada em torno de uma intervenção subordinada, Is (4-5), que comporta dois atos coordenados: o ato (4) *pois fui criado em lar pobre*, que marca com a conjunção “pois” a natureza argumentativa dessa intervenção e o ato (5) *e estudei em colégio público*, cuja marca linguística “e” marca o efeito cumulativo que o comentador pretende dar a essas informações.

Essa intervenção subordinada (4-5) se liga ao ato principal Ap (6) *e estou bem economicamente* por uma relação interativa de tempo cuja função é representar o efeito sucessivo dos eventos na trajetória vitoriosa que o comentador encena na intervenção.

A seguir, apresentamos na forma de organização estratégica o efeito que a combinação desses constituintes produz em termos de gestão de face, lugares e territórios.

5.5.4 Análise da organização estratégica: considerações sobre as faces no comentário 177

As informações organizadas nesse comentário pelo comentador apontam também para um duplo movimento, mas agora não de ataque e defesa, como demonstrado nas análises anteriores. Isso porque consideramos que esse comentário representa de forma pontual um grupo de comentários em que o comentador equilibra a sua intenção de promover um ato impolido contra o seu interlocutor imediato e uma tentativa de se representar como figura merecedora de deferência em função de aspectos positivos que o comentador supõe possuir o que, segundo ele, o faz merecedor desse tipo de tratamento.

Do ponto de vista relacional, alguns aspectos relevantes podem ser enfatizados. Como demonstrado na estrutura hierárquica, a principal função dessa intervenção é a promoção da impolidez. Essa informação é demonstrada pela hierarquia dos constituintes que comportam a crítica, ou seja, são constituintes com estatuto principal, Ip (2-3). Nesse sentido, convém observar o que o comentador executa em termos de intenção comunicativa não só com essa intervenção principal, que comporta as estratégias de impolidez, mas em sua relação com os demais constituintes da intervenção. Assim, duas faces parecem estar em evidência: a face do interlocutor, implicado no discurso por meio da ordem que recebe, e a face do comentador, executor da ordem. São as manobras realizadas em função dessas faces que serão evidenciadas a seguir.

Do ponto de vista da face de seu interlocutor, o comentador se mostra bastante ofensivo. Essa informação está sustentada na apresentação da informação hierárquica, que demonstra o estatuto principal que os atos (2-3), que comportam a ordem, ocupam na estrutura hierárquica. Essa ação é potencialmente ofensiva para a face negativa do interlocutor e o implica de duas formas distintas. Com o ato (2) *vai estudar*, o comentador o implica em algo que ele supõe que o outro não fez, mas que deveria fazer, por isso, o incita a ação “vai estudar”. Já com o ato (3) *e não venha com desculpas*, o comentador busca bloquear uma ação que ele supõe que outro irá fazer (dar desculpas), mas que o comentador exige que ele não faça “não dê desculpas”. Essa informação, apurada a partir do estudo da forma de organização enunciativa, demonstra que o

comentador se antecipa e, por meio da representação de um discurso potencial de seu interlocutor, tenta restringir o direito do outro de expor o seu ponto de vista, exercendo pressão em relação ao seu direito de dizer. Ações como essa ajudam a definir um quadro de violência verbal da qual se alimenta o confronto de teses (AMOSSY, 2017) no bloqueio e/ou restrição de ações.

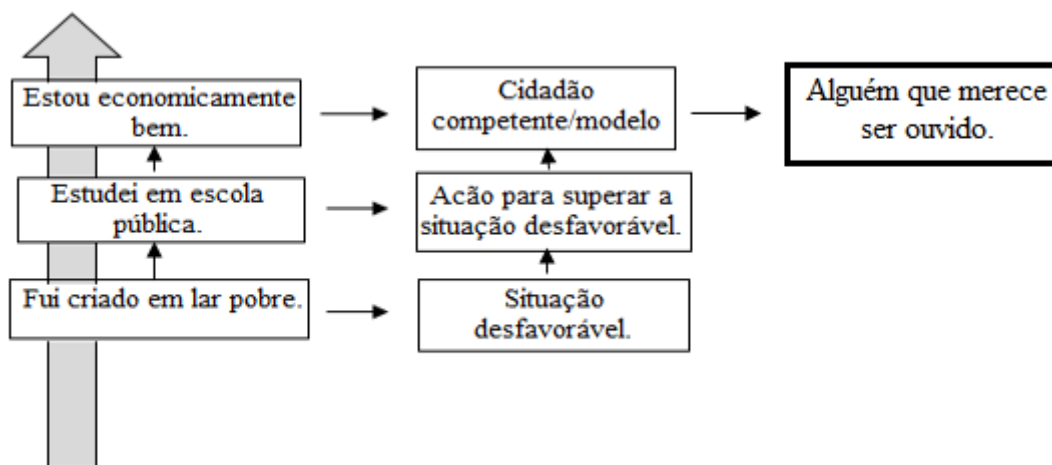
Assim consideradas, essas duas ações são bastante impolidas, pois incidem sobre a liberdade do outro, representando uma intrusão a seu território o que é potencialmente ofensivo para a sua face negativa. Além disso, podem ser considerados ainda dois efeitos decorrentes dessas ações no sentido de potencializá-las. Como mencionado anteriormente, o fato de ser uma ordem realizada em face de uma ampla audiência no meio digital (*visibilidade*), expõe duplamente a face positiva do destinatário da ordem: primeiro, por ser representado como alguém “incapaz” que necessita da intervenção de um terceiro em suas ações e, segundo, porque a ordem realizada invoca algo que lhe falta, a formação, o estudo, o que contribui para lhe imprimir não só o estigma de “desqualificado” no sentido de não estar apto aos bons cargos e, conseqüentemente, aos bons salários, mas também o de silenciado na negação de seu dizer e de suas reivindicações de cidadão que ocorre em (3) *não venha com desculpas*.

Após realizar uma ação bastante ofensiva para a face de seu interlocutor, o comentador busca “justificar” esses atos e executa ações que são bastante favoráveis a si mesmo: a primeira, diz respeito ao efeito de mitigação que o ato subordinado, As (1) *Não quer depender de salário mínimo*, imprime na intervenção. Com esse ato, o comentador parece favorecer o seu interlocutor na oferta de uma suposta opção que o interlocutor pode aceitar ou não, algo que pode ser traduzido como “se não quiser depender de salário mínimo”, o que representa para o comentador uma imagem de alguém menos impositivo que está buscando “favorecer” o seu interlocutor.

No entanto, a ação mais efetiva realizada em favorecimento de si mesmo está representada na intervenção subordinada com função interativa de argumento, a Is (4-6). Assim como o ato (1), essa intervenção sinaliza a ação do comentador no sentido de “justificar” as ações executadas por ele na intervenção principal. Contudo, uma questão interessante que se apresenta aqui é o fato de toda a intervenção se configurar como uma tentativa do comentador não só de apresentar um conjunto consistente de argumentos para justificar ou amenizar a ofensa promovida pelo atos impositivos realizados anteriormente, protegendo a sua face positiva ao bloquear possíveis reações adversas como “quem é você para dizer isso” ou “quem é você para me dar ordens”, como propõe (CUNHA, 2019, 2020, 2021), mas também como uma estratégia discursiva potente na criação de uma imagem que lhe é particularmente

favorável. É por meio dessa relação de argumento que o comentador introduz os elementos (vencedor, resiliente, esforçado) que, na sua concepção, o ajudam a definir uma identidade, como demonstrado no estudo do quadro acional, que pode ser negociada na interação com efeito altamente favorável à imagem que reivindica para si, como se observa na figura a seguir.

Figura 31 – Aspectos socioeconômicos negociados no comentário 177



Fonte: Elaboração da autora.

Nota-se que esses elementos negociados são apresentados em uma relação progressiva (ser pobre → estudar → estar bem financeiramente) que tem na Is (4-5), e na relação interativa de tempo/sucessão que estabelece com o ato principal (6), a representação da própria trajetória que o comentador deseja encenar para o seu interlocutor. A intervenção assim organizada em ordem ascendente está a serviço de colocar em evidência uma representação performática de si mesmo em oposição à figura do indivíduo que, segundo o comentador, por não ter atingido o sucesso pessoal, precisa inventar desculpas para o seu fracasso. Essa forma de representação performática realizada pelo comentador refletem as considerações de Goffman (2014) a respeito da construção das impressões como parte do papel social que um indivíduo reivindica como parte de sua identidade.

Além disso, esse posicionamento do comentador reflete o discurso do “mérito” que coloca em dois extremos os indivíduos batalhadores e os preguiçosos. Desconsiderando todo um histórico de desigualdades sociais, esses discursos consideram as diferenças sociais e econômicas como a retribuição justa entre os esforçados e os preguiçosos (MIGUEL *et al*, 2018).

Assim, são estabelecidos dois polos: um que representa quem não estuda, reclama dos baixos salários e que, por isso, precisa buscar desculpas para o seu fracasso, ou seja, os incapazes, incompetentes (lugar baixo) e um que representa aqueles que por seus esforços conseguiram vencer as adversidades e que, por isso, merecem lugar social de maior destaque (lugar alto). Nesse sentido, o que está de fato em jogo é o estabelecimento de uma relação vertical, de distanciamento e, possivelmente, de conflito entre o comentador e o seu interlocutor marcado, sobretudo, pelas diferenças socioeconômicas que supostamente os constituem.

Essa busca por um lugar mais alto e representativo deve ser compreendida em função do objetivo principal do comentário que é a promoção da ofensa. Por isso, deve ser entendida não só como uma tentativa do comentador de se representar publicamente como uma figura de *status* social mais elevado, mas também como uma tentativa de requerer ou de “justificar” por meio de sua trajetória de vida o direito a dizer certas coisas, entre elas, o direito de endereçar uma ordem a outra pessoa sem ser questionado. Em outros termos, ao se apresentar como cidadão “competente/modelo” possuidor de certos atributos que o capacitam a executar ordens para os outros, o que o comentador pretende de fato é o apoio a sua face positiva e ao seu projeto de “dizer”, mesmo que este possa ser reconhecidamente ofensivo para o outro.

Na esteira dessas considerações, é relevante destacar ainda que a ação de se apresentar de forma elogiosa diante de uma audiência pode comprometer a face positiva de quem empreende tal ação. Em relação a esse aspecto que se efetiva na Is (4-6), o comentador pode ser interpretado como alguém “arrogante, prepotente”, ao violar a máxima da modéstia (LEECH, 2014), maximizando o elogio a si mesmo e potencializando a desaprovação ao seu interlocutor (violação da máxima de aprovação). Possivelmente orientado por essa preocupação, o comentador faz escolhas linguísticas, buscando amenizar o efeito negativo que afirmações como “estou bem rico, sou afortunado” pode promover para a face de quem as pronunciam, porque falar de fortuna e de riquezas pode ser interpretado como pretensão, vaidade. Nesse sentido, as escolhas linguísticas operadas no ato (6) podem também ser interpretadas como uma tentativa do comentador de reduzir esse possível efeito e, por isso, a apresentação de uma informação mais modalizada em (6) estou *bem economicamente* que se mostra mais modesta e, portanto, menos arrogante, exibicionista o que pode sugerir que o comentador, apesar de se mostrar como vitorioso, vencedor não quer, por extensão, ser taxado de orgulhoso, prepotente.

De forma geral, consideramos que a relação de argumento, estabelecida por meio da Is (4-6), constitui a manobra com a qual o comentador busca não só justificar as suas ações ou se antecipar a possíveis objeções, mas também demarcar a sua superioridade em relação a seu

interlocutor, introduzindo com eventos “favoráveis a si mesmo” (GOFFMAN, 1967, p. 25) e Leech (2014), os elementos, considerados por ele, como efetivamente válidos para estabelecer ou reivindicar um lugar mais alto na relação, do qual se julga merecedor, em função do histórico lutador/vencedor que atribui a si mesmo e, por extensão, a figura do cidadão competente/modelo que por seu prestígio e reconhecimento social está validado publicamente a ocupar o lugar alto de onde supõe poder dar ordens para os demais.

No resumo dessas considerações, vale destacar que paralela às ordens executadas, ação impolida, o comentador articula por meio de uma relação de argumento outra ação potencialmente impolida que é a promoção do elogio a si mesmo, Is (4-6), contabilizando em uma mesma intervenção duas estratégias com essa finalidade. Além disso, realiza também manobras protetivas como a realizada no ato subordinado (1) com o qual simula ofertar opções ao seu interlocutor. Nesse sentido, o comentário se mostra como um gênero no qual se mesclam um duplo interesse do comentador: de ataque à face negativa do outro, como as ordens demonstradas na intervenção principal (informação hierárquica) e também de defesa como as apresentadas pela relação interativa de argumento (informação relacional) no ato subordinado (1) e na intervenção subordinada de argumento (4-6) e no também no emprego de formas linguísticas que buscam suavizar possíveis efeitos negativos para a face positiva do comentador, como apresentado no ato principal (6) estou *bem economicamente* (informação linguística). Dessa forma, consideramos que essas informações ajudam a constituir um quadro de informações mais consistentes para o estudo dos comentários impolidos uma vez que explicitam de uma forma mais global as ações empreendidas pelo comentador na realização de seu ato impolido.

5.6 Análise do comentário 67: a refutação

A refutação como estratégia de impolidez configura-se como uma ação comunicativa de caráter altamente confrontador, responsável por sinalizar no discurso o pouco apreço de um enunciador em relação às ideias e, por extensão, à face de seu interlocutor. No contexto da discussão política, como a estabelecido nos comentários, a refutação é matéria preponderante na explicitação de contradições e fragilidades nas ideias de supostos oponentes, como se apresenta no comentário 67 abaixo, que será analisado a fim de evidenciar o emprego dessa estratégia.

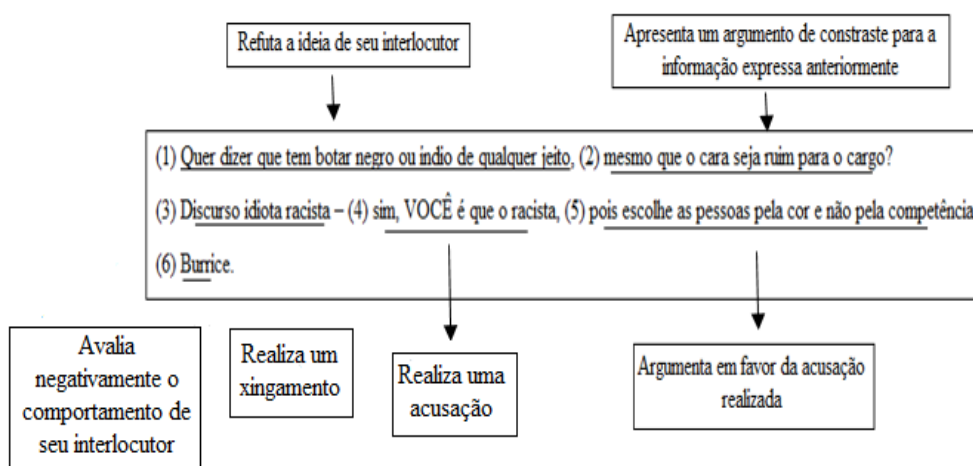
Comentário 67

(1) Quer dizer que tem botar negro ou índio de qualquer jeito, (2) mesmo que o cara seja ruim para o cargo? (3) Discurso idiota racista – (4) sim, VOCÊ é que o racista, (5) pois escolhe as pessoas pela cor e não pela competência. (6) Burrice.

Nesse comentário, o comentador contesta a validade das afirmações de um internauta que mencionou o fato de Bolsonaro só ter nomeado pessoas brancas para ocupar os cargos mais importantes no seu governo¹³⁷. Considerando que as afirmações de seu interlocutor são tendenciosas, o comentador as questiona, apresentando para isso a sua objeção. No entanto, não satisfeito em demonstrar apenas o desacordo em relação à informação de seu interlocutor, o comentador se posiciona de maneira potencialmente ofensiva, acusando o seu interlocutor de ser idiota e racista por supostamente privilegiar a cor da pele e não a competência como critério para a ocupação de um cargo público. Por fim, o comentador faz uma última avaliação em relação ao comportamento de seu interlocutor, utilizando o xingamento “burrice”.

O resumo dessas ações do comentador pode ser apresentado da seguinte forma.

Figura 32 - Descrição da ação do comentador no comentário 67



Fonte: Elaboração da autora.

A fim de especificar em detalhes a descrição desse comentário sob a perspectiva da abordagem modular, buscando apresentar a efetiva ação do comentador, procederemos à

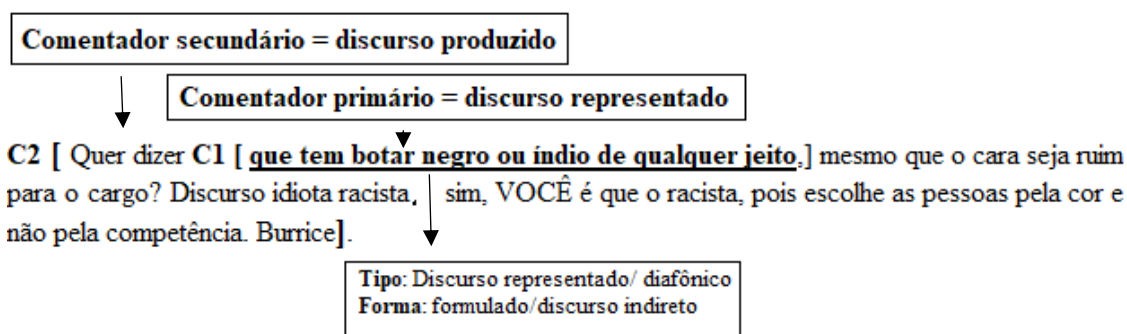
¹³⁷ Comentário 64: “É gozado, né? Nas fotos só vejo gente branca. Nas comemorações lá de Brasília também. Parece que a raça ariana está ressurgindo de vento em popa... E o caso Mariele? Como vai?”.

descrição de informações de natureza hierárquica, relacional, enunciativa e polifônica. Começaremos pela explicitação das informações de natureza enunciativa e polifônica no tópico a seguir.

5.6.1 A organização enunciativa e polifônica: a representação de vozes no discurso

Para descrever melhor a dinâmica desse comentário e as manobras discursivas que o comentador realiza na execução de suas ações impolidas, vamos descrever primeiramente, obedecendo à ordem em que se apresentam neste comentário, a forma de organização polifônica. Para isso, é necessário mobilizar as informações da organização enunciativa para estabelecer uma distinção entre os discursos produzidos e os discursos representados na superfície do texto com os quais o comentador cumpre algum de seus objetivos comunicativos. Essa distinção está apresentada abaixo, explicitando os segmentos de discurso que fazem ouvir as diferentes vozes.

Figura 33 - Descrição da análise enunciativa do comentário 67



Fonte: Elaboração da autora.

Mobilizando informações de natureza interacional, observa-se que o comentador retoma o discurso de seu interlocutor direto, ou seja, um outro comentador que compartilha o mesmo nível interacional do comentador, como demonstrado com as informações do enquadre interacional, o que configura o segmento em destaque como discurso representado diafônico. Além disso, a materialidade dessa interação (canal/reciprocidade) favorece os comentadores na retomada que fazem de outros discursos, podendo citar um comentário imediatamente anterior ao seu ou um comentário mais distante (diafonia à distância), como é o caso do comentário em análise. Do ponto de vista linguístico, ou seja, no que se refere à sua forma de representação, é

um discurso formulado de forma indireta, pois o comentador “traduz” o que supôs ouvir no discurso de seu interlocutor, inserindo-o em seu discurso com o auxílio de um verbo de fala.

Considerando que os interlocutores sempre buscam formas de serem efetivos nas suas realizações linguísticas, sobretudo, em contextos de dissenso, a diafonia é um recurso potente com efeitos significativos nesse tipo de interação e, particularmente, para os interlocutores de uma forma geral, pois se constituem, como especifica Espuny (1999), como construções textuais plurifuncionais a que recorrem os interagente visando a objetivos diversos (explicitar uma contradição, proteger a face, atacar a face do outro, *etc*)

No caso em análise, o comentador retoma o discurso de um interlocutor direto com o objetivo de contestar a validade de uma informação que supõe ter ouvido dele. Para isso, reintroduz em seu discurso por meio de uma pergunta uma representação do que o seu interlocutor supostamente disse “*tem que botar índio e negro de qualquer jeito*”, simulando buscar uma confirmação para essa informação “*você quer dizer que*”. No entanto, ao reintroduzir a voz de seu interlocutor, o comentador reformula o seu dizer e, para isso, recorre ao discurso indireto como forma de operar transformações no discurso do outro. Ao operar essas modificações, reformulando “*só vejo gente branca*”, para “*tem que botar índio e negro de qualquer jeito*”, o comentador sobrepõe o seu ponto de vista ao ponto de vista de seu interlocutor, colocando estrategicamente as suas palavras na “boca” de seu interlocutor com o emprego da expressão “*você quer dizer que*”. Essa adaptação parece mais efetiva para o discurso e para a tese que o comentador parece defender, no caso, o discurso do mérito, pois ajuda a configurar a fala do outro como inválida e insustentável, sobretudo, ao articular informações como “*mesmo que o cara seja ruim para o cargo?*”

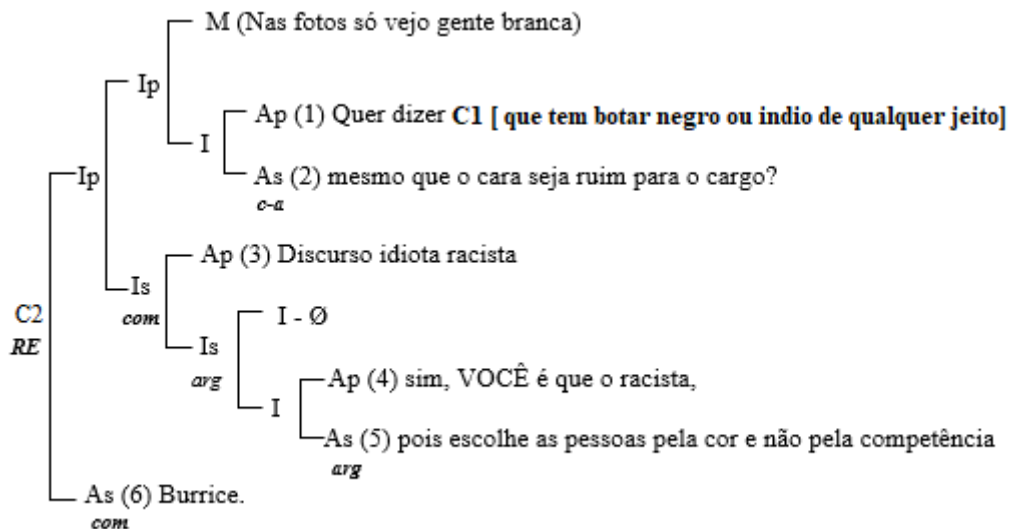
Nesse sentido, a diafonia opera uma sobreposição de vozes na qual a voz do comentador se sobressai em relação à voz de seu interlocutor, simulando um dizer cujo conteúdo será mais facilmente refutado. Em outros termos, ao solicitar a confirmação da informação por meio da expressão “*quer dizer que*”, o comentador busca evidenciar não só a origem desse discurso, o dizer do outro, mas também suas supostas fragilidades que foram acentuadas pelos contornos dados pelo comentador no momento de sua reformulação.

Essas informações serão apresentadas articuladas a outras informações na estrutura hierárquico-relacional no próximo tópico.

5.6.2 A acoplagem de informações hierárquica, relacional e enunciativa/polifônica

A estrutura abaixo apresenta informações hierárquica, relacional e enunciativa (5.6.1) articuladas aqui para melhor demonstrar de que maneira o comentador realizou a sua intervenção. Essa organização é importante, pois permite relacionar numa mesma estrutura as estratégias de impolidez realizadas pelo comentador e as demais informações que foram empreendidas para atingir o seu propósito comunicativo.

Figura 34 - Estrutura hierárquico-relacional do comentário 67



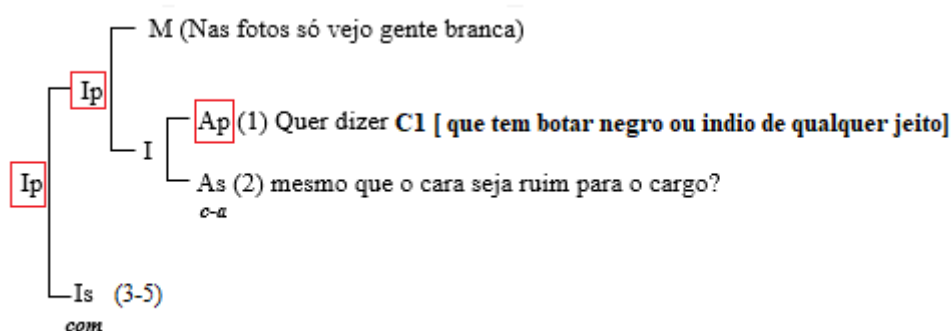
Fonte: Elaboração da autora.

Como se pode observar, o comentador elaborou o seu comentário a partir de uma intervenção principal, Is (1-5), e um ato subordinado, As (6), que se liga à intervenção principal por uma relação interativa de comentário.

A Ip (1-5) comporta duas intervenções: uma intervenção principal (1-2) e uma intervenção subordinada (3-5). A intervenção principal, formada pelos atos (1) e (2), se liga a uma informação da memória discursiva cuja origem é a informação ativada no comentário 64 “*Nas fotos só vejo gente branca*”. É contra essa informação que o comentador se posiciona, buscando demonstrar a sua incoerência. No interior da Is (1-2) se articulam dois atos ligados entre si por uma relação interativa de contra-argumento. O ato, Ap (1), é o ato principal dessa intervenção e, como apresentado no levantamento feito em relação às vozes constitutivas desse comentário (5.6.1), esse ato representa um segmento de discurso representado diafônico invocado pelo comentador com a finalidade de explicitar as fragilidades do discurso de seu interlocutor. Essa ação pode ser comprovada na relação com o ato subordinado, As (2), que

apresenta uma restrição que, segundo o comentador, está sendo violada (2) *mesmo que seja ruim para o cargo* por seu interlocutor em suas considerações. Além disso, a acoplagem dessas informações (hierárquica e enunciativa) no constituinte principal da intervenção ajuda a definir esse comentário como impolido, pois se constitui como a informação mais relevante da intervenção como apresenta a estrutura abaixo:

Figura 35 – Relevância de informações no comentário 67

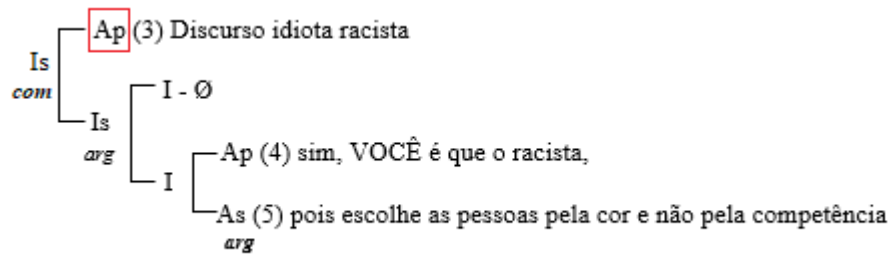


Fonte: Elaboração da autora.

Dessa forma, observa-se que a informação de refutação que caracteriza esse comentário como impolido se apresenta no ato principal (1) de outras duas intervenções principais, apontando a relevância dada pelo comentador a essa informação, ou seja, a estrutura ajuda a delinear que o objeto do ataque do comentador é o dizer de seu interlocutor. É em torno desse dizer que as demais informações estão organizadas, por exemplo, a informação da intervenção subordinada, Is (3-5), com a qual o comentador avalia não só o dizer de seu interlocutor, mas também a sua figura.

Assim, a intervenção subordinada, Is (3-5), se liga à intervenção principal por uma relação interativa de comentário, na qual o comentador expressa a sua avaliação negativa em relação às ideias de seu interlocutor. No interior dessa intervenção, o ato principal, Ap (3) *Discurso idiota racista*, se liga à intervenção subordinada, Is (4-5), por uma relação interativa de argumento que apresenta a justificativa que, segundo o comentador, é relevante para sustentar o ataque realizado no Ap (3). A informação constante no ato (3) *Discurso idiota racista* com a qual o comentador inicia a Is (3-5) explicita nas marcas linguísticas utilizadas (idiota, racista) a avaliação negativa que o comentador faz da fala de seu interlocutor. Nessas condições, não só a fala do interlocutor está sob ataque, mas também a sua imagem virtual.

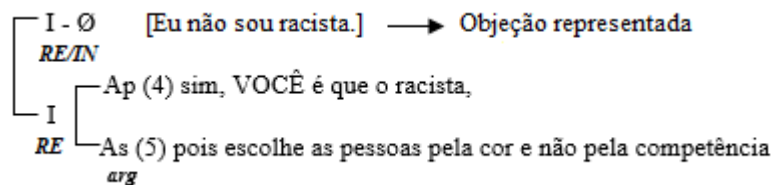
Figura 36 - A hierarquia de informações no comentário 67



Fonte: Elaboração da autora.

Como já descrito, no interior da intervenção subordinada, Is (3-5), o ato (3) é o principal e se liga à intervenção subordinada, Is (4-5), por uma relação interativa de argumento. Essa intervenção subordinada apresenta uma configuração bastante interessante do ponto de vista interacional, porque o Ap (4) parece uma reação a uma suposta objeção feita pelo interlocutor. A estrutura abaixo explicita essa simulação.

Figura 37 – A objeção representada no comentário 67



Fonte: Elaboração da autora.

A estrutura acima evidencia que o ato (4) *sim, VOCÊ é que o racista* é uma resposta antecipada ou simulada a uma possível rejeição por parte do interlocutor à informação constante no ato (3) *Discurso idiota racista*. A marca θ representa na estrutura a suposta reação contestadora do interlocutor após ser acusado de racista, algo como “*eu não sou racista*”, encadeamento considerado preferido porque não reagir a uma acusação pode ser interpretado como uma forma de aceitação da acusação e, por extensão, assunção de culpa.

No intento de se antecipar a essa objeção, o comentador se antecede, respondendo de forma enérgica a essa possível objeção apresentando com o ato (4) o seu ataque contra o seu interlocutor. Em outros termos, ao imaginar essa possível réplica negativa de seu interlocutor, o comentador apresenta com o Ap (4) *sim, VOCÊ é que o racista*, uma tréplica confirmativa de seu ataque, marcando não só a sua reação, mas também o seu interesse em sustentar o ataque

realizado em (3), direcionado agora contra a figura de seu interlocutor como aponta o endereçamento VOCÊ.

Como evidenciado na estrutura hierárquico-relacional com os atos principais (1), (3) e (4), o interesse do locutor é promover e sustentar o seu ataque contra a figura de seu interlocutor. Essa intenção fica ainda mais marcada com o ato subordinado, As (6) *Burrice*, que reforça o teor ofensivo da intervenção, explicitando o julgamento final que o comentador faz de seu interlocutor e às suas ações.

A seguir, explicitaremos o impacto que essas ações implicam para a relação de faces, lugares e territórios.

5.6.3 A forma de organização estratégica: estudo de faces no comentário 67

A forma de organização estratégica permite articular as informações extraídas dos módulos e formas de organização mobilizadas anteriormente para investigar o seu impacto na gestão de faces na interação. A noção de face sempre faz remissão a um valor positivo que todo indivíduo requer a fim de manter a sua “integridade pessoal”, não permitindo que o valor que mais o representa, a sua imagem pública, seja afetada de alguma maneira (GOFFMAN, 2014). Nesse sentido, estamos considerando que nos comentários, mesmo nos mais impolidos, os comentadores reservam espaço para as ações de proteção de face, alguns mais e outros menos.

No comentário em análise, o comentador mostra em suas ações como confrontador e ofensivo ao questionar a validade de informações que o seu interlocutor considerou relevantes para a negociação (informação hierárquica). Nesse sentido, as suas ações já se configuram como impolidas na demonstração do pouco apreço destinado às ideias e à figura do outro (LEECH, 2014). Esse despreço fica evidente na ação de refutação que o comentador realiza, ao retomar um trecho do dizer do outro para contestá-lo de forma efetiva, buscando demonstrar a sua fragilidade. Ao comentar¹³⁸ a fala do outro em (1) *você quer dizer que tem botar índio e negro de qualquer jeito*, o comentador reformula o discurso alheio dando-lhe outros contornos, demandando de seu interlocutor um tipo de resposta que possa comprometê-lo de alguma forma, o que se configura como um ato bastante impolido, pois incide sobre o território do outro de forma bastante negativa. Além disso, segundo Kerbrat-Orecchioni (2005), alguns atos de fala como a refutação, a crítica e a ameaça podem sinalizar no discurso que o locutor busca se

¹³⁸ Essa intervenção é assumida como um caso de comentário metadiscursivo, pois faz referência a um trecho do discurso de um outro interlocutor com o objetivo de fazer sobre ele algum tipo de consideração (Cf. Cunha; Bernadino, 2017).

posicionar em um lugar mais alto, de maior prestígio em relação a seu interlocutor na interação. Nesse sentido, a refutação marca não só a rejeição de uma ideia entre pontos de vista divergentes, mas também a consideração por parte do locutor de merecer um lugar mais alto (poder dizer) na interação que o permite demandar, criticar, refutar, *etc.*

Outro tipo de ataque é observado também na intervenção subordinada de comentário, Is (3-5). Nessa intervenção, o ato principal (3) *Discurso idiota racista* também materializa uma avaliação do comentador sobre o dizer de seu interlocutor e, nesse sentido, é um comentário metadiscursivo cujo conteúdo crítico materializa um ataque à face positiva do oponente. No entanto, ao avaliar negativamente o discurso do outro, o comentador não só reforça o teor confrontador da intervenção principal, Ip (1-2), mas também o torna mais explícito, confirmando a sua ação deliberada de ser ofensivo com o emprego dos adjetivos “*idiota*” e “*racista*”. Nesse sentido, do ponto de vista linguístico, além dos adjetivos, o pronome pessoal VOCÊ realizado em (4) *sim, VOCÊ é que o racista* também ajuda a explicitar o efeito de impolidez que o comentador intenta com a sua intervenção. Essas asserções negativas personalizadas fazem parte dos insultos cujas implicações, segundo Culpeper (2016), incidem sobre a face positiva dos destinatários de forma direta. Além da intervenção subordinada, Is (3-5), o comentador encerra a sua intervenção com um último comentário, As (6) *Burrice*, que na invocação de uma metáfora animal, critica a forma de pensar e agir de seu interlocutor, potencializando o efeito do evento impolido (LEECH, 2014).

No entanto, assumindo os atos de impolidez como um recurso de potencial efeito reverso que o contexto de interação no meio virtual não invalida, o comentador demonstra certa preocupação com a sua face no sentido de se mostrar efetivo na realização de sua intervenção. Assim, observa-se que ele busca a proteção de sua face por meio das relações de discurso de argumento que realiza na intervenção, Is (4-5) e com o As (5). Essas relações de argumento são mobilizadas pelo comentador no sentido de dar coerência para a sua fala, ou seja, acrescentar essas informações implicam para o comentador não só a tentativa de validar os ataques realizados, mas de demonstrar a sua convicção em relação ao seu dizer e à sua postura diante do outro, angariando para si a imagem de alguém efetivo em suas ações, mesmo que essas ações sejam comprometedoras e prejudiciais para a face do outro. O que está em jogo nessa interação é a representação do outro como alguém não digno de nenhum tipo de reconhecimento cuja manifestação pública, por não estar alinhada às mesmas perspectivas de mundo do comentador, é motivo “justificável” para uma série de ataques.

5.7 Análise do comentário 57: a estratégia de animalização do outro

Ao fazer considerações sobre o processo de atribuir características animais às pessoas na interação, Leech (2014) já evidenciava essa ação como potencializadora de ofensa. Na maioria das vezes, a metáfora animal é utilizada como forma de invocar uma inferência negativa em relação a algum aspecto do comportamento do outro (inteligência, aparência, postura, *etc*) que o locutor considera ser merecedor de atenção. Nesse sentido, ao recorrer à metáfora animal, o comentador busca favorecer no discurso a presentificação de traços considerados potencialmente ofensivos para seus interlocutores, materializando-os sob a forma de uma representação que possibilita dizer muito, mas sem maiores esforços. A forma convencionalizada com que a atribuição de traços animais geralmente ocorre nos comentários, por exemplo, “seu burro”, “bando de animais”, “anta”, “topeira” marca no discurso que o locutor ao operar com esse tipo de estratégia promove sempre uma crença negativa sobre seu interlocutor. Essa estratégia de impolidez foi bastante recorrente nos comentários. Para analisar uma das formas de sua realização, utilizaremos o comentário 57.

Comentário 57

(1) E imaginar aquela vaca da Dilma, (2) que tinha um cachorro oculto atrás dela, (3) nem sabia ditôngo e hiato da língua portuguesa (4) e ver a Michelle infinitamente superior do que aquelas feministas chatas de P.P.K fedorennta.

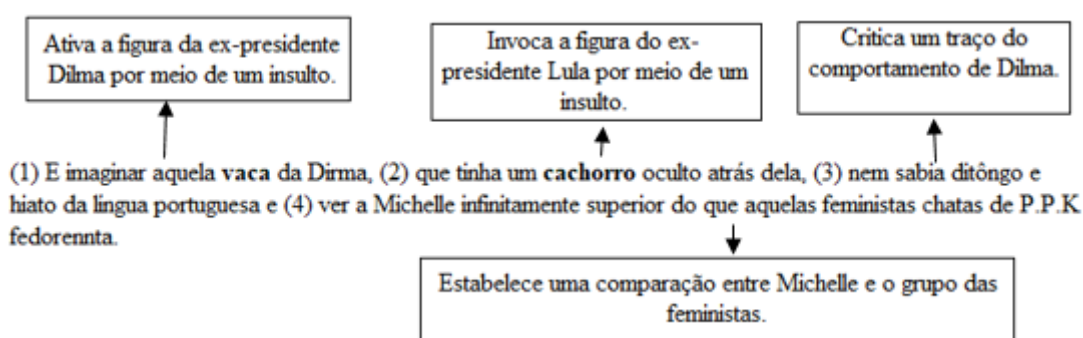
Como observado, o comentário acima materializa duas formas de animalização: a primeira faz referência à figura da ex-presidente Dilma “*vaca da Dilma*” e, a segunda, invoca a figura do ex-presidente Lula que, possivelmente por sua conduta de atuação nos bastidores nas eleições que elegeram a ex-presidente Dilma, foi denominado pelo comentador de “*cachorro oculto*”.

Para além da “animalização” realizada em torno das figuras representadas em seu discurso, nesse comentário, a ação do comentador é bem marcada no sentido de estabelecer uma distinção entre dois grupos: o primeiro grupo é representado por Dilma e as feministas e, o outro, o grupo das mulheres “infinitamente superiores” representado por Michelle Bolsonaro. Para estabelecer essa comparação, o comentador inicia o seu comentário, ativando em seu discurso a figura da ex-presidente Dilma. Essa ativação de informação é marcada pelo emprego do insulto que aproxima a figura da ex-presidente à figura de uma vaca. Geralmente, a “metáfora da vaca” é utilizada para fazer referência às mulheres que, segundo posicionamentos culturalmente machistas, têm um comportamento sexual livre e independente ou pode ainda

designar uma mulher de má-índole. Os dicionários¹³⁹ registram entradas que definem o uso pejorativo do termo feito em relação a uma figura feminina “mulher devassa”, “despudorada”.

Nesse sentido, essa marca de animalização no discurso do comentador já evidencia o seu intuito de demonstrar desprezo pela figura mencionada, invocando certos valores sociais para desmerecê-la. Essas ações contribuem para instituir um contexto de impolidez e de ofensas que vai sendo construído e elaborado paulatinamente a fim de atacar a figura da ex-presidente Dilma e de seus partidários. A ação do comentador pode ser resumida da seguinte forma:

Figura 38 - Descrição da ação do comentador no comentário 57



Fonte: Elaboração da autora.

Nesse comentário, observa-se que o objetivo do comentador é enaltecer um determinado grupo de grupo de mulheres que, na sua concepção, são “infinitamente superiores” em relação ao grupo de mulheres feministas. Do ponto de vista do comentador, a figura da primeira-dama Michelle Bolsonaro materializa essa representação da mulher que ele tem como ideal. Para invocar e sedimentar essa figura idealizada e representar um grupo de mulheres definidas como “infinitamente superior”, o comentador precisa “criar” em seu discurso, a fim de estabelece uma comparação, um grupo “infinitamente inferior”. Para isso, elenca uma série de informações cujo objetivo é agregar informações depreciativa em relação a esse grupo e a sua suposta representante, a ex-presidente Dilma. Nesse contexto, são elaborados os insultos que relacionam a imagem dessas figuras a características animais (*vaca*, *cachorro*), as críticas pontuais feitas em relação a suas habilidades (não saber ditongo e hiato da língua portuguesa), a referência a determinado traço de seus comportamentos (*chatas*) ou a aspectos relacionados a seus corpos (P.P.K, odor, fedor), *etc.*

A seguir descreveremos esse comentário, acionando os recursos da abordagem modular a fim de explicitar como essas informações são relacionadas no discurso para atingir o fim

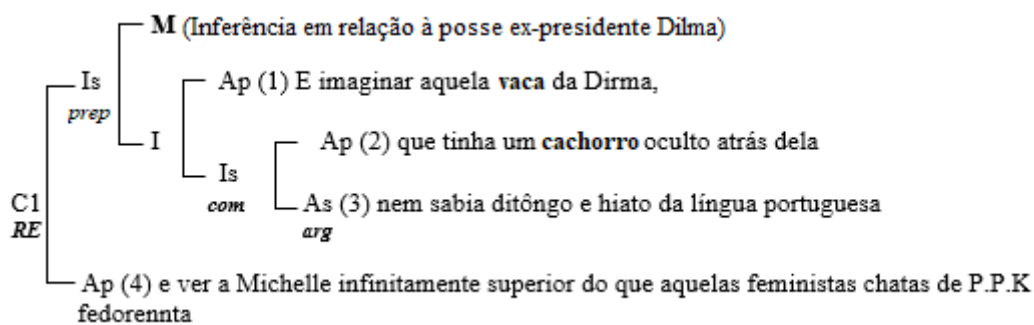
¹³⁹ Dicionário *Online* de Português (Dicio) e Michaelis *on-line*.

pretendido pelo comentador. Para isso, serão utilizadas informações de natureza hierárquica, relacional e da forma de organização estratégica.

5.7.1 A estrutura hierárquico-relacional do comentário 57

As informações mobilizadas na estrutura hierárquico-relacional desse comentário permitem descrever a forma como o comentador organizou a sua intervenção a fim de realizar o seu propósito comunicativo de enaltecer a figura da primeira-dama Michelle Bolsonaro. A estrutura hierárquico-relacional do comentário 57 pode ser representada da seguinte forma:

Figura 39 - Estrutura hierárquico-relacional do comentário 57



Fonte: Elaboração da autora.

Como demonstrado na estrutura hierárquico-relacional, esse comentário se ancora em uma informação da memória discursiva cuja origem é um dado de natureza contextual que o comentador considera necessário acionar a fim de ativar conhecimentos em relação à ex-presidente Dilma. Como o seu objetivo é estabelecer uma comparação entre duas figuras públicas (Dilma e Michelle), representantes de grupos político-ideológico antagônicos, essa parece ser a sua motivação com a inferência feita à ex-presidente no sentido de presentificar a sua figura, tornando-a mais “palpável” para o objetivo que empreende. É a partir dessa inferência que se torna possível relacionar outros elementos do discurso cuja articulação depõem em desfavor da ex-presidente.

Essa intervenção do comentador está organizada em torno de uma intervenção subordinada, Is (1-3), que se liga ao ato principal, Ap (4) “e ver a Michelle infinitamente superior do que aquelas feministas chatas de P.P.K fedorennta por uma relação interativa de preparação. Como demonstra a estrutura hierárquica, o ato (4) é o principal em relação a todas

às demais informações articuladas no comentário o que nos permite precisar o propósito comunicativo do comentador com esse comentário que é enaltecer a figura da primeira-dama em detrimento de um grupo de mulheres consideradas “chatas e fedorentas”. Em outros termos, o objetivo do comentador, como se observa com o ato principal, Ap (4) “*e ver a Michelle infinitamente superior*”, não é somente depreciar a figura de supostos oponentes (*vaca, cachorro, chatos, fedorentos*), mas enaltecer ou criar uma imagem positiva para um grupo social com o qual o próprio comentador se identifica e do qual a figura de Michelle, nesse contexto, é uma de suas representantes.

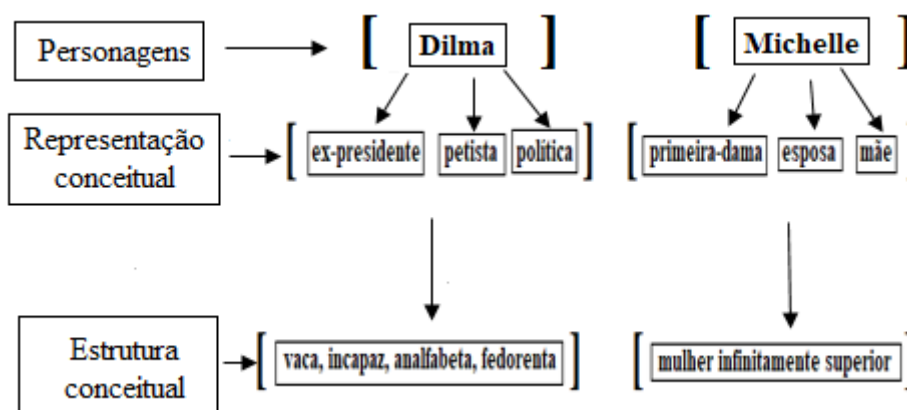
A intervenção subordinada (1-3) que precede o ato (4) se liga a ele por uma relação interativa de preparação. É com essa intervenção subordinada de preparação que o comentador reúne uma série de informações depreciativas em relação à figura da Dilma, buscando imputar à sua figura e à de seus partidários traços socialmente negativos. No interior da intervenção subordinada (1-3), o ato principal, Ap (1) *E imaginar aquela vaca da Dirma* se liga à intervenção subordinada, Is (2-3), por uma relação interativa de comentário cujo teor ajuíza uma formulação plenamente desfavorável em relação aos mencionados em seu discurso (Lula, Dilma), ajudando a preparar o “cenário” ideal para a representação positiva da figura de Michelle que o comentador pretende promover na sua intervenção. Isso porque os atos (2) *que tinha um cachorro oculto atrás dela*, e (3) *nem sabia ditôngo e hiato da língua portuguesa*, constituintes da intervenção subordinada, Is (2-3), invocam a ideia de uma figura feminina inábil, incapaz, possivelmente, não apta para ser a principal mandatária do país.

No resumo das informações extraídas com o auxílio da estrutura hierárquico-relacional, é possível perceber que os insultos realizados por meio da animalização feito em relação à figura de Dilma (*vaca, cachorro*) estão relacionados em uma intervenção subordinada cuja relação de discurso estabelecida com o ato principal (4) é a de preparação. Essa relação interativa de preparação, como demonstra a informação de natureza relacional, sinaliza que essas estratégias de impolidez se constituem como possíveis recursos articulados não só para promover um ataque deliberado contra os seus interlocutores, mas sim como mecanismo por meio dos quais o comentador consegue, em função do desprezo e da desconsideração que atribui ao mencionados em seu discurso, promover a exaltação de um determinado grupo social, representado na figura da primeira-dama.

5.7.2 A estrutura conceitual do comentário 57

A estrutura conceitual apresentada abaixo foi utilizada como exemplo na apresentação dos recursos metodológicos mobilizados para se fazer o estudo do contexto (Cf. 4.3.3.2). Ela será retomada aqui, de forma mais pontual, para demonstrar as atualizações realizadas pelo comentador no sentido de tornar as figuras representadas em seu discurso mais aderentes aos valores e verdades que pretende defender. A função dessa atualização é mais perceptível quando articuladas às demais informações que constituem a intervenção porque permite visualizar que, em um contexto em que os sentidos são negociados, a sua plasticidade se presta a fornecer mecanismos que contribuam para a efetiva ação do comentador. Nesse sentido, observa-se que para o comentador é preciso transformar a ex-presidente em “vaca, incapaz, analfabeta”, figura que se distancia amplamente, em sua lógica, da mulher “infinitamente superior” que pretende propagar como padrão, como demonstram as informações mobilizadas na *estrutura conceitual* abaixo.

Figura 40 - Estrutura conceitual do comentário 57



Fonte: Elaboração da autora.

No “enquadramento” de seus valores, são essas imagens femininas que estão em debate e não a economia, a aposentaria, a corrupção, o desemprego, questões geralmente em análise quando se trata de debate político. É a “ideologia” do belo, da “mulher ideal” que o interessa e, por isso, a representação dos conceitos em relação a essas figuras assim atualizados, pois é a partir dessa lógica que o comentador apresenta o seu ponto de vista sobre o momento político em questão. É a partir dessa lógica que negocia o seu ponto de vista.

5.7.3 A forma de organização estratégica: considerações sobre as faces no comentário 57

No comentário em análise, a ação do comentador implica diretamente duas imagens públicas: a da ex-presidente e a da primeira-dama, Michelle Bolsonaro. Apesar de ambas serem personagens femininas, as implicações para as suas respectivas faces são completamente distintas em função do que o próprio comentador assume em termos de motivações para a sua ação nesse comentário.

Como já descrita, a ação do comentador nesse comentário está relacionada ao seu propósito de enaltecer a figura de Michelle Bolsonaro em detrimento da figura da ex-presidente Dilma. Esse propósito contribui para configurar as suas ações (criticar, ofender, exaltar, elogiar) a partir do que pretende realizar com a sua intervenção em relação às faces que estão em jogo. Assim, o projeto de ação do comentador é duplo, pois ele não apenas enaltece a personagem (Michelle) de quem é simpatizante, mas também ataca a imagem de quem imagina contrapor o seu perfil ideal feminino, a figura de Dilma.

Nas suas ações de ataque, o comentador realiza três atos potencialmente ofensivos: os insultos por meio da animalização (atos 1 e 2) e a crítica (ato 3). No que se refere à animalização, o seu estatuto principal dentro na intervenção subordinada de preparação aponta para o fato de que essas informações foram priorizadas de alguma forma pelo comentador como aposta de agravo, como demonstrou a estrutura hierárquico-relacional. Dessa forma, o comentador explicita a sua intenção de produzir um ato impolido ao inserir em seu discurso esses insultos que, nesse contexto, configura esse comentário, materializam um caso de impolidez genuína, segundo Culpeper (1996), pois faz referência a atos que intencionalmente objetivam promover o esfacelamento da face do outro, no caso a face de Dilma, figura mencionada no discurso Ap (1) *aquela vaca da Dirma*. É também o que afirma Leech (2014, p. 226) ao considerar que o emprego desses insultos assinala uma intenção deliberada de causar ofensa, uma vez que a “metáfora animal é, claro, um insulto agravado” e, conseqüentemente, uma violação da máxima de aprovação.

Do ponto de vista linguístico, se considerarmos com Culpeper (2011, p. 120) que determinadas formas de palavras e estruturas gramaticais se configuram como formas convencionalizadas de impolidez, o Ap (1) *aquela vaca da Dirma* se insere nessa categoria, pois consistem em expressões linguísticas ou verbais convencionais que, em determinado contexto sociocultural, marcam as formas recorrentes utilizadas por determinados grupos para realizar ações de impolidez. No caso em análise, a estrutura “*aquela vaca da Dirma*” opera duplamente na invocação de uma figura pública que será implicada ofensivamente no discurso e na materialização do ato impolido por meio do insulto animalizado com o qual o comentador pretende atingir a sua imagem positiva.

Na sombra desse insulto realizado por meio da metáfora animal está a inferência negativa de desvalida (sem valor), incapaz, inapta que o comentador quer imputar à figura de Dilma. Essas inferências podem ser atestadas nos atos subsequentes nos quais o comentador insere com o Ap (2) *que tinha um cachorro oculto atrás dela* a figura do ex-presidente Lula que apesar de veicular uma informação depreciativa também para a sua imagem pública (*cachorro*) é inserida no comentário para marcar a incapacidade de Dilma que supostamente precisava de “reforço”, sobretudo masculino, para governar.

Essa suposta incapacidade é “justificada” pela relação de argumento (informação da forma de organização relacional) que introduz o ato (3) *nem sabia ditôngo e hiato da língua portuguesa* que comporta não só uma crítica pontual a forma de se expressar da ex-presidente, mas também, segundo o comentador, o motivo (a inaptidão) pelo qual a ex-presidente precisava de alguém nos bastidores (*cachorro oculto*). O que se observa é que o conjunto dessas informações assim articuladas se configura como uma ofensa generalizada contra a imagem positiva de Dilma e contra o grupo que ela supostamente representa, as feministas. A esse respeito, Lakoff (2005) menciona que as mulheres ou as feministas de uma forma geral são atacadas ou restringidas em sua “forma de falar” e consideradas como “estridentes” ou “incômodas”, críticas que comportam a tentativa de silenciá-las, isto é, as críticas “substituem sua suposta maneira de falar pelo que é realmente problemático, o que elas estão dizendo” (LAKOFF, 2005, p. 36) ou reivindicando em termos de representatividade política e social (MIGUEL *et al*, 2018). Assim, as críticas feitas em relação ao seu modo de falar são mascaramentos para o silenciamento que se pretende impor a elas.

Além disso, o objetivo dessa depreciação articulada pelo comentador com a intervenção subordinada de preparação, Is (1-3), é criar um efeito de oposição entre o que é belo, adequado e “infinitamente superior” e o que é feio, inferior, desvalido (sem valor). Essa oposição fica ainda mais evidente na articulação entre a Is (1-3) de preparação e o ato principal, Ap (4) “*e ver a Michelle infinitamente superior do que aquelas feministas chatas de P.P.K fedorennta*”. Nesse aspecto, o comentário demonstra como uma relação interativa de preparação, não se realiza apenas como meio de mitigar ofensas que o comentador supõe realizar em um ato subsequente, mas materializa também uma forma engenhosa de potencialização de agravo.

Outro ponto a ser destacado é que, com esse ato (4), o comentador não só evidencia, como demonstrado na estrutura hierárquico-relacional, o objetivo principal de sua intervenção, que é demonstrar a sua aprovação pública à figura de Michele Bolsonaro, sendo efetivo no elogio e, conseqüentemente, no apreço que demonstra pela sua face positiva (*FFA*), mas materializa também sobre quais valores estão sustentadas as suas considerações. Ao estabelecer

uma distinção entre as mulheres que são, na sua concepção, “*vacas, feias, chatas e fedorentas*” e as mulheres “*infinitamente superiores*” o que o comentador evidencia é uma dinâmica do jogo social que, em sociedades nas quais prevalece o machismo, as mulheres ainda não são implicadas em suas competências políticas, profissionais, artísticas, *etc*, mas em função de sua beleza física ou de sua adequação aos padrões e valores sociais estabelecidos (LAKOFF, 1975).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal da pesquisa apresentada nesta tese foi investigar a potencialidade do Modelo de Análise Modular do Discurso, na sua versão atual, como proposta para o estudo da impolidez. Visando a atingir esse objetivo, nos pareceu pertinente promover a aproximação de abordagens, assim como fizeram os proponentes da abordagem modular em vários momentos do desenvolvimento do modelo, buscando sistematizar um quadro de análise mais completo para o estudo da impolidez. Nesse sentido, a nossa proposta foi articular a abordagem de impolidez proposta por Culpeper (1996, 2005, 2010, 2011), reconhecendo a sua relevância para a investigação da impolidez, sobretudo no que se refere à presença de categorias descritivas, as estratégias de impolidez, que ajudam a especificar os eventos impolidos e o Modelo de Análise Modular do Discurso, por se constituir como uma abordagem que oferece os recursos teórico-metodológicos, configurados em módulos e formas de organização, que permitem descrever de forma precisa as intervenções impolidas.

Nesse sentido, este estudo propõe um avanço em relação à atual versão do MAM (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001), que, como informado na introdução geral desta tese, não se constituiu originalmente como uma abordagem para o estudo sistemático da impolidez.

Assim, a aposta nos recursos teórico-metodológico do modelo e, na sua aproximação com a abordagem de impolidez de Culpeper, contribuem para sustentar a nossa hipótese de que o estudo de um fenômeno complexo como a impolidez poderia se beneficiar de um aparato teórico-metodológico que permite extrair sistemas de informações simples que, ao serem combinados em formas complexas, possibilitaria uma investigação mais abrangente desse fenômeno.

Para a nossa investigação, foram adotados como *corpus* os comentários publicados a partir da notícia “A posse de Jair Bolsonaro em dez etapas: ex-capitão do Exército toma posse em Brasília, divulgada no site de notícias G1, no mês de janeiro de 2019.

A adoção desse *corpus* como propício à investigação proposta nesta pesquisa encontrou suporte na consideração das características que definem esse gênero digital, como *relacionalidade, visibilidade, recursividade, ampliação, etc.* Também por ser um gênero que permite a expressão de pontos de vistas distintos em um ambiente dinâmico e fluido, poderia se constituir como modalidade discursiva de alto potencial polêmico, propícios à materialização da impolidez.

Posteriormente, para testar a nossa hipótese inicialmente levantada, a partir da perspectiva metodológica do modelo modular, estabelecemos os módulos e as formas de organização que consideramos necessários para a investigação da impolidez. Considerando a impolidez como um produto emergente da interação, resultado da ação de indivíduos que buscam de alguma forma negociar os seus sentidos sobre os eventos do mundo, nos pareceu pertinente definir como última etapa do nosso percurso de análise a forma de organização estratégica a fim de explicitar como os participantes de uma interação efetiva (comentários) negociam os seus sentidos e, por extensão, as faces, as relações de dominância e de poder e os seus territórios. A consideração dessa etapa da análise está fundamentada no fato de que, na abordagem modular, cabe à forma de organização estratégica o estudo das relações de faces, lugares e territórios e, por isso, se constitui como parte substancial da análise desenvolvida nesse trabalho. Em outros termos, essa é a forma de organização que permitiu estudar os fenômenos ligados à im/polidez e à gestão de faces, territórios e lugares e, por extensão, as estratégias discursivas mobilizadas pelos interagentes em seus comentários.

Buscando alcançar essa etapa final, que na abordagem modular é realizada a partir da articulação de módulos e formas de organização anteriormente analisados, desenvolvemos um percurso de análise organizado em torno dos módulos situacional (referencial/interacional) e textual (hierárquico) e das formas de organização relacional, enunciativa, polifônica e estratégica.

Com o estudo da dimensão situacional, descrevemos os comentários a partir de sua materialidade (quadro interacional) e dos elementos referenciais (quadro acional e estrutura conceitual) com os quais explicitamos elementos contextuais relevantes para a compreensão não só do gênero comentário, mas também para as ações linguísticas que neles se realizam. Assim, com o quadro interacional pontuamos, a partir de propriedades como o canal, o modo e o tipo de vínculo, as restrições e as possibilidades que esse gênero digital impõe à ação dos comentaristas, por exemplo, a possibilidade ampliada de reciprocidade que permite a reação imediata ou tardia, sem maiores problemas para o comentarista ou ainda a possibilidade de manter “oculta” a sua identidade como forma de proteção de face.

O quadro acional, outro recurso da dimensão situacional mobilizado na análise, permitiu precisar a atualização que os comentaristas fazem de si, dos outros e da situação de comunicação da qual participam. É esse processo de atualização que nos permitiu explicar o contexto de forma mais ampla, pois possibilitou refletir que é na emergência da interação que um comentarista, por exemplo, “burla” seu *status* de comentarista e se atualiza como ofensor, crítico, ordenador, *etc.* em função das ações que realiza na interação. Assim, essas informações

extraídas do quadro acional foram relevantes para verificar que mesmo compartilhando uma mesma interação, os comentadores se atualizam de forma diferentes, visando a seus objetivos particulares.

Complementou essa etapa do estudo a análise feita a partir da estrutura conceitual. Com o estudo da estrutura conceitual foi possível descrever e analisar a mobilização de conceitos que os comentadores realizam na interação a fim de torná-los mais aderentes aos pontos de vista que pretendem defender. Considerando que as interações no meio digital são espaços dinâmicos e que o são igualmente as identidades e os conceitos neles mobilizados, as informações da estrutura conceitual permitiu a “leitura” dessa atualização conceitual realizada no curso da interação. Com o estudo desses três recursos da dimensão situacional, acreditamos ter feito uma análise mais objetiva do contexto no qual se desenvolvem os comentários, demonstrando as informações e as possibilidades que o constitui enquanto elemento “plástico” sujeito as interferências dos participantes de uma interação particular.

No estudo da forma de organização enunciativa, orientou a nossa investigação a identificação da função dos discursos representados no discurso produzido. Com base nessa orientação, o principal objetivo do estudo foi investigar “por que e para que os interlocutores trazem outras vozes para os seus discursos”. Como etapa de estudo que antecede o estudo da forma de organização estratégica, o estudo da forma de organização enunciativa e polifônica permitiu definir os segmentos de discursos e suas funções, por exemplo, refutação, apoio, acusação. Adotando a perspectiva de que os diversos níveis constitutivos do discurso podem se configurar como recursos por meio dos quais os comentadores podem fazer a gestão de faces, essa etapa da análise nos permitiu precisar que as vozes retomadas representadas no discurso produzido se constituem como um potente recurso para esse fim.

Outra etapa do nosso estudo consistiu na elaboração de estruturas hierárquico-relacional de todos comentários. Nessa etapa, orientados pelas informações que precisam os comportamentos individuais dos participantes a partir das manobras realizadas por ele ou de que maneira buscam se representar como efetivos tanto do ponto de vista comunicacional quanto do ponto de vista ritual (completude monológica), descrevemos os comentários primeiro em seus constituintes mínimos, ou seja, em atos textuais, menor unidade de análise, proposto pelo modelo modular. Em seguida, combinamos essas informações com as informações de natureza relacional, descrevendo as relações discursivas que permitem relacionar os atos textuais uns em relações aos outros a partir de uma relação significativa que pode refletir o que o comentador buscou “projetar” de si e dos demais participantes da interação. Essa etapa da análise foi particularmente significativa, pois, na hierarquia das informações apresentadas e na

relação estabelecida entre os constituintes da intervenção, oferece, na nossa percepção, mecanismos mais plausíveis para inferir as intenções dos comentadores na elaboração de seus comentários.

Por fim, com o estudo da forma de organização estratégica, buscamos articular, como propõe a metodologia modular, as informações provenientes dos módulos e das formas de organização estudados anteriormente para, a fim de investigar a contribuição de cada uma delas na constituição dos efeitos de impolidez, descrever a ação dos comentadores na elaboração dos seus discursos, considerando informações como a noção de face, lugares e territórios. Para isso, tínhamos em mente que se estávamos falando de estratégias de impolidez, era preciso questioná-las dentro de um quadro mais amplo, articuladas às demais informações constitutivas dos comentários impolidos a fim de precisar a sua relação e a sua função na elaboração de eventos impolidos.

Esse questionamento foi possível na visualização das informações na estrutura hierárquico-relacional que permitiu precisar de que maneira as estratégias de impolidez, conforme propostas por Culpeper, foram integradas ao discurso e de que maneira foram manejadas e articuladas às demais informações constitutivas do discurso para se fazer a gestão de faces, lugares e territórios. No quadro de análise da forma de organização estratégica, foi possível então precisar que a escolha de uma estratégia por parte de um comentador está sempre relacionada a seus objetivos particulares e que, para além de ter uma função restrita de atingir a face de seu interlocutor, pode ser agenciada com objetivos mais precisos, por exemplo, fazer a exaltação de si, conseguir a adesão dos demais comentadores a uma tese, exaltar figuras públicas, imputar culpa a alguém, etc.

Esses resultados obtidos a partir da análise detalhada do nosso *corpus* forçam a nossa percepção no sentido de considerar que a impolidez é muito mais complexa do que admite um olhar mais célere em relação à sua constituição e que, sim, o estudo dos mecanismos que a constituem podem ser melhor captados a partir de um modelo de análise mais abrangente, como o Modelo de Análise Modular, que possibilitou, por meio da articulação dos diversos planos da constituição discursiva, precisar melhor os seus efeitos.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, Ruth. La coexistence dans le dissensus, *Semen* [Online], 31, 2011. Disponível em: <http://semen.revues.org/9051>.
- AMOSSY, Ruth. *Apologia da polêmica*. Coordenação de trad. Mônica Magalhães Cavalcante. São Paulo: Contexto, 2017.
- ARRUDA, D. C. Violência verbal nos comentários de leitores publicados em sites de notícia. *Calidoscópico*, Porto Alegre, v. 11.3, p. 241-249, 2013
- AZEVEDO, I.C, M.; GONÇALVES-SEGUNDO, P.R.; PIRIS, E. L. Argumentação erística nas interações digitais: uma polêmica médica sobre a cloroquina no Debate 360 da CNN Brasil. *Revista Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 29, n. 4, p. 2289-2333, 2021
- BAKHTIN, M.; VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BALOCCO, A. E.; SHEPERD, T. M. G. A violência verbal em comentários eletrônicos: um estudo discursivo-interacional. *DELTA*, São Paulo, v. 33, n. 4, p. 1013-1037, 2017
- BARTON, D; LEE, C. *Linguagem online: textos e práticas digitais*. Tradução de Milton Motta. São Paulo: Parábola, 2015.
- BERRENDONNER, A. Connecteurs pragmatiques et anaphores. *Cahiers de linguistique française* 5. 215-246, 1988.
- BERRENDONNER A. Pour une macro-syntaxe. *Travaux de linguistique* 21, 25-36, 1990.
- BOURDIEU, P. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R. (org.). *Bourdieu* (Coleção Grandes Cientistas Sociais). São Paulo: Ática, 1983.
- BOROWSKI, E.M. *As fake news e o discurso de ódio nas eleições gerais de 2013: o ciberespaço como nova arena de disputa eleitoral*. Porto Alegre: Paixão, 2020.
- BOUSFIELD, D. *Impoliteness in Interaction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2008.
- BOUSFIELD, D.; Locher, M.A. *Impoliteness in Language: Studies on Its Interplay with Power in Theory and Practice*. New York: Mouton de Gruyter, 2008.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. C. *Politeness: Some Universals in Language Usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987 [1978].
- BURGER, M. L'identité négociée: "rapports de place(s)" dans un entretien télédiffusé. *Cahiers de linguistique française* 17, p. 9-33, 1995.
- BURGER, M. Positions d'interaction: une approche modulaire. *Cahiers de Linguistique Française*, Genève, n. 17, p. 7-46, 1997.

CABRAL, A. L. T.; LIMA, N. V. Interações conflituosas e violência verbal nas redes sociais: polêmica em comentários no facebook. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, Vitória, v. 12.22, p. 39-58, 2018.

CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2009.

CHARAUDEAU, P. Reflexões para a análise da violência verbal. Tradução de Patrícia Reuillard (UFRGS); coordenação de Ernani Cesar de Freitas (UPF/PPGL), 2019, URL: <https://www.patrick-charaudeau.com/Reflexoes-para-a-analise-da-362.html>

CRYSTAL, David. *A revolução da linguagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005

CULPEPER, J. Towards an Anatomy of Impoliteness. *Journal of Pragmatics*, [S.l.], v. 25, n. 3, p. 349-367, 1996. DOI: [https://doi.org/10.1016/0378-2166\(95\)00014-3](https://doi.org/10.1016/0378-2166(95)00014-3)

CULPEPER, J. Impoliteness and Entertainment in the Television Quiz Show: The Weakest Link. *Journal of Politeness Research. Language, Behaviour, Culture*, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 35-72, 2005. DOI: <http://doi.org/10.1515/jplr.2005.1.1.35>

CULPEPER, J. Conventionalised impoliteness formulae. *Journal of Pragmatics*. 42 (12). 3232–3245, 2010.

CULPEPER, J. *Impoliteness: Using language to cause offence*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

CULPEPER, J. Politeness and impoliteness. In: AIJMER, K.; ANDERSEN, G. (orgs.), *Handbooks of Pragmatics: Sociopragmatics*. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 391-436, 2011b.

CULPEPER, J. Impoliteness strategies. In Alessandro Capone & Jacob L. Mey (Eds.), *Interdisciplinary studies in pragmatics, culture and society*. 421–445. Springer International Publishing, 2016.

CULPEPER, J.; HARDAKER, C. Impoliteness. In: CULPEPER, J.; HAUGH, M.; KÁDÁR, D. Z. (org.). *The Palgrave Handbook of Linguistic (Im)politeness*. London: Macmillan, 2017. p. 199-225. DOI: http://doi.org/10.1057/978-1-137-37508-7_9

CUNHA, G.X. *Para entender o funcionamento do discurso: uma abordagem modular da complexidade discursiva*. Curitiba: Appris, 2014.

CUNHA, G. X. O papel dos conectores na co-construção de imagens identitárias: o uso do mas em debates eleitorais. *ALFA*, 61(3): 599-623, 2017.

CUNHA, G. X. O impacto da dimensão situacional do discurso sobre a articulação textual. *Calidoscópio*, 15(2): 375-387, 2017a.

CUNHA, G. X.; PICININ, R. V. C. A negociação de faces, territórios e lugares em uma perspectiva interacionista da análise do discurso. *LETRAS (UFSM)*, 27: 17-40, 2017.

- CUNHA, G. X. Estratégias de impolidez como propriedades definidoras de interações polêmicas. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 35.2, p. 1-28, 2019.
- CUNHA, G. X.; RUFINO, J. A. . Deus lhe pague: o agradecimento como estratégia de protesto na canção de Chico Buarque. *L&S Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 19, p. 112-131, 2018.
- CUNHA, D. Reflexões sobre o ponto de vista e a construção discursiva de comentários de leitores na web. IN: BUENO, Thaísa; REINO, Lucas. *Comentários na Internet*. (org.). Imperatriz: Edufma, 2014. Disponível em: http://gmidia.ufma.br/?page_id=630
- EELLEN, G. *A critique of politeness theories*. Manchester: St. Jerome Publishing, 2001.
- ESPUNY, J. La diaphonie dans l'échange en face à face. *Cahiers de linguistique française*, v. 21, p. 61-77, 1999.
- FILLIETTAZ, L. Vers une approche interactionniste de la dimension référentielle du discours. *Cahiers de linguistique française*, v. 18, p. 34-67, 1996.
- FILLIETTAZ, L. O lugar do contexto em uma abordagem praxeológica do discurso: o caso da argumentação nas interações escolares. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 12, n. 22, p. 143-170, 2008.
- GOFFMAN, Erving. On face-work: an analysis of ritual elements in social interaction. In: GOFFMAN, Erving (Org.). *Interaction Ritual*. Essays on Face-to-Face Behavior. New York: Pantheon Books, p. 5-45, 1967.
- GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 20a edição. Petrópolis: Vozes, 2014.
- GOFFMAN, E. *Ritual de interação*. Ensaios sobre o comportamento face a face. Tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. 2a edição. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GOFFMAN, E. *Relations in public*. New Jersey: Transaction Publishers, 1971.
- GRAHAM, S.L.; HARDAKER, C. (Im)politeness in digital communication. In: J. CULPEPER; M. HAUGH; D.Z. KÁDÁR. *The Palgrave Handbook of Linguistic (Im)politeness*. London, Palgrave Macmillan, p. 785-814, 2017. https://doi.org/10.1057/978-1-137-37508-7_30
- Grice, P. *Meaning*. *Philosophical Review* 66, 377–388., 1957.
- GRICE, P. *Logic and Conversation*. In P. Cole and J. Morgan (eds.), *Syntax and Semantics*, vol. 3: Speech Acts. New York: Academic Press, 41–58, 1975.

GRICE, P. Lógica e Conversação. In: DASCAL, Marcelo. (Org.). *Fundamentos metodológicos da linguística*. Tradução de João Wanderley Geraldi. Campinas: UNICAMP, v. 4, p. 81-103, 1982.

HENRICH, N.; HOLMES, B. Web news readers' comments: Towards developing a methodology for using on-line comments in social inquiry. *Journal of Media and Communication Studies* 5(1).1, 2013. DOI:10.5897/JMCS11.103

KERBRAT-ORECCHIONI, C. La polémique et ses définitions. *La parole polémique*, Lyon: Presses Universitaires de Lyon, p. 3-40, 1980.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Os atos de linguagem no discurso: teoria e funcionamento*. Niterói: EdUFF, 2005.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Análise da Conversação: princípios e métodos*. Tradução de Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola, 2006.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. Polidez e impolidez nos debates políticos televisivos: o caso dos debates entre dois turnos dos presidentes franceses. In: SEARA, I. R. *Cortesia: Olhares e (re) invenções*. Lisboa: Chiado Editora, 2014.

KIENPOINTNER, M. Varieties of rudeness: Types and functions of impolite utterances. *Functions of Language* 4 (2): 251–87, 1997.

Lakoff, Robin. "Language and Woman's Place." *Language in Society*, vol. 2, no. 1, Cambridge University Press, 1973, pp. 45–80, <http://www.jstor.org/stable/4166707>.

LAKOFF, R. *Language and woman's place*. New York: Harper Colophon Books, 1975.

LAKOFF, R. *Language and Woman's Place*. New York: Harper Collins, 1989.

LEECH, G. *Principles of Pragmatics*. London: Longman, 1983.

LEECH, G. *The pragmatics of politeness*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

LOCHER, M. A. Polite behaviour within relational work: The discursive approach to politeness. *Multilingua* 25 (3): 249–67, 2006.

LOCHER, M. A.; WATTS, R. J. Relational work and impoliteness: negotiating norms of linguistic behavior. In: BOUSFIELD, D.; LOCHER, M. A. (Org.) *Impoliteness in language: studies on its interplay with power in theory and practice*. Berlim: Mouton de Gruyter, p. 77-99, 2008.

LOCHER, M. A., BROOK, B. Humour in microblogging: Exploiting linguistic humour strategies for identity construction in two Facebook focus groups. In M. Dynel, and J. Chovanec (eds.), *Participation in Public and Social Media Interactions*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, pp. 135-155, 2015.

- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- MARINHO, J. H. C. Uma abordagem modular e interacionista da organização do discurso. *Revista da Anpoll*, n. 16, p. 75-100, 2004.
- MARINHO, J.H.C A determinação da unidade textual mínima. In: MARINHO, J. H. C; PIRES, M. S. O.; VILLELA, A. M. N. (Org.) *Análise do discurso: ensaios sobre a complexidade discursiva*. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2007, p. 39-50.
- MARINHO, J. H. C; PIRES, M. S. O.; VILLELA, A. M. N. (Org.) *Análise do discurso: ensaios sobre a complexidade discursiva*. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2007.
- MARTINO; L. M.S; MARQUES, A.C.S. O conceito de opinião pública na teoria da comunicação: genealogias e modos de abordagem. *Organicom*. Ano 17. Número 33. p. 64-88, maio/agosto, 2020.
- MICHE, É. L'organisation polyphonique d'un fragment de débat radiophonique. *Cahiers de linguistique française* 19, 125-147, 1997.
- MIGUEL, Luis Felipe et al. *O ódio como política*. São Paulo: Boitempo, 2018.
- MILLS, S. *Gender and Politeness*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003
- NEURAUTER-KESSELS, M. Im/polite reader responses on British on-line news sites. *Journal of Politeness Research*. Language, Behaviour, Culture 7(2). 187–214, 2011.
- NIZET, J.; RIGAUX, N. *A sociologia de Erving Goffman*. Tradução de Ana Cristina Arantes Nasser. Petrópolis: Vozes, 2016. Coleção Sociologia: Pontos de Referência.
- MOESCHLER, J. La réfutation parmi les fonctions interactives marquant l'accord et le désaccord. *Cahiers de linguistique française*. v. 1, pp. 54-78, 1980.
- NUNES, J.H. *Interacionismo simbólico e dramaturgia: a sociologia de Goffman*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas; Goiânia: Editora UFG, 2005.
- OLIVEIRA, A. L. A. M.; CARNEIRO, M. # EleSim,# EleNão,# ElaSim,# ElaNão: o twitter e as hashtags de amor e de ódio na campanha presidencial brasileira de 2018. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 1, p. 33-49, 2020.
- OLIVEIRA, A. L. A. M.; CUNHA, G. X.; MIRANDA, M. V. . Nominalizations as complex strategies of politeness and face-work in scientific papers written in Brazilian Portuguese. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 59, p. 361-375, 2017.
- PAVEAU, M-A. *Análise do discurso digital*. Campinas: Pontes Editores, 2021.

- PEREIRA, W.M. (2020). O discurso conflituoso na internet: uma análise discursivo-interacionista de comentários em site de notícia. *Revista Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, v. 28, n. 4: 1913-1958.
- PERRIN L. De la structure énonciative et de l'organisation polyphonique d'un échange épistolaire. *Cahiers de linguistique française* 18, 129-156, 1996.
- PIRES, S. *Estratégias discursivas na adolescência*. São Paulo: Arte & Ciência, 1997.
- RABAB'AH, G.; ALALI, N. Impoliteness in Reader Comments in Al-Jazeera Channel News Website. *Journal of Politeness Research Language Behaviour Culture*. 16.1 -22, 2019.
- RECUERO, R. *A conversação em rede*. Porto Alegre: Sulina, 2014.
- RECUERO, R. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina 2014b.
- ROSSARI, C. Identification d'unités discursives les actes et les connecteurs. *Cahiers de Linguistique Française* 18, Genebra, p. 157-177, 1996
- ROSSARI, C. Les relations de discours avec ou sans connecteurs. *Cahiers de Linguistique Française* 21, Genebra, p. 181-192, 1999
- ROULET, E. Stratégies d'interaction, modes d'implicitation et marqueurs illocutoires. *Cahiers de Linguistique Française*, Genebra, v. 1, p. 80-103, 1980
- ROULET, E. et al. *L'articulation du discours en français contemporain*. Berne: Lang, 1985.
- ROULET, E. Complétude interactive et mouvements discursifs. *Cahiers de linguistique française*. v. 7, pp. 189-206, 1986.
- ROULET, E. Une forme peu étudiée d'échange agonale: la controverse. *Cahiers de praxématique*, Paris, v.13, p. 7-18, 1989.
- ROULET, E. (1987). Complétude interactive et connecteurs reformulateurs. *Cahiers de linguistique française*. v. 8, pp. 111-140.
- ROULET, E. Variations sur la structure de l'échange langagier dans différentes situations d'interaction. *Cahiers de linguistique française*. v. 9, n. 1, pp. 27-37, 1988.
- ROULET, E. *La description de l'organisation du discours*. Paris: Didier, 1999.
- ROULET, E.; FILLIETTAZ, L.; GROBET, A. *Un modèle et un instrument d'analyse de l'organisation du discours*. Berne: Lang. 2001.
- RUFINO, J. A. As minhas meninas: análise de estratégias discursivas em canções buarqueanas produzidas no período da Ditadura Militar. 2011. 337f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

- SEARA, I.R.; CABRAL, A.L.T. O comentário elogiativo nas redes sociais: estratégias de cortesia valorizadora. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 3:311-332, 2017. <https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln3ano2017a17>
- SIMUNIC, Z. Une approche modulaire des stratégies discursives du journalisme politique. 2004. 380f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade de Genebra, Genebra, 2004.
- SPENCER-OATEY, H. Managing rapport in talk: using rapport sensitive incidents to explore the motivational concerns underlying the management of relations. *Journal of Pragmatics*, v. 34, p. 529-545, 2002.
- SPENCER-OATEY, H. (Im)politeness, face and perceptions of rapport: unpackaging their bases and interrelationships. *Journal of politeness research*, v. 1, p. 95-119, 2005.
- WATTS, R. *Politeness*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- WATTS, R. Linguistic politeness research: Quo vadis? In: Richard J. Watts, Sachiko Ide and Konrad Ehlich (eds.) (2005) *Politeness in Language: Studies in its History, Theory and Practice* (2nd edn). Berlin and New York: Mouton de Gruyter, pp. xi–xlvi, 2005.
- WIBOWO, G. P., & Kuntjara, E. Impoliteness strategies used on online comments in an Indonesian football website. *K@ta Kita*, 1(1), 166–173, 2013.
- YANG, S. The effects of the opinion and quality of user postings on Internet news readers' attitude toward the news issue. *Korean Journal of Journalism & Communication Studies* 52(2). 25, 2008.
- YULIDAR, L. Impoliteness strategies used in dailymail's comments. (Master's thesis, Universitas Muhammadiyah Surakarta, Indonesia). 2017. Acesso em <http://eprints.ums.ac.id/51964>

ANEXO 1

A notícia selecionada para coleta de *corpus*

A posse de Jair Bolsonaro em dez etapas

Capitão reformado do Exército, Bolsonaro tem 63 anos e foi eleito para mandato nos próximos quatro anos. Novo presidente recebeu faixa de Temer e fez pronunciamento à nação.

Por G1 — Brasília - 01/01/2019

O capitão reformado do Exército Jair Bolsonaro (PSL), de 63 anos, tomou posse nesta terça-feira (1º) em Brasília como 38º presidente da República. O mandato vai até 31 de dezembro de 2022. Acompanhada por cerca de 115 mil pessoas, segundo o governo federal, a posse foi marcada pelo maior aparato de segurança da história.

Bolsonaro fez dois discursos nesta terça-feira e reafirmou as bandeiras apresentadas na campanha eleitoral. Defendeu, ainda, um "pacto nacional" e disse que irá "restabelecer a ordem" no Brasil.



A cerimônia de posse teve as seguintes etapas:

1. Saída da Granja do Torto;
2. Desfile em carro aberto;
3. Posse no Congresso;
4. Discurso no Congresso;
5. Transmissão da faixa;
6. Discurso da primeira-dama em Libras;
7. Discurso no parlatório;
8. Cumprimentos no Planalto;
9. Posse dos ministros;
10. Recepção no Itamaraty.

1. Saída da Granja do Torto



00:00/01:37

Comboio com Bolsonaro e Michelle deixa Granja do Torto em direção à Catedral de Brasília

Bolsonaro deixou a Granja do Torto, em Brasília, pouco depois das 14h20 em direção à Esplanada dos Ministérios. Quando ele deixou a residência oficial, dezenas de apoiadores o aguardavam na portaria com bandeiras do Brasil e camisas nas cores verde e amarela (*veja no vídeo acima*). O comboio chegou à Catedral de Brasília cerca de 10 minutos depois. Bolsonaro e a primeira-dama, Michelle, cumprimentaram o padre Firmino e seguiram em desfile em carro aberto pela Esplanada dos Ministérios.

2. Desfile em carro aberto



Durante o desfile, Bolsonaro e Michelle acenaram ao público. Um dos filhos do presidente, Carlos Bolsonaro, ficou com o casal no carro. Carlos é vereador do Rio de Janeiro e ficou sentado na parte de trás do veículo. No início do desfile, o carro oficial teve de reduzir a velocidade porque um dos cavalos dos Dragões da Independência se chocou com outro e teve de ser controlado pelo militar que estava montado nele.

3. Posse no Congresso

Após o desfile em carro aberto, Bolsonaro chegou ao Congresso Nacional e se dirigiu ao plenário da Câmara dos Deputados, onde foi declarado presidente, assinou o termo de posse e fez o primeiro pronunciamento como novo chefe de Estado brasileiro.

4. Discurso no Congresso



Discurso de posse do presidente Jair Bolsonaro no Congresso Nacional

O primeiro discurso de Bolsonaro como presidente da República durou cerca de dez minutos. A uma plateia formada por parlamentares e convidados, Bolsonaro defendeu um "pacto nacional" entre a sociedade e os poderes da República para que o Brasil conquiste "novos caminhos" (a) na superação de desafios (*veja a íntegra do discurso no vídeo abaixo*).

5. Transmissão da faixa

Bolsonaro chegou ao Palácio do Planalto acompanhado de Michelle e do novo vice- presidente da República, o general Hamilton Mourão (PRTB). Eles foram recebidos por Temer e pela ex-primeira-dama Marcela na rampa do palácio. Em seguida, todos se dirigiram ao parlatório do Planalto, onde houve a transmissão da faixa presidencial, às 17h. Temer não discursou e deixou o palácio em direção à Base Aérea de Brasília.



O ex-presidente Michel Temer transmite a faixa presidencial para o presidente empossado Jair Bolsonaro, no Palácio do Planalto, em Brasília — Foto: Célio Messias/Estadão Conteúdo

6. Discurso da primeira-dama em Libras

Antes de Bolsonaro fazer o tradicional discurso no parlatório, a nova primeira-dama, Michelle Bolsonaro, fez um discurso inesperado em Libras (*veja no vídeo abaixo*).

Michelle é engajada em causas de pessoas com deficiência. Ela faz parte do Ministério de Surdos e Mudos da Igreja Batista Atitude, na Barra da Tijuca, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, onde atua como intérprete de Libras nos cultos que acontecem aos domingos.



Michelle Bolsonaro transmite mensagem de agradecimento em libras

7. Discurso no parlatório

Já com a faixa de presidente da República, Bolsonaro fez o primeiro pronunciamento à nação,

no qual prometeu "tirar peso do governo sobre quem trabalha e produz" e "restabelecer a ordem neste país". "Vamos tirar a desconfiança e o peso do governo sobre quem trabalha e quem produz. Também é urgente acabar com a ideologia que defende bandidos e criminaliza policiais", afirmou. Após o discurso de Bolsonaro, o público na Praça dos Três Poderes chamou o presidente de "mito" e entoou o grito "o capitão voltou". Bolsonaro aparentava estar emocionado.



>> *Veja a íntegra do discurso no vídeo abaixo:*

Bolsonaro discursa no Palácio do Planalto com a faixa presidencial

8. Cumprimentos no Planalto

Após discursar no parlatório, Bolsonaro se dirigiu à área interna do Palácio do Planalto, onde recebeu cumprimentos de líderes internacionais e convidados. Entre os presentes estavam Mario Abdo Benítez (Paraguai), Tabaré Vázquez (Uruguai), Marcelo Rebelo de Sousa (Portugal), Sebastián Piñera (Chile) e Evo Morales (Bolívia).

9. Posse dos ministros



Presidente Jair Bolsonaro em foto oficial com toda a nova equipe ministerial —
Foto: Ueslei Marcelino/Reuters

Uma das últimas etapas da cerimônia foi a posse dos novos ministros do governo. Ao todo, Bolsonaro deu posse a 21 ministros, entre os quais Sérgio Moro (Justiça), Onyx Lorenzoni (Casa Civil), general Augusto Heleno (Segurança Institucional), general Santos Cruz (Secretaria de Governo), Marcos Pontes (Ciência e Tecnologia) e Ricardo Vélez Rodríguez (Educação). Embora Bolsonaro já tenha definido o novo presidente do Banco Central, o atual ministro Ilan Goldfajn permanecerá no cargo até o Senado votar a indicação de Roberto Campos Neto.

10. Recepção no Itamaraty

A última etapa da posse é a recepção no Palácio Itamaraty, sede do Ministério das Relações Exteriores e um dos principais pontos turísticos de Brasília. A recepção é oferecida a líderes internacionais que acompanharam a posse e a convidados do novo presidente da República.



Bolsonaro recebe faixa presidencial diante do público no Planalto

279 COMENTÁRIOS

Os comentários são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não representam a opinião deste site. Se achar algo que viole os termos de uso, denuncie. Leia as perguntas mais frequentes para saber o que é impróprio ou ilegal.

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/01/a-posse-de-jair-bolsonaro-em-dez-etapas.ghtml>

ANEXO 2

Classificação dos comentários impolidos

Nº	Comentário	Como os comentadores realizam as ações ofensivas
1
2	Dada a total incapacidade dele, vamos assistir a 4 anos dele falando pastagens na tv.	Criticam/expõem um traço da personalidade (inteligência , caráter, temperamento, comportamento, competência), falas, ações e/ou formação de pessoas, governos e/ou instituições. Animalizam o outro, atribuindo-lhe nomes e/ou características animais.
3
4	Coisa mais LINDA da VIDA é ver pobre que vive de salário mínimo apoiando seu "mito", qdo esse toma seu trocadinho... O vida bunita de se viver!	Empregam ironias ou sarcasmos. Falsa polidez. Levantam suspeitas, fazem acusações sobre as ações, eventos e/ou falas de pessoas e/ou grupos.
5	Governo de mudanças, hã??? Manteve o ministro da dancinha da corrupção? Gente, esta difícil acreditar neste show de coincidências.	Refutam, questionam e/ou criticam a validade de opiniões, ações e fala dos outros. Levantam suspeitas , fazem acusações sobre as ações, eventos e/ou falas de pessoas e/ou grupos.
6	Linguagens de sinais emocionante, show da patricinha. Lei regulamentada em 24 de abril de 2002, pelo refém político, adversário, usando como seus, os méritos de quem tanto ataca.	Refutam, questionam e/ou criticam a validade de opiniões, ações e fala dos outros. Ridicularizam os outros em suas ações e /ou falas. Ou usam diminutivos para ridicularizar. Levantam suspeitas, fazem acusações sobre as ações, eventos e/ou falas de pessoas e/ou grupos.
7	Se livrar do socialismo?? Qual partido que tem "social" em sua sigla? O dele próprio, ou seja, um louco com frases decoradas, que não sabe o que fala, um despreparado.	Refutam, questionam e/ou criticam a validade de opiniões, ações e fala dos outros. Atribuem nomes depreciativos, supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas.
8	Aqueles que não tem bandido de estimação, agora tem uma família toda e (também) de quebra um motorista"	Levantam suspeitas, fazem acusações sobre as ações, eventos e/ou falas de pessoas e/ou grupos.
9
10	você deve morar em uma ilha sozinho sem nenhum vizinho que discorde de você mas quando perder o seu emprego vai	Fazem votos de maus desejos e/ou ameaças. Mencionam que coisas ruins poderão acontecer.

	mudar de lado rapidinho Fernando.	
11
12	Tem razão no que falou sobre o conflito arabexjudeus. Os arabes são nossos maiores clientes importadores de nossos produtos agro. Apenas para imitar o Trump, ele cria essa polemica da embaixada. <i>Totalmente</i> sem necessidade e com o risco de perdermos clientes e ainda nos colocar na linha de fogo de um conflito que nada tinha a ver conosco.	<p>Criticam/expõem um traço da personalidade (inteligência, caráter, temperamento, comportamento, competência), falas, ações e/ou formação de pessoas, governos e/ou instituições.</p> <p>Levantam suspeitas, fazem acusações sobre as ações, eventos e/ou falas de pessoas e/ou grupos.</p> <p>Fazem votos de maus desejos e/ou ameaças. Mencionam que coisas ruins poderão acontecer.</p>
13	Devia começar por ele	Fazem votos de maus desejos e/ou ameaças. Mencionam que coisas ruins poderão acontecer.
14	Correr o risco? Olha você está sendo muito otimista! Logo que ele transferir [a embaixada], pode dar adeus a 7 bilhões de Dólares! Pode ser que ele fique só na goela, aliás é muito dele isso, aí vai levando com a barriga até o fim do mandato!	<p>Criticam/expõem um traço da personalidade (inteligência, caráter, temperamento, comportamento, competência), falas, ações e/ou formação de pessoas, governos e/ou instituições.</p> <p>Fazem votos de maus desejos e/ou ameaças. Mencionam que coisas ruins poderão acontecer.</p> <p>Levantam suspeitas, fazem acusações sobre as ações, eventos e/ou falas de pessoas e/ou grupos.</p>
15
16
17	AS PETRALHADAS ESTA LASCADA. COMO ELES VAO DA COMIDA PARA OS ELEITORES DELES. DIRETO UM 35 MILHOES,	Atribuem nomes depreciativo , supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas.
18	NAO PRESIDENTE. AINDA NAO, pois O SENHOR NOMEOU UM INDICADO PELO VAMPIRO. O TAL CARLOS MARUN. TEM PACIENCIA. Pois EU TINHA NOJO DESTE CARA, porque ELE DEFENDEU EDUARDO A UMAS E DENTES. ESTE TIPO QUE O SENHOR QUER PARA SEU GOVERNO????????? Porque SE FOR .. NEM QUERO VER MAIS NOTICAS DO NOVO GOVERNO.	<p>Atribuem nomes depreciativo, supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas.</p> <p>Fazem exposição de si, verbalizando reações emotivas (raiva, ódio, nojo, ojeriza, asco) em relação a pessoas, ações e/ou grupos ou confessam choro, desconhecimento, condição física, ação, equívoco em relação a um fato.</p> <p>Levantam suspeitas, fazem acusações sobre as ações, eventos e/ou falas de pessoas e/ou grupos.</p>

19	ACRECENTANDO) DEFENDEU AS UNHAS E DENTES EDUARDO CUNHA. DAVA NOVO, E DAVA NOJO DE VER ELE DEFENDENDO O VAMPIRAO.	<p>Levantam suspeitas, fazem acusações sobre as ações, eventos e/ou falas de pessoas e/ou grupos.</p> <p>Fazem exposição de si, verbalizando reações emotivas (raiva, ódio, nojo, ojeriza, asco) em relação a pessoas, ações e/ou grupos ou confessam choro, desconhecimento, condição física, ação, equívoco em relação a um fato.</p> <p>Atribuem nomes depreciativo supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas.</p>
20	TERMINE A TRANSAMAZONICA QUE OS MILITARES COMEÇARAM E NÃO TERMINOU	<p>Expressam ordens, orientações e/ou sugestões, tentando direcionar/restringir as ações e/ou falas dos outros.</p> <p>Levantam suspeitas, fazem acusações sobre as ações, eventos e/ou falas de pessoas e/ou grupos.</p>
21
22
23
24
25
26	Meu! Acorda! Acabou, petezada porque já era é página virada, então/por isso cai na realidade	<p>Atribuem nomes depreciativo, supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas.</p> <p>Expressam ordens, orientações e/ou sugestões, tentando direcionar/restringir as ações e/ou falas dos outros.</p>
27
28	Muito melhor deixar a cargo de cada um decidir o que vai fazer com o seu dinheiro (investir em previdência privada, aplicar, etc.) do que ficar contando com essa porcaria de INSS do governo que está falido. Por isso, Em vez de pegar seu dinheiro e botar (obrigado) no INSS, faça você seu planejamento para o futuro, em vez de depender do Estado.	<p>Criticam/expõem um traço da personalidade (inteligência, caráter, temperamento, comportamento, competência), falas, ações e/ou formação de pessoas, governos e/ou instituições.</p> <p>Expressam ordens, orientações e/ou sugestões, tentando direcionar/restringir as ações e/ou falas dos outros.</p>
29	Vai ser burro assim lá em Osório, Nick.	Animalizam o outro, atribuindo-lhe nomes e/ou características animais.
30	Mas falou de esquecermos ideologias mas citou socialismo	Levantam suspeitas, fazem acusações sobre as ações, eventos e/ou falas de pessoas e/ou grupos.

	e bandeira vermelha; Brasil nunca foi socialista e (mas) sim foi capitalista governado por um partido de esquerda.	Refutam , questionam e/ou criticam a validade de opiniões, ações e fala dos outros.
31	pra vc ver como é burro. Discurso de inicio com fake News????	Animalizam o outro, atribuindo-lhe nomes e/ou características animais. Levantam suspeitas, fazem acusações sobre as ações, eventos e/ou falas de pessoas e/ou grupos.
32	NOSSA BANDEIRA JAMAIS SERÁ VERMELHA....FIM DA IDEOLOGIA DE GÊNERO.... CRIMINOSOS VISTO E TRATADO COMO CRIMINOSOS... GOVERNAR POR EXEMPLO... MINISTÉRIO DE TÉCNICOS... ou seja Esses e tantas outras frases e ações vão, definitivamente, transformá-lo num MITO. Que os CORRUPOTOS PETRA ALHAS APODREÇAM NA CADEIA.	Atribuem nomes depreciativo , supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas. Fazem votos de maus desejos e/ou ameaças. Mencionam que coisas ruins poderão acontecer.
33	Num mito ou num papagaio??	Empregam ironias ou sarcasmos . Falsa polidez. Fazem uma provocação .
34
35	Falou tudo Nick! Que os PETRA ALHAS aceitem isso tudo, porque doe menos!	Atribuem nomes depreciativos , supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas.
36	Doutrinação nas escolas é mentira. Armar o cidadão e depois permitir o policia sentar o dedo em quem estiver armado (nossa esperto vc hein? que baira solucao! ETC... por isso gente burra tem que se F mesmo. Um abraço.	Refutam , questionam e/ou criticam a validade de opiniões, ações e fala dos outros. Empregam ironias ou sarcasmos. Falsa polidez. Falsa polidez . Fazem votos de maus desejos e/ou ameaças. Mencionam que coisas ruins poderão acontecer. Invocam e/ou inferem questões relacionadas às sexualidades. Empregam palavra tabu. Metáfora sexual . Animalizam o outro, atribuindo-lhe nomes e/ou características animais.
37	O mito. Kkkkk. Piada. Governo elitista. Vai lascar com o trabalhador. Reforma dos privilégios dos marajás ninguém fala. Bolsominion trabalhador se ferrou e ainda chama de mito. Tem que acabar com a Amazônia pra fazer pastos para vocês.	Empregam ironias ou sarcasmos. Falsa polidez. Levantam suspeitas, fazem acusações sobre as ações, eventos e/ou falas de pessoas e/ou grupos. Invocam e/ou inferem questões relacionadas às sexualidades. Empregam palavra tabu . Metáfora sexual. Animalizam o outro, atribuindo-lhe nomes e/ou características animais.

38
39	Estude Nick, estude porque que o bixo vai pegar para pessoas como vc...	Expressam ordens , orientações e/ou sugestões, tentando direcionar/restringir as ações e/ou falas dos outros. Fazem votos de maus desejos e/ou ameaças. Mencionam que coisas ruins poderão acontecer.
40	Eita. O salles e o Onyx ainda estão no governo? Não entendi. Porque Achei que só teriam pessoas SEM CONDENAÇÃO POR CORRUPÇÃO. Me enganei...	Levantam suspeitas , fazem acusações sobre as ações, eventos e/ou falas de pessoas e/ou grupos. Fazem exposição de si, verbalizando reações emotivas (raiva, ódio, nojo, ojeriza, asco) em relação a pessoas, ações e/ou grupos ou confessam choro, desconhecimento , condição física, ação, equivoco em relação a um fato.
41	Não confunda condenação com investigação.	Refutam , questionam e/ou criticam a validade de opiniões, ações e fala dos outros.
42	O Onyx confessou... Mas pediu desculpas!!!	Levantam suspeitas , fazem acusações sobre as ações, eventos e/ou falas de pessoas e/ou grupos. Empregam ironias ou sarcasmos. Falsa polidez.
43	Salário mínimo com aumento ridículo, enquanto magistrados gozam realidade de outro mundo.	Criticam /expõem um traço da personalidade (inteligência, caráter, temperamento, comportamento, competência), falas, ações e/ou formação de pessoas, governos e/ou instituições. Levantam suspeitas , fazem acusações sobre as ações, eventos e/ou falas de pessoas e/ou grupos.
44	Experimenta dar um aumento gigantesco no salário mínimo para o país todo e depois veja para onde as contas públicas do Estado vão parar. Mas para você isso não tem problema nenhum, pois deve ser daqueles que acha que o Estado pode "criar" dinheiro.	Empregam ironias ou sarcasmos. Falsa polidez. Ridicularizam os outros em suas ações e /ou falas. Ou usam diminutivos para ridicularizar.
45	O aumento do salário dos magistrados é culpa de Temer. Porque A equipe de JMB é totalmente contra. Então Deixa de ser RIDÍCULO VOCE MESMO.	Atribuem nomes depreciativo , supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas. Expressam ordens , orientações e/ou sugestões, tentando restringir ações e/ou falas dos outros.
46
47	Que idiota! Procure se informar melhor e vai saber porque 998 e não 1006.	Atribuem nomes depreciativos, supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas. Expressam ordens , orientações e/ou sugestões, tentando restringir ações e/ou falas dos outros.

48
49	Salário mínimo indexa aposentadoria, sabia disso?	Refutam, questionam e/ou criticam a validade de opiniões, ações e fala dos outros.
50	Menos 8 Reais em pinga, né?	Levantam suspeitas , fazem acusações sobre as ações, eventos e/ou falas de pessoas e/ou grupos. Fazem uma provocação .
51
52	Mas, 8 reais para um pobre significa menos 2 sacos de feijão no mês.	Refutam , questionam e/ou criticam a validade de opiniões, ações e fala dos outros.
53	O Luladrão, daria R\$ 8,00 a mais e (mas), roubaria R\$ 24,00, dos pobres	Atribuem nomes depreciativo , supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas. Levantam suspeitas, fazem acusações sobre as ações, eventos e/ou falas de pessoas e/ou grupos.
54
55	Se o governo fizer um programa econômico que aumente em muito a criação de empregos, isso vale muito mais do que dar um aumento enorme para o salário mínimo e manter um monte de gente na informalidade, como está hoje. Só alguém muito trouxa para achar que o problema econômico do país vai ser resolvido dando um aumento gigante para o salário mínimo.	Ridicularizam os outros em suas ações e /ou falas. Ou usam diminutivos para ridicularizar.
56	JMB e sua equipe SIMPLEMENTE SEGUIRAM A LEI CRIADA POR DILMENTIRA, porque, O AUMENTO SALARIAL É EM FUNÇÃO DA INFLAÇÃO E AUMENTO DO PIB???. Então Se quiserem criticar, que critiquem o PuTê e sua legislação. Pois JMB seguiu estritamente a lei dos PETRALHAS.	Atribuem nomes depreciativos , supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas.
57	E imaginar aquela vaca da Dirma, que tinha um cachorro oculto atrás dela, nem sabia ditôngo e hiato da língua portuguesa e ver a Michelle	Animalizam o outro, atribuindo-lhe nomes e/ou características animais. Criticom/expõem um traço da personalidade (inteligência , caráter, temperamento, comportamento, competência), falas, ações e/ou formação de pessoas, governos e/ou instituições.

	infinitamente superior do que aquelas feministas chatas de P.P.K fedorennta.	Atribuem nomes depreciativos, supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas. Invocam e/ou inferem questões relacionadas às sexualidades. Empregam palavra tabu . Metáfora sexual.
58	Amigo, de discursos e pessoas "bonitas" estamos cheios, então vamos esperar resultados. Porque Eu particularmente botei fé no novo governo, embora não votei neste candidato em segundo turno. Querem que o Brasil de certo? Comecem evitando discursos do seu tipo, que os quais não agregam em nada para o desenvolvimento do Brasil, aliás, comece tomando coragem, e, use seu nome e foto real.	Refutam , questionam e/ou criticam a validade de opiniões, ações e fala dos outros. Expressam ordens , orientações e/ou sugestões, tentando restringir as ações e/ou falas dos outros. Fazem exposição de si, verbalizando reações emotivas (raiva, ódio, nojo, ojeriza, asco) em relação a pessoas, ações e/ou grupos ou confessam choro, ação , desconhecimento, equívoco em relação a um fato. Criticam/expõem um traço da personalidade (inteligência, caráter, temperamento, comportamento, competência), falas , ações e/ou formação de pessoas, governos e/ou instituições.
59
60	Nick, cadê sua carinha? seu esquerdista arrependido de cotovelo inchado...	Ridicularizam os outros em suas ações e /ou falas. Ou usam diminutivos para ridicularizar. Atribuem nomes depreciativo , supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas.
61
62	Algumas pessoas não é preciso retrucar, pois seus comportamentos e escritas fazem por si só, colocando-os em evidencia ao ridículo. Por mais educação e discernimento, já!!!	Ridicularizam os outros em suas ações e /ou falas. Ou usam diminutivos para ridicularizar. Criticam/expõem um traço da personalidade (inteligência , caráter, temperamento, comportamento , competência), falas, ações e/ou formação de pessoas, governos e/ou instituições.
63	Essa foi Boa Nick, essa foi boa! mas estocar vento foi a melhor de todas! Lembra! Kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk	Ridicularizam os outros em suas ações e /ou falas. Ou usam diminutivos para ridicularizar. Empregam ironias ou sarcasmos . Falsa polidez.
64	É gozado, né? Nas fotos só vejo gente branca. Nas comemorações lá de Brasília também. Parece que a raça ariana está ressurgindo de vento em popa... E o caso Mariele? Como vai?	Levantam suspeitas , fazem acusações sobre as ações, eventos e/ou falas de pessoas e/ou grupos. Fazem provocação .
65	Troca o disco, porque tá chato isso já	Tentam silenciar ; afastar simbolicamente ou se dissociar do outro. Expressam ordens , orientações e/ou sugestões, tentando direcionar/restringir as ações e/ou falas dos outros.

66	Esse tipo de argumento de gente acefala é difícil ein!!	<p>Criticam/expõem um traço da personalidade (inteligência, caráter, temperamento, comportamento, competência), falas, ações e/ou formação de pessoas, governos e/ou instituições.</p> <p>Atribuem nomes depreciativos, supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas.</p>
67	Quer dizer que tem botar negro ou índio de qualquer jeito, mesmo se o cara seja ruim para o cargo? Que Discurso idiota racista - sim, VOCÊ é que o racista, pois escolhe as pessoas pela cor e não pela competência. Burrice.	<p>Refutam, questionam e/ou criticam a validade de opiniões, ações e fala dos outros.</p> <p>Criticam/expõem um traço da personalidade (inteligência, caráter, temperamento, comportamento, competência), falas, ações e/ou formação de pessoas, governos e/ou instituições.</p> <p>Levantam suspeitas, fazem acusações sobre as ações, eventos e/ou falas de pessoas e/ou grupos.</p> <p>Animalizam o outro, atribuindo-lhe nomes e/ou características animais.</p>
68	Deve ser mais um auxiliar da Mari a do Rosário.	
69	Estuda que vc chega lá! Simples!	Expressam ordens , orientações e/ou sugestões, tentando direcionar/restringir as ações e/ou falas dos outros.
70
71	Atenção aos acomodados funcionários públicos e cabides de emprego estudem e se preparem porque o comodismo acabou.....	<p>Expressam ordens, orientações e/ou sugestões, tentando direcionar/restringir as ações e/ou falas dos outros.</p> <p>Fazem votos de maus desejos e/ou ameaças. Mencionam que coisas ruins poderão acontecer.</p>
72
73
74	Pacto nacional???? Que hipócrita! Foi eleito com base no discurso separatista e de ódio com base na cor, sexo e origem (basta ver seus vídeos e discursos de campanha. E ganhou justamente pq defende a intolerância. Esse sujeito não é um representante da nação, mas um líder de seita hater cuja família tb já sentiu o gostinho da corrupção ...	<p>Atribuem nomes depreciativos, supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas.</p> <p>Levantam suspeitas, fazem acusações sobre as ações, eventos e/ou falas de pessoas e/ou grupos.</p> <p>Atribuem nomes depreciativo, supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas.</p>
75	O Trump gosta de uma gravata vermelha e aí BoZo?	<p>Empregam ironias ou sarcasmos. Falsa polidez.</p> <p>Fazem uma provocação.</p> <p>Atribuem nomes depreciativo, supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas.</p>

76
77
78
79
80	que blablabla	Tentam silenciar ; afastar simbolicamente ou se dissociar do outro.
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90	MELHOR DO QUE SER COLONIA DE CUBA OU VENEZUELA!!!	Refutam , questionam e/ou criticam a validade de opiniões/fala dos outros.
91	melhor é nao ser colonia de país nenhum. Pois Relações internacionais se baseia em comercio, e (além disso) o novo presidente so está bajulando quem tem balança comercial desfavorável ao Brasil. Não dá para entender. Comprar briga com os árabes??? Simplesmente os maiores importadores de nosso agro negocio. Precisamos de clientes, não de fornecedores.	Refutam , questionam e/ou criticam a validade de opiniões/fala dos outros. Levantam suspeitas, fazem acusações sobre as ações, eventos e/ou falas de pessoas e/ou grupos.
92
93
94	Brasileiro da o mesmo valor para ir ao banheiro e para votar, precisamos evoluir muito para nos tornarmos um país serio.	Criticam/expõem um traço da personalidade (inteligência, caráter, temperamento, comportamento , competência), falas, ações e/ou formação de pessoas, governos e/ou instituições.

106
107
108
109	Se fosse simples assim, ir embora quando estivesse insatisfeito, este país já estaria abandonado	Refutam , questionam e/ou criticam a validade de opiniões/fala dos outros.
110	Se for pra ir pra Suíça ou o Canadá, deixo-o sem pestanejar, jegue!	Animalizam o outro, atribuindo-lhe nomes e/ou características animais.
111	Mas o petobas queriam essa divisão a todo custo. Eu até concordaria mas se fosse dividir a esquerda da direita. ou seja A esquerda fossem morar em Cuba ou Venezuela e deixasse o povo de bem viver em paz e harmonia no Brasil.	Refutam , questionam e/ou criticam a validade de opiniões/fala dos outros. Atribuem nomes depreciativo , supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas. Tentam silenciar; afastar simbolicamente ou se dissociar do outro.
112
113	QUERO SER MIL VEZES AMIGO DOS AMERICANOS DO QUE DO MADURO !!!! ENGULAM A SECO SEUS COMUNAS MARCHA RÉ !!!!	Fazem votos de maus desejos e/ou ameaças. Mencionam que coisas ruins poderão acontecer. Atribuem nomes depreciativo , supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas. Invocam e/ou inferem questões relacionadas às sexualidades. Empregam palavra tabu. Metáfora sexual .
114	Prefiro não ser amigo dos dois!??? Porque Esse negocio de EUA acima de tudo é coisa de quem pensa pequeno ou de quem é mal intencionado.	Refutam , questionam e/ou criticam a validade de opiniões/fala dos outros. Criticam/expõem um traço da personalidade (inteligência , caráter, temperamento, comportamento, competência), falas, ações e/ou formação de pessoas, governos e/ou instituições. Levantam suspeitas, fazem acusações sobre as ações, eventos e/ou falas de pessoas e/ou grupos.
115	Vai estudar...	Expressam ordens , orientações e/ou sugestões, tentando restringir as ações e/ou falas dos outros.
116	Agora Petralhada, ou Ame ou Deixe-o. porque Acabouoooouuu, que roubem em outro país.	Atribuem nomes depreciativo , supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas. Levantam suspeitas , fazem acusações sobre as ações, eventos e/ou falas de pessoas e/ou grupos.
117	Está bom Ta bom, agora acabou a Robalheira.....kkkkkkkkkkk, sei.	Empregam ironias ou sarcasmos . Falsa polidez.

118
119
120	Até os EUA, considerado o berço capitalista, foi obrigado a socializar suas riquezas em períodos de depressão econômica. Só quem não sabe o que significa este termo para emitir opiniões sem sentido, mas o que esperar de um povo que não lê um livro sequer durante um ano, ou uma vida?	<p>Ridicularizam os outros em suas ações e /ou falas. Ou usam diminutivos para ridicularizar.</p> <p>Criticam/expõem um traço da personalidade (inteligência, caráter, temperamento, comportamento, competência), falas, ações e/ou formação de pessoas, governos e/ou instituições.</p>
121
122	vá para cuba.	<p>Expressam ordens, orientações e/ou sugestões, tentando restringir as ações e/ou falas dos outros.</p> <p>Tentam silenciar; afastar simbolicamente ou se dissociar do outro.</p>
123	Nick, venha com argumentos de pessoa inteligente, não com frases prontas sem sentido.	<p>Criticam/expõem um traço da personalidade (inteligência, caráter, temperamento, comportamento, competência), falas, ações e/ou formação de pessoas, governos e/ou instituições.</p> <p>Expressam ordens, orientações e/ou sugestões, tentando direcionar/restringir as ações e/ou falas dos outros.</p>
124
125
126
127
128	já que vc tá curvado bolsominion, aproveita e dá uma lambida no saco do seu rei kkkkkkkkkkkkkkkkkkkk	<p>Atribuem nomes depreciativo, supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas.</p> <p>Invocam e/ou inferem questões relacionadas às sexualidades. Empregam palavra tabu. Metáfora sexual.</p>
129	Aproveita que tá curvado e dá uma lambidinha no coturno do Bozo !!!! Mas sem perder a pose de macho, talkei!	<p>Atribuem nomes depreciativo, supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas.</p> <p>Invocam e/ou inferem questões relacionadas às sexualidades. Empregam palavra tabu. Metáfora sexual.</p> <p>Fazem uma provocação.</p>
130	Quem muito abaixa, a abundância aparece. Então Vá lá se abaixar pro seu reizinho nú.	<p>Invocam e/ou inferem questões relacionadas às sexualidades. Empregam palavra tabu. Metáfora sexual.</p> <p>Expressam ordens, orientações e/ou sugestões, tentando direcionar/restringir as ações e/ou falas dos outros.</p>
131		Fazem uma provocação.

	Como foi o "Reveillon", em Curitiba, na frente da cadeia? Beijaram os pés do "Gatuno"?	Atribuem nomes depreciativo , supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas. Fazem uma provocação .
132	Só pra cara do Bozo... a eleição dele foi uma farsa...pois esse energúmeno não representa a maioria dos brasileiros... agora quer mudar o discurso... então agora é a vez da petralhada metralhar o governo dele.	Atribuem nomes depreciativo , supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas. Levantam suspeitas, fazem acusações sobre as ações, eventos e/ou falas de pessoas e/ou grupos.
133
134	Hora de passar o ceról fininho na esquerdalha. Pogrom já!	Fazem votos de maus desejos e/ou ameaças . Mencionam que coisas ruins poderão acontecer. Atribuem nomes depreciativo , supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas.
135
136
137	Só isso que tem pra dizer??	Tentam silenciar ; afastar simbolicamente ou se dissociar do outro. Fazem uma provocação .
138	Sera vermelha, branca e azul...	
139	Vai ser laranja!!!!	Fazem uma provocação .
140
141
142	"CAPITÃO CAVERNA"	Ridicularizam os outros em suas ações e /ou falas. Ou usam diminutivos para ridicularizar.
143	AlôPetralhada O Bozo chegou! Tmj Capitão!	Atribuem nomes depreciativo , supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas.
144	Eu entendi melhor a Michele falando em libras do que entendia a EstocadoraDeVentoTerroristaWorkAlcoolic falando por voz! Simples assim!	Atribuem nomes depreciativo , supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas.
145	Será que o JeanusW vai ter coragem de cuspir no JMB de novo agora?! Nah ele não tem coragem para isso mas por traz é todo estourado com certeza!!!!!! :))	Criticam/expõem um traço da personalidade (inteligência , caráter, temperamento, comportamento , competência), falas, ações e/ou formação de pessoas, governos e/ou instituições. Invocam e/ou inferem questões relacionadas às sexualidades. Empregam palavra tabu. Metáfora sexual .

146	Taí um adorador de asno....kkkk	Fazem uma provocação . Animalizam o outro, atribuindo-lhe nomes e/ou características animais.
147	Ele já te deu um petisco hoje?	Animalizam o outro, atribuindo-lhe nomes e/ou características animais. Fazem uma provocação .
148
149
150
151	Tá rindo de quê	Refutam, questionam e/ou criticam a validade de opiniões/fala dos outros. Fazem uma provocação .
152
153
154	Em termos de segurança pública o primeiro passo é garantir que o molusco não saia da cadeia	Animalizam o outro, atribuindo-lhe nomes e/ou características animais.
155	Tem político de estimação?	Fazem uma provocação .
156
157
158	Eh um verme presidenciavel agora ...	Animalizam o outro, atribuindo-lhe nomes e/ou características animais.
159
160	Que povo? Só se for o povo do queiroz, mulher, filha, papagaio, cachorro...	Empregam ironias ou sarcasmos . Falsa polidez.
161
162	A esquerda devia estar em Curitiba fazendo companhia ao 9 dedos.	Atribuem nomes depreciativos, supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas.
163	Acho que esse assunto de esquerda ou direita já está ultrapassado! Temos um novo presidente que esta pegando um	Levantam suspeitas, fazem acusações sobre as ações, eventos e/ou falas de pessoas e/ou grupos.

	pais com o povo totalmente desacreditado. Temos que acreditar sim que teremos um país melhor, com mais segurança, saúde e principalmente com mais respeito das outras nações!	
164	O sujeito passa toda uma campanha pregando violência, ódio, exterminar a esquerda, ai quando se torna presidente vem com discurso de que quer a união do país, não cola muito não	Atribuem nomes depreciativo , supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas. Levantam suspeitas , fazem acusações sobre as ações, eventos e/ou falas de pessoas e/ou grupos.
165	ELE não tem discernimento, além de muito contraditório. A fala não condiz com o ato! É para desconfiar!	Criticam/expõem um traço da personalidade (inteligência , caráter, temperamento, comportamento, competência), falas , ações e/ou formação de pessoas, governos e/ou instituições. Levantam suspeitas , fazem acusações sobre as ações, eventos e/ou falas de pessoas e/ou grupos.
166	Kkkk Ptralhada aceitem ou vai para Curitiba babar o ovo do 9 dedos kkkk	Atribuem nomes depreciativo , supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas. Atribuem nomes depreciativos, supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas.
167
168	Se for para demitir quem faz figuração, o bozo é o primeiro da lista.	Atribuem nomes depreciativo , supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas.
169	É um mito, mesmo.. pois Vai governar para os: militares, judiciário etc e tal.. porque Esses vão ter todas os reajustes possíveis...É engraçado, quando eles falam na reforma da providência, em nem um momento falam em mexer com: os políticos, militares, judiciário e funcionários públicos... Só falam na aposentadoria daqueles que ganham um salário de fome...	Empregam ironias ou sarcasmos. Falsa polidez. Levantam suspeitas , fazem acusações sobre as ações, eventos e/ou falas de pessoas e/ou grupos. Criticam/expõem um traço da personalidade (inteligência, caráter, temperamento, comportamento, competência), falas , ações e/ou formação de pessoas, governos e/ou instituições .
170	E quem disse quem que disse que a reforma previdenciária dos militares não está a caminho? Apesar de que em 2001 já tivemos uma grande reforma com relação aos benefícios.	Refutam , questionam e/ou criticam a validade de opiniões/fala dos outros.

171	É Globinho... se não suarem agora, não vão ganhar o dinheirinho que vinha de graça, inclusive já começam a juntar dinheiro para a questão dos IPTU atrasados..	Ridicularizam os outros em suas ações e /ou falas. Ou usam diminutivos para ridicularizar. Fazem votos de maus desejos e/ou ameaças. Mencionam que coisas ruins poderão acontecer. Expressam ordens, orientações e/ou sugestões, tentando direcionar/restringir as ações e/ou falas dos outros.
172
173	quero vê daqui a quatro anos se ele vai ser chamado de Mito.	Levantam suspeitas , fazem acusações sobre as ações, eventos e/ou falas de pessoas e/ou grupos. Fazem uma provocação .
174
175	JMB está sugerindo um pacto com o povo. Sarney também pediu o mesmo pacto no governo dele. Chama-se pacto CARACÚ, ou seja, onde os políticos, grandes empresários e demais privilegiados entram com a cara e o povo entra com o restante	Invocam e/ou inferem questões relacionadas às sexualidades. Empregam palavra tabu. Metáfora sexual .
176	KKKK... essa é a GRANDE verdade que a mídia comprada não mostra pois faz parte do grupo que manda o povo tomar no C.O.O.L!	Levantam suspeitas, fazem acusações sobre as ações, eventos e/ou falas de pessoas e/ou grupos. Invocam e/ou inferem questões relacionadas às sexualidades. Empregam palavra tabu. Metáfora sexual .
177	Não quer depender de salário mínimo vai estudar, e não venha com desculpas pois fui criado em lar pobre e estudei em colégio público e estou bem economicamente.	Expressam ordens , orientações e/ou sugestões, tentando direcionar/restringir as ações e/ou falas dos outros.
178
179	O irmão do Mourão substituiu o Queiroz na direção?	Levantam suspeitas , fazem acusações sobre as ações, eventos e/ou falas de pessoas e/ou grupos.
180
181
182	Falta transparência da I.M.P.R.E.N.S.A e OMISSÃO DE MUITOS FATOS políticos que destroem a qualidade do POVO pelo fato das e.m.i.s.s.o.r.a.s GANHAREM	Levantam suspeitas, fazem acusações sobre as ações, eventos e/ou falas de pessoas e/ou grupos.

	AGRADOS DE BILHÕES DO GOVERNO!	
183	B.o.l.s.o acaba de retirar da F.u.n.a.i a demarcação de terras indígenas! Vai para um líder ruralista da pasta da AGRICULTURA! Então Imagina o desmatamento? PRA O BEM DA ECONOMIA? M.E.U D.E.U.S!	Levantam suspeitas, fazem acusações sobre as ações, eventos e/ou falas de pessoas e/ou grupos.
184	T.r.u.m.p tá de OLHO GRANDE na nossa AMAZÔNIA! E Os ruralistas daqui <i>também</i> !	Levantam suspeitas, fazem acusações sobre as ações, eventos e/ou falas de pessoas e/ou grupos.
185
186	Como fala bobagens sem conhecimento de causa.	Criticam /expõem um traço da personalidade (inteligência, caráter, temperamento, comportamento, competência), falas , ações e/ou formação de pessoas, governos e/ou instituições.
187	Democracia devia ser restrita a culturas evoluídas, assim não veríamos nosso país na mão de gente tão despreparada.	Criticam /expõem um traço da personalidade (inteligência, caráter, temperamento, comportamento, competência), falas, ações e/ou formação de pessoas, governos e/ou instituições.
188
189	A esquerdalha ficou com inveja!	Atribuem nomes depreciativo , supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas.
190	NÃO ACEITO ESSE RESULTADO. O bozonaro tem razão, as URNAS são FRAUDADAS. Até o Daciolo nos alertou nessas eleições que as urnas seriam fraudadas e agora que caiu a ficha. AS URNAS FORAM FRAUDADAS NESSAS ELEIÇÕES!	Atribuem nomes depreciativo , supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas. Fazem exposição de si. Verbalizam reações emotivas (raiva, ódio, nojo, ojeriza, asco) em relação a pessoas, ações e/ou grupos. Confessam choro, desconhecimento, equivoco em relação a um fato.
191	legal que quando tem bandido eleito, não tem problema nenhum né. No caso das fraudes nas urnas ocorreram muito nessa eleição, porém a população não	Refutam , questionam e/ou criticam a validade de opiniões, ações e fala dos outros. Ridicularizam os outros em suas ações e /ou falas. Ou usam diminutivos para ridicularizar. Tentam silenciar; afastar simbolicamente ou se dissociar do outro.

	aceitou e tudo caiu queridinho. Pode não aceitar, pode se mudar, porque falta não vai fazer, o que vai fazer é um favor livrando o país de mais um parasita.	Animalizam o outro, atribuindo-lhe nomes e/ou características animais.
192	Foram anos o Bozo dizendo isso, e agora não tá fraudado mais?	Atribuem nomes depreciativo , supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas.
193
194
195
196
197
198	o mais legal e mais orgulhoso é ver a mulherada na posse do mito. Os hipocritas da esquerda enlouquecem	Atribuem nomes depreciativos, supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas.
199	Nem a dilmo-na foi...kkkkkkk no entanto ela ia se dar bem porque tinha muita gente que conversa em libras. Porque Daí iria entender ela já que ninguém entende o que ela fala.	Atribuem nomes depreciativo , supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas. Criticam /expõem um traço da personalidade (inteligência, caráter, temperamento, comportamento, competência), falas , ações e/ou formação de pessoas, governos e/ou instituições.
200
201
202
203	chola petralhada	Atribuem nomes depreciativo , supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas. Fazem votos de maus desejos e/ou ameaças. Mencionam que coisas ruins poderão acontecer.
204	Vou anotar	
205
206
207		Atribuem nomes depreciativo , supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas.

	Mito? kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk só bolsominion sem cérebro pra dizer isso. Kkkkkkkkkkk	Criticam/expõem um traço da personalidade (inteligência , caráter, temperamento, comportamento, competência), falas, ações e/ou formação de pessoas, governos e/ou instituições.
208	NA CERTA DEVE TER CÉREBRO O MOLUSCO PRESO EM CURITIBA OU SEUS ELEITORES MORTADELAS COMO VC NELSON CORREIA, ISSO SIM É PIADA KKKKKKKKKKKK	<p>Refutam, questionam e/ou criticam a validade de opiniões/fala dos outros.</p> <p>Animalizam o outro, atribuindo-lhe nomes e/ou características animais.</p> <p>Atribuem nomes depreciativos, supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas.</p> <p>Criticam/expõem um traço da personalidade (inteligência, caráter, temperamento, comportamento, competência), falas, ações e/ou formação de pessoas, governos e/ou instituições.</p>
209
210	Nick, esse presidente é da extrema direita, eles defendem os ricos e banqueiros, você é retardado ou o quê?	Criticam/expõem um traço da personalidade (inteligência , caráter, temperamento, comportamento, competência), falas, ações e/ou formação de pessoas, governos e/ou instituições.
211
212
213
214
215
216	rumo laranja kkkkkkk	Fazem uma provocação .
217	A hipocrisia predomina nessa gentilha. Mas Espero que as pessoas de bem que compõe esse governo possa animar a nossa economia e reduzir o desemprego, essa tristeza que assola nosso Brasil. Porque O Bozó com certeza, não contribuirá infelizmente com nada, mas tem a equipe, que não deixará fazer bobagens ou tiram ele do cargo. Aliás já um movimento nesse sentido.	<p>Atribuem nomes depreciativo, supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas.</p> <p>Levantam suspeitas, fazem acusações sobre as ações, eventos e/ou falas de pessoas e/ou grupos.</p> <p>Fazem votos de maus desejos e/ou ameaças. Mencionam que coisas ruins poderão acontecer.</p>
218	some da qui vai para Venezuela porque ouvir dizer que o socialismo está crescendo por lá, é disso que gosta.	<p>Tentam silenciar; afastar simbolicamente ou se dissociar do outro.</p> <p>Expressam ordens, orientações e/ou sugestões, tentando direcionar/restringir as ações e/ou falas dos outros.</p>

219
220
221
222
223
224	Cara. Pra que um cidadão que votou nulo está preocupado com o que pode acontecer com o país? Porque se tivesse teria aproveitado seu poder de escolha na urna.	Refutam, questionam e/ou criticam a validade de opiniões/fala dos outros.
225	Raciocínio infeliz o seu, Cícero. Porque Ao votar nulo, o eleitor está dizendo que nenhum dos candidatos merece sua confiança. Além disso, Problema maior é votar pq a "a maioria " está votando. Porque Geralmente, é pelo efeito manada, que o país afunda... A Propósito, nenhum político é confiável, se fosse, não seria político.	Criticam/expõem um traço da personalidade (inteligência , caráter, temperamento, comportamento, competência), falas, ações e/ou formação de pessoas, governos e/ou instituições. Levantam suspeitas, fazem acusações sobre as ações, eventos e/ou falas de pessoas e/ou grupos.
226
227	Acho que a prioridade dele são essas coisas sem importância, criar empregos e defender a população carente não importa, tanto que já baixou o valor do salário mínimo rsrsrsrsrsrsrsrsrsrsrsrsrsrsrsrsr	Levantam suspeitas, fazem acusações sobre as ações, eventos e/ou falas de pessoas e/ou grupos.
228
229	kkkkk a foto desse presidente tosco com a arma, ridículo, retardado demais!	Atribuem nomes depreciativos, supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas. Ridicularizam os outros em suas ações e /ou falas. Ou usam diminutivos para ridicularizar.
230	É MUITO BOM TER UM PRESIDENTE DE VERDADE!!! QUE NÃO TEM NENHUM PROCESSO POR	Atribuem nomes depreciativoS , supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas. Levantam suspeitas, fazem acusações sobre as ações, eventos e/ou falas de pessoas e/ou grupos.

	CORRUPÇÃO!!!! Porque JÁ A VERMELHADA E DIFICIL ACHAR UM QUE NÃO TENHA 5 PRA CIMA!!!! PESQUISEM O HADADA POR EXEMPLO!!!! KKKKK VERMELHOS FICAM REPTINDO BOBAGENS PARA VER SE INCRIMINA KKKKKKK CHOLA CORRUPTOS VERMELHOS !!!!	Fazem votos de maus desejos e/ou ameaças. Mencionam que coisas ruins poderão acontecer.
231	NA PÓSSE DA DIL-MACHORA POR TRAFICANTE NÃO TINHA NEM METADE DESTE PUBLICO !!!! ISSO porque QUE TINHA MSTs,CUTS,UNES ETC,,, E OS GRUPOS COMUNAS TERRORISTAS DE SEMPRE !!! O CARA É UM MITO !!! porque SOBREVIVEU AO ATENTADO TERRORISTA VERMELHO PARA SALVAR A NOSSA NAÇÃO !!!	Atribuem nomes depreciativo , supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas. Levantam suspeitas, fazem acusações sobre as ações, eventos e/ou falas de pessoas e/ou grupos.
232
233
234
235
236	Que alívio, lá se foram 16 anos de bolchevismos e bolivarianismos. E que não voltem mais, o estrago foi enorme.	Fazem exposição de si, verbalizando reações emotivas (raiva, ódio, nojo, ojeriza, asco) em relação a pessoas, ações e/ou grupos ou confessam choro, desconhecimento, condição física, ação, equívoco em relação a um fato. Tentam silenciar; afastar simbolicamente ou se dissociar do outro.
237
238
239
240
241	Ele é o último a saber kkkkkk	Levantam suspeitas , fazem acusações sobre as ações, eventos e/ou falas de pessoas e/ou grupos.
242
243

244
245	Não votei neste candidato, mas o elogiaria no futuro, se um dia, ele tivesse a hombridade de acabar com essa vergonha nacional que se chama recessão do judiciário.	Tentam silenciar; afastar simbolicamente ou se dissociar do outro. Criticom/expõem um traço da personalidade (inteligência, caráter, temperamento, comportamento, competência), falas, ações e/ou formação de pessoas, governos e/ou instituições .
246
247
248	Que eterno o Queiróz??	Empregam ironias ou sarcasmos . Falsa polidez. Fazem uma provocação .
249	Fora Messias e General Mourao, Força, Haddad Lá e Manuela D Ávila e Comandante Filho do Brasil, OK.	Tentam silenciar; afastar simbolicamente ou se dissociar do outro.
250	Não falou no lulaoestapresobabaca??? kkkk	Atribuem nomes depreciativo , supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas. Fazem uma provocação .
251	Nick verdade que come bosta??	Fazem uma provocação . Invocam e/ou inferem questões relacionadas às sexualidades. Empregam palavra tabu . Metáfora sexual .
252
253
254	Só isso que tem pra relinchar papa macho??	Tentam silenciar ; afastar simbolicamente ou se dissociar do outro. Animalizam o outro, atribuindo-lhe nomes e/ou características animais. Invocam e/ou inferem questões relacionadas às sexualidades. Empregam palavra tabu. Metáfora sexual . Fazem uma provocação .
255
256	Bay Bay petralas	Atribuem nomes depreciativo , supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas. Tentam silenciar; afastar simbolicamente ou se dissociar do outro.
257	temer ladão	Atribuem nomes depreciativos, supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas.
258

259	A volta da família tradicional! Por isso, Troquem suas esposas go.rdas e fei.as por uma novi.nha e gos.tosa que nem o mito fez....	Empregam ironias ou sarcasmos. Falsa polidez. Levantam suspeitas, fazem acusações sobre as ações, eventos e/ou falas de pessoas e/ou grupos.
260	Ele vai virar o pai dos seus filhos, é?	Fazem uma provocação .
261
262
263
264
265	A nova era mitológica chegou! Porque a posse do Mito BOLSÓNARO deu início aos tempos mitológicos no Brasil!! Por isso Chorem comunistas canalhas!!!!	Fazem votos de maus desejos e/ou ameaças. Mencionam que coisas ruins poderão acontecer. Atribuem nomes depreciativos, supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas.
266	Eu, um senhor de quase 50 anos não me precavi na hora que a Michelle falou e fui atacado pelo malditos ninjas cortadores de cebolas..	Fazem exposição de si, verbalizando reações emotivas (raiva, ódio, nojo, ojeriza, asco) em relação a pessoas, ações e/ou grupos ou confessam choro , desconhecimento, condição física, ação, equívoco em relação a um fato.
267	Eu quero ver é quem vai pagar a conta da previdência. Porque Será que o Bozo vai realmente defender o povo e botar juizes, políticos, promotores, servidores públicos e os militares na conta?	Atribuem nomes depreciativo , supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas. Levantam suspeitas , fazem acusações sobre as ações, eventos e/ou falas de pessoas e/ou grupos.
268
269
270
271
272	Alguém viu o Queiróz por lá?	Fazem uma provocação .
273	Nem o Malta. O Queiroz está escondido no laranjal.	Levantam suspeitas, fazem acusações sobre as ações, eventos e/ou falas de pessoas e/ou grupos.
274	Começa hoje um novo Brasil, os incomodados pode ir pra Cuba ou Venezuela.	Tentam silenciar; afastar simbolicamente ou se dissociar do outro.

275	Bozo vai acabar com o país. Ainda bem que o Ciro Gomes será o nosso presidente em 2022.	Atribuem nomes depreciativo , supostamente depreciativos e/ou xingamentos a grupos e/ou pessoas. Levantam suspeitas, fazem acusações sobre as ações, eventos e/ou falas de pessoas e/ou grupos.
276	Adriel, a inveja é um sentimento difícil de domar... aceite que dói menos, bibona..	Expressam ordens , orientações e/ou sugestões, tentando direcionar/restringir as ações e/ou falas dos outros. Invocam e/ou inferem questões relacionadas às sexualidades. Empregam palavra tabu . Metáfora sexual.
277
278	inveja de bosta?	Invocam e/ou inferem questões relacionadas às sexualidades. Empregam palavra tabu . Metáfora sexual. Fazem uma provocação .
279

ANEXO 3

Estrutura hierárquico-relacional dos comentários impolidos

Nº	Comentário	Estrutura hierárquico-relacional
1
2	Dada a total incapacidade dele, vamos assistir a 4 anos dele falando pastagens na tv.	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> C1 – Será que ele vai mandar 45% do eleitorado.... <i>RE/INF</i> C2 <i>RE</i> <ul style="list-style-type: none"> As (1) Dada a total incapacidade dele, <i>top</i> Ap (2) vamos assistir a 4 anos dele falando pastagens na tv.
3
4	Coisa mais LINDA da VIDA é ver pobre que vive de salário mínimo apoiando seu "mito", qdo esse toma seu trocadinho... O vida bunita de se viver!	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> N – Notícia (apoiadores gritaram “mito” na praça dos Três Poderes) <i>IN/INF</i> C1 <i>RE</i> <ul style="list-style-type: none"> Ip <ul style="list-style-type: none"> Ap (1) Coisa mais LINDA da VIDA é ver pobre que vive de salário mínimo. apoiando seu “mito” As (2) qdo esse toma seu trocadinho... <i>temp/conc</i> As (3) O vida bunita de se viver! <i>com</i>
5	Governo de mudanças, hã??? Manteve o ministro da dancinha da corrupção? Gente, esta difícil acreditar neste show de coincidências.	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> J – Jornalista informa que Bolsonaro fala da instauração de um governo de mudança) <i>IN/INF</i> C2 <i>RE</i> <ul style="list-style-type: none"> Is <i>prep</i> <ul style="list-style-type: none"> As (1) Governo de mudanças, hã??? <i>c-a</i> Ap (2) Manteve o ministro da dancinha da corrupção? Ip <ul style="list-style-type: none"> As (3) Gente, <i>prep</i> Ap (4) esta difícil acreditar neste show de coincidências.

<p>6</p>	<p>Linguagens de sinais emocionante, show da patricinha. Lei regulamentada em 24 de abril de 2002, pelo refém político, adversário, usando como seus, os méritos de quem tanto ataca.</p>	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> N – Notícia (Michele Bolsonaro faz discurso em Libras) <i>IN/INF</i> B <i>RE</i> <ul style="list-style-type: none"> As (1) Linguagens de sinais emocionante, <i>top</i> Ip <ul style="list-style-type: none"> Ap (2) show da patricinha Is <i>arg</i> <ul style="list-style-type: none"> As (3) Lei regulamentada em 24 de abril de 2002, pelo refém político adversário Ap (4) usando como seus, os méritos de quem tanto <i>ref</i> ataca.
<p>7</p>	<p>Se livrar do socialismo?? Qual partido que tem "social" em sua sigla? O dele próprio, um louco com frases decoradas, que não sabe o que fala, um despreparado.</p>	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> N – Notícia (Bolsonaro fala que vai livrar o Brasil do Socialismo) <i>IN/INF</i> B <i>RE</i> <ul style="list-style-type: none"> As (1) Se livrar do socialismo? <i>c-a</i> Ip <ul style="list-style-type: none"> Ap (2) Qual partido que tem "social" em sua sigla? As (3) o dele próprio, <i>com</i> Is <i>com</i> <ul style="list-style-type: none"> Ap (4) um louco com frases decoradas Is <i>com</i> <ul style="list-style-type: none"> Ap (5) que não sabe o que fala As (6) um despreparado <i>com</i>
<p>8</p>	<p>Aqueles que não tem bandido de estimação, agora tem uma família toda e de quebra um motorista"</p>	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> N – Notícia <i>IN/INF</i> M – (Afirmção de políticos de direita divulgada na mídia “não temos bandido de estimação”) B <i>RE</i> <ul style="list-style-type: none"> As (1) Aqueles que não tem bandido de estimação, <i>top</i> Ip <ul style="list-style-type: none"> Ap (2) agora tem uma família toda As (3) e de quebra um motorista" <i>arg</i>

9
10	<p>você deve morar em uma ilha sozinho sem nenhum vizinho que discorde de você mas quando perder o seu emprego vai mudar de lado rapidinho Fernando.</p>	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A - Terá todo o meu apoio, Presidente.... <i>RE/IN</i> B <ul style="list-style-type: none"> <i>c-a</i> <ul style="list-style-type: none"> RE <ul style="list-style-type: none"> As (1) você deve morar em uma ilha sozinho sem nenhum vizinho que discorde de você Ip <ul style="list-style-type: none"> As (3) mas quando perder o seu emprego <i>temp</i> Ip <ul style="list-style-type: none"> Ap (4) vai mudar de lado rapidinho, As (5) Nikc. <i>com</i>
11
12	<p>Tem razão no que falou sobre o conflito arabexjudeus. Os arabes são nossos maiores clientes importadores de nossos produtos agro. Apenas para imitar o Trump, ele cria essa polemica da embaixada. Totalmente sem necessidade e com o risco de perdermos clientes e ainda nos colocar na linha de fogo de um conflito que nada tinha a ver conosco.</p>	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A - Tem meu apoio [...]o Brasil deveria ter ficado neutro no conflito ár.abe x ju. Deus. <i>RE/IN</i> B <ul style="list-style-type: none"> RE <ul style="list-style-type: none"> I <ul style="list-style-type: none"> Ap (1) Tem razão no que falou sobre o conflito arabexjudeus. As (2) Os arabes são nossos maiores clientes importadores de nossos produtos agro. <i>arg</i> I <ul style="list-style-type: none"> Ip <ul style="list-style-type: none"> As (3) Apenas para imitar o Trump, <i>top</i> Ap (4) ele cria essa polemica da embaixada. Is <ul style="list-style-type: none"> Ap (5) Totalmente sem necessidade Is <ul style="list-style-type: none"> <i>com</i> <ul style="list-style-type: none"> Is <ul style="list-style-type: none"> As (6) e com o risco de perdermos clientes <i>arg</i> Ap (7) e ainda nos colocar na linha de fogo de um conflito que nada tinha a ver conosco.
13	<p>Devia começar por ele</p>	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A - Tem razão no que falou sobre o conflito arabexjudeu (nos colocar na linha de fogo de um conflito). <i>RE/IN</i> B - A (1) Devia começar por ele. <i>RE</i>

<p>14</p>	<p>Correr o risco? Olha você está sendo muito otimista! Logo que ele transferir pode dar adeus a 7 bilhões de Dólares! Pode ser que ele fique só na goela, aliás é muito dele isso, aí vai levando com a barriga até i fim da mandato!</p>	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A - Tem razão no que falou sobre o conflito árabexjudeu (e com o risco de perdermos clientes). <i>RE/IN</i> B <i>RE</i> <ul style="list-style-type: none"> c-a <ul style="list-style-type: none"> Is <ul style="list-style-type: none"> As (1) Correr o risco? <i>prep</i> Ip <ul style="list-style-type: none"> Ap (2) Olha você está sendo otimista. Is <ul style="list-style-type: none"> As (3) Logo que ele transferir [a embaixada], <i>temp</i> Ap (4) pode dar adeus a 7 bilhões de Dólares! Ip <ul style="list-style-type: none"> Ap (5) Pode ser que ele fique só na goela As (6) aliás é muito dele isso, <i>arg</i> As (7) aí vai levando com a barriga até i fim da mandato! <i>arg</i>
<p>15</p>	<p>.....</p>	<p>.....</p>
<p>16</p>	<p>.....</p>	<p>.....</p>
<p>17</p>	<p>AS PETRALHADAS ESTA LASCADA. COMO ELES VAO DA COMIDA PARA OS ELEITORES DELES. DIRETO UM 35 MILHOES,</p>	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A - O problema do sociachismo?? é que que o dinheiro acabou... <i>RE/IN</i> B <i>RE</i> <ul style="list-style-type: none"> Ip <ul style="list-style-type: none"> Ap (1) AS PETRALHADAS ESTA LASCADA As (2) COMO ELES VAO DA COMIDA PARA OS ELEITORES DELES. <i>arg</i> As (3) DIRETO UM 35 MILHOES, <i>com</i>
<p>18</p>	<p>NAO PRESIDENTE. AINDA NAO, O SENHOR NOMEOU UM INDICADO PELO VAMPIRO. O TAL CARLOS MARUN. TEM PACIENCIA. EU TINHA NOJO DESTE CARA, ELE DEFENDEU EDUARDO A UMAS E DENTES. ESTE TIPO QUE O SENHOR QUER PARA SEU GOVERNO?????????? SE FOR .. NEM QUERO VER MAIS NOTICAS DO NOVO GOVERNO.</p>	<p></p>

		<p>T — C – Figura representada do presidente</p> <p>B <i>RE</i> — Is <i>arg</i> — As (1) NÃO PRESIDENTE, AINDA NÃO <i>prep</i></p> <p>Ip — Ip — Ap (2) O SENHOR NOMEOU UM INDICADO PELO VAMPIRO</p> <p>Ip — As (3) O TAL CARLOS MARUN. <i>com</i></p> <p>Ip — As (4) TEM PACIENCIA <i>com</i></p> <p>Is <i>arg</i> — Ap (5) EU TINHA NOJO DESTE CARA</p> <p>As (6) ELE DEFENDEU EDUARDO A UMAS E DENTES <i>arg</i></p> <p>Ip — Ap (7) ESTE TIPO QUE O SENHOR QUER PARA SEU GOVERNO?</p> <p>Is <i>arg</i> — As (8) (8) SE FOR .. <i>top</i></p> <p>As (9) NEM QUERO VER MAIS NOTICAS DO NOVO GOVERNO.</p>
<p>19</p>	<p>ACRECENTANDO) DEFENDEU AS UNHAS E DENTES EDUARDO CUNHA. DAVA NOVO, E DAVA NOJO DE VER ELE DEFENDENDO O VAMPIRAO.</p>	<p>T — C – Figura representda do presidente</p> <p>B <i>RE</i> — Ap (1) DEFENDEU AS UNHAS E DENTES EDUARDO CUNHA.</p> <p>Is <i>com</i> — As (2) DAVA NOVO</p> <p>As (3) E DAVA NOJO DE VER ELE DEFENDENDO O VAMPIRAO <i>ref</i></p>
<p>20</p>	<p>TERMINE A TRANSAMAZONICA QUE OS MILITARES COMEÇARAM E NÃO TERMINOU</p>	<p>T — C – Figura representada do presidente</p> <p>B <i>RE</i> — Ap (1) TERMINE A TRANSAMAZONICA</p> <p>Is <i>com</i> — As (2) QUE OS MILITARES COMEÇARAM <i>c-a</i></p> <p>As (3) E NÃO TERMINOU</p>
<p>21</p>		

22
23
24
25
26	Meu! Acorda! Acabou, petezada já era é página virada, cai na realidade	<p>A – Todo poder aos Chicago Boys <i>RE/IN</i></p> <p>T</p> <p>B <i>RE</i></p> <ul style="list-style-type: none"> As (1) Meu! Acorda! <i>prep</i> Ip <ul style="list-style-type: none"> Is <ul style="list-style-type: none"> Ap (2) Acabou, petezada Is <ul style="list-style-type: none"> A (3) já era A (4) é página virada arg <ul style="list-style-type: none"> Ap (5) Cai na realidade
27
28	Muito melhor deixar a cargo de cada um decidir o que vai fazer com o seu dinheiro (investir em previdência privada, aplicar, etc.) do que ficar contando com essa porcaria de INSS do governo que está falido. Em vez de pegar seu dinheiro e botar (obrigado) no INSS, faça você seu planejamento para o futuro, em vez de depender do Estado.	<p>A – A questão da aposentaria pega todo mundo... <i>RE/IN</i></p> <p>T</p> <p>B <i>RE</i></p> <ul style="list-style-type: none"> arg <ul style="list-style-type: none"> Is <ul style="list-style-type: none"> Ip <ul style="list-style-type: none"> Ap (1) Muito melhor deixar a cargo de cada um decidir o que vai fazer com o seu dinheiro (investir em previdência privada, aplicar, etc.) arg <ul style="list-style-type: none"> As (2) do que ficar contando com essa porcaria de INSS do governo com <ul style="list-style-type: none"> As (2) que está falido Ip <ul style="list-style-type: none"> top <ul style="list-style-type: none"> As (3) Em vez de pegar seu dinheiro e botar (obrigado) no INSS, Ip <ul style="list-style-type: none"> Ap (4) faça você seu planejamento para o futuro, arg <ul style="list-style-type: none"> As (5) em vez de depender do Estado.
29	Vai ser burro assim lá em Osório, Nick.	<p>A - Muito melhor deixar a cargo de cada um decidir o que vai fazer com o seu dinheiro.. <i>RE/IN</i></p> <p>T</p> <p>B <i>RE</i></p> <ul style="list-style-type: none"> Ap (1) Vai ser burro assim lá em Osório, com <ul style="list-style-type: none"> As (2) Nick
30	Mas falou de esquecermos ideologias mas citou	

	<p>socialismo e bandeira vermelha; Brasil nunca foi socialista e sim foi capitalista governado por um partido de esquerda.</p>	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> N – Notícia <i>IN/INF</i> B <i>RE</i> <ul style="list-style-type: none"> Is <i>c-a</i> <ul style="list-style-type: none"> M – (Bolsonaro afirma que é hora de esquecer a ideologia) I <i>c-a</i> <ul style="list-style-type: none"> As (1) Mas falou de esquecermos ideologias Ap (2) mas citou socialismo e bandeira vermelha; Ip <ul style="list-style-type: none"> As (3) o Brasil nunca foi socialista Ap (4) e sim foi capitalista As (5) governado por um partido de esquerda. <i>com</i>
<p>31</p>	<p>pra vc ver como é burro. Discurso de inicio com fake News????</p>	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A – Mas falou de esquecermos ideologias... <i>RE/IN</i> B <i>RE</i> <ul style="list-style-type: none"> Ap (1) pra vc ver como é burro. As (2) Discurso de inicio com fake News???? <i>arg</i>
<p>32</p>	<p>NOSSA BANDEIRA JAMAIS SERÁ VERMELHA....FIM DA IDEOLOGIA DE GÊNERO.... CRIMINOSOS VISTO E TRATADO COMO CRIMINOSOS... GOVERNAR POR EXEMPLO... MINISTÉRIO DE TÉCNICOS... Esses e tantas outras frases e ações vão, definitivamente, transformá-lo num MITO. Que os CORRUPTOS PETRA ALHAS APODREÇAM NA CADEIA.</p>	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> N – Notícia (Fala de Bolsonaro na posse) <i>IN/INF</i> B <i>RE</i> <ul style="list-style-type: none"> Ip <ul style="list-style-type: none"> As (1) NOSSA BANDEIRA JAMAIS SERÁ VERMELHA.... FIM DA IDEOLOGIA DE GÊNERO.... CRIMINOSOS VISTO E TRATADO COMO CRIMINOSOS... GOVERNAR POR EXEMPLO... MINISTÉRIO DE TÉCNICOS... <i>arg</i> Ap (2) Esses e tantas outras frases e ações vão, definitivamente, transformá-lo num MITO As (3) Que os CORRUPTOS PETRALHAS APODREÇAM NA CADEIA. <i>com</i>
<p>33</p>	<p>Num mito ou num papagaio??</p>	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A – Nossa bandeira jamais será vermelha...[...] vão, definitivamente, transformá-lo num MITO. <i>RE/IN</i> B – A (1) Num mito ou num papagaio?? <i>RE</i>
<p>34</p>	<p>.....</p>	<p>.....</p>
<p>35</p>	<p>Falou tudo Nick! Que os PETRA ALHAS aceitem isso tudo, doe menos!</p>	

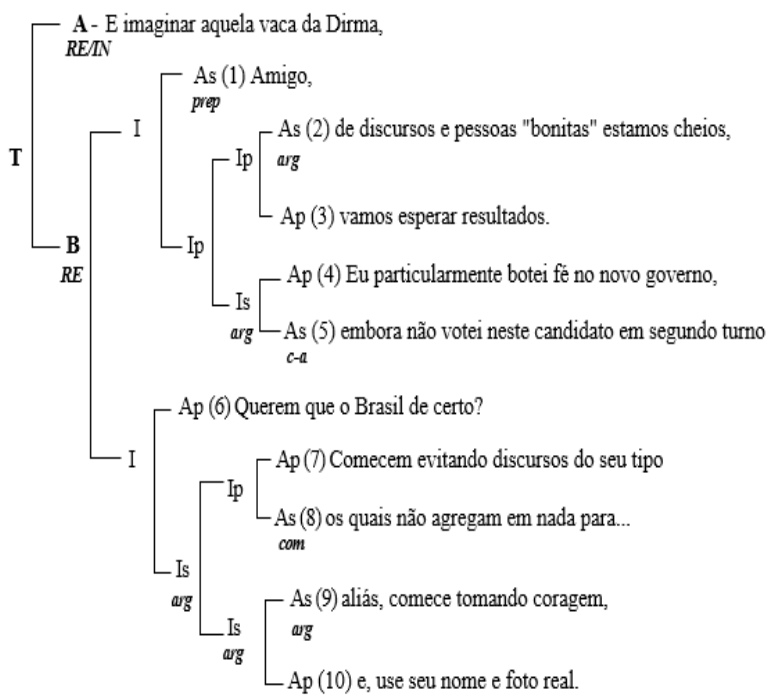
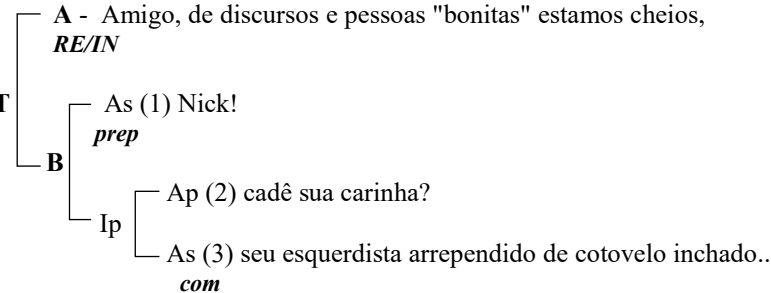
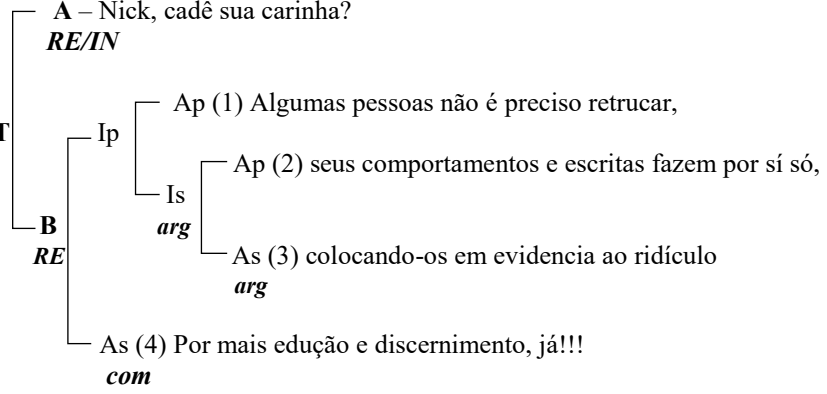
		<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A - NOSSA BANDEIRA JAMAIS SERÁ VERMELHA <i>RE/IN</i> B <i>RE</i> <ul style="list-style-type: none"> Ip <ul style="list-style-type: none"> Ap (1) Falou tudo As (2) Nick! <i>com</i> Is <i>com</i> <ul style="list-style-type: none"> Ap (3) Que os PETRA ALHAS aceitem isso tudo As (4) doe menos! <i>arg</i>
<p>36</p>	<p>Doutrinação nas escolas é mentira. Armar o cidadão e permitir o policia sentar o dedo em quem estiver armado (nossa esperto vc hein? que baira solucao! ETC... gente burra tem que se F mesmo. Um abraço.</p>	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A - FIM DA DOCTRINAÇÃO NAS ESCOLAS... DAR MAIS PROTEÇÃO E LIBERDADE PARA POLICIAIS AGIREM CONTRA OS BANDIDOS... <i>RE/IN</i> B <i>RE</i> <ul style="list-style-type: none"> I <ul style="list-style-type: none"> Is <i>prep</i> <ul style="list-style-type: none"> A (1) Doutrinação nas escolas é mentira. I <ul style="list-style-type: none"> Ap (2) Armar o cidadão As (3) e permitir o policia sentar o dedo em quem estiver armado <i>suc</i> Ap (4) nossa esperto vc hein? As (5) que baira solucao! ETC.. <i>com</i> Ip <i>arg</i> <ul style="list-style-type: none"> Ap (6) gente burra tem que se F mesmo. I <ul style="list-style-type: none"> A (6) Um abraço. ∅
<p>37</p>	<p>O mito. Kkkkk. É uma Piada. Governo elitista. Vai lascar com o trabalhador. Reforma dos privilégios dos marajás ninguém fala. Bolsominion trabalhador se ferrou e ainda chama de mito. Tem que acabar com a Amazônia pra fazer pastos para vocês.</p>	

		<p>N – NOTÍCIA (Apoiadores gritaram “mito” na praça dos Três Poderes) <i>IN/INF</i></p> <p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> B RE <ul style="list-style-type: none"> Is <i>arg</i> <ul style="list-style-type: none"> I <ul style="list-style-type: none"> As (1) O mito ... <i>top</i> Ip <ul style="list-style-type: none"> Ap (2) kkkk..Piada Is <i>arg</i> <ul style="list-style-type: none"> Ap (3) Governo elitista As (4) Vai lascar com o trabalhador. <i>com</i> A (5) Reforma dos privilégios dos marajás ninguém fala. I <ul style="list-style-type: none"> Ap (7) Bolsominion trabalhador se ferrou As (8) e ainda chama de mito <i>arg</i> Ap (9) Tem que acabar com a Amazônia pra fazer pastos para vocês.
38
39	Estude Nick, estude que o bixo vai pegar para pessoas como vc...	<p>A - O mito. Kkkkk. Piada <i>RE/IN</i></p> <p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> B RE <ul style="list-style-type: none"> Ip <ul style="list-style-type: none"> Ap (1) Estude Ip <ul style="list-style-type: none"> As (2) Nick, <i>com</i> As (2) estude <i>com</i> As (2) que o bixo vai pegar para pessoas como vc... <i>arg</i>
40	Eita. O salles e o Onyx ainda estão no governo? Não entendi. Achei que só teriam pessoas SEM CONDENAÇÃO POR CORRUPÇÃO. Me enganei...	<p>N – Notícia (foto dos ministros no dia da posse) <i>IN/INF</i></p> <p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> B RE <ul style="list-style-type: none"> Ap (1) Eita. O salles e o Onyx ainda estão no governo? Is <i>arg</i> <ul style="list-style-type: none"> Ap (2) Não entendi Is <i>arg</i> <ul style="list-style-type: none"> Ap (3) Achei que só teriam pessoas SEM CONDENAÇÃO POR CORRUPÇÃO As (4) Me enganei <i>com</i>
41	Não confunda condenação com investigação.	

		<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A – Eita. O salles e o Onyx ainda estão no governo? Não entendi. <i>RE/IN</i> B – A (1) Não confunda condenação com investigação. <i>RE</i>
42	O Onyx confessou... Mas pediu desculpas!!!	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A – Eita. O salles e o Onyx ainda estão no governo? Não entendi. <i>RE/IN</i> B <ul style="list-style-type: none"> As (1) O Onyx confessou... <i>c-a</i> Ap (2) Mas pediu desculpas!!!
43
44	Experimenta dar um aumento gigantesco no salário mínimo para o país todo e veja para onde as contas públicas do Estado vão parar. Mas para você isso não tem problema nenhum, pois deve ser daqueles que acha que o Estado pode "criar" dinheiro.	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A - Salário mínimo com aumento ridículo, enquanto magistrados gozam realidade de outro mundo. <i>RE/IN</i> B <ul style="list-style-type: none"> Is <ul style="list-style-type: none"> Ap (1) Experimenta dar um aumento gigantesco no salário mínimo para o país todo <i>c-a</i> As (2) e veja para onde as contas públicas do Estado vão parar. <i>suc</i> Ip <ul style="list-style-type: none"> Ap (3) Mas para você isso não tem problema nenhum, As (4) pois deve ser daqueles que acha que o Estado pode "criar" dinheiro. <i>arg</i>
45	O aumento do salário dos magistrados é culpa de Temer. A equipe de JMB é totalmente contra. Deixa de ser RIDÍCULO VOCE MESMO.	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A - Salário mínimo com aumento ridículo, enquanto magistrados gozam realidade de outro mundo. <i>RE/IN</i> B <ul style="list-style-type: none"> Is <ul style="list-style-type: none"> Ap (1) O aumento do salário dos magistrados é culpa de Temer. As (2) A equipe de JMB é totalmente contra. <i>arg</i> Ap (3) Deixa de ser RIDÍCULO VOCE MESMO.
46
47	Que idiota! Procure se informar melhor e vai saber porque 998 e não 1006.	

		<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A - RE/IN Primeiro decreto salário mínimo 1006 para 998 isso responde os questionamentos aqui descritos . ser a . Que ele respeita os pobre? B <ul style="list-style-type: none"> As (1) prep Que idiota! Ip <ul style="list-style-type: none"> Ap (2) Procure se informar melhor As (3) arg e vai saber porque 998 e não 1006.
48
49	Salário mínimo indexa aposentadoria, sabia disso?	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A - RE/IN Em vez de reivindicar salário mínimo maior, bolsa família etc..[...] e não brigar por 8,00 B RE <ul style="list-style-type: none"> As (1) Salário mínimo indexa aposentadoria, As (2) com sabia disso?
50	Menos 8 Reais em pinga, né?	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A - RE/IN Em vez de reivindicar salário mínimo maior, bolsa família etc..[...] e não brigar por 8,00 B RE <ul style="list-style-type: none"> M (Inferência de que assim como o Lula, pessoas de esquerda gostam de pinga). A (1) Menos 8 Reais em pinga, né?
51
52	8 reais para um pobre significa menos 2 sacos de feijão no mês.	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A - RE/IN Menos 8 Reais em pinga, né? B - RE A (1) 8 reais para um pobre significa menos 2 sacos de feijão no mês
53	O Luladrão, daria R\$ 8,00 a mais e, roubaria R\$ 24,00, dos pobres	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A - RE/IN Em vez de reivindicar salário mínimo maior, bolsa família etc.. B RE <ul style="list-style-type: none"> As (1) c-a O Luladrão, daria R\$ 8,00 a mais Ap (2) e, roubaria R\$ 24,00, dos pobres
54
55	Se o governo fizer um programa econômico que	

	<p>aumente em muito a criação de empregos, isso vale muito mais do que dar um aumento enorme para o salário mínimo e manter um monte de gente na informalidade, como está hoje. Só alguém muito trouxa para achar que o problema econômico do país vai ser resolvido dando um aumento gigante para o salário mínimo.</p>	<p>A - Primeiro decreto salário mínimo 1006 para 998... <i>RE/IN</i></p> <p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> As (1) <i>arg</i> Se o governo fizer um programa econômico que aumente em muito a criação de empregos, Is <i>arg</i> Ip <ul style="list-style-type: none"> Ap (2) isso vale muito mais do que dar um aumento enorme para o salário mínimo As (3) <i>arg</i> e manter um monte de gente na informalidade, Is (4) <i>com</i> como está hoje B <i>RE</i> Ap (5) Só alguém muito trouxa para achar que o problema econômico do país vai ser resolvido dando um aumento gigante para o salário mínimo.
<p>56</p>	<p>JMB e sua equipe SIMPLEMENTE SEGUIRAM A LEI CRIADA POR DILMENTIRA, O AUMENTO SALARIAL É EM FUNÇÃO DA INFLAÇÃO E AUMENTO DO PIB???. Se quiserem criticar, que critiquem o PuTê e sua legislação. JMB seguiu estritamente a lei dos PETRALHAS.</p>	<p>A - Primeiro decreto salário mínimo 1006 para 998... <i>RE/IN</i></p> <p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> Ap (1) JMB e sua equipe SIMPLEMENTE SEGUIRAM A LEI CRIADA POR DILMENTIRA Ip <ul style="list-style-type: none"> As (2) <i>arg</i> O AUMENTO SALARIAL É EM FUNÇÃO DA DA INFLAÇÃO E AUMENTO DO PIB??? As (3) <i>arg</i> Se quiserem criticar, Ip <i>arg</i> Ap (4) que critiquem o PuTê e sua legislação Is <i>arg</i> As (5) <i>arg</i> JMB seguiu estritamente a lei dos PETRALHAS. B <i>RE</i>
<p>57</p>	<p>E imaginar aquela vaca da Dirma, que tinha um cachorro oculto atrás dela, nem sabia ditôngo e hiato da língua portuguesa e ver a Michelle infinitamente superior do que aquelas feministas chatas de P.P.K fedorennta.</p>	<p>N - Notícia (referência à figura da primeira-dama Michele) <i>IN</i></p> <p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> M (Posse da Ex-presidente Dilma) Is <i>prep</i> Ip <ul style="list-style-type: none"> Ap (1) E imaginar aquela vaca da Dirma, Is <i>com</i> As (2) que tinha um cachorro oculto atrás dela As (3) <i>arg</i> nem sabia ditôngo e hiato da língua portuguesa C1 <i>RE</i> Ap (4) e ver a Michelle infinitamente superior do que aquelas feministas chatas de P.P.K fedorennta
<p>58</p>	<p>Amigo, de discursos e pessoas "bonitas" estamos</p>	

	<p>cheios, vamos esperar resultados. Eu particularmente botei fé no novo governo, embora não votei neste candidato em segundo turno. Querem que o Brasil de certo? Comecem evitando discursos do seu tipo, os quais não agregam em nada para o desenvolvimento do Brasil, aliás, comece tomando coragem, e, use seu nome e foto real.</p>	
<p>59</p>	<p>.....</p>	<p>.....</p>
<p>60</p>	<p>Nick, cadê sua carinha? seu esquerdista arrependido de cotovelo inchado...</p>	
<p>61</p>	<p>.....</p>	<p>.....</p>
<p>62</p>	<p>Algumas pessoas não é preciso retrucar, seus comportamentos e escritas fazem por sí só, colocando-os em evidencia ao ridículo. Por mais educação e discernimento, já!!!</p>	
<p>63</p>	<p>Boa Nick, boa! mas estocar vento foi a melhor de todas!</p>	

	<p>Lembra! Kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk</p>	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A - E imaginar aquela vaca da Dirma, <i>RE/IN</i> B <i>RE</i> <ul style="list-style-type: none"> Ip <ul style="list-style-type: none"> Is <i>c-a</i> <ul style="list-style-type: none"> M (E imaginar aquela vaca da Dirma...) I <ul style="list-style-type: none"> Ap (1) Boa, Nick As (3) boa! <i>com</i> Ap (2) mas estocar vento foi a melhor de todas! As (3) Lembra! Kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk <i>com</i>
<p>64</p>	<p>É gozado, né? Nas fotos só vejo gente branca. Nas comemorações lá de Brasília também. Parece que a raça ariana está ressurgindo de vento em popa... E o caso Mariele? Como vai?</p>	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> N - Notícia (menção às fotos da posse) <i>IN/INF</i> B <i>RE</i> <ul style="list-style-type: none"> Is <i>prep</i> <ul style="list-style-type: none"> As (1) É gozado, né? <i>prep</i> <ul style="list-style-type: none"> Ap (2) Nas fotos só vejo gente branca. Is <i>arg</i> <ul style="list-style-type: none"> As (3) Nas comemorações lá de Brasília também. <i>arg</i> Ip <ul style="list-style-type: none"> Ap (4) Parece que a raça ariana está ressurgindo de vento em popa.. Ip <ul style="list-style-type: none"> Ap (5) E o caso Mariele? As (6) Como vai? <i>com</i>
<p>65</p>	<p>Troca o disco, tá chato isso já</p>	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A - É gozado, né? Nas fotos só vejo gente branca. <i>RE/IN</i> B <i>RE</i> <ul style="list-style-type: none"> Ap (1) Troca o disco As (2) tá chato isso já <i>arg</i>
<p>66</p>	<p>Esse tipo de argumento de gente acefala é difícil ein!!</p>	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A - É gozado, né? Nas fotos só vejo gente branca. <i>RE/IN</i> B - A (1) Esse tipo de argumento de gente acefala é difícil ein!! <i>RE</i>
<p>67</p>	<p>Quer dizer que tem botar negro ou índio de qualquer jeito, mesmo que o cara seja</p>	

	<p>ruim para o cargo? Discurso idiota racista - sim, VOCÊ é que o racista, pois escolhe as pessoas pela cor e não pela competência. Burrice.</p>	
<p>68</p>	<p>.....</p>	<p>.....</p>
<p>69</p>	<p>Estuda que vc chega lá! Simples!</p>	
<p>70</p>	<p>.....</p>	<p>.....</p>
<p>71</p>	<p>Atenção aos acomodados funcionários públicos e cabides de emprego estudem se preparem o comodismo acabou.....</p>	

72
73
74	Pacto nacional???? Que hipócrita! Foi eleito com base no discurso separatista e de ódio com base na cor, sexo e origem (basta ver seus vídeos e discursos de campanha. E ganhou justamente pq defende a intolerância. Esse sujeito não é um representante da nação, mas um líder de seita hater cuja família tb já sentiu o gostinho da corrupção ...	<p>N - Notícia IN</p> <p>B RE</p> <ul style="list-style-type: none"> As (1) Pacto nacional???? <i>prep</i> <ul style="list-style-type: none"> As (2) Que hipócrita! <i>prep</i> <ul style="list-style-type: none"> Ap (3) Foi eleito com base no discurso separatista e de ódio <i>Ip</i> <ul style="list-style-type: none"> As (4) com base na cor, sexo e origem <i>com</i> As (3) basta ver seus vídeos e discursos de campanha <i>arg</i> Ap (4) E ganhou justamente pq defende a intolerância. <i>arg</i> As (5) Esse sujeito não é um representante da nação, <i>c-a</i> <ul style="list-style-type: none"> Ap (6) mas um líder de seita hater <i>Ip</i> As (7) cuja família tb já sentiu o gostinho da corrupção ... <i>com</i>
75	O Trump gosta de uma gravata vermelha e aí BoZo?	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> C – Figura do presidente IN/INF B RE <ul style="list-style-type: none"> As (1) O Trump gosta de uma gravata vermelha <i>prep</i> Ap (2) e aí BoZo?
76
77
78
79
80	que blablabla	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A – Sr Presidente não adianta prometer sociedade sem divisão quando a ml.d1a quer isso RE/IN B – A (1) que blablabla RE
81
82
83

84
85
86
87
88
89
90	MELHOR DO QUE SER COLONIA DE CUBA OU VENEZUELA!!!	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A – Começou a era Brasil-colônia dos EUA. RE/IN B – A (1) MELHOR DO QUE SER COLONIA DE CUBA OU VENEZUELA!!! RE
91	melhor é nao ser colonia de país nenhum. Relações internacionais se baseia em comercio, e o novo presidente so está bajulando quem tem balança comercial desfavorável ao Brasil. Não dá para entender. Comprar briga com os árabes??? Simplesmente os maiores importadores de nosso agro negocio. Precisamos de clientes, não de fornecedores.	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A - MELHOR DO QUE SER COLONIA DE CUBA OU VENEZUELA!!! RE/IN <ul style="list-style-type: none"> Ap (1) melhor é nao ser colonia de país nenhum <ul style="list-style-type: none"> Ip <ul style="list-style-type: none"> As (3) Relações internacionais se baseia em comercio <i>c-a</i> Ap (3) e o novo presidente so está bajulando quem tem balança comercial desfavorável ao Brasil. Is <i>arg</i> <ul style="list-style-type: none"> As (4) Não dá para entender <i>com</i> B RE <ul style="list-style-type: none"> Is <i>com</i> <ul style="list-style-type: none"> Ap (5) Comprar briga com os árabes??? Is <i>com</i> <ul style="list-style-type: none"> Ap (6) Simplesmente os maiores importadores de nosso agro negocio. Is <i>com</i> <ul style="list-style-type: none"> As (7) Precisamos de clientes, não de fornecedores.
92
93
94	Brasileiro da o mesmo valor para ir ao banheiro e para votar, precisamos evoluir muito para nos tornarmos um país serio	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A – [...] O brasileiro ainda tem muito a aprender sobre o que é uma eleição e a presidência da República. RE/IN B <ul style="list-style-type: none"> A (1) Brasileiro da o mesmo valor para ir ao banheiro e para votar, RE A (2) precisamos evoluir muito para nos tornarmos um país serio
95	Nick, disse tudo. Colocamos mais um inexperiente no governo. Vou querer ver como ele lidará com o senado	

	<p>e com o congresso. Essa de falar alto, dizendo que vai fazer e acontecer tambem me lembra muito o Collor.</p>	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A - Tivemos um Collor. Tivemos uma era triste do lulopetismo por 13 anos. Agora esta começando outra [...] RE/IN B <ul style="list-style-type: none"> RE <ul style="list-style-type: none"> Is <ul style="list-style-type: none"> c-a <ul style="list-style-type: none"> Is <ul style="list-style-type: none"> As (1) Nick, Ap (2) disse tudo. Ap (2) Colocamos mais um inexperiente no governo. ref Ip <ul style="list-style-type: none"> Ap (3) Vou querer ver como ele lidará com o senado e com o congresso Is <ul style="list-style-type: none"> arg <ul style="list-style-type: none"> Ip <ul style="list-style-type: none"> Ap (4) Essa de falar alto, As (5) dizendo que vai fazer e acontecer As (5) tambem me lembra muito o Collor. com arg
<p>96</p>	<p>Nojo, deu vontade de vomitar.</p>	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> N – Notícia (imagens da posse) IN/INF B <ul style="list-style-type: none"> RE <ul style="list-style-type: none"> As (1) Nojo, Ap (2) deu vontade de vomitar. top
<p>97</p>	<p>.....</p>	<p>.....</p>
<p>98</p>	<p>Nojo de ver um beijo ente homem e mulher ou nojo do verde e amarelo da nossa bandeira?</p>	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A – Nojo, deu vontade de vomitar. RE/IN B <ul style="list-style-type: none"> RE <ul style="list-style-type: none"> A (1) Nojo de ver um beijo ente homem e mulher A (2) ou nojo do verde e amarelo da nossa bandeira?
<p>99</p>	<p>.....</p>	<p>.....</p>
<p>100</p>	<p>Acho que vc Dá Nick.</p>	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A – Nojo, deu vontade de vomitar. RE/IN B <ul style="list-style-type: none"> RE <ul style="list-style-type: none"> Ap (1) Acho que vc Dá As (2) Nick com
<p>101</p>	<p>.....</p>	<p>.....</p>
<p>102</p>	<p>para o bem do brasil, canal 11 deve ser passado para outra empresa. Adeus Grobo.</p>	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> N – Notícia IN/INF B <ul style="list-style-type: none"> RE <ul style="list-style-type: none"> Is <ul style="list-style-type: none"> arg <ul style="list-style-type: none"> As (1) para o bem do brasil, Ap (2) canal 11 deve ser passado para outra empresa top Ap (3) Adeus Grobo

<p>103</p>	<p>Adeus Globo com toda certeza mas não tire o canal 11, pois aqui no RJ ele não é globo.</p>	<p>A – para o bem do brasil, canal 11 deve ser passado para outra empresa. <i>IN/INF</i> Adeus Grobo.</p> <p>T</p> <p>B</p> <p><i>c-a</i></p> <p>Is</p> <p>Ap (1) Adeus Globo</p> <p>As (2) com toda certeza <i>com</i></p> <p>Ip</p> <p>Ap (3) mas não tire o canal 11, As (4) pois aqui no RJ ele não é globo.</p>
<p>104</p>	<p>Esse site é da Globo, bando de animais sem estudo. Fora Globo mas ta aqui, lendo e comentando. Asnos.</p>	<p>A - para o bem do brasil, canal 11 deve ser passado para outra empresa. <i>RE/IN</i> Adeus Grobo.</p> <p>T</p> <p>B</p> <p><i>RE</i></p> <p><i>top</i></p> <p>Is</p> <p>Ap (1) Esse site é da Globo</p> <p>As (2) bando de animais sem estudo. <i>com</i></p> <p>Ip</p> <p>As (3) Fora Globo <i>c-a</i></p> <p>Ap (4) mas ta aqui, lendo e comentando</p> <p>As (5) Asnos <i>com</i></p>
<p>105</p>	<p>Nick já te apresentaram o controle remoto, poie ele já existe, não esta satisfeito com o canal é só mudar.</p>	<p>A - para o bem do brasil, canal 11 deve ser passado para outra empresa. <i>RE/IN</i> Adeus Grobo. (103)</p> <p>T</p> <p>B</p> <p><i>RE</i></p> <p>Ip</p> <p>As (1) Nick <i>prep</i></p> <p>Ip</p> <p>Ap (2) já te apresentaram o controle remoto, As (3) poie ele já existe, <i>arg</i></p> <p>Is</p> <p>As (4) não esta satisfeito com o canal <i>top</i></p> <p>Ap (5) é só mudar.</p>
<p>106</p>	<p>.....</p>	<p>.....</p>
<p>107</p>	<p>.....</p>	<p>.....</p>
<p>108</p>	<p>.....</p>	<p>.....</p>

<p>109</p>	<p>Se fosse simples assim, ir embora quando estivesse insatisfeito, este país já estaria abandonado</p>	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A – BRASIL, AME O OU DEIXE O!!! Simples assim. <i>RE/IN</i> B <ul style="list-style-type: none"> RE <ul style="list-style-type: none"> Is <i>arg</i> <ul style="list-style-type: none"> Ap (1) Se fosse simples assim, ir embora As (2) quando estivesse insatisfeito, <i>temp</i> Ap (3) este país já estaria abandonado
<p>110</p>	<p>Se for pra ir pra Suíça ou o Canadá, deixo-o sem pestanejar, jegue!</p>	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A – BRASIL, AME O OU DEIXE O!!! Simples assim. <i>RE/IN</i> B <ul style="list-style-type: none"> RE <ul style="list-style-type: none"> Ip <ul style="list-style-type: none"> As (1) Se for pra ir pra Suíça ou o Canadá <i>arg</i> Ap (2) deixo-o sem pestanejar As (3) jegue! <i>com</i>
<p>111</p>	<p>Mas o petobas queriam essa divisão a todo custo. Eu até concordaria mas se fosse dividir a esquerda da direita. A esquerda fossem morar em Cuba ou Venezuela e deixasse o povo de bem viver em paz e harmonia no Brasil.</p>	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A – BRASIL, AME O OU DEIXE O!!! Simples assim. <i>RE/IN</i> B <ul style="list-style-type: none"> RE <ul style="list-style-type: none"> Ip <ul style="list-style-type: none"> M (Ame-o ou deixe-o) Ap (1) Mas o petobas queriam essa divisão a todo custo. Is <i>com</i> <ul style="list-style-type: none"> Is <ul style="list-style-type: none"> As (2) Eu até concordaria <i>c-a</i> Ap (3) mas se fosse dividir a esquerda da direita Ip <i>ref</i> <ul style="list-style-type: none"> Ap (4) A esquerda fossem morar em Cuba ou Venezuela As (5) e deixasse o povo de bem viver em paz e harmonia no Brasil. <i>arg</i>
<p>112</p>	<p>.....</p>	<p>.....</p>
<p>113</p>	<p>QUERO SER MIL VEZES AMIGO DOS AMERICANOS DO QUE DO MADURO !!!! ENGULAM A SECO SEUS COMUNAS MARCHA RÉ !!!!</p>	<p></p>

		<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A - Começou a era Brasil-colônia dos EUA. (81)!!! <i>RE/IN</i> B <ul style="list-style-type: none"> Ap (1) QUERO SER MIL VEZES AMIGO DOS AMERICANOS DO QUE DO MADURO !!!! Is <ul style="list-style-type: none"> Ap (2) ENGULAM A SECO com <ul style="list-style-type: none"> As (3) SEUS COMUNAS MARCHA RÉ !!!! <i>com</i>
114	<p>Prefiro não ser amigo dos dois!??? Esse negocio de EUA acima de tudo é coisa de quem pensa pequeno ou é mal intencionado.</p>	<p>A - QUERO SER MIL VEZES AMIGO DOS AMERICANOS DO QUE DO MADURO !!!! <i>RE/IN</i></p> <p>B</p> <ul style="list-style-type: none"> Ap (1) Prefiro não ser amigo dos dois!??? As <ul style="list-style-type: none"> Ap (2) Esse negocio de EUA acima de tudo é coisa de quem pensa pequeno arg <ul style="list-style-type: none"> As (3) ou é mal intencionado. <i>com</i>
115	<p>Vai estudar...</p>	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A – Prefiro não ser amigo dos dois! <i>RE/IN</i> B – A (1) Vai estudar... <i>RE</i>
116	<p>Agora Petralhada, ou Ame ou Deixe-o. Acabouoooooooo, que roubem em outro país.</p>	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A – Notícia (mudanças do novo governo) <i>RE/IN</i> B <ul style="list-style-type: none"> RE <ul style="list-style-type: none"> As (1) Agora Petralhada <i>prep</i> Is <ul style="list-style-type: none"> A (2) ou Ame prep <ul style="list-style-type: none"> A (3) ou Deixe-o. Ip <ul style="list-style-type: none"> Ap (4) Acabouoooooooo, Ip <ul style="list-style-type: none"> As (5) que roubem em outro país. <i>com</i>
117	<p>Ta bom, acabou a robalheira.....kkkkkkkk kkkkk, sei.</p>	

		<p>A - Agora Petralhada, ou Ame ou Deixe-o. Acabouuuuuuu, que roubem em outro país. RE/IN</p> <p>T</p> <p>B</p> <ul style="list-style-type: none"> As (1) Ta bom, <i>prep</i> Ip <ul style="list-style-type: none"> Ap (2) acabou a robalheira..... As (3) kkkkkkkkkkkk, sei. <i>com</i>
118
119
120	Até os EUA, considerado o berço capitalista, foi obrigado a socializar suas riquezas em períodos de depressão econômica. Só quem não sabe o que significa este termo para emitir opiniões sem sentido, o que esperar de um povo que não lê um livro sequer durante um ano, ou uma vida?	<p>N - Notícia (fala do presidente sobre livrar o Brasil do Socialismo) IN/INF</p> <p>T</p> <p>B</p> <p>RE</p> <ul style="list-style-type: none"> Is <ul style="list-style-type: none"> arg <ul style="list-style-type: none"> Is <ul style="list-style-type: none"> Ap (1) Até os EUA, As (2) considerado o berço capitalista, <i>com</i> Ap (3) foi obrigado a socializar suas riquezas em períodos de depressão econômica Ip <ul style="list-style-type: none"> <i>c-a</i> <ul style="list-style-type: none"> Is <ul style="list-style-type: none"> As (4) Só quem não sabe o que significa este termo <i>top</i> Ap (5) para emitir opiniões sem sentido, Ap (6) o que esperar de um povo que não lê um livro sequer durante um ano ou uma vida?
121
122	vá para cuba.	<p>A - Até os EUA, considerado o berço capitalista, foi obrigado a socializar suas riquezas em períodos de depressão econômica RE/IN</p> <p>T</p> <p>B - A (1) vá para cuba. RE</p>
123	Nick, venha com argumentos de pessoa inteligente, não com frases prontas sem sentido.	<p>A - vá para cuba. RE/IN</p> <p>T</p> <p>B</p> <ul style="list-style-type: none"> As (1) Nick, <i>prep</i> Ip <ul style="list-style-type: none"> Ap (2) venha com argumentos de pessoa inteligente, As (3) não com frases prontas sem sentido. <i>arg</i>

124
125
126
127		
128	já que vc tá curvado bolsominion, aproveita e dá uma lambida no saco do seu rei kkkkkkkkkkkkkkkkkkkk	<p>A – Curvem-se diante se seu Rei e mostre sujeição. RE/IN</p> <p>T</p> <p>B RE</p> <p>Is arg</p> <p>Ap (1) já que vc tá curvado</p> <p>As (2) bolsominion, com</p> <p>Ap (3) aproveita e dá uma lambida no saco do seu rei kkkkkkkkkkkkkkkkkkkk</p>
129	Aproveita que tá curvado e dá uma lambidinha no coturno do Bozo !!!! Mas sem perder a pose de macho, talkei!	<p>A – Curvem-se diante se seu Rei e mostre sujeição. RE/IN</p> <p>T</p> <p>B RE</p> <p>Is c-a</p> <p>As (1) Aproveita que tá curvado arg</p> <p>Ap (2) e dá uma lambidinha no coturno do Bozo !!!!</p> <p>Ap (3) Mas sem perder a pose de macho, talkei!</p>
130	Quem muito abaixa, a abundância aparece. Vá lá se abaixar pro seu reizinho nú.	<p>A – Curvem-se diante se seu Rei e mostre sujeição. RE/IN</p> <p>T</p> <p>B RE</p> <p>Is arg</p> <p>As (1) Quem muito abaixa top</p> <p>Ap (2) a abundância aparece</p> <p>Ap (3) Vá lá se abaixar pro seu reizinho nú.</p>
131	Como foi o "Reveillon", em Curitiba, na frente da cadeia? Beijaram os pés do "Gatuno"?	

		<p>A – já que vc tá curvado bolsominion, aproveita e dá uma lambida no saco do seu rei..kkkkk</p> <p>IN/RE</p> <p>T</p> <p>B</p> <p>RE</p> <p>Is <i>prep</i></p> <p>Ap (1) Como foi o "Reveillon",</p> <p>Is <i>com</i></p> <p>A (2) em Curitiba,</p> <p>A (3) na frente da cadeia?</p> <p>Ap (3) Beijaram os pés do "Gatuno"?</p>
132	Só pra cara do Bozo... a eleição dele foi uma farsa...esse energúmeno não representa a maioria dos brasileiros... agora quer mudar o discurso... agora é a vez da petralhada metralhar o governo dele.	<p>N - Notícia (faz referência às imagens da notícia).</p> <p>IN/INF</p> <p>T</p> <p>B</p> <p>RE</p> <p>Is <i>arg</i></p> <p>As (1) Só pra cara do Bozo...</p> <p>top</p> <p>Ip</p> <p>Ap (2) a eleição dele foi uma farsa...</p> <p>Is <i>arg</i></p> <p>As (3) esse energúmeno não representa a maioria dos brasileiros..</p> <p>Ap (4) agora quer mudar o discurso...</p> <p>Ap (5) agora é a vez da petralhada metralhar o governo dele.</p>
133
134	Hora de passar o cer0l fininho na esquerdalha. Pogrom já!	<p>N - Notícia</p> <p>IN/INF</p> <p>T</p> <p>B</p> <p>RE</p> <p>Ap (1) Hora de passar o cer0l fininho na esquerdalha.</p> <p>As (2) Pogrom já!</p> <p>com</p>
135
136
137	Só isso que tem pra dizer??	<p>A – Nossa bandeira jamais será vermelha!!!!</p> <p>RE/IN</p> <p>T</p> <p>B</p> <p>RE</p> <p>A (1) Só isso que tem pra dizer??</p>
138
139	Vai ser laranja!!!!	

		<p>T [A – Nossa bandeira jamais será vermelha!!!! <i>RE/IN</i></p> <p>B – A (1) Vai ser laranja!!!! <i>RE</i></p>
140
141
142	"CAPITÃO CAVERNA"	<p>T [N – Notícia (referência ao título da notícia em que JB é chamado de capitão). <i>IN/INF</i></p> <p>B [M (JB é chamado de capitão) <i>RE</i></p> <p>A (1) "CAPITÃO CAVERNA"</p>
143	AlôPetralhada O Bozo chegou! Tmj Capitão!	<p>T [N – Notícia (referência ao título da notícia em que JB é chamado de capitão). <i>IN/INF</i></p> <p>B [As (1) AlôPetralhada <i>prep</i></p> <p>Ip [Ap (2) O Bozo chegou! As (3) Tmj Capitão! <i>com</i></p>
144	Eu entendi melhor a Michele falando em libras do que entendia a EstocadoraDeVentoTerroristaWorkAlcoolic falando por voz! Simples assim!	<p>T [N – Notícia (referência à participação de Michele Bolsonaro na posse). <i>IN/INF</i></p> <p>Ip [Ap (1) Eu entendi melhor a Michele falando em libras As (2) do que entendia a EstocadoraDeVentoTerroristaWorkAlcoolic falando por voz! <i>com</i></p> <p>B [RE – As (3) Simples assim! <i>com</i></p>
145	Será que o JeanusW vai ter coragem de cuspir no JMB de novo agora?! Nah ele não tem coragem para isso mas por traz é todo estourado com certeza!!!!!! :)	

		<p>T — N – Notícia <i>IN/INF</i></p> <p>B — RE — Is — Ap (1) Será que o JeanusW vai ter coragem de cuspir no JMB de novo agora?!</p> <p>c-a — com — As (2) Nah ele não tem coragem para isso</p> <p>Ap (3) mas por traz é todo estourado com certeza!!!!!! :)</p>
146	Taí um adorador de asno....kkkk	<p>T — A – AlôPetralhada O Bozo chegou! Tmj Capitão! <i>RE/IN</i></p> <p>B – A (1) Taí um adorador de asno....kkkk <i>RE</i></p>
147	Ele já te deu um petisco hoje?	<p>T — A – AlôPetralhada O Bozo chegou! Tmj Capitão! <i>RE/IN</i></p> <p>B – A (1) Ele já te deu um petisco hoje? <i>RE</i></p>
148
149
150
151	Tá rindo de quê	<p>T — A – Kkkkkkkkkkkkkkk <i>RE/IN</i></p> <p>B – A (1) Tá rindo de quê <i>RE</i></p>
152
153
154	Em termos de segurança pública o primeiro passo é garantir que o molusco não saia da cadeia	<p>T — A - Desejo sucesso ao nosso País, estamos precisando, principalmente na segurança pública. <i>RE/IN</i></p> <p>B — As (1) Em termos de segurança pública <i>top</i></p> <p>Ap (2) o primeiro passo é garantir que o molusco não saia da cadeia.</p>
155	Tem político de estimação?	

		<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A – Ao Nosso Excelentíssimo Presidente Jair Messias desejo muito <i>RE/IN</i> sucesso em sua trajetória. B – A (1) Tem político de estimação? <i>RE</i>
156
157
158	Eh um verme presidenciavel agora ...	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> N – Notícia (figura do presidente) <i>IN/INF</i> B – A (1) Eh um verme presidenciavel agora ... <i>RE</i>
159
160	Que povo? Só se for o povo do queiroz, mulher, filha, papagaio, cachorro...	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A – País inicia uma nova era. Um capítulo novo na história. Agora o povo <i>RE/IN</i> está no poder com o Presidente Jair. B <i>RE</i> <ul style="list-style-type: none"> Ts <i>prep</i> <ul style="list-style-type: none"> A (1) Que povo? \emptyset Ap (3) Só se for o povo do queiroz, mulher, filha, papagaio, cachorro...
161
162	A esquerda devia estar em Curitiba fazendo companhia ao 9 dedos.	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A – Rapaz, a esquerda em peso está aqui! Kkkkkkkk <i>RE/IN</i> B <i>RE</i> <ul style="list-style-type: none"> Ap (1) A esquerda devia estar em Curitiba As (2) fazendo companhia ao 9 dedos. <i>com</i>
163
164	O sujeito passa toda uma campanha pregando violência, ódio, exterminar a esquerda, ai quando se torna presidente vem com discurso de que quer a união do país, não cola muito não	

		<p>N - Notícia (presidente fala em unir o país) <i>IN/INF</i></p> <p>T</p> <p>As (1) O sujeito passa toda uma campanha pregando <i>c-a</i> violência, ódio, exterminar a esquerda,</p> <p>Ip</p> <p>As (2) ai quando se torna presidente <i>temp</i></p> <p>Ip</p> <p>Ap (3) vem com discurso de que quer a união do país,</p> <p>As (4) não cola muito não <i>com</i></p> <p>B <i>RE</i></p>
165	ELE não tem discernimento, além de muito contraditório. A fala não condiz com o ato! É para desconfiar!	<p>A - O sujeito passa toda uma campanha pregando violência, ódio, exterminar a esquerda.. <i>RE/IN</i></p> <p>T</p> <p>Ap (1) ELE não tem discernimento</p> <p>Ip</p> <p>As (2) além de muito contraditório. <i>arg</i></p> <p>Is <i>arg</i></p> <p>Ap (3) A fala não condiz com o ato!</p> <p>As (4) É para desconfiar! <i>com</i></p> <p>B <i>RE</i></p>
166	Kkkk Ptralhada aceitem ou vai para Curitiba babar o ovo do 9 dedos kkkk	<p>N - Notícia <i>IN/INF</i></p> <p>T</p> <p>As (1) Kkkk Ptralhada <i>prep</i></p> <p>B <i>RE</i></p> <p>Ip</p> <p>A (2) aceitem</p> <p>Ip</p> <p>A (3) ou vai para Curitiba</p> <p>As (4) babar o ovo do 9 dedos kkkk <i>arg</i></p>
167
168	Se for para demitir quem faz figuração, o bozo é o primeiro da lista.	<p>A - Menos ESTADO. Hora de desconstruir esse monstro arrecadador e atrapalhador da vida de todos os seus cidadãos <i>RE/IN</i></p> <p>T</p> <p>As (1) Se for para demitir quem faz figuração, <i>top</i></p> <p>B <i>RE</i></p> <p>Ap (2) o bozo é o primeiro da lista.</p>
169	É um mito, mesmo.. Vai governar para os: militares, judiciário etc e tal.. Esses	

	<p>vão ter todas os reajustes possíveis...É engraçado, quando eles falam na reforma da previdência, em nem um momento falam em mexer com: os políticos, militares, judiciário e funcionários públicos... Só falam na aposentadoria daqueles que ganham um salário de fome...</p>	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> N – Notícia (<i>IN/INF</i>) B <ul style="list-style-type: none"> RE <ul style="list-style-type: none"> I <ul style="list-style-type: none"> Ap (1) É um mito, mesmo.. Is <ul style="list-style-type: none"> arg <ul style="list-style-type: none"> Ap (2) Vai governar para os: militares, judiciário etc e tal.. As (3) Esses vão ter todas os reajustes possíveis... <i>arg</i> Is <ul style="list-style-type: none"> prep <ul style="list-style-type: none"> As (4) É engraçado, As (5) quando eles falam na reforma da previdência, Ip <ul style="list-style-type: none"> temp <ul style="list-style-type: none"> Ap (6) em nem um momento falam em mexer com: os políticos, militares, judiciário e funcionário público Ap (6) Só falam na aposentadoria daqueles que ganham um salário de fome...
<p>170</p>	<p>E quem disse quem que disse que a reforma previdenciária dos militares não está a caminho? Apesar de que em 2001 já tivemos uma grande reforma com relação aos benefícios.</p>	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A – É um mito, mesmo..[...] em nem um momento falam em mexer com: os políticos, militares, <i>RE/IN</i> B <ul style="list-style-type: none"> RE <ul style="list-style-type: none"> Ap (1) E quem disse que a reforma previdenciária dos militares não está a caminho? As (2) Apesar de que em 2001 já tivemos uma grande reforma com relação aos benefícios. <i>c-a</i>
<p>171</p>	<p>É Globinho... se não suarem agora, não vao ganhar o dinherinho que vinha de graça, inclusive já comecem a juntar dinheiro para a questão dos IPTU atrasados..</p>	<p>N – Notícia <i>IN/INF</i></p> <ul style="list-style-type: none"> B <ul style="list-style-type: none"> As (1) É Globinho <i>prep</i> Ip <ul style="list-style-type: none"> As (2) se não suarem agora, <i>arg</i> Ip <ul style="list-style-type: none"> As (3) não vao ganhar o dinherinho que vinha de graça, As (4) inclusive já comecem a juntar dinheiro para a questão dos IPTU atrasados.. <i>arg</i>
<p>172</p>	<p>.....</p>	<p>.....</p>
<p>173</p>	<p>quero vê daqui a quatro anos se ele vai ser chamado de Mito.</p>	

		<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> N – Notícia (apoiadores gritaram “mito”) <i>RE/IN</i> B <ul style="list-style-type: none"> RE <ul style="list-style-type: none"> As (1) quero vê daqui a quatro anos <i>prep</i> Ap (2) se ele vai ser chamado de Mito.
174
175	JMB está sugerindo um pacto com o povo. Sarney também pediu o mesmo pacto no governo dele. Chama-se pacto CARACÚ, onde os políticos, grandes empresários e demais privilegiados entram com a cara e o povo entra com o restante	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> N - Notícia (Bolsonaro fala em um pacto nacional) <i>IN/INF</i> B <ul style="list-style-type: none"> RE <ul style="list-style-type: none"> Is <ul style="list-style-type: none"> Ap (1) JMB está sugerindo um pacto com o povo. <i>prep</i> As (2) Sarney também pediu o mesmo pacto no governo dele. <i>arg</i> Ip <ul style="list-style-type: none"> As (3) Chama-se pacto CARACÚ, <i>top</i> Ip <ul style="list-style-type: none"> A (4) onde os políticos, grandes empresários e demais privilegiados entram com a cara A (5) e o povo entra com o restante.
176	KKKK... essa é a GRANDE verdade que a mídia comprada não mostra pois faz parte do grupo que manda o povo tomar no C.O.O.L!	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A – JMB está sugerindo um pacto com o povo. <i>RE/IN</i> B <ul style="list-style-type: none"> RE <ul style="list-style-type: none"> Ap (1) KKKK... essa é a GRANDE verdade que a mídia comprada não mostra As (3) pois faz parte do grupo que manda o povo tomar no C.O.O.L! <i>arg</i>
177	Não quer depender de salário mínimo vai estudar, e não venha com desculpas pois fui criado em lar pobre e estudei em colégio público e estou bem economicamente	

		<p>T — A - É engraçado, quando eles falam na reforma da providência, em nem mexer com: os políticos, militares, judiciário e funcionários <i>RE/IN</i></p> <p>B — RE</p> <ul style="list-style-type: none"> Ip — As (1) Não quer depender de salário mínimo. <i>arg</i> Ip — A (2) Vai estudar Ip — A (3) e não venha com desculpas Is — As (4) pois fui criado em lar pobre <i>temp</i> <i>conc</i> Is — Ap (5) e estudei em colégio público <i>arg</i> Is — Ap (6) e estou bem economicamente
178
179	O irmão do Mourão substituiu o Queiroz na direção?	<p>T — N – Notícia <i>IN/INF</i></p> <p>B – A (1) O irmão do Mourão substituiu o Queiroz na direção? <i>RE</i></p>
180
181
182	Falta transparência da I.M.P.R.E.N.S.A e OMISSÃO DE MUITOS FATOS políticos que destroem a qualidade do POVO pelo fato das e.m.i.s.s.o.r.a.s GANHAREM AGRADOS DE BILHÕES DO GOVERNO!	<p>T — A – Quando existirá uma LEI proibindo o GOVERNO de dar DINHEIRO PÚBLICO (BILHÕES) às E.M.I.S.S.O.R.A.S <i>RE/IN</i></p> <p>B — Ap (1) Falta transparência da I.M.P.R.E.N.S.A e OMISSÃO DE MUITOS FATOS políticos que destroem a qualidade do POVO <i>arg</i></p> <p>B — As (3) pelo fato das e.m.i.s.s.o.r.a.s GANHAREM AGRADOS DE BILHÕES DO GOVERNO! <i>arg</i></p>
183	B.o.l.s.o acaba de retirar da F.u.n.a.i a demarcação de terras indígenas! Vai para um líder ruralista da pasta da AGRICULTURA! Imagina o desmatamento? PRA O BEM DA ECONOMIA? M.E.U D.E.U.S!	

		<p>T — N - Notícia (referência a foto dos ministros/ Teresa Cristina/ ruralista) <i>IN/INF</i></p> <p>B — RE — Is <i>arg</i> — Ap (1) B.o.l.s.o acaba de retirar da F.u.n.a.i a demarcação de terras indígenas!</p> <p>As (2) Vai para um líder ruralista da pasta da AGRICULTURA!</p> <p>Ip — Ap (3) Imagina o desmatamento?</p> <p>Is <i>com</i> — Ap (4) PRA O BEM DA ECONOMIA?</p> <p>As (5) M.E.U D.E.U.S! <i>com</i></p>
184	T.r.u.m.p tá de OLHO GRANDE na nossa AMAZÔNIA! Os ruralistas daqui também!	<p>T — N - Notícia <i>IN/INF</i></p> <p>B — RE — A (1) T.r.u.m.p tá de OLHO GRANDE na nossa AMAZÔNIA!</p> <p>A (2) Os ruralistas daqui também!</p>
185
186	Como fala bobagens sem conhecimento de causa.	<p>T — A — Vão continuar a colonização... <i>RE/IN</i></p> <p>B — RE — A (1) Como fala bobagens sem conhecimento de causa.</p>
187	Democracia devia ser restrita a culturas evoluídas, assim não veríamos nosso país na mão de gente tão despreparada.	<p>T — N - Notícia <i>IN/INF</i></p> <p>B — RE — As (1) Democracia devia ser restrita a culturas evoluídas, <i>top</i></p> <p>Ap (2) assim não veríamos nosso país na mão de gente tão despreparada.</p>
188
189	A esquerdalha ficou com inveja!	<p>T — N - Notícia <i>IN/INF</i></p> <p>B — RE — A (1) A esquerdalha ficou com inveja!</p>
190	NÃO ACEITO ESSE RESULTADO. O bozonaro	

	<p>tem razão, as URNAS são FRAUDADAS. Até o Daciolo nos alertou nessas eleições que as urnas seriam fraudadas e agora que caiu a ficha. AS URNAS FORAM FRAUDADAS NESSAS ELEIÇÕES!</p>	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> N - Notícia <i>IN/INF</i> B RE <ul style="list-style-type: none"> Is <i>arg</i> <ul style="list-style-type: none"> Ap (1) NÃO ACEITO ESSE RESULTADO. Is <i>arg</i> <ul style="list-style-type: none"> Ap (2) O bozonaro tem razão Is <i>arg</i> <ul style="list-style-type: none"> Ap (3) as URNAS são FRAUDADAS. Is <i>arg</i> <ul style="list-style-type: none"> As (4) Até o Daciolo nos alertou nessas eleições que as urnas seriam fraudadas Ap (5) e agora que caiu a ficha. Ap (6) AS URNAS FORAM FRAUDADAS NESSAS ELEIÇÕES!
<p>191</p>	<p>legal que quando tem bandido eleito, não tem problema nenhum né. No caso das fraudes nas urnas ocorreram muito nessa eleição, porém a população não aceitou e tudo caiu queridinho. Pode não aceitar, pode se mudar, falta não vai fazer, o que vai fazer é um favor livrando o país de mais um parasita.</p>	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A – NÃO ACEITO ESSE RESULTADO <i>IN/RE</i> B RE <ul style="list-style-type: none"> I <ul style="list-style-type: none"> A (1) legal que quando tem bandido eleito, A (2) não tem problema nenhum né. Is <i>arg</i> <ul style="list-style-type: none"> Is <ul style="list-style-type: none"> As (3) No caso das fraudes nas urnas top c-a Ap (4) ocorreram muito nessa eleição, Ip <ul style="list-style-type: none"> Ip <ul style="list-style-type: none"> Ap (4) porém a população não aceitou As (5) e tudo caiu com As (6) queridinho. com Ip <ul style="list-style-type: none"> Is <ul style="list-style-type: none"> Ip <ul style="list-style-type: none"> A (7) Pode não aceitar A (8) pode se mudar, As (9) falta não vai fazer, arg Ap (10) o que vai fazer é um favor livrando o país de mais um parasita.
<p>192</p>	<p>Foram anos o Bozo dizendo isso, e agora não tá fraudado mais?</p>	

		<p>T [A – NÃO ACEITO ESSE RESULTADO [...]AS URNAS FORAM FRAUDADAS... <i>RE/IN</i></p> <p>B [RE [As (1) Foram anos o Bozo dizendo isso, <i>c-a</i></p> <p>Ap (2) e agora não tá fraudado mais?</p>
193	Houve fraude, sim, mas era impossível fazer com que Haddad vencesse.	<p>T [A – NÃO ACEITO ESSE RESULTADO [...]AS URNAS FORAM FRAUDADAS... <i>RE/IN</i></p> <p>B [RE [As (1) Houve fraude, sim, <i>c-a</i></p> <p>Ap (2) mas era impossível fazer com que Haddad vencesse.</p>
194
195
196
197
198	o mais legal e mais orgulhoso é ver a mulherada na posse do mito. Os hipocritas da esquerda enlouquecem	<p>T [N - Notícia (imagens da posse) <i>IN/INF</i></p> <p>B [RE [Ap (1) o mais legal e mais orgulhoso é ver a mulherada na posse do mito</p> <p>As (2) Os hipocritas da esquerda enlouquecem <i>com</i></p>
199	Nem a dilmo-na foi...kkkkkkk ela ia se dar bem porque tinha muita gente que conversa em libras. Daí iria entender ela já que ninguém entende o que ela fala.	<p>T [A - o mais legal e mais orgulhoso é ver a mulherada na posse do mito. <i>RE/IN</i></p> <p>B [RE [As (1) Nem a dilmo-na foi...kkkkkkk</p> <p>Ip [Ap (2) ela ia se dar bem</p> <p>Is [arg [As (3) porque tinha muita gente que conversa em libras.</p> <p>Ip [Ap (4) Daí iria entender ela</p> <p>As (5) já que ninguém entende o que ela fala. <i>arg</i></p>
200
201
202

213
214
215
216	rumo laranja kkkkkkk	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A - Até que enfim o Brasil tomou o rumo certo. <i>RE/IN</i> B - A (1) rumo laranja kkkkkkk <i>RE</i>
217	A hipocrisia predomina nessa gentalha. Espero que as pessoas de bem que compõe esse governo possa animar a nossa economia e reduzir o desemprego, essa tristeza que assola nosso Brasil. O Bozó com certeza, não contribuirá infelizmente com nada, mas tem a equipe, que não deixará fazer bobagens ou tiram ele do cargo. Aliás já um movimento nesse sentido.	<p>N - Notícia <i>IN/INF</i></p> <p>B <i>RE</i></p> <ul style="list-style-type: none"> Ip <ul style="list-style-type: none"> As (1) A hipocrisia predomina nessa gentalha <i>c-a</i> Ip <ul style="list-style-type: none"> Ap (2) Espero que as pessoas de bem que compõe esse governo possa animar nossa economia e reduzir o desemprego, As (4) essa tristeza que assola nosso Brasil <i>com</i> Is <ul style="list-style-type: none"> As (5) O Bozó com certeza, não contribuirá infelizmente com nada, <i>c-a</i> Ip <ul style="list-style-type: none"> Ap (6) mas tem a equipe, As (7) que não deixará fazer bobagens <i>com</i> Is <ul style="list-style-type: none"> Ap (8) ou tiram ele do cargo. As (7) Aliás já um movimento nesse sentido. <i>arg</i>
218	some da qui vai para Venezuela ouvir dizer que o socialismo está crescendo por lá, é disso que gosta.	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A - A hipocrisia predomina nessa gentalha <i>RE/IN</i> B <i>RE</i> <ul style="list-style-type: none"> Ip <ul style="list-style-type: none"> Ip <ul style="list-style-type: none"> A (1) some da qui A (2) vai para Venezuela As (3) ouvir dizer que o socialismo está crescendo por lá, <i>arg</i> As (4) é disso que gosta. <i>arg</i>
219

220
221
222
223
224	<p>Cara. Pra que um cidadão que votou nulo está preocupado com o que pode acontecer com o país? se tivesse teria aproveitado seu poder de escolha na urna.</p>	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A – É apenas uma pergunta de um cidadão que votou nulo. RE/IN B <ul style="list-style-type: none"> As (1) Cara. prep Ip <ul style="list-style-type: none"> Ap (2) Pra que um cidadão que votou nulo está preocupado com o que pode acontecer com o país? Is <ul style="list-style-type: none"> As (3) se tivesse top Ap (4) teria aproveitado seu poder de escolha na urna.
225	<p>Raciocínio infeliz o seu, Cícero. Ao votar nulo, o eleitor está dizendo que nenhum dos candidatos merece sua confiança. Problema maior é votar pq a "a maioria " está votando. Geralmente, é pelo efeito manada, que o país afunda... A Propósito, nenhum político é confiável, se fosse, não seria político.</p>	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A – Cara. Pra que um cidadão que votou nulo está preocupado... RE/IN B <ul style="list-style-type: none"> Ip <ul style="list-style-type: none"> Ap (1) Raciocínio infeliz o seu, As (2) Nick. com Is <ul style="list-style-type: none"> Ip <ul style="list-style-type: none"> As (3) Ao votar nulo, top Ap (4) o eleitor está dizendo que nenhum dos candidatos merece sua confiança. Is <ul style="list-style-type: none"> Ap (5) Problema maior é votar pq a "a maioria " está votando. As (6) Geralmente, é pelo efeito manada, que o país afunda... arg Is <ul style="list-style-type: none"> Ip <ul style="list-style-type: none"> As (7) A Propósito, top Ap (8) nenhum político é confiável Is <ul style="list-style-type: none"> As (9) se fosse, top Ap (10) não seria político.
226

<p>227</p>	<p>Acho que a prioridade dele são essas coisas sem importância, criar empregos e defender a população carente não importa, tanto que já baixou o valor do salário mínimo rsrsrsrsrsrsrsrsrsrsrsrsrsrsrsrsr</p>	<p>A - Será que vai fechar a Globo e tirar o Brasil da ONU RE/IN</p> <p>B</p> <ul style="list-style-type: none"> Ap (1) Acho que a prioridade dele são essas coisas sem importância, Is <ul style="list-style-type: none"> Ap (2) criar empregos e defender a população carente não importa, As (3) tanto que já baixou o valor do salário mínimo Arg rsrsrsrsrsrsrsrsrsrsrsrsrsrsrsr
<p>228</p>	<p>.....</p>	<p>.....</p>
<p>229</p>	<p>kkkkkk a foto desse presidente tosco com a arma, ridículo, retardado demais!</p>	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> N - Notícia (imagem da posse) IN/INF B <ul style="list-style-type: none"> Ap (1) kkkkkk a foto desse presidente tosco com a arma, RE As (2) ridículo, retardado demais! com
<p>230</p>	<p>É MUITO BOM TER UM PRESIDENTE DE VERDADE!!! QUE NÃO TEM NENHUM PROCESSO POR CORRUPÇÃO!!!! JÁ A VERMELHADA E DIFICIL ACHAR UM QUE NÃO TENHA 5 PRA CIMA!!!! PESQUISEM O HADADA POR EXEMPLO!!!! KKKKK VERMELHOS FICAM REPTINDO BOBAGENS PARA VER SE INCRIMINA KKKKKKK CHOLA CORRUPTOS VERMELHOS !!!!</p>	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> N - Notícia (imagem da posse) IN/INF B <ul style="list-style-type: none"> RE Is <ul style="list-style-type: none"> Ap (1) É MUITO BOM TER UM PRESIDENTE DE VERDADE!!! Ip <ul style="list-style-type: none"> As (2) QUE NÃO TEM NENHUM PROCESSO POR CORRUPÇÃO!!!! com As (3) JÁ A VERMELHADA top Ip <ul style="list-style-type: none"> Ap (4) E DIFICIL ACHAR UM QUE NÃO TENHA 5 PRA CIMA!!!! As (5) PESQUISEM O HADADA POR arg EXEMPLO!!!! com <ul style="list-style-type: none"> Ap (6) KKKKK VERMELHOS FICAM REPTINDO BOBAGENS PARA VER SE INCRIMINA KKKKKKK As (7) KKKKKKK CHOLA CORRUPTOS VERMELHOS !!!! com
<p>231</p>	<p>NA PÓSSE DA DILMACHORA POR TRAFICANTE NÃO TINHA NEM METADE DESTE PUBLICO !!!! ISSO QUE TINHA</p>	<p></p>

	<p>MSTS,CUTS,UNES ETC,,, E OS GRUPOS COMUNAS TERRORISTAS DE SEMPRE !!! O CARA É UM MITO !!! SOBREVIVEU AO ATENTADO TERRORISTA VERMELHO PARA SALVAR A NOSSA NAÇÃO !!!</p>	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> N - Notícia (imagem da posse) <i>IN/INF</i> B RE <ul style="list-style-type: none"> I <ul style="list-style-type: none"> As (1) NA PÓSSE DA DIL-MACHORA POR <i>prep</i> TRAFICANTE Ip <ul style="list-style-type: none"> Ap (2) NÃO TINHA NEM METADE DESTA PUBLICO !!!! Is <ul style="list-style-type: none"> Ap (3) ISSO QUE TINHA MSTS,CUTS,UNES ETC,,, As (4) E OS GRUPOS COMUNAS <i>arg</i> TERRORISTAS DE SEMPRE !!! I <ul style="list-style-type: none"> Ap (6) O CARA É UM MITO !!! As (7) SOBREVIVEU AO ATENTADO TERRORISTA <i>arg</i> VERMELHO PARA SALVAR NOSSA NAÇÃO !!!
232
233
234
235	<p>Já começou acabando com o Real. Agora o negócio é Libras!</p>	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> N - Notícia (Michele discursa em Libras) <i>IN/INF</i> B RE <ul style="list-style-type: none"> Ap (1) Já começou acabando com o Real. As (2) Agora o negócio é Libras! <i>arg</i>
236	<p>Que alívio, lá se foram 16 anos de bolchevismos e bolivarianismos. E que não voltem mais, o estrago foi enorme.</p>	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> N - Notícia (cenas da posse) <i>IN/INF</i> B RE <ul style="list-style-type: none"> Ap (1) Que alívio, lá se foram 16 anos de bolchevismos e bolivarianismos Is <ul style="list-style-type: none"> Ap (2) E que não voltem mais, As (3) o estrago foi enorme. <i>arg</i>

237
238
239
240
241	Ele é o último a saber kkkkkk	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A - Ela (Michele) se comunica muito bem com o povo. <i>RE/IN</i> B <ul style="list-style-type: none"> M (inferência sobre uma suposta traição de Michele) A (1) Ele é o último a saber kkkkkk
242
243
244
245	Não votei neste candidato, mas o elogiaria no futuro, se um dia, ele tivesse a hombridade de acabar com essa vergonha nacional que se chama recesso do judiciário.	<p>N - Notícia <i>IN/INF</i></p> <p>B <ul style="list-style-type: none"> As (1) Não votei neste candidato, <i>c-a</i> Ip <ul style="list-style-type: none"> Ap (2) mas o elogiaria no futuro, Is <ul style="list-style-type: none"> Ap (3) se um dia, ele tivesse a hombridade de acabar com essa vergonha nacional As (4) que se chama recesso do judiciário. <i>com</i> </p>
246
247
248	Que eterno o Queiróz??	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A - Que a graça do Eterno ilumine seus passos! Parabéns, Presidente !!! <i>IN/RE</i> B <ul style="list-style-type: none"> Ap (1) Que eterno? As (2) o Queiróz?? <i>com</i>

249	Fora Messias e General Mourao, Força, Haddad Lá e Manuela D Ávila e Comandante Filho do Brasil, OK.	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> N - Notícia <i>IN/INF</i> B RE <ul style="list-style-type: none"> I - A (1) Fora Messias e General Mourao, I <ul style="list-style-type: none"> A (2) Força, Haddad Lá e Manuela D Ávila A (3) e Comandante Filho do Brasil, OK.
250	Não falou no lulaoestapresobabaca??? kkkk	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A - Fora Messias e General Mourao, <i>RE/IN</i> B RE <ul style="list-style-type: none"> Ap (1) Não falou no lulaoestapreso??? As (2) babaca kkkk <i>com</i>
251	Nick verdade que come bosta??	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A - Fora Messias e General Mourao, <i>RE/IN</i> B RE <ul style="list-style-type: none"> As (1) Nick <i>prep</i> Ap (2) verdade que come bosta??
252
253
254	Só isso que tem pra relinchar papa macho??	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A - Nossa bandeira jamais será vermelha. <i>RE/IN</i> B RE <ul style="list-style-type: none"> Ap (1) Só isso que tem pra relinchar As (2) papa macho?? <i>Com</i>
255
256	Bay Bay petralas	

		<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> N - Notícia <i>IN/INF</i> B RE <ul style="list-style-type: none"> Ap (1) Bay Bay As (2) petralas <i>com</i>
257	temer ladão	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> N - Notícia (imagem de Temer na posse) <i>IN/INF</i> B RE <ul style="list-style-type: none"> As (1) temer <i>prep</i> Ap (2) ladão
258
259	A volta da família tradicional! Troquem suas esposas go.rdas e fei.as por uma novi.nha e gos.tosa que nem o mito fez....	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> N - Notícia <i>IN/INF</i> B RE <ul style="list-style-type: none"> As (1) A volta da família tradicional! <i>prep</i> Ip <ul style="list-style-type: none"> Ap (2) Troquem suas esposas go.rdas e fei.as por uma novi.nha e gos.tosa As (3) que nem o mito fez.... <i>com</i>
260	Ele vai virar o pai dos seus filhos, é?	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A - A volta da família tradicional![...] que nem o mito fez.... <i>RE/IN</i> B - A (1) Ele vai virar o pai dos seus filhos, é? <i>RE</i>
261
262
263
264
265	A nova era mitológica chegou! posse do Mito BOLSONARO deu início aos tempos mitológicos no	

		<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> N - Notícia (imagem da posse) <i>IN/INF</i> B – A (1) Começou a Era da Bizarrice. <i>RE</i>
272	Alguém viu o Queiróz por lá?	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> N - Notícia (imagem da posse) <i>IN/INF</i> B – A (1) Alguém viu o Queiróz por lá? <i>RE</i>
273	Nem o Malta. O Queiroz está escondido no laranjal.	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> A - Alguém viu o Queiróz por lá? <i>IN/INF</i> B <ul style="list-style-type: none"> Ts <ul style="list-style-type: none"> M (O Queiroz não compareceu à posse) prep – Ap (1) Nem o Malta. Ap (2) O Queiroz está escondido no laranjal. <i>RE</i>
274	Começa hoje um novo Brasil, os incomodados pode ir pra Cuba ou Venezuela.	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> N - Notícia <i>IN/INF</i> B <ul style="list-style-type: none"> As (1) Começa hoje um novo Brasil, <i>prep</i> Ap (2) os incomodados pode ir pra Cuba ou Venezuela. <i>RE</i>
275	Bozo vai acabar com o país. Ainda bem que o Ciro Gomes será o nosso presidente em 2022.	<p>T</p> <ul style="list-style-type: none"> N - Notícia <i>IN/INF</i> B <ul style="list-style-type: none"> As (1) Bozo vai acabar com o país. <i>c-a</i> Ap (2) Ainda bem que o Ciro Gomes será o nosso presidente em 2022. <i>RE</i>
276	Nick, a inveja é um sentimento difícil de domar... aceite que dói menos, bibona..	

		<p>A - Bozo vai acabar com o país. RE/IN</p> <p>B RE [As (1) Nick, <i>prep</i></p> <p>Is arg [As (2) a inveja é um sentimento difícil de domar <i>c-a</i></p> <p>Ip [Ap (3) aceite que dói menos, As (4) bibona.. com</p>
277
278	inveja de bosta?	<p>T RE/IN [A - Nick, a inveja é um sentimento difícil de domar</p> <p>B RE [M (a inveja é um sentimento difícil de domar)</p> <p>A (1) inveja de bosta?</p>
279	Ah! vai!! kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk	

ANEXO 4

Estudo da forma de organização enunciativa nos comentários

Nº	Identificação das vozes	Classificação
	<p>Obs.: C1 = comentador primário C2 = comentador secundário</p> <p>C1' e C2' = serão utilizados para especificar os casos em que um comentador primário e/ou secundário representa as vozes de outro comentador primário e/ou secundário em seu discurso, respectivamente.</p>	
1		
2	<p>C2 [Dada a total incapacidade dele, vamos assistir a 4 anos dele <u>falando</u> B [pastagens na tv]]</p>	<p>Tipo: Representado/ polifônico/potencial Forma: formulado/discurso indireto/explicito</p> <p>B = Bolsonaro</p>
3		
4		
5	<p>C2 [J [B [Governo de mudanças], hã??? Manteve o ministro da dancinha da corrupção? Gente, esta difícil acreditar neste show de coincidências].</p>	<p>Tipo: Representado/ polifônico/efetivo Forma: formulado/discurso indireto/implícito</p> <p>J: jornalista B = Bolsonaro</p>
6	<p>C2 [J [Linguagens de sinais emocionante], show da patricinha. Lei regulamentada em 24 de abril de 2002, pelo refém político, adversário, usando como seus, os méritos de quem tanto ataca.</p>	<p>Tipo: Representado/ polifônico/efetivo Forma: formulado/discurso/ Indireto/ Implícito</p> <p>J: jornalista</p>
7	<p>C2 [B [Se livrar do socialismo??] Qual partido que tem "social" em sua sigla? O dele próprio, ou seja, um louco com frases decoradas, que não sabe o que fala, um despreparado].</p>	<p>Tipo: Representado/ polifônico/efetivo Forma: formulado/discurso direto/implícito</p> <p>B = Bolsonaro</p>
8	<p>C2 [Aqueles que A [não tem bandido de estimação], agora tem uma família toda e de quebra um motorista"].</p>	<p>Tipo: Representado/ polifônico/efetivo Forma: formulado/discurso indireto/implícito</p> <p>A = apoiadores de Bolsonaro</p>

9		
10		
11		
12	<p>C2 [Tem razão no que falou sobre C2' [o conflito arabexjudeus]. Os árabes são nossos maiores clientes importadores de nossos produtos agro. Apenas para imitar o Trump, ele cria essa polémica da embaixada. Totalmente sem necessidade e com <i>o risco</i> de perdermos clientes e ainda nos colocar na linha de fogo de um conflito que nada tinha a ver conosco.]</p>	<p>Tipo: Representado/ diafônico local (11) /efetivo Forma: formulado/discurso direto/explicito</p>
13		
14	<p>C2 [C2' [Correr o risco?] Olha você está sendo muito otimista! Logo que ele transferir [a embaixada], pode dar adeus a 7 bilhões de Dólares! Pode ser que ele fique só na goela, aliás é muito dele isso, aí vai levando com a barriga até o fim da mandato!]</p>	<p>Tipo: Representado/ diafônico à distância (12) /efetivo Forma: formulado/discurso direto/implícito</p>
15		
16		
17		
18		
19		
20		
21		
22		
23		
24		
25		
26		
27		
28		
29		
30		

	C1 [B [] Mas <u>falou</u> [de esquecermos ideologias] B [] mas <u>citou</u> [socialismo e bandeira vermelha] Brasil nunca foi socialista e sim foi capitalista governado por um partido de esquerda].	Tipo: Representado/ polifônico/efetivo Forma: implicitado / discurso indireto/ explícito
31	_____	_____
32	C1 [B [NOSSA BANDEIRA JAMAIS SERÁ VERMELHA....FIM DA IDEOLOGIA DE GÊNERO.... CRIMINOSOS VISTO E TRATADO COMO CRIMINOSOS... GOVERNAR POR EXEMPLO... MINISTÉRIO DE TÉCNICOS]... Esses e tantas outras frases e ações vão, definitivamente, transformá-lo num MITO. Que os CORRUPOTOS PETRA ALHAS APODREÇAM NA CADEIA].	Tipo: Representado/ polifônico/efetivo Forma: formulado/discurso indireto/ implícito
33	_____	_____
34	_____	_____
35	C2 [Falou C1 [tudo], Nick. Que os PETRA ALHAS aceitem isso tudo, doe menos!]	Tipo: Representado/ diafônico à distância (32) /efetivo Forma: formulado/discurso indireto/ explícito
36	C2 [C2' [Doutrinação nas escolas] é mentira. Armar o cidadão C2' [e permitir o policia sentar o dedo em quem estiver armado] (nossa esperto vc hein? que baira solucao! ETC... gente burra tem que se F mesmo. Um abraço].	Tipo: Representado/ diafônico à distância (34) /efetivo Forma: formulado/discurso direto/implícito Forma: formulado/discurso indireto/ implícito
37	C1 [O mito. Kkkkk. É uma Piada. Governo elitista. Vai lascar com o trabalhador. A [Reforma dos privilégios dos marajás] ninguém <u>fala</u>. Bolsominion trabalhador se ferrou e ainda <u>chama</u> A [de mito]]	Tipo: Representado/ polifônico/potencial Forma: formulado/discurso indireto/ explícito A = apoiadores de Bolsonaro (Bolsominion) Tipo: Representado/ polifônico/efetivo Forma: formulado/discurso indireto/ explícito A = apoiadores de Bolsonaro (Bolsominion)
38	_____	_____
39	_____	_____
40	_____	_____
41	_____	_____
42	_____	_____

	C2 [O Onyx <u>confessou</u> O [] ... Mas <u>pediu</u> O [desculpas!!!]	Tipo: Representado/ polifônico/efetivo Forma: designado Forma: formulado/discurso indireto/ explícito O = Onyx Lorenzoni (Ministro)
43		
44		
45		
46		
47		
48		
49		
50		
51		
52		
53		
54		
55		
56		
57		
58		
59		
60		
61		
62		
63	C2 [Boa Profeta, boa! D [] mas estocar vento foi a melhor de todas! Lembra! kkkkkkkkkkkkkkkkkkk]	Tipo: Representado/ polifônico/efetivo Forma: implícito D = Dilma
64		

65		
66		
67	C2 [Quer dizer C1 [que tem botar negro ou índio de qualquer jeito], mesmo que o cara seja ruim para o cargo? Discurso idiota racista - sim, VOCÊ é que o racista, pois escolhe as pessoas pela cor e não pela competência. Burrice.	Tipo: Representado/ diafônico à distância (64) /potencial Forma: formulado/discurso indireto/ explicito
68		
69		
70		
71		
72		
73		
74	C1 [B [Pacto nacional????] Que hipócrita! Foi eleito com base no discurso separatista e de ódio com base na cor, sexo e origem (basta ver seus vídeos e discursos de campanha. E ganhou justamente pq defende a intolerância. Esse sujeito não é um representante da nação, mas um líder de seita hater cuja família tb já sentiu o gostinho da corrupção ...	Tipo: Representado/ polifônico/efetivo Forma: formulado/discurso direto/implícito B = Bolsonaro
75		
76		
77		
78		
79		
80	C2 [que C1 [blablabla]]	Tipo: Representado/ diafônico local (79) /efetivo Forma: formulado/discurso indireto/ implícito
81		
82		
83		
84		

85		
86		
87		
88		
89		
90		
91		
92		
93		
94		
95	<p>C2 [Nick, <u>disse</u> C1 [tudo]. Colocamos mais um inexperiente no governo. Vou querer ver como ele lidará com o senado e com o congresso. Essa de falar alto, dizendo B [que vai fazer e acontecer] também me lembra muito o Collor.</p>	<p>Tipo: Representado/diafônico à distância (92) /efetivo Forma: formulado/discurso indireto/explicito</p> <p>Tipo: Representado/polifônico/efetivo Forma: formulado/discurso indireto/explicito</p> <p>B = Bolsonaro</p>
96		
97		
98		
99		
100		
101		
102		
103		
104	<p>C2 [Esse site é da Globo, bando de animais sem estudo. C1 [Fora Globo] mas tá aqui, lendo e comentando. Asnos.</p>	<p>Tipo: Representado/diafônico à distância (102) /efetivo Forma: formulado/discurso direto/implícito</p>
105		
106		

107		
108		
109	C2 [C1 [Se fosse simples assim] ir embora quando estivesse insatisfeito, este país já estaria abandonado.	Tipo: Representado/diafônico local/efetivo Forma: Formulado/discurso indireto/implícito
110		
111	C1 [L [] Mas o petobas queriam essa divisão a todo custo.] Eu até concordaria mas se fosse dividir a esquerda da direita. A esquerda fossem morar em Cuba ou Venezuela e deixasse o povo de bem viver em paz e harmonia no Brasil.	Tipo: Representado/polifônico /efetivo Forma: Implicado L = Lula (petobas)
112		
113		
114		
115		
116	C1 [Agora Petralhada, C1' [ou Ame ou Deixe-o.]. Acabouoooooooo, que roubem em outro país.	Tipo: Representado/diafônico à distância (108) /efetivo Forma: formulado/discurso direto/implícito
117		
118		
119		
120		
121		
122		
123		
124		
125		
126		
127		
128		

129		
130		
131		
132		
133		
134		
135		
136		
137	C2 [Só isso que tem pra <u>dizer</u> C1 [nossa bandeira jamais será vermelha??]]	Tipo: Representado/ diafônico à distância (135) /efetivo Forma: formulado/discurso direto/explicito
138		
139		
140		
141		
142	C1 [J ["CAPITÃO CAVERNA"]	Tipo: Representado/ polifônico/efetivo Forma: formulado/discurso indireto/ implícito
143		
144		
145		
146		
147		
148		
149		
150		
151		
152		

153		
154	C1 [Em termos de C1' [segurança pública] o primeiro passo é garantir que o molusco não saia da cadeia	Tipo: Representado/ diafônico local/efetivo Forma: reformulado / discurso direto/ implícito
155		
156		
157		
158		
159		
160	C2 [C1 [Que povo?]] Só se for o povo do queiroz, mulher, filha, papagaio, cachorro...	Tipo: Representado/ diafônico local/efetivo Forma: reformulado / discurso direto/ implícito
161		
162		
163		
164	C1 [O sujeito passa toda uma campanha <u>pregando</u> B [] violência, ódio, exterminar a esquerda ai quando se torna presidente vem com o <u>discurso</u> B [] de que quer a união do país não cola muito não].	Tipo: Representado/ polifônico/efetivo Forma: designados
165		
166		
167		
168	C2 [Se for para demitir C1 [quem faz figuração], o <u>bozo</u> é o primeiro da lista.	Tipo: Representado/ diafônico local/efetivo Forma: formulado/discurso direto/implícito
169	C1 [É um mito, mesmo.. Vai governar para os: militares, judiciário etc e tal.. Esses, vão ter todas os reajustes possíveis... É engraçado, quando eles falam B + M [na reforma da providência], em nem um momento falam B + M [em mexer com: os políticos, militares, judiciário e funcionários públicos]... Só falam A [na aposentadoria daqueles que ganham um salário de fome]...	Tipo: Representado/ polifônico/efetivo Forma: formulado/discurso indireto/ explícito B = Bolsonaro / M = Ministros Tipo: Representado/ polifônico/potencial Forma: formulado/discurso indireto/ explícito

		<p>B = Bolsonaro / M = Ministros</p> <p>Tipo: Representado/ polifônico/efetivo Forma: formulado/discurso indireto/explicito</p> <p>B = Bolsonaro / M = Ministros</p>
170	C2 [E quem <u>disse</u> que C1 [a reforma previdenciária dos militares não está a caminho?]	<p>Tipo: Representado/ diafônico/efetivo Forma: formulado/discurso indireto/explicito</p>
171	_____	_____
172	_____	_____
173	C1 [quero vê daqui a quatro anos se ele vai ser <u>chamado J</u> [A [de Mito.]	<p>Tipo: Representado/ polifônico /efetivo Forma: formulado/discurso direto/explicito</p>
174	_____	_____
175	C1 [JMB está <u>sugerindo B</u> [] um pacto com o povo. Sarney também <u>pediu S</u> [o mesmo pacto no governo dele.]. Chama-se pacto CARACÚ, onde os políticos, grandes empresários e demais privilegiados entram com a cara e o povo entra com o restante].	<p>Tipo: Representado/ polifônico/efetivo Forma: designado</p> <p>B = Bolsonaro</p> <p>Forma: formulado, discurso indireto, explicito</p> <p>S = José Sarney</p>
176	C2 [KKKK... essa é a GRANDE verdade que a mídia comprada não mostra pois faz parte do grupo que manda M [] o povo tomar no C.O.O.L!]	<p>Tipo: Representado/ polifônico/efetivo Forma: designado</p> <p>M: mídia</p>
177	C1 [Não quer depender de salário mínimo vai estudar, e não venha com C1' [desculpas] pois fui criado em lar pobre e estudei em colégio público e estou bem economicamente].	<p>Tipo: Representado/ diafônico/potencial Forma: designado</p>
178	_____	_____
179	_____	_____
180	_____	_____
181	_____	_____
182	_____	_____

183		
184		
185		
186	C2 [Como <u>fala</u> C1 [bobagens] sem conhecimento de causa].	Tipo: Representado/ diafônico/efetivo Forma: formulado/discurso indireto/explicito
187		
188		
189		
190	C1 [NÃO ACEITO ESSE RESULTADO. O bozonaro tem <u>razão</u> , B [] as URNAS são FRAUDADAS . Até o Daciolo nos <u>alertou</u> nessas eleições D [] que as urnas seriam fraudadas e agora que caiu a ficha. B [AS URNAS FORAM FRAUDADAS NESSAS ELEIÇÕES!]	Tipo: Representado/ polifônico/efetivo Forma: designado B = Bolsonaro Tipo: Representado/ polifônico/efetivo Forma: designado D = Daciolo Tipo: Representado/ polifônico/efetivo Forma: reformulado/ discurso indireto/ implícito B = Bolsonaro
191		
192	C2 [Foram anos o Bozo <u>dizendo</u> B [isso] e agora não tá fraudado mais?]	Tipo: Representado/ polifônico/efetivo Forma: formulado/discurso indireto/explicito
193		
194		
195		
196		
197		
198		
199		
200		

201		
202		
203		
204		
205		
206		
207		
208		
209		
210		
211		
212		
213		
214		
215		
216		
217		
218	C2 [some da qui vai para Venezuela ouvir dizer FI [que o socialismo está crescendo por lá], é disso que gosta.	Tipo: Representado/ polifônico /efetivo Forma: formulado/discurso indireto/ explícito FI: fonte indefinida
219		
220		
221		
222		
223		
224	C2 [Cara. Pra que um cidadão C2' [que votou nulo] está preocupado com o que pode acontecer com o	Tipo: Representado/ diafônico à distância (222) /efetivo

	país? se tivesse teria aproveitado seu poder de escolha na urna].	Forma: formulado/discurso indireto/ implícito
225	C2 [Raciocínio infeliz o seu, Cícero. Ao votar nulo, o eleitor está <u>dizendo</u> E [que nenhum dos candidatos merece sua confiança] . Problema maior é votar pq a "a maioria " está votando. Geralmente, é pelo efeito manada, que o país afunda... A Propósito, nenhum político é confiável, se fosse, não seria político].	Tipo: Representado/ diafônico local/efetivo Forma: formulado/discurso indireto/ explícito E = eleitor
226		
227		
228		
229		
230	C1 [É MUITO BOM TER UM PRESIDENTE DE VERDADE!!! QUE NÃO TEM NENHUM PROCESSO POR CORRUPÇÃO!!!! JÁ A VERMELHADA E DIFICIL ACHAR UM QUE NÃO TENHA 5 PRA CIMA!!!! PESQUISEM O HADADA POR EXEMPLO!!!! KKKKK VERMELHOS FICAM <u>REPTINDO</u> V [BOBAGENS] PARA VER SE INCRIMINA KKKKKKK CHOLA CORRUPTOS VERMELHOS !!!! V = vermelhos	Tipo: Representado/ diafônico local/efetivo Forma: designado V = vermelhos (militantes de esquerda)
231		
232		
233		
234		
235		
236		
237		
238		
239		
240		
241		
242		
243		
244		

245		
246		
247		
248	C2 [C1 [Que eterno] o Queiróz??]	Tipo: Representado/ diafônico local (247) /efetivo Forma: formulado/ discurso direto/ implícito
249		
250	C2 [Não falou C1 [no <u>lula</u>oestapresobabaca???] kkkk	Tipo: Representado/ diafônico local (249) /potencial Forma: formulado/ discurso indireto/ explícito
251		
252		
253		
254	C2 [[Só isso] que tem pra <u>relinchar</u> C1 [], papa macho?	Tipo: Representado/ diafônico local/efetivo Forma: designado
255		
256		
257		
258		
259	C1 [A volta da B [família tradicional!] Troquem suas esposas go.rdas e fei.as por uma novi.nha e gos.tosa que nem o mito fez....]	Tipo: Representado/ polifônico /efetivo Forma: formulado / discurso indireto/ explícito
260		
261		
262		
263		
264		
265		
266		
267		

268		
269		
270		
271		
272		
273		
274		
275		
276		
277		
278		
279		